



Cidades
Indo-Portuguesas
INDO-PORTUGUESE CITIES

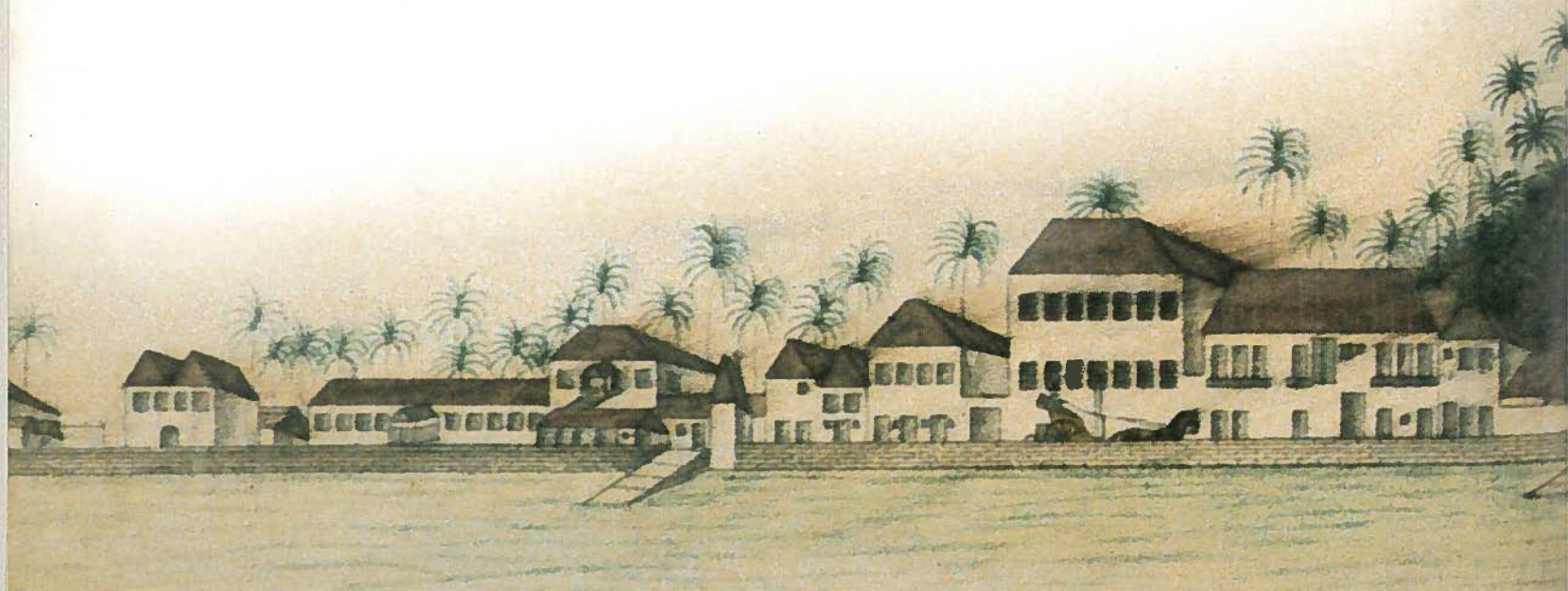
Walter Rossa

Cidades
Indo-Portuguesas
INDO-PORTUGUESE CITIES



COMISSÃO NACIONAL
PARA AS COMEMORAÇÕES
DOS DESCOBRIMENTOS
PORTUGUESES

Lisboa
1997



Walter Rossa

Cidades *Indo-Portuguesas* **INDO-PORTUGUESE CITIES**

Contribuições para o estudo do urbanismo português
no Hindustão Ocidental

A contribution to the study
of Portuguese urbanism in the Western Hindustan



Comissário-Geral | COMMISSIONER GENERAL
António Manuel Hespanha

Coordenadores Adjuntos | DEPUTY CO-ORDINATORS
Joaquim Soeiro de Brito
Rosa Maria Perez

Vogais | COMMITTEE MEMBERS
António Camões Gouveia
Fernando Dores Costa
Jorge Flores
Manuel Marques de Almeida

Produção de | PRODUCED BY
Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses
NATIONAL COMMITTEE FOR THE COMMEMORATION OF THE PORTUGUESE DISCOVERIES

Autor | AUTHOR
Walter Rossa

Coordenação Executiva | EXECUTIVE CO-ORDINATION
António Camões Gouveia

Coordenação Editorial | CO-ORDINATION FOR PUBLICATION
Maria do Carmo Telles de Freitas

Design Gráfico | GRAPHIC DESIGN
Nuno Vale Cardoso

Reprodução Iconográfica | REPRODUCTION OF ARCHIVAL SOURCES
Laura Castro Caldas e Paulo Cintra

Créditos Fotográficos | PHOTOGRAPHS ALSO PROVIDED BY
Algemeen Rijksarchief · Arquivo Histórico Ultramarino · Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro
Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora · Gabinete de Estudos de Arqueologia e Engenharia Militar
Sociedade de Geografia de Lisboa

Tradução | TRANSLATION
Richard Trewinnard

Revisão | EDITING
António Alves Martins

Separação de cores | COLOUR SEPARATION
Textype

Montagem | ASSEMBLY
Poliprinter

Impressão | PRINTING
Printer

ISBN
972-8325-18-5

DEPÓSITO LEGAL
113 191/97

CONTENTS

Índice

PREFACE	9	<i>Apresentação</i>
CONTEXTS FOR THE FOUNDATION OF THE CITIES	13	<i>Contextos Fundacionais</i>
CITIES FROM THE EXPANSION		<i>Cidades da Expansão</i>
COCHIN	35	<i>Cochim</i>
GOA	41	<i>Goa</i>
CHAUL	55	<i>Chaul</i>
BASSEIN	61	<i>Baçaim</i>
DIU	69	<i>Diu</i>
DAMAN	77	<i>Damão</i>
IN RELATION TO THIS...	83	<i>A Propósito de Tudo Isto...</i>
THE SOLUTIONS FOUND IN THE COLONIAL PERIOD	93	<i>As Soluções do Período Colonial</i>
BIBLIOGRAPHY	113	<i>Bibliografia</i>

In the introduction to his book, the author apologises for any potential bias but states that “nothing outlasts the urban and territorial structures of a culture”. I am sure that this view would receive the support of many people, even among those who have no reason to grant such importance to an interpretation of the role of cities or territories. It is precisely this broad support that explains the reason behind the Comissão dos Descobrimentos’ decision to publish this work, one which will open a series of publications within the cycle commemorating Vasco da Gama’s journey.

Being the publisher, it is perhaps not entirely proper to emphasise the qualities of this work. However, I believe that the reader will understand the author’s mastery in using an interpretation of the city to reveal the underlying culture.

This is something that the living space we call the city allows. The city reflects the demands of material life and those of the corresponding territorial and social organisation: the port, the market, the street workshops of artisans, the sources of water and aqueducts, the railway and bus stations, the city limits. Then, the images or the reality of power can be observed in the texture of the urban space. The walls, forts and prisons, the palaces and other works that are essential for power, statues, arches and monuments, the symbolic hierarchy of places. In this case, the range and specific distinction between the differing forms of power in the Ancien Régime created urban solutions that are, for us, paradoxical. Only a trained eye can clarify this situation. Finally, once the urban system is in operation, it develops into a machine producing cultural images on a daily basis. These in turn become a formidable means of imposing a framework of perception and assessment of social life.

The function of urban structures in introducing a new culture into colonial cities is a still more fascinating field of study. In a more or less civilised manner, the colonisers mark out their city with stone structures which proclaim and propose the models of the colonisers’ world and society as canons for the new location. In some cases, such as certain façades of churches, the wealth of iconography and emblems transforms spaces or buildings into authentic monumental anthologies of the culture, religion and politics of the new owners of the city.

Yet it is a fact that these multicultural cities do not allow themselves to be so easily absorbed into the logic of single ownership. Their human and material heart is irreversibly the property of many. This indestructible pluralism appears in decentralised and superimposed urban programmes, some the product of pre-colonial legacies, others the result of uncontrollable native dynamics which distorted or appropriated the colonial city. All of these aspects come together to create this book, seminal in several aspects for a historical and cultural understanding of Portuguese colonial urbanism. That explains why the Comissão dos Descobrimentos is proud to publish this book.

*António Manuel Hespanha
Commissioner-General*

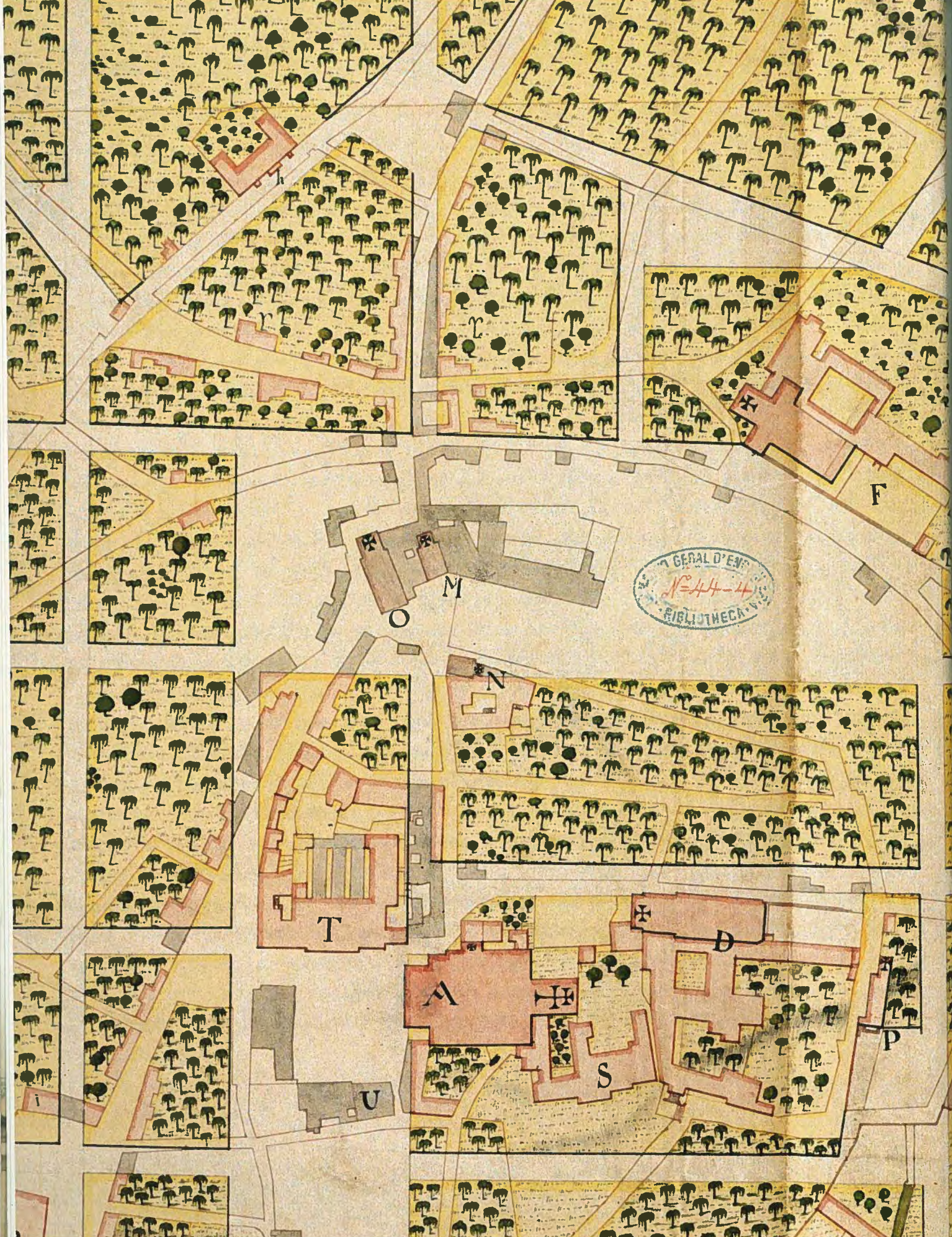
*D*esculpando-se embora de um eventual favoritismo, o autor deste livro afirma, na sua introdução, que «não há nada de mais perene que as estruturas urbanísticas e territoriais de uma cultura». Creio que este ponto de vista recolherá um vasto sufrágio, mesmo entre aqueles que não tenham quaisquer razões para conceder tais favores à leitura, à cidade e ao território. E foi por isso que a Comissão dos Descobrimentos escolheu este livro para abrir a sequência de publicações integradas no ciclo comemorativo da viagem de Vasco da Gama.

Como editor, não é curial que insista demasiado nas qualidades da obra apresentada. Mas creio que o leitor se dará conta da mestria do autor em revelar, com base numa leitura da cidade, a ordem cultural que lhe subjaz. Realmente, esse espaço de vida que é a cidade permite isso. Nela se reflectem, desde logo, as exigências da vida material e da organização territorial e social que lhe correspondem: o porto, o mercado, as oficinas arruadas dos artesãos, as mães-de-água e os aquedutos, as estações ferroviárias, as rodovias e as circunvalações. Depois, na tessitura urbana do espaço lêem-se as imagens ou as realidades do poder. As muralhas, os fortes e as prisões, os palácios e outra fábrica que à política não pode falecer, as estátuas, os arcos e as memórias, as hierarquizações simbólicas dos lugares. Neste registo, a pluralidade e específica diferenciação das várias instâncias de poder da sociedade de Antigo Regime, suscita soluções urbanísticas para nós paradoxais, que só um olhar treinado pode esclarecer. Finalmente, posto a funcionar, o dispositivo urbano transforma-se numa máquina de produção quotidiana de imagens culturais, num formidável mecanismo de inculcação de quadros de percepção e de avaliação da vida social.

Na cidade colonial, esse funcionamento aculturante das estruturas urbanas é ainda de mais interessante estudo. Mais ou menos sabiamente, os colonizadores pontuam a sua cidade de marcas de pedra, nas quais se dão em espectáculo e se propõem como cânones os seus modelos do mundo e da sociedade. Em alguns casos — como em algumas fachadas de igrejas — a riqueza dos programas iconográficos e emblemáticos transforma os espaços ou edifícios em autênticos catecismos monumentais sobre a cultura, a religião e a política dos novos donos das cidades. Mas o facto é que estas cidades pluriculturais não se deixam absorver facilmente na lógica da propriedade unidimensional. No seu estofo humano e material, elas são irremediavelmente de muitos. E este irredutível pluralismo irrompe em programas urbanísticos descentrados e sobpostos, uns produto de legados pré-coloniais, outros de dinâmicas nativas incontroláveis de deformação ou de apropriação da cidade colonial.

De tudo isto se faz este livro, em vários aspectos seminal de uma leitura histórico-cultural do urbanismo colonial português. É por isso que a Comissão dos Descobrimentos se orgulha de o poder publicar.

António Manuel Hespanha
Comissário-Geral



GERAL D'EN
Nº 44-4
BIBLIOTHECA

O M

F

N

T

A

H

S

D

P

U

As comemorações do cinquentenário dos descobrimentos portugueses criaram as condições e o ambiente propícios à renovação de conhecimentos acerca dos mais variados aspectos da cultura portuguesa, em especial através da sua historiografia. Até para aqueles que, à partida, julgassem apenas contempláveis temas do período da «expansão», cedo se tornou óbvio que era incontornável tudo o que se seguiu a esse período heróico e mítico – a construção dessa complexa interacção entre o pequeno reino europeu e o além-mar, uma civilização que teve um mundo português, hoje pulverizada nessa coisa algo etérea a que chamamos «portugalidade». Não é só nossa e, felizmente, nem em tudo nela nos revemos. Por isso é grande.

Contudo, para quem se tenha interessado e aberto este livro não são essas as matérias que aqui pretende encontrar tratadas, até porque por outros autores mais avisados tal tem sido construído e debatido. Visará, por certo, encontrar sistematizados alguns conhecimentos sobre o suporte material mais perpetuador desse passado nas suas mais diversas fases, a cidade. Perdoem-me o favoritismo, mas nada há de mais peregrino que as estruturas urbanísticas e territoriais de uma cultura, nem mesmo a língua. Sentimo-lo inconscientemente no território do nosso dia-a-dia.

Os núcleos urbanos que outrora funcionaram como cidades por-

tuguesas, implantados no actual território da República Indiana, em ruínas, diminuídos ou em esplendor, exercem ainda esse papel e a sua visita avisada e sem serôdios complexos saudosistas é uma considerável ajuda para a aproximação à universalidade portuguesa no espaço e no tempo.

Não é este livro um guia de viagem, um substituto da própria ou sequer uma tentativa de a ela apelar. Nasceu, contudo, do relatório feito acerca de uma visita de estudo que realizei em Novembro de 1994, generosamente suportada pela Fundação Calouste Gulbenkian e também subsidiada pela Fundação Oriente. Sendo a história do urbanismo o centro da minha actividade de investigador, foi esse relatório, apresentado um ano depois e distribuído junto de alguns mestres e colegas, um pretexto para em anexo registar a síntese disciplinar que resultou da análise das realidades, da cartografia e dos conhecimentos disponíveis na historiografia que consultei. Entretanto tive a possibilidade de em reuniões científicas, e informalmente, ir discutindo alguns dos aspectos tratados, dos mais específicos aos mais distantes. Quando há bem pouco tempo a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimtos Portugueses me propôs a publicação desse trabalho não hesitei em submetê-lo a mais

ampla discussão, permitindo-me, contudo, revê-lo à luz

Apresentação

The commemoration of the 500th anniversary of the Portuguese Discoveries created favourable conditions and a propitious atmosphere to take a fresh look at knowledge of the broadest aspects of Portuguese culture, especially through historiography. Even for those who initially thought that only the periods of “expansion” should be considered, it soon became obvious that everything which followed that heroic and mythical era had equally to be examined. This involved studying the construction of the complex interaction between a small European country and overseas space and also examining the civilisation that was the Portuguese world, one which has now fragmented into the ethereal concept we call “Portugueseness”. This concept does not solely belong to the Portuguese, nor (fortunately) can we see ourselves in all of its aspects. That is the very reason why this concept is so great.

However, those that have shown enough interest to open this book will not and should not expect these issues to be examined here. Apart from anything else, that question has already been raised and discussed by other, better informed authors. What this work will aim to do is to find a systematic organisation of knowledge on the longest-lasting material basis of that past, as expressed in its widest variety of forms, the city. Please excuse my bias, but nothing outlasts the urban

PREFACE and territorial structures of a culture, not even language. We feel these structures subconsciously in our daily lives. Urban centres that were once Portuguese cities and now form part of the Indian Republic, whether ruined, shrunken or still magnificent, continue to play that role of a living memory. An informed visit, cleansed of any tardy complex of yearning for the past is a great help to bring one closer to Portuguese universality in space and time.

This work is not a travel guide, a substitute for travel itself nor even an attempt to urge travel. However, it does derive from a report on a study visit made in November 1994, generously supported both by the Fundação Calouste Gulbenkian and by the Fundação Oriente. As the history of urbanism is the core of my research activities, this report, which was presented a year later and distributed to some teachers and colleagues, was a motive for me to synthesise current knowledge, cartography and available facts from historiography which I had consulted. In the meantime, I had the chance to discuss some of the aspects covered, from the most specific to the most wide-reaching, at academic meetings and informally. When the Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimtos Portugueses very recently proposed the publication of this book, I had no hesitation in subjecting it to the widest possible discussion, allowing me to reconsider the

daquilo que me tem permitido aprender. Por tal razão, de relatório de viagem, que em boa parte já não era, passou a relatório do «estado da questão», que talvez arrogantemente pretende ser.

Nesse contexto, este livro, para além de não ter uma introdução, não pode ter uma conclusão. Num primeiro capítulo procura estabelecer o enquadramento específico do problema do urbanismo e da urbanística no universo geográfico definido, o Hindustão Ocidental. Para tal recorri abusivamente a obras de terceiros, nomeadamente à mais recente historiografia geral da Expansão a que tive acesso, sem rejeitar a produção local, os compêndios e os conhecimentos correntes. A actual fase de renovação e, essencialmente, a insegurança de muitas das minhas asserções levam a que nem sempre o discurso tenha a clareza desejável, pois só os sábios se exprimem de forma simples. No capítulo seguinte fica ensaiado o roteiro em discurso disciplinar de cada uma das seis cidades indo-portuguesas do processo da Expansão na costa ocidental indiana, por forma a que, assim o espero, no futuro seja mais fácil o seu detalhado estudo monográfico. No final desse capítulo («A propósito de tudo isto...») ensaiei algumas reflexões no domínio da urbanística suscitadas pelo que as antecede, por certo as páginas mais polémicas deste trabalho. Por fim, dá-se uma panorâmica do que foi a fortuna urbanística daquelas cidades

no período colonial do Antigo Regime, com especial enfoque sobre os problemas da capital do Estado da Índia Portuguesa. Esta divisão, tal como a terminologia, a metodologia, o enquadramento disciplinar, etc., tem como suporte a leitura global que faço, que é pública (Rossa, 1995 e 1996, p. e.), e que permanentemente procuro renovar da *cidade portuguesa*, o que, como aqui, nem sempre é próprio fazer de forma directa. Igual acontece com as questões globais de enquadramento histórico, de pormenor, descritivas ou mesmo de sistematização, tão bem tratadas na bibliografia. Relativamente a esta optei por apenas listar as obras mais preponderantes na produção do texto, referindo em nota exemplos de algumas outras. No que diz respeito às ilustrações e, em especial, à cartografia – sempre pouca para o autor e um quebra-cabeças logístico-financeiro para o editor –, optei por reproduzir o que é menos conhecido e que, por feliz coincidência, é também o material mais preciso e a que mais recorri para a realização do trabalho. A degradação da maior parte dos espaços abordados torna muito ingrato o recurso à fotografia.

Como sempre, muito fica por fazer. Sobre o assunto, para além de um ou outro ensaio específico, apenas estavam disponíveis sínteses que, no essencial para a disciplina, resultam de intuições e de extrapolações do que sobre a globalidade da *cidade portuguesa* se sabe... e é tão pouco.

work in the light of what the criticism has taught me. As such, from a report on a field-trip, which to a large extent it had never been, it became a report on the “state of the question” – what (perhaps arrogantly) it aims to be.

Within this context, in addition to not having an introduction, it can have no conclusion either. The first chapter aims to establish the specific background of the problem of urbanism and urbanistics in the geographical area in question, western Hindustan. I have leaned heavily on the work of others, specifically the most recent general historiography of the expansion, without neglecting parish studies, compendiums and common knowledge. The current phase of renewal and essentially the lack of absolute certainty in my statements means that the ideas may not always be expressed as clearly as wished, since only the wise express themselves simply. The following chapter attempts to deal with the specific subject as related to each of the six Indo-Portuguese cities formed during the phase of expansion along India’s west coast. I hope that this will make future detailed monographic study easier. At the end of this chapter (“in relation to this...”), I have tried to make some comments on the field of urbanistics that derive from what precedes them. These are undoubtedly the most controversial pages in this work. Finally, there is an overall view of the urban destiny

of those cities during the colonial period of the Ancien Régime, with special reference to the problems facing the capital of the Portuguese State of India. This division, and the terminology, methodology, disciplinary framework, etc., are all based on my understanding of the Portuguese city, as reflected in previous publications (Rossa, 1995 and 1996, for example) and that I permanently aim to renew, although such renewal is not the explicit aim of the present work. The same is true of general questions of the historical background, of details, either descriptive or even systematic, which are covered in the bibliography. As regards the latter, I have chosen only to include the works which were most significant for this text, while examples of some other works can be found in the notes. For illustrations, and especially cartography – which is always too limited for the author and a logistical and financial headache for the publisher – I have chosen to reproduce the least known. By happy coincidence, this is also the most appropriate and the material that I most used for this work. In any case, the decay of most of the cities in question makes the use of photographs a thankless task. As is always the case, there is much to be done. Other than one or two specific studies, only general works were available. For the central part of this work, these were the result of intuition and extrapolations based on what is known in

Não havendo um enquadramento factológico/cronológico foi por aí que entendi ser necessário começar. Por outro lado, se este trabalho tem declaradamente um âmbito disciplinar, o contexto da sua publicação obrigava a algum respeito por aqueles que não estão tão próximos dele. Daí a opção por explorar alguns conteúdos descritivos e contextualizadores e também por evitar sistematizações excessivamente formalizadas e encriptadas. Agora é necessário comparar medidas e cartografias, encontrar regras e repetições, proceder a um levantamento exaustivo da imensa matéria documental existente nos mais diversos arquivos, promover algumas campanhas arqueológicas e, em simultâneo, ir realizando novas sínteses parciais ou integradas. Outro aspecto fundamental será o alargamento de horizontes e perspectivas, comparando as nossas teoria e práxis urbanísticas com as da civilização local e das potências europeias com que ali nos confrontámos, por forma a identificar e caracterizar as mais que prováveis influências recíprocas. Na realidade, foi no desenvolvimento do trabalho preparatório para uma das sínteses globais que se me afigurou necessário um estudo de aproximação disciplinar às cidades portuguesas na República Indiana. Sendo esse eventualmente o mais urgente, estão por fazer, também

Pelourinho, 31 de Dezembro de 1996

general terms of the *Portuguese city*. Sadly, that is very little. As there was no factual/chronological framework, I decided it was necessary to start by creating one. While this work is clearly restricted to one specific subject, its publication meant there had to be some respect for those who are not so familiar with the field. This led to my decision to use some descriptive content which would provide context and to avoid excessively formal coded systems. From this stage onwards, it is necessary to compare measurements and charts, to find rules and repetition, to carry out an exhaustive survey of the vast quantities of documentary material in a vast range of archives, set some archaeological campaigns in motion and simultaneously create new partial or complete syntheses of all the knowledge produced in the meantime. Another fundamental aspect is the broadening of horizons and perspectives, comparing Portuguese urbanistic theory and practice with that of the local civilisation and with those of the European powers which were also active in that area in the past. This would help identify and characterise the highly likely mutual influences. In fact, it was while doing the preparatory work on a global syntheses that I realised it would be necessary to carry out an approach study to Portuguese cities in the Indian Republic.

quase partindo do nada, outros relativos a núcleos importantes como o Ceilão, a costa oriental africana e o Sul do Brasil. Isto para nos mantermos dentro dos limites cronológicos do Antigo Regime e da produção urbanística do foro régio. A abordagem do planeamento da Idade Contemporânea no mesmo espaço geográfico, que aliás teve mais preocupações de ordenamento rural/territorial do que de urbano, tornaria obrigatória uma segunda contextualização – na prática um novo livro (ver Brito, 1966). Idênticos problemas acarretaria também o alargamento de horizontes para as iniciativas individuais ou jesuítas, por exemplo, a que cresceriam outros um pouco mais profundos, como a verificação do seu enquadramento na natureza específica daquilo que é entendido como *cidade portuguesa*.

Para já, vejamos o que aqui deixo. Não sem antes reconhecer publicamente, para além dos apoios familiares e institucionais, de que devo destacar a cansaça editorial da Dr.^a Maria do Carmo Telles de Freitas, o importante contributo de dois bons amigos – o *mestre* Horta Correia e o Paulo Varela Gomes – para aquilo que de bom possa estar neste livro. A publicação sei que a devo ao esclarecido empenhamento do Dr. António Camões Gouveia.

While this is perhaps the most urgent, other studies are yet to be made, almost starting from scratch, on important centres like Ceylon, the east coast of Africa and southern Brazil. And this only covers the time limits of the Ancien Régime and urban production deriving from royal initiative. An approach to planning in the Contemporary Age in the same geographical area, which was more concerned with rural and territorial organisation than urban organisation, would make the creation of a second context essential. In other words, it would need another book (see Brito, 1966). Broadening the scope to include individual actions or those of the Jesuits, for example, would bring identical problems, as well as others – slightly deeper in nature – such as verifying their position within the specific framework of what is understood by the *Portuguese city*. First, let us see what there is here. But even before that, I must publicly thank, in addition to support from my family and institutions, specifically Dr.^a Maria do Carmo Telles de Freitas for the arduous work involved in preparing this publication, the immense contribution of two good friends – my teacher and guide Horta Correia and Paulo Varela Gomes – for any qualities that this book may have. I also recognise that this book is being published due to the enlightened dedication of Dr. António Camões Gouveia.

Pelourinho, 31 December 1996



Detalhe do desenho reproduzido na página 25

Detail of the drawing on p. 25

Na nossa história, mais objectivamente na vasta área dita da Expansão, não há factos que com o rigor de uma data possam apresentar-se como elementos do festo entre a sua vertente predominantemente descobridora e científica – a dos Descobrimentos – e aquela em que a exploração dos potenciais económicos e o espírito de cruzada/missão foram preponderantes – a da colonização. Atingir por mar as Índias¹, onde um mítico reino cristão nos faria seus preferenciais interlocutores comerciais e conosco entraria na última das cruzadas, mais até que a descoberta absoluta ou oficial de novas terras como o Brasil, foi com certeza o ponto mais alto dos vários que separaram essas duas faces da Expansão e constituiu o estímulo adrenalínico de quase um século de esforços em praticamente todas as áreas da vida da Nação. Mas nesta ocasião, mais importante que uma data é em si a *volte-face*, pois aí têm a sua génese os objectos deste estudo, as cidades. No entanto, os factos não ocorreram de forma assim tão linear. O processo de avanço para as Índias, em especial quando se tornou clara a posição da derradeira e verdadeira Índia, foi sustentado pelo crescimento gradual dos meios libertados pela pró-

pria empresa, baseando-se num projecto que com D. João II assumiu contornos claros. Se desde cedo a marcação ou ocupação efectiva dos territórios atingidos ou conquistados era uma prática, o aparecimento de um novo sistema administrativo e social (poder-se-á arriscar «regime»?...) apenas é explícito na nossa história das instituições quando se torna evidente a impossibilidade de fracasso da náutica empresa da Índia. Era dali que se esperava tirar proventos que, a par da satisfação de alguns ideais, materialmente justificassem tanto esforço e investimento e permitissem a reforma da sociedade no sentido da modernidade. Obviamente, as mudanças introduzidas e que definiram o trilho que levou a esse novo sistema ocorreram também pela participação natural no curso da história da civilização ocidental, da qual, aliás, nunca estivemos ausentes, nem mesmo por apatia. Foi nesse amplo contexto, e com a liberdade que só a perifericidade relativa de que sempre usufruiu justifica, que Portugal ajustou aos ventos da história e à

nova realidade territorial a sua forma de estar no mundo. Estando esta matéria – verdadeiramente fundamental para o estudo do urbanismo português na Índia, pois a implan-

Contextos Fundacionais

CONTEXTS FOR THE FOUNDATION OF THE CITIES

In Portugal's history, more specifically in the wide-ranging area called the *Expansion*, there are no rigorously dated facts which are able to bridge the gap between the predominantly intellectual and scientific side of the expansion – the Discoveries as such – and that concerned with the exploitation of economic potential and the spirit of the crusades/missionary work – *colonisation*. Even more than the factual and official discovery of new lands like Brazil, finding a sea route to the Indies¹, where a mythical Christian kingdom would grant the Portuguese commercial privileges and would join in the last of the crusades, was undoubtedly the greatest of several high points that separated these two sides of expansion. It unquestionably acted as a powerful stimulus for almost a century of effort in almost all areas of the Nation's life. On this occasion, however, the *volte-face* itself was more important than the date, as it was here that the object of this study, the cities, were born. Yet things did not occur in such a linear fashion. The process of reaching the Indies, especially when the position of the deepest and truest India became apparent, gai-

ned its support from the gradual growth of the means that the undertaking itself provided, based on a project which took shape under King João II. If the marking and occupation of the lands reached or conquered was effectively a fact, the appearance of a new administrative or social system (dare one say “régime”?..) is only evident in our institutional history after it became clear that the maritime Indian undertaking could not possibly fail. In addition to satisfying some ideals, it was from India that the Portuguese expected to gain material benefits that would justify the great effort and investment, thereby modernising society. Obviously, the changes introduced, and which defined the path that led to this new system, were also the result of the natural participation in the course of the history of western civilisation, something which the Portuguese never missed, despite their apparent apathy. It was within this wide context and with the liberty justified by being a relatively peripheral country that Portugal adapted its way of being in the world to the winds of history and to its new territorial situation. This subject is absolutely essential for

tação de cidades decorre sempre das políticas territoriais (de ordenamento, militares, comerciais, etc.) – bastante bem balizada, estudada e divulgada por especialistas, sob a forma de algumas notas-exemplo, limitemo-nos ao registo de alguns factos determinantes apenas superficialmente desconexos.

Apesar de muitas variantes e de uma sensível inconstância, numa primeira fase a exploração dos novos territórios era normalmente concessionada através de contratos ou pelo recurso ao regime de capitánias, este mais frequente nos casos em que entre os objectivos essenciais se inscrevia a preocupação de ocupar. Apesar de uma clara mudança de atitude com D. João II, foram essas as modalidades mais testadas e utilizadas em toda a costa ocidental africana e nas ilhas atlânticas, bem como no Brasil enquanto o sonho da Índia durou. O primeiro indício de uma mudança de atitude para com este último território deu-se logo em 1548 com a instituição de um governo-geral, a sequente fundação de uma cidade para sua sede – São Salvador da Bahia – e a definição de uma política de urbanização. Como veremos, nesta data estavam já implantados e caracterizados os centros urbanos indo-portugueses e, por exemplo, iniciou-se a ida regular de mulheres portuguesas para a Índia (Moreira, 1995). Algo mudou ao longo do segundo terço do século XVI na política ultra-

marina portuguesa... Já no Norte de África era a quase exclusividade de objectivos políticos, religiosos e militares, que forçava a coroa a assumir directamente a empresa. No Oriente, mais concretamente na costa ocidental do Hindustão, a ocupação efectiva de algumas estreitas franjas de território e as expectativas de lucro comercial e receita fiscal geradas levaram a que só muito raramente aquela delegasse poderes de exploração, representação e administração a não-funcionários, sendo a solução ideal para esta situação a instituição de feitorias, instrumento cuja tarimba de aferimento ocorrera paulatinamente nas costas africanas. No entanto, tenha-se presente que face à oposição encontrada bem difícil teria sido a particulares implantarem-se e controlarem o centro de um mercado que teve que ser aberto pela força. Mas na sua periferia, de Ceilão para nascente, com raras excepções como São Tomé de Meliapor, Negapatão ou Malaca, a iniciativa individual era a modalidade dominante e, por vezes, além de concorrente, chegava a ser hostil à coroa, que ali era quase exclusivamente representada por feitorias ou simples postos normalmente indefesos².

A variedade, mais que a variabilidade, dos sistemas administrativos é um dos factos cuja consciência se revela essencial para a contextualização de qualquer dos aspectos da Expansão. Para um reino pequeno e de baixa den-

the study of Portuguese urbanism in India as the establishment of cities is always dependent on territorial policies of organisation and military and trading activities, etc.. As this is relatively well-defined, documented and disseminated by experts, I will restrict myself to noting some critical facts which at a superficial level have little in common. Although there were many different forms and a noticeable inconsistency, the first phase of occupation of new territories was normally either awarded through contracts or by using *capitanias*. The latter form was more common when there was a perceived need to occupy the territory. Despite a clear change in attitude under João II, these were the most tried and trusted systems along the west African coast, in the Atlantic islands and in Brazil while the Indian dream was still alive. The first sign of a change in attitude regarding Brazil came in 1548 when a Governorship-General was appointed, closely followed by the founding of a city for its base – São Salvador da Bahia – and the creation of a policy for urbanisation. As will be shown, Indo-Portuguese urban centres had already been established and defined by this time and, for example, Portuguese women now travelled regularly to India (Moreira, 1995). Something in Portugal's overseas policy changed during the second third of the sixteenth century. The north of Africa became the almost exclu-

sive target of political, religious and military objectives, forcing the crown to assume direct control of the *undertaking*. In the Orient, specifically on the west coast of Hindustan, the effective occupation of some narrow strips of land, the expected commercial gains and the tax income meant that the crown vary rarely delegated its powers to occupy, represent and administer to anyone other than royal officials. The ideal solution in this situation was to establish factory-houses (*feitorias*), an instrument whose standardisation had slowly been carried out along the African coast. However, bearing in mind the opposition faced, it would have been difficult for individuals to establish themselves and control the centre of a market that had to be opened by force. Even so, around the periphery, from Ceylon to the east, with rare exceptions like São Tomé de Meliapor, Negapatão or Malacca, individual enterprise was the dominant means, one which was a competitor for the crown and was even hostile at times to the crown, which was almost exclusively represented by feitorias or by outposts that were normally undefended.² The variety, as opposed to the variability, of the administrative systems is one of the facts that must be understood so as to contextualise any aspect of the expansion. It was impossible for a small country with low demographic density and a state system which was only then modernising and streng-

sidade demográfica, com um aparelho de Estado que, mercê de grandes esforços, só então se modernizava e fortalecia, não era possível pensar numa só modalidade de administração dos novos territórios, menos ainda de estrutura centralizada e de modelo uniforme. Aliás, as preexistências administrativas eram por vezes bastante fortes e claramente eficazes, sendo apenas aconselhável e necessária a adaptação da sua cúpula ou, face à ausência de soberania, a criação de estruturas paralelas ligeiras. Era assim natural que nas zonas onde se encontrava menor oposição (civiliza-

ção?...), e onde simultaneamente era menos lucrativa, se poupassem recursos e a exploração fosse concessionada, sendo os réditos recolhidos de forma indirecta. Um bom exemplo, pela excepção que foi na costa ocidental africana, é o caso da Mina que, como o topónimo justamente indica, gerava tantos lucros que a coroa, após um curto período inicial de concessão em regime de capitania, acabou por dela se assenhorear e, a partir daí, assegurar a sua administração directa. Mas na realidade, como bem o caracterizou Renata de Araujo para o caso brasileiro³, ao concessionar, a coroa

Posição geográfica das cidades abordadas neste texto



thening itself with great effort to consider one single form of administration for the new territories, especially in terms of a monolithic and centralised structure. Further, the existing administrative structures were sometimes quite strong and clearly efficient. As such, it was only advisable and necessary to adapt the outer form, or given the absence of Portuguese sovereignty, create supplementary parallel structures. It was, then, natural to use fewer resources in areas with less opposition (civilisation?...), and which were also less profitable. In those cases, the right to occupy was logically awarded to others and revenue only collected indirectly. Mina is a good example, as it was an exception on the African coast. As the name Mina (mine) accurately suggests, it brought in such profits for the crown that after a

Geographical location of the cities studied

brief initial period of contracting out as a *capitania*, the crown took control and thereafter held onto direct administration. In fact, as Renata de Araújo defined in the case of Brazil,³ the crown never at any moment surrendered its sovereignty nor even the possibility of reclaiming its rights when granting the concession. Every single man involved in the expansion, even those who were working for themselves and at their own risk, were used by the crown as agents of its colonial policy. In some cases, only suzerainty was imposed on the gentile and Muslim leaders as an essential condition for harmonious coexistence. Although the central question may be awkwardly put, it is still important to consider the precise meaning of the word "territory" when used in the scope of the expansion. In

nunca abdicou de soberania, nem sequer da possibilidade de reversão de todos os direitos a qualquer momento. De forma hábil, todos os homens da Expansão, mesmo quando actuavam por sua conta e risco, foram usados pela coroa como agentes da sua política colonial e, em alguns casos, até aos chefes gentios e muçulmanos mais renitentes (só) a suserania era imposta como condição essencial para uma boa convivência.

Posta displicentemente a questão fulcral, não deixa agora de ser importante questionar qual a semântica da palavra «território» quando usada no âmbito da Expansão. De forma simples e directa: será que tem aqui o mesmo significado que quando é usada para as novas conquistas dos Romanos para o seu Império ou para as descobertas / conquistas dos Espanhóis na América Latina? É óbvio que não. É que, de facto, com a excepção das ilhas atlânticas (onde outra fórmula seria impensável) e dos magros territórios de Goa, Baçaim e Damão – os únicos com subdivisões administrativo-territoriais, as *tanadarias* –, aquilo que Portugal podia considerar como seu, até data ainda por definir, eram pontos fortificados espalhados pelas margens do Atlântico e do Índico, estes sim o seu império virtual⁴. Era para eles que abriam as principais portas de qualquer cidade ou fortaleza, era por ali que nos momentos difíceis chegava ajuda e se

simple, direct terms, does it have the same meaning as when it was used for the new Roman conquests for their empire or for the Spanish discoveries/conquest of Latin America? Clearly it does not. Apart from the Atlantic islands (where any other system would have been unthinkable) and the small territories of Goa, Bassein and Daman – the only to have administrative/territorial sub-divisions called *tanadarias* – the areas that Portugal could consider as its possessions were isolated fortifications scattered along the coasts of the Atlantic and Indian oceans. Yet these were in fact Portugal's virtual empire.⁴ Those oceans first opened the main doors of any city or fortress and it was from there that help would come or retreat could be made in times of trouble. Clearly, while the fortress was part of the network that guaranteed hegemony on the seas, it also exercised military control over an area. In India, there were times when explicit Portuguese suzerainty or even sovereignty stretched over sizeable coastal strips. However, the system was in fact established to defend communications and not to conquer the interior. It was a network, not a territory, a fact reinforced by the heterogeneous nature of the systems of power and alliances.⁵ It must be noted that there were those who were intent on conquering the entire Indian sub-continent. However, apart from the indirect

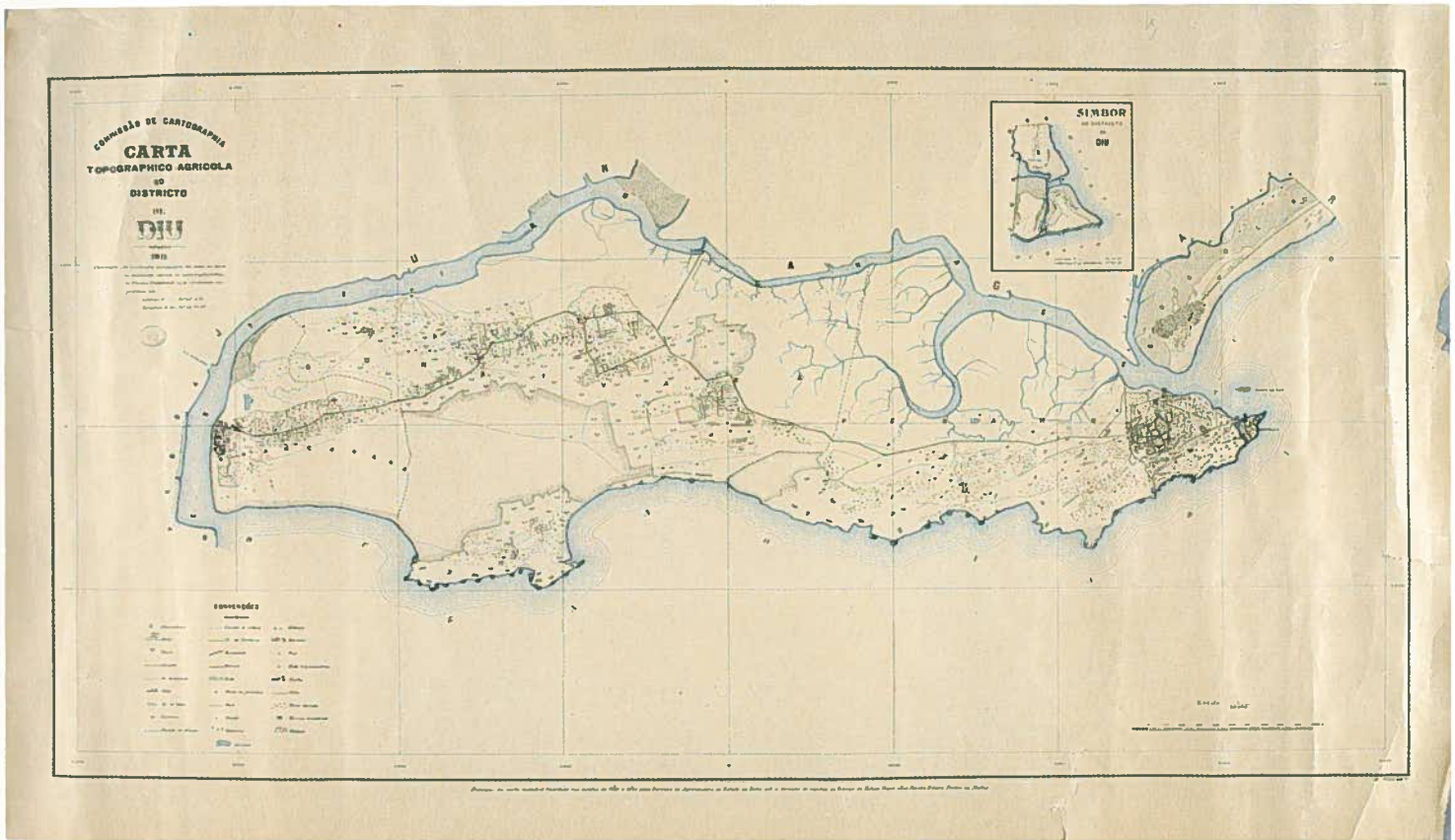
podia bater em retirada. É evidente que a fortaleza, para além de se integrar na rede que assegurava a hegemonia nos mares, controlava militarmente um território – e na Índia houve momentos em que razoáveis faixas do litoral estiveram sob explícita suserania ou até soberania portuguesa –, mas na realidade o sistema estava montado para defender as comunicações e não para conquistar o interior, tratando-se por isso de uma rede e não de um território, facto reforçado pela heterogeneidade de sistemas de poder e alianças⁵. Deve, no entanto, referir-se que chegou a haver quem se batesse pela conquista de todo o subcontinente indiano, mas, para além da cobrança indirecta de impostos, a verdade é que «During their ascendancy in the Indian seas, the Portuguese never aspired, in spite of splendid opportunities both in Gujarat and the Dakhan, to acquire political and territorial influence, but confined themselves merely to the acquisition of maritime and trading power by the establishment of factories on the coast and small garrisons for their defence» (Cunha, 1876, p. 19). Aos Portugueses interessava o comércio, não a produção, os portos, não o território que serviam, e isso tinha uma tradução óbvia em termos de um eventual processo de formação de uma rede urbana própria. A alteração parcial deste estado de coisas veio a ser faseada e muito lenta: de pontos/fei-

collection of taxes, the fact was that “During their ascendancy in the Indian seas, the Portuguese never aspired, in spite of splendid opportunities both in Gujarat and the Deccan, to acquire political and territorial influence, but confined themselves merely to the acquisition of maritime and trading power by the establishment of factories on the coast and small garrisons for their defence” (Cunha, 1876, p. 19). The Portuguese were interested in trade, not production, in ports and not the territory they supplied. This was directly reflected in the gradual process of constructing its own urban network. The partial alteration of this state came in phases and was very slow. The change from outposts or fortified factory-houses to small groupings of people was sometimes achieved in a very short period of time, but growth onwards into a clearly defined city with genuinely territorial space and control only came much later and in far fewer cases. Other than in the case of northern Africa, there are only sporadic signs of direct and determined royal interest in extending the Empire to the hinterland. Only when the state was stabilised under the Bragança dynasty did this happen, but at that stage all the efforts were focused on Brazil. For example, until a late stage, the strategy for the west coast of Africa basically consisted of settling on islands such as Cape Verde,

torias fortificados a pequenos aglomerados populacionais, por vezes num breve espaço de tempo, mas daí até uma clara definição como cidades, com extensão e domínio efectivamente territorial, só bastante mais tarde e em muito menor número de casos. À excepção do processo norte-africano, são pois escassos os indícios de directo e empenhado interesse régio pela fixação no *hinterland* dos vários pontos do Império até à estabilização do Estado da dinastia dos Braganças, e nessa altura tudo levou a fazer convergir sinergias no Brasil. Por exemplo, para a costa ocidental africana até bem tarde a estratégia consistiu essencialmente no estabelecimento nas ilhas (Cabo Verde, São Tomé e Príncipe) que funcionavam

«Carta topographico-agricola do Districto de Diu»,
Serviços de Agrimensura do Estado da Índia,
primeira metade do século XX,
litografia, AHU

como pontos de partida para a exploração do continente, nomeadamente em tudo o que dissesse respeito ao comércio de escravos. Naquele tempo, só nas ilhas se tentou a exploração de potencialidades agrícolas. Acabou por também ser por delegação expressa ou implícita que os reis da Casa de Avis inicialmente tentaram explorar e ocupar aquilo a que efectivamente se pode chamar «território» e que, sob a forma de um conjunto sistematizado, se poderia legitimamente considerar um império colonial. Como se pode ler em Luís Filipe Thomaz (1994, p. 167): «Será necessário esperar por D. João III para que se ponham de lado as veleidades de conquista de Jerusalém e do mundo muçulmano, se dê ao Brasil importân-



São Tomé e Príncipe. These acted as departure points to explore the continent itself, specifically for the slave trade. The development of agriculture at that time was restricted to the islands. It was finally through express or implicit delegation of authority that the kings of the Avis dynasty initially tried to explore and occupy anything worthy of the name "territory" and which, once formed into a systematised group, can legitimately be considered a colonial empire. In the words of Luís Filipe Thomaz (1994, p. 167) "It was only with King João III that the Portuguese put aside the fancies of conquering Jerusalem and the Islamic world, that Brazil was put on an equal footing with India, that they

"Topographical and agricultural map of the District of Diu",
Serviços de Agrimensura do
Estado da Índia, 1st half of
20th century, lithograph, AHU

abandoned Morocco and the mediaeval ideas about crusades in order to dedicate themselves mainly to pepper and they started to care more about sovereignty than suzerainty. The imperial project started to turn into a colonial project." This division into phases is critical for the subject in hand, since a policy of urbanisation can only be really spoken of after that point. The exceptions can only be found in support platforms for the expansion itself, that is, in the Atlantic islands, where there were programmed cities dating from as early as the time of King Manuel.⁶ This task of colonisation, which the crown so clearly attributed to the *capitanias* and owners and was equally neglected by them, could

cia comparável à Índia, se desista de Marrocos e dos ideais medievais de Cruzada para pensar sobretudo em pimenta, e se comece a cuidar de soberania mais que suserania. O projecto imperial começará assim a volver-se em projecto colonial.» Este faseamento é fundamental para o que aqui se pretende tratar, pois só se pode falar numa política de urbanização nos territórios ultramarinos a partir deste momento. As excepções encontram-se apenas nas plataformas de apoio à própria Expansão, ou seja, nas ilhas atlânticas. Aí sim há cidades programadas ainda com D. Manuel⁶. Em especial em territórios vastos e distantes, para essa tarefa de colonização, tão claramente atribuída pela coroa como descurada pelos capitães donatários, pôde aquela contar com as ordens religiosas, em especial Franciscanos e Jesuítas. No Oriente, sendo o escopo principal o relacionamento comercial com uma civilização preexistente, não era sequer imaginável um regime de capitánias, ficando a efectiva penetração territorial resumida ao instrumento «missionação». Como exemplo refira-se o caso de Goa, onde sob efectiva jurisdição directa dos representantes da coroa estava apenas a ilha de Tiswadi, na qual se situava a capital do Estado da Índia Portuguesa, cabendo àqueles a dinamização colonial dos territórios anexados em 1543 a norte (Bardez) e a sul (Mormugão/Salsete), respecti-

vamente. Mas é, sem dúvida, o Brasil o exemplo líquido de como as instituições religiosas regulares desempenharam um papel colonizador marcante⁷, pois, mesmo descontando os excessos libelatórios do absolutismo pombalino em fase de instalação, em meados do século XVIII não evoluíam os Jesuítas para uma forma territorialmente organizada de poder naquela colónia? A empolgada modernização do reino a partir de D. João II é hoje um facto histórico indiscutível e ocorreu em paralelo com a definição de objectivos e métodos claros na condução dos Descobrimentos que, para além de só então passarem a ser uma empresa régia, viram sobrepor-se as «intenções comerciais [...] às veleidades de ocupação territorial, aparentemente adiadas para um futuro não muito próximo» (*ibid.*, p. 159). Esta transformação estrutural é significativamente assinalável por acontecimentos do maior relevo logo no início do reinado seguinte, de que retiramos avulso: a fundação da Misericórdia de Lisboa, a primeira e modelar dessas instituições vinicamente inovadoras e modernas, ocorreu no mesmo ano em que a armada de Vasco da Gama chegou à Índia⁸; o processo de reforma dos forais e de outras posturas com influência directa e imediata no urbanismo e na vida urbana tivera início à data da partida de Lisboa; pouco depois (1503) da descoberta «oficial» do Brasil houve

only count on the support of the religious orders, especially the Franciscans and Jesuits. In the Orient, a system of *capitanias* was inconceivable as the main purpose was trading relations with an existing civilisation. As such, effective penetration into the territory could only be achieved through missionary work. Goa is a case in point, where real direct jurisdiction of the crown's representatives reached no further than Tiswadi island, which housed the capital of the Portuguese State of India. The efforts to colonise the territories annexed in 1543 which lay to the north (Bardez) and the south (Mormurgão/Salsete) respectively were made by the missions. However, Brazil provides the prime example of how the normal religious institutions played a critical role in colonisation.⁷ Even allowing for the slanderous excesses of criticism during the early years of Pombaline absolutism, did the Jesuits not in fact develop a territorial organised power system in that colony in the middle of the eighteenth century?

Portugal's dedicated modernisation under João II is an indisputable historical fact which took place in parallel with the definition of goals and clear methods for directing the Discoveries. In addition to then changing into a royal enterprise, "commercial intentions (would impose themselves on) the dream of territorial occupation, which

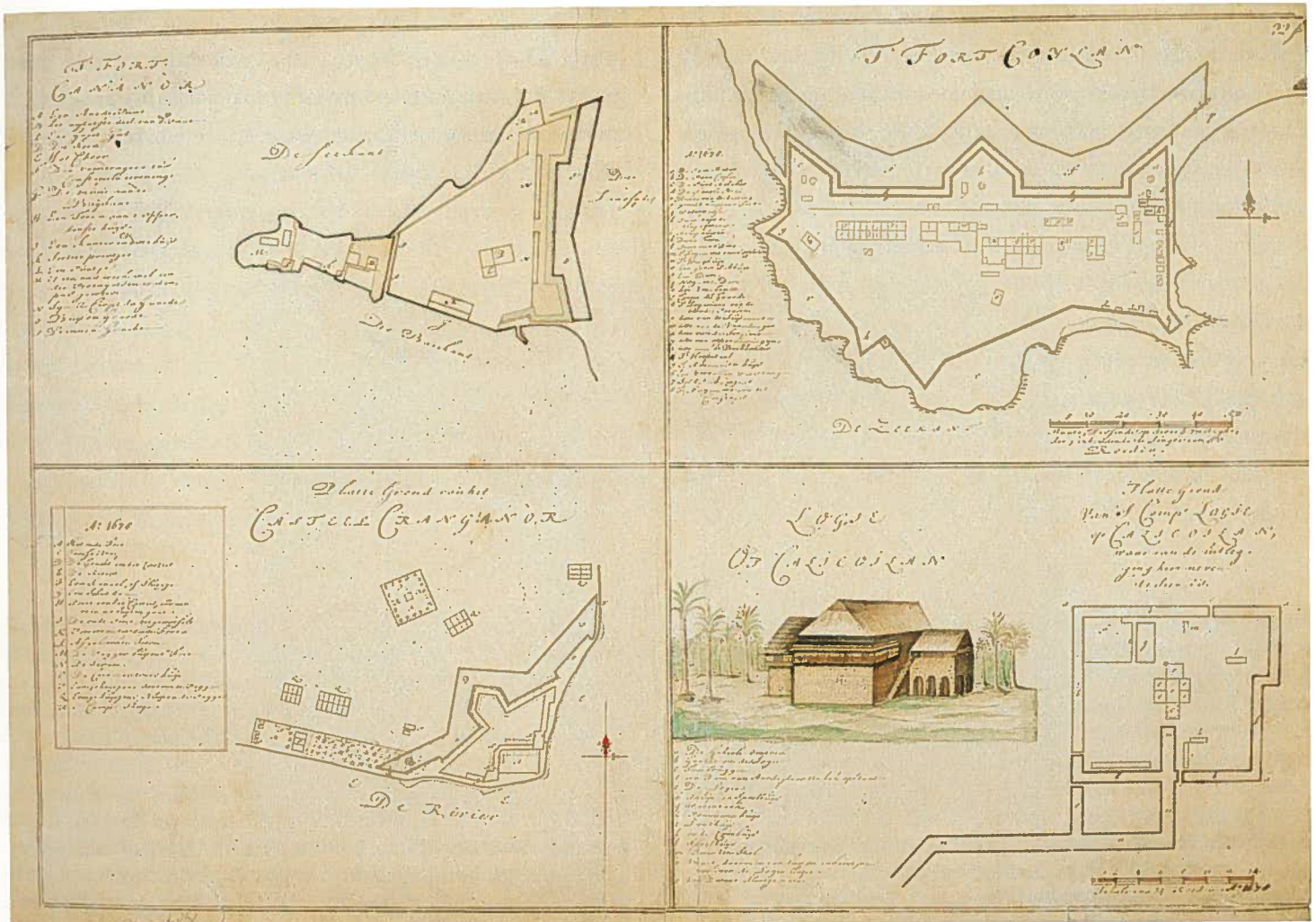
was apparently postponed for the not very near future" (*ibid.* p. 159). This structural transformation is particularly significant in the light of the major events at the very beginning of the following reign, of which the following are a random selection: the founding of the Misericórdia de Lisboa (a charitable organisation), which was the first of these exceptionally innovative and modern institutions and the model for the others, happened in the same year as Vasco da Gama's fleet reached India;⁸ the start of reform of municipal privileges and other by-laws which had an immediate and direct effect on urbanism and urban life had started when Gama left Lisbon; shortly after (1503) the "official" discovery of Brazil, there was the first attempted reform of the University based on the publication of new Statutes; Vasco da Gama's voyage added new dimension to the building of the Jerónimos monastery in Belém and became emblematic of a new régime. This collection of assorted facts provides an elementary demonstration of how Portugal's entry into the Modern Age cannot be separated from the expansion itself. There is nothing new in this just as there is nothing new (since I stressed this recently) in stating that the marks of this institutional reform and innovation process were felt on Portuguese urbanism. This led to the crystallisation of a first specifi-

uma primeira tentativa de reforma da Universidade baseada na promulgação de novos Estatutos; com a viagem de Vasco da Gama a fábrica para os frades jerónimos em Belém ganhou dimensão e foros de obra emblemática de um novo regime. Factos dispersos que de forma elementar demonstram como a entrada de Portugal na Idade Moderna é indissociável da própria Expansão. Até aqui nada de novo, como também não é nova, até porque recentemente o fiz realçar, a constatação da marca que este reformismo e inovação institucional deixaram no nosso urbanismo,

catalisando a cristalização de uma primeira forma especificamente portuguesa de preconceber a cidade, uma urbanística ainda não assumida numa produção teórica que hoje possa ser exibida como prova – o urbanismo «regulado».

Para a contextualização dos objectos que são o nosso tema, a história apresenta-nos assim um processo contínuo de transformações e adaptações em que as roturas são sectoriais e raramente simultâneas, com momentos em que se hesita pelo passado, não sendo legíveis descontinuidades estru-

Levantamentos das praças de Cananor, Coulaõ e Cranganor pouco depois da sua conquista pelos Holandeses, primeira metade do século XVI, ARA



cally Portuguese way of pre-conceiving a city, an urbanistic – the “regulated” urbanism⁹ – although not then recognised as such and which did not have the theoretical production which can now be brought forward as evidence. In order to contextualise the subject of this study, history appears as a continuous process of changes and adaptations. Abrupt changes only occur in certain sectors and are rarely simultaneous. There are moments when there is some clinging to the past, although structural discontinuities throughout the procedure are not identifiable. Understanding the birth of Indo-Portuguese cities must be seen in the

Surveys of the forts of Cananore, Coulan and Cranganore shortly after their conquest by the Dutch, 1st half of 17th century, ARA

light of these variations and always considering the chronological and factual background, which is still (perhaps definitively) unclear.

The methodology used to identify urbanistic models will also have to be, as the lack of clear breaks has been a minefield for researchers.

Having arrived in India – this and another subject are the focus of this text – by sea in 1498, it was still a long time before the Portuguese saw that there was no Christian hegemony, that political power was divided between Hindus and Muslims and that the latter effectively controlled all trade in the Orient. It was only four years on, with the fourth fleet

turais ao longo do processo. A leitura da génese das cidades indo-portuguesas terá que ser feita à luz destas variações e tendo presente uma grelha cronológica e factual ainda, ou definitivamente, difusa. Igual terá que ser a metodologia para a identificação de modelos urbanísticos, pois também aqui a falta de roturas tem armadilhado o caminho dos investigadores.

Chegados à Índia – e é esta, com outro sujeito, a finalidade deste texto – por via marítima em 1498, tardou-se a verificar que afinal não havia hegemonia cristã, que o poder político estava repartido entre hindus e muçulmanos e que era dos últimos quase todo o comércio do Oriente. Só decorridos quatro anos, com a quarta armada – a segunda de Vasco da Gama – e explorando fraquezas do equilíbrio político-económico local, se logrou fund(e)ar algo em terra: a feitoria de Cochim, um entreposto comercial a «hum tiro de bombarda» («Livro das Cidades...», p. 70) do núcleo urbano preexistente, sede de um pequeno reino da costa do Malabar com vassalagem ao samorim de Calecut. Nos anos seguintes, resultado de uma sensível mudança de estratégia e de personagens¹⁰, D. Francisco de Albuquerque, D. Afonso de Albuquerque e D. Francisco de Almeida foram fortificando aquela feitoria, sendo ali que o segundo estabeleceu a sede do ainda virtual Estado da Índia Portuguesa.

– Vasco da Gama's second – and exploiting weakness in the local economic and political balance of power, that the Portuguese managed to found anything on land. This was the factory-house in Cochin, a trading post which lay "...one cannon shot..." ("Livro das Cidades", p. 70) from the existing urban centre, which was the capital of a small kingdom on the Malabar coast and was a vassal of the Samorim of Calecut. In the following years, and as a result of a perceptible change in strategy and people,¹⁰ D. Francisco de Albuquerque, D. Afonso de Albuquerque and D. Francisco de Almeida continued to fortify that factory-house. In fact, Afonso de Albuquerque made Cochin the head of what was still a virtual Portuguese State of India. Thus, the first stage of establishing themselves in Cochin was complete. The second, which consisted of occupying the surrounding area and its spatial and social definition as a city, took place slowly and peacefully. Recognised as such in a range of sources – namely excellent and accurate Dutch map-making – this was corroborated in the following excerpt from the "Livro das Cidades" (pp. 70-1): "... lies the city of Cochin which they call lower, which is where our fortress stands: Along which this city of lower Cochin was slowly populated: because of the Portuguese trade and with our favour over time it grew both in the grandeur of its people and in

A primeira fase do estabelecimento em Cochim estava concretizada. A segunda, a ocupação da área envolvente e a sua caracterização espacial e social como cidade, ocorreu pacífica e lentamente. Com fundamentação diversificada – nomeadamente a excelente e rigorosa cartografia holandesa –, este facto é corroborado pelo seguinte excerto do «Livro das Cidades...» (pp. 70-71): «[...] jaz a cidade de Cochim que chamão de baixo, em que está a nossa fortaleza: Ao longo da qual se foy pouando nouamente esta cidade de Cochim de baixo: Que por razão do trato dos Portugueses e com nosso fauor foy pello discurso do tempo crescendo demaneira em grandeza do pouo, e em sumptuosidade de edefícios, templos, e casas de nossos naturaes (de que viuem nella muitos de assento) que he ao presete a mayor e mais rica cidade da India depois de Goa [...] A qual he da nossa jurdição, governada pellas leis e ordenações de Portugal, como cada huã das cidades delle: e todos os moradores della, assi Mouros, como Gentios, e Christãos da terra são sogeitos e governados per ellas: e Cochi de cima he da jurdição do Rey della [...]» Com as excepções de Goa e Diu – cidades ocupadas onde as preexistências edificadas são determinantes – e variantes que pontualmente referirei, foi este o processo comum à quase totalidade das cidades indo-portuguesas. Estão bem

the sumptuousness of the buildings, temples and houses of our people (many of whom are based there) that is at the moment the best and richest in India after Goa (...) Which is under our jurisdiction, governed by the laws and orders of Portugal, like each of its cities: and all the inhabitants, be they Moors, Gentiles and Christians from that land are subject to and governed by these (laws): and upper Cochin is under the jurisdiction of its king...". Apart from Goa and Diu, occupied cities where the already constructed buildings had a determining role, and a few variations that I will mention where appropriate, this was the normal procedure in almost all Indo-Portuguese cities. Identical procedures are well-known along the African coast, where there was frequently less need to build fortifications and the evolution from factory-fortress to city was postponed, sometimes indefinitely. This was for obvious reasons, namely less pre-existing civilisational/urban power, less need to maintain a presence to guarantee sovereignty, etc. (Amaral, 1991). In the Orient, despite the different civilisational background causing great need for defence, this evolution was also the (non) evolution of most places, which many mistakenly consider to be cities and were really nothing more than fortified factory-houses or even just forts. This error is due to the use of research methods fundamentally

divulgados procedimentos idênticos para as costas africanas onde, por razões diversas – menor poder civilizacional/urbano preexistente, menor necessidade de manter presença para garantir a soberania, etc. (Amaral, 1991) –, a necessidade de fortificar é frequentemente menor, sendo a evolução de feitoria-fortaleza para cidade naturalmente adiada, por vezes indefinidamente. No Oriente, apesar do enquadramento civilizacional diverso originar agudas necessidades de defesa, foi também esta a (não) evolução da maior parte dos estabelecimentos que erradamente ainda muitos consideram cidades e que efectivamente não passam de feitorias fortificadas ou mesmo de simples fortes. Devemos tal equívoco à utilização de métodos de investigação gerados no seio do estudo da arte de fortificação que tendem a confundir a com a própria produção de cidade. De facto, como eu próprio já referi, «Se no Portugal da Baixa Idade Média, ‘fazer vila’ era o acto de cercar [...], nas crónicas da Índia ‘fazer fortaleza’ confundiu-se com o acto de urbanizar» (Rossa, 1995, p. 278). Se é

based on studying the art of fortification and which tend to confuse this with the development of cities. In fact, as I have stated elsewhere (Rossa, 1995, p. 278). “If in Portugal during the Low Middle Ages ‘making a town’ meant building a protective wall (...), in the chronicles from India, the expression ‘making a fortress’ is confused with the act of urbanising”. While the two undeniably and frequently condition one another and inter-react, the scope of these areas are effectively different in their very nature and in the time to produce the objects that are specific to each one. Cases where the conception is effectively a single event can only be found in situations close to utopia, what in urbanistics are called “ideal cities”. In the Portuguese Orient, there were cities which housed Portuguese citizens and which used some of the features they had brought, normally convents, seminaries or churches which were the result of missionary work rather than urbanisation with a colonial purpose. While some of these had forts or fortified factory-houses

inegável o facto de frequentemente se condicionarem e interagirem, não se podem confundir âmbitos disciplinares que, pela própria natureza e tempo da produção dos objectos que a cada um são específicos, são efectivamente diversos. Só em situações que se aproximam da utopia se encontram casos em que efectivamente a concepção é una, ou seja, aquilo a que em urbanística se chama «cidades ideais». Se no Oriente português existiram urbes – por vezes tendo junto fortes ou feitorias fortificadas – onde se albergavam portugueses e se usufruía de algum equipamento por eles ali implantado – normalmente conventos, colégios ou igrejas que, pela sua natureza, resultam de missão e não de urbanização com carácter colonializante –, de um ponto de vista urbanístico esses povoados não podem ser considerados como *cidades portuguesas*. São diversas as fontes e os elementos que nos permitem diferenciar uns casos dos outros,

dos quais quero aqui registar três dos mais acessíveis: descrições coevas, alargadas e rigorosas, como o «Livro das Cidades...», a existência ou não

attached to them, from an urbanistic point of view, they cannot be seen as Portuguese cities. There is a range of sources and component elements that distinguish cities

form the latter group. The three following are from the most accessible group: lengthy and detailed contemporary descriptions,

such as the “Livro das Cidades...”, the existence (or not) of Portuguese sovereignty, administrative institutions such as the town council and simple morphological analysis of the inherited structures, as we know that only in very exceptional cases or with a long-term passing of time do the marks of an urban structure disappear from any given space. There are also other invaluable indicators, such as those dealing with the economy. However, these have not yet been the subject of specialist and exhaustive work or assessment (e.g. Matos, 1980).

From general historiography, it has long been clear that the need to create permanent systems of complexity that went beyond the simple commercial entrepôt and meeting

Gravura holandesa com planta perspectivada de Cochim realizada a partir do álbum de J. Vincboons, século XVII, BPADE



Dutch engraving with perspectivated plan, of Cochim, after the album by J. Vincboons, 17th century, BPADE

de soberania portuguesa, de instituições administrativas como o município, e a simples análise morfológica das estruturas herdadas, pois sabemos que só em casos muito excepcionais ou com uma ainda maior erosão do tempo desaparecem do espaço as matrizes de uma estrutura urbana. Há ainda outros indicadores preciosos, como os de natureza económica, que, no entanto, carecem de exaustiva manipulação e aferimento especializados (p. e., Matos, 1982).

Na historiografia geral é, há muito, bem claro que a necessidade de instalar sistemas permanentes de complexidade que fosse além do simples entreposto comercial e da cobertura das respectivas necessidades de defesa, não fazia parte dos planos iniciais da empresa da Índia. Esta opção ter-se-á ficado a dever não só às contingências da Expansão e às más potencialidades do reino (demográficas, por exemplo), mas também ao trabalho de reconhecimento previamente realizado. De facto, não só não nos podemos esquecer do interesse que, em especial desde o infante D. Henrique, passou a existir acerca das descrições de viajantes e mercadores medievais pelo Oriente¹¹, como nos devemos recordar de acções como a do envio, por terra, de embaixadores à Índia uma década antes do sucesso de Vasco da Gama. Tudo isso torna estranho – não tanto à luz da época

its respective defence needs was not part of the initial plan for the Indian undertaking. This decision must have been made due partly to the demands of the Expansion and to the limited potential of the land (in demographic terms, for example), but also due to the reconnaissance work carried out previously. In fact, we cannot forget the interest shown, especially by Prince Henry the Navigator, in the descriptions of the Orient¹¹ by mediaeval travellers and traders. Equally, we should recall the actions carried out, such as the sending of ambassadors overland to Indian a decade before Vasco da Gama's voyage. Although it may have been normal at that time, it now seems strange that in addition to expecting to be able to rely on support from a Christian king, the Portuguese apparently had no real idea of the wealth of civilisations in that area of the globe, especially in terms of the complex commercial system with which it would have either to work or compete. As Romero de Magalhães said¹², "The Portuguese wanted to open a market that they knew nothing about." The contact made by the first Indian fleets had already shown a loss, a shortfall between expectations and what was found. Some time later, thanks to the European scientific development which had such an impact at the dawning of the Modern Age and to which the Portuguese made many contributions, it beca-

– o facto de, para além de se esperar poder contar com o apoio de um reino cristão, aparentemente não se ter uma ideia correcta da prosperidade civilizacional daquela zona do globo, em especial no que diz respeito à existência de um sistema comercial complexo (no qual ou) com o qual seria necessário competir. Como a esse respeito escreveu Romero de Magalhães, «Os Portugueses, afinal, queriam abrir um mercado que desconheciam»¹². Os contactos das primeiras armadas da Índia com o seu próprio destino revelam assim um défice, um desajustamento entre o esperado e o encontrado. Decorrido algum tempo, e graças ao desenvolvimento científico europeu que marcou o dealbar da Idade Moderna, para o qual, aliás, fomos copiosos contribuintes, foi-nos possível inverter essa situação. No domínio da arte bélica, perante as necessidades no Oriente e no Norte de África, passámos da espionagem e do experimentalismo das governações de D. João II e de D. Manuel I à importação maciça de conhecimentos, sob a forma de textos e desenhos, através do envio de bolseiros e do recrutamento de técnicos, em especial italianos. Da fortificação experimental do período manuelino à fortificação sebástica, moderna e de âmbito europeu, passaram poucas décadas, mas o salto teórico-prático foi abissal¹³. Ao período científico dos Des-

me possible to reverse this situation. In terms of the techniques of war, given the needs in the Orient and North Africa, the espionage and the experimental nature of the reigns of João II and Manuel I, Portugal started large-scale imports of knowledge in the shape of texts and drawings. This was complemented through grants and recruiting specialists, especially Italians. Only a few decades separated the experimental fortification from the Manueline period and fortification under King Sebastião, which was modern and had a European expression, yet it was a quantum leap in technical and practical terms.¹³ The scientific period of the discoveries was quickly followed by the need for a muscular empire which, in demographic terms, the nation could not afford. This meant that the need for skill and art was greater. "In conclusion, the solutions which the Portuguese adopted in Asia were the fruit of a series of compromises rather than the realisation of a pre-conceived plan" (Thomaz, 1994, p. 205).

In the light of current knowledge, it is in these contexts (which have an ever more detailed bibliography for each of the specific aspects) that the birth of Indo-Portuguese cities has to be explained. Although everything seems to suggest that the need or even the existence of a colonising objective were not present in that of the discoveries,

cobrimentos sucedera a súbita necessidade de um império musculado para o qual a Nação demograficamente não tinha gente. Daí a necessidade de engenho e arte!... «Em conclusão, portanto, as soluções adoptadas pelos Portugueses na Ásia foram o fruto de uma sucessão de compromissos, mais do que da concretização de um plano preconcebido» (Thomaz, 1994, p. 205).

Perante os conhecimentos actuais, é nestes contextos, hoje cada vez melhor detalhados na bibliografia dedicada a cada um dos seus aspectos específicos, que se têm de explicar as géneses das cidades indo-portuguesas. Se na realidade tudo parece garantir que na vivência da vertente descobridora não estavam presentes as necessidades ou sequer a existência de uma vertente colonizadora, de facto, com excepção para o caso das mudanças de capital – de Goa para Mormugão/Vasco da Gama e, depois de gorada, para Pangim –, de que falarei no capítulo III, depois da dinastia de Avis não se fundaram deliberadamente na Índia novos estabelecimentos

com características urbanas ou que a tal viessem a conduzir. Foi num espaço de tempo que não chegou a um século que se deu

in fact, other than changes in the capital from Goa to Mormugão/Vasco da Gama and when that failed to Pangim (which will be dealt with in Chapter 3), after the Avis dynasty no places were deliberately founded in India which possessed urban characteristics or the conditions to develop them. It took less than a century for “Portuguese style” urbanisation to take its course on the Hindustani littoral.

The first phase of the colonisation of India was then very particular in terms of the normal sense of that concept. Based in Cochin and receiving regular arrivals of fleets from Portugal, establishments were set up in other ports in the Orient through the use of force or diplomacy. This simultaneously increased military and commercial control over maritime movement and exploited local trade in equal measure (or even more so) than the trade routes to Europe. The conquest of Goa, Malacca and Hormuz and the defence of the Diu concession were the most noteworthy events and

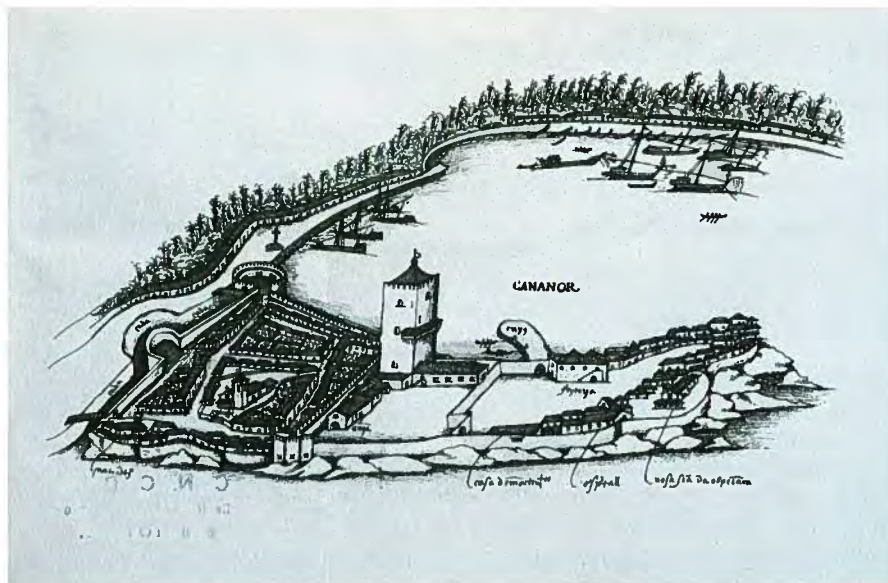
a urbanização «à portuguesa» no litoral do Hindustão. Relativamente ao normal entendimento do conceito, foi pois peculiar a primeira fase da colonização da Índia. Com base em Cochim e na chegada regular de armadas idas do reino, pela diplomacia ou pela força, foram-se criando estabelecimentos em outros portos do Oriente, aumentando-se simultaneamente o controlo militar e mercantil da circulação marítima e explorando tanto ou mais o comércio local do que a carreira para a Europa. As conquistas de Goa, Malaca e Ormuz e a defesa da concessão de Diu, tendo sido as mais espectaculares, também simbolizam a destruição dos principais empórios marítimo-comerciais preexistentes, bem como a sua substituição pela «nova ordem» portuguesa. Este processo era moralmente sancionado pela conveniente realidade de o comércio do Índico ser fundamentalmente controlado por muçulmanos, devendo-se a esquadras turcas o seu suporte militar.

Sendo o principal objectivo o comércio, era fundamental que as instalações se fizessem junto aos pólos já existentes, até porque, pela lógica natural em territórios

also symbolised the destruction of the main maritime/commercial undertakings that already existed, substituting for them the Portuguese “new order”. The process was morally sanctioned by

the convenient fact that trade in the Indian Ocean was basically controlled by Muslims whose military support came from the Turkish fleets. Since trade was the principal aim, the installations which were to be built near the existing centres were of fundamental importance. For a start, given the natural logic of already urbanised territories, they were in the best locations on the coast and were equally in the best location to gain access to the wealth of the interior. For obvious reasons of defence, all of these installations were located on capes, islands or enclaves defined by rivers or canals along the littoral. They were also usually flat or on marshy land, like outposts/fortresses bordering a seaborne empire. The geographical characteristics of these Indo-Portuguese urban establishments challenge the sweeping gene-

Representação de Cananor por Gaspar Correia, primeira metade do século XVI



View of Cananore, by Gaspar Correia, 1st half of 16th century

já urbanizados, ocupavam os melhores pontos do litoral, e que por igual razão eram também os melhores acessos às riquezas do interior. Por óbvias razões de defesa, todos esses estabelecimentos funcionavam em cabos, ilhas ou enclaves, definidos por rios ou canais ao longo do litoral, sítios por isso frequentemente planos e até alagadiços, quais postos/praças de guerra fronteiriços de um império no mar. Estas características geográficas das implantações urbanas indo-portuguesas põem em causa a excessiva generalização que, um pouco na linha da obra de Orlando Ribeiro¹⁴, alguns autores têm feito acerca da escolha de locais para a *cidade portuguesa*. Litorais quando razões lógicas e óbvias a tal levam, alcandoradas ou em sapal sempre que a estratégia (militar, comercial, política, etc.) a tal obrigue. Até a realidade de Goa – um caso frequentemente citado e glosado na sua virtual semelhança morfológico-paisagística com Lisboa – desmonta, como veremos no capítulo seguinte, a poética desse portuguesismo ou nostalgia geográfica. Por regra, a afirmação urbanística destes estabelecimentos radica na fusão orgânica em espaço adjacente de uma fortificação portuguesa com um aglomerado preexistente. A verdade é que em muitos casos isto não chegou a acontecer, mantendo-se ambos os pólos bem distintos, como já podemos observar no excerto do «Livro das Cidades...» sobre

Cochim e como se pode verificar na cartografia, na iconografia e nos locais. As obras de Bocarro e Resende (1635), Erédia (1620) e Carneiro (1639) são bons exemplos de representação iconográfica para estes casos, apesar da geral falta de rigor e objectividade nas questões do desenho/traçado urbano. Coulão e Cananor são no terreno e nessa iconografia dos melhores exemplos¹⁵. Para além da fraca presença demográfica de portugueses em muitos desses postos, é também fundamental ter presente que, na quase generalidade dos casos, pouco passou de um século o tempo que medeou entre a instalação e a rendição a outras potências marítimas europeias, nomeadamente a Holanda. Mas sendo os objectos deste texto apenas os casos positivos, interessa registar que o desenvolvimento polarizado de que atrás falava é ainda hoje claramente perceptível na morfologia urbana das cidades indo-portuguesas assim geradas.

Curiosamente essa polarização urbanística é a tradução em espaço urbano das políticas de fixação e reprodução de portugueses, como o mítico e fugaz incentivo de D. Afonso de Albuquerque, em Goa e Malaca, aos casamentos mistos e a concomitante missão católica. Com assinalável sucesso visou-se a formação de um novo grupo populacional – quase que uma nova etnia, os falsos colonos portugueses – que, decorridos séculos, aca-

ralisation which some authors, following to some extent Orlando Ribeiro,¹⁴ have made about the choice of places for Portuguese city. They were located on the coast when logical and obvious reasons imposed this, they were on hilltops or in marshes whenever strategic reasons (be they military, commercial, political, etc.) so demanded. Even the case of Goa – one which is frequently mentioned and defined in terms of its virtual similarity to Lisbon's morphology and landscape – dismantles, as will be shown below, the poetic idea of this Portugueseness or geographical nostalgia. In general, the urban implantation of these installations was based on the organic fusion in an adjoining space of a Portuguese fortification with a pre-existing agglomeration. In fact, in many cases, this did not happen and the two points remained stubbornly apart, as can be seen in "Livro das Cidades..." on Cochin and also in cartography, iconography and the places themselves. The works of Bocarro and Resende (1635), Erédia (1620) and Carneiro (1639) are fine examples of the iconographic representation of these cases, although they generally lack accuracy and objectivity in terms of the urban design*. Coulão and Cananor are the best examples for the groundwork and iconography.¹⁵ In addition to the weak Portuguese demographic presence in many of these outposts, it must also be remem-

bered that, in almost all cases, only a little over a century passed between the installation of the Portuguese and the surrender to other European maritime powers, specifically the Netherlands. Since the aim of this text is to examine the positive cases, it is more important to show the polarised development mentioned above, which can still be clearly seen in the urban morphology of Indo-Portuguese cities where this happened.

Strangely, this urbanistic polarisation is the reflection in urban space of the policy of establishment and reproduction of the Portuguese, Afonso de Albuquerque's mythical and ephemeral idea in Goa and Malacca to encourage mixed marriages and thereby to also encourage Catholic missionary work. The aim, which was admirably achieved, was to create a whole new population group – almost a new ethnic group, the false Portuguese colonists – who centuries later would act as a catalyst for the formation of a different culture, thereby almost forming a (Goan) nation within the vast complexity of Indian nationalities. This was of special interest as an indicator of the specific nature of the Portuguese presence in the Orient, especially considering the extremely limited number of Portuguese women who went to India, specifically until the middle of the sixteenth century. In addition to global shifts, this would have been motivated by the

quando a pretendida era viúva. Relevante é o facto de esta oposição ser de tal maneira forte no Malabar que inviabilizou a implementação da política gizada por Albuquerque. Rafael Moreira (1995, p. 180), realçando a importância da política de miscigenação para a cristianização e apropriação pacíficas da titularidade de bens móveis e imóveis, esclarece que a «conhecida política de casamentos promovida por Afonso de Albuquerque, à revelia do rei e para escárnio das autoridades de Cochim [...]. Apesar de tudo foi a única maneira possível de, sem grandes choques, proceder à integração dos Portugueses no meio social nativo, com o qual, à diferença de Cochim, se pretendia criar uma directa inserção económica e cultural». Como já vimos, e adiante sublinharemos, em Cochim, apesar das ímpares relações de cooperação entre os Portugueses e o rájá, foram sempre bem demarcados os limites entre ambas as culturas, espaços e etnias.

Tendo-se estabelecido feitorias e erguido fortalezas ao longo de toda a costa da Índia (em especial a ocidente), sendo as iniciais maioritariamente a Sul, não deixa de ser significativo que tenha sido fundamentalmente a Norte que se vieram a desenvolver aglomerados urbanos onde, aliás, a presença portuguesa perdurou. Um trecho do «Livro das Cidades...» (p. 108) esclarece-nos que «nos lugares de mais trato [...] mandou [o rei] assentar

feitorias [...] e fazer casas fortes a modo de fortalezas com título de feitoria para guarda das mercadorias e defesa dos ministros e gentes dela. [...] em outros lugares em que éramos mal recebidos [...] fizemos as ditas feitorias não com título das casas fortes, mas de fortalezas com que os senhareávamos e sustentávamos debaixo de nossa obediência»¹⁶. Simplificando, pode-se dizer que ao Sul, predominantemente hindu e ligado à produção agrícola (especiarias, nomeadamente), se opunham o Norte e Goa islamizados e onde as actividades transformadoras e comerciais eram marcantes. É revelador que, de acordo com as conclusões de Vitorino Magalhães Godinho (1958) e as preciosas achegas de Artur Teodoro de Matos (1980), para além da fortaleza de Ormuz – a simples portagem do golfo Pérsico que implacavelmente interceptava e cobrava taxas alfandegárias à quase totalidade do comércio do Oriente para o Ocidente – tenham sido as cidades da Província do Norte, enquistadas no Gujarat (ou Cambaia, como então preferiam os Portugueses dizer), as únicas que, na segunda metade do século XVI, em todo o Oriente estabilizaram um saldo anual francamente positivo nos réditos fiscais recolhidos pela coroa¹⁷.

Pelo menos na aparência, a geografia religiosa terá também tido alguma importância, pois, mais que qualquer

of miscegenation for the Christian mission and the peaceful appropriation of goods and land, stating that the "... known marriage policy supported by Afonso de Albuquerque, unbeknownst to the king and to the scorn of the Cochin authorities (...) was however the only way possible, without major upheavals, to integrate the Portuguese into the native social system with which, unlike in Cochin, they aimed to create a direct economic and cultural link". As seen above and as will be shown again below, despite the uneven co-operation relations between the Portuguese and the rajah of Cochin, the lines separating the two cultures, spaces and ethnic groups were sharply drawn.

Having established factory-houses at the beginning and built fortresses all along the Indian coast, especially the south-west coast, it is very significant that that it was mostly in the north where urban centres developed, where the Portuguese presence lasted longer. One section from page 108 of the "Livro das Cidades..." points out that "in the places with most trade (...) (the king) ordered factory-houses to be established (...) and strongholds in the same manner as fortresses with the name factory-house to store the merchandise and defend the agents and people there. (...) in other places where we were not welcomed (...) we built those factory-houses not as strongholds but as fortresses

with which we controlled them and kept them under our obedience."¹⁶ To simplify, it can be said that the mainly Hindu south, which was linked to agriculture in general and spices in particular, contrasted with the Islamic north and Goa, where transformation industry and trade were dominant. According to the conclusions reached by Vitorino Magalhães Godinho (1958) and the invaluable contribution made by Artur Teodoro de Matos (1980), apart from Hormuz, – the fortress of Hormuz was a customs post in the Persian Gulf which systematically intercepted and charged duty on almost all trade between the east and the west – it is revealing that the cities of the northern province set in Gujarat (or Cambay, as the Portuguese preferred to call it) were the only ones in the second half of the sixteenth century to show a positive annual balance in tax income collected by the crown.¹⁷

It seems as if religious geography did play some part, since Islam had always created a stronger spirit of crusading than any other religion. In the south, in addition to the hegemony of an inherently pacifist religion, there was a Christian community established by St. Thomas. This was the basis for the fantastic mythology created under King Manuel and which provided the theological sustenance for those who dreamed of the Fifth Empire. However, the religious

outra profissão religiosa, o islamismo desde sempre suscitou o maior espírito de cruzada. No Sul, para além da hegemonia de uma religião intrinsecamente pacifista, existia uma comunidade cristã estabelecida a partir do lendário apostolado de São Tomé, elemento sobre o qual durante o tempo de D. Manuel também se ergueu a fantástica mitologia que teologicamente dava alento àqueles que sonhavam com o Quinto Império. No entanto, a tolerância religiosa que regeu o comportamento português durante as primeiras décadas da nossa presença no Oriente, e que, com excepção para os muçulmanos, tão bons resultados dera junto de outras comunidades religiosas, foi substituída por um ímpeto integralista de expressão repressiva claramente evidente a partir da quarta década de Quinhentos, como, aliás, já referi a propósito da política de miscigenação. Os próprios cristãos não-católicos passaram a ser perseguidos e em breve (1560) a Inquisição assentou arraiais em Goa.

Para além da queda do comércio das especiarias alguns anos após o entusiasmo inicial, os estabelecimentos do Norte eram importantes bases do comércio no Índico, usufruindo do maior desenvolvimento económico dos territórios sob domínio político e influência civilizacional muçulmanos que, mais que especiarias, produziam

artigos de luxo, como sedas – os «panos de Cambaia» – e objectos preciosos. Em Baçaim, por exemplo, a exportação das madeiras do interior tinha bastante importância económica. Mas aspecto da máxima preponderância era o tráfico de cavalos da Arábia para os reinos do interior da península hindustânica. A propósito lembremo-nos que se pode considerar facto histórico ter sido o declínio do comércio de cavalos para o Decão nos inícios do século XVII – consequência da queda final do reino hindu de Vijayanagar nas mãos dos muçulmanos em 1614 – e a concomitante perda de Ormuz em 1622 que determinaram o declínio de Goa e não, como durante muito tempo se pensou, um alegado desinteresse régio no período da União Ibérica¹⁸. A partir de então o abastecimento passou a fazer-se pelos portos muçulmanos. As posições do Norte, obtidas e mantidas pela força¹⁹, implicavam uma efectiva soberania sobre o espaço e assim algum território dependente, situação diametralmente oposta à do Sul. A atracção económica exercida pelo comércio acabava por também levar à exploração fiscal desse território, quase todo atribuído pelo rei, a partir do governo de D. João de Castro (1545-1548), a fidalgos cuja única relação com a terra em breve se passou a resumir à recolha dos seus rendimentos. A cobrança fiscal era de facto mais proveitosa e menos laboriosa que

tolerance which was a feature of Portuguese behaviour during the first decades in the Orient and which (bar the Muslims) brought such beneficial results was replaced by a repressive integralist impulse clearly evident from the 1540's onwards, as noted above in relation to miscegenation. Even non-Catholic Christians began to be persecuted and shortly after (1560) the Inquisition reached and settled in Goa.

Notwithstanding the drop in the spice trade after some years of initial enthusiasm, the establishments in the north were major centres for trade in the Indian Ocean area. They used the greater economic development of territories which were politically and culturally dominated by the Muslims and which produced luxury articles like silk – the “Cambay cloths” – and precious objects rather than spices. In Bassein, the export of wood from the interior had some economic significance. Yet the most important aspect was the trade in Arabian horses to the kingdoms in the interior of the Hindustani peninsula. The decline in the horse trade to the Deccan at the beginning of the seventeenth century – a consequence of the final fall of the Hindu king of Vijayanagar to the Muslims in 1614 – and the resulting loss of Hormuz in 1622 which defined the decline of Goa, can be considered as a historical fact and not, as was

thought for a long time an alleged lack of royal interest during the union of the Iberian crowns from 1580 to 1640¹⁸. From then onwards, supplies were brought from the Muslim ports. The northern positions, taken and held by force¹⁹, implied effective sovereignty over that space and some dependent territory, in stark contrast to the south. The economic attraction of trade would finally lead to exploitative taxation of the territory, which from the governorship of D. João de Castro (1545-1548) was given by the king to gentlemen whose only link to the land soon became that it was a source of income. Tax collection was, in fact, more profitable and easier than direct trade, especially for the crown, which delegated and rented the tax to the Hindus themselves (Souza, 1978, pp. 112 ss.). Gerson da Cunha (1900) deals with this question as part of his detailed examination of the taxation structure. At one point (p. 216), he states that “The *foreiros* wanted the rights without the duties. Like the degenerate Romans, they had lost the virtues of their ancestors, and were, as in the time of Nero, only clamouring for *panem et circenses*, bread and spectacles.” These comments follow the ideas contained in a transcription of a recommendation by the Alcaide-Mor (Chief Judge) of Bassein to the Viceroy in 1728, which is even more revealing: “The *foreiros* of Bassein and Daman should each

o comércio directo, em especial no que diz respeito à coroa, que, aliás, a delegava ou dava de renda aos próprios hindus (Souza, 1978, pp. 112 e segs.). Gerson da Cunha (1900) aborda esta questão quando aprofundadamente trata das questões relativas à estrutura fundiária. Por exemplo, a determinada altura diz (p. 216): «The *foreiros* wanted the rights without the duties. Like the degenerate Romans, they had lost the virtues of their ancestors, and were, as in the time of Nero, only clamouring for *panem et circenses*, bread and spectacles.» Estas observações estão na sequência da transcrição de uma recomendação do alcaide-mor de Baçaim ao vice-rei em 1728 que é ainda mais reveladora: «Deve-se ordenar aos foreiros de Bassaim e Damão que cada um faça uma torre, ou casa forte na sua aldeia, assim como houve no princípio do nosso governo.» Houve pois a intenção de colonizar a estreita faixa litoral segundo processos feudais idênticos aos usados no povoamento ibérico após a reconquista cristã, de que a mais flagrante prova é a referência à torre paçã?!...²⁰ Desconheço a real concretização e eficácia que isto possa ter atingido no terreno, quer à data da anacrónica sugestão do alcaide quer no «princípio do nosso governo» na Índia, mas face à falta de testemunhos e vestígios admito ter sido razoavelmente pequena. No entanto os réditos eram criteriosamente recolhidos...

be ordered to build a tower or stronghold in their village, like there was at the beginning of our government." It can be seen that there was the aim of colonising a narrow coastal strip according to feudal processes identical to those used in populating Iberia after the reconquest. The most obvious proof of this is the reference to the town-hall tower²⁰. I am not familiar with the details surrounding the implementation and effectiveness of this strategy, either in terms of the date of the judge's anachronistic suggestion or of the "beginning of our government" in India. Given the evidence and surviving traces, I believe it would have been very limited. Even so, the profits were very carefully collected...

Everything from the Portuguese policies of organisation and urbanisation in Hindustan seems to suggest that under João III, they attempted to establish a colonial régime in India²¹ rather than reinforce the trading system that had originally tried to create a substitute for the pre-existing one. The gradual and incomplete replacement of the maritime network by a territorial system was the realistic answer to an unexpected situation. In fact, it would not have made sense to continue to believe it was possible to maintain a trading monopoly across such a vast and civilised area of the globe. The decision made to adopt what was

Também nas políticas portuguesas de ordenamento e urbanização no Hindustão tudo parece indicar que, mais que o reforço do sistema comercial que inicialmente se intentou montar substituindo o preexistente, com D. João III a política seguida visou o estabelecimento de um regime colonial na Índia²¹. A substituição gradual e incompleta da rede marítima por um sistema territorial foi a resposta possível a uma realidade inesperada. De facto, não era sensato continuar a acreditar na possibilidade da manutenção do monopólio comercial de uma tão vasta e civilizada área do globo. Optou-se, pois, por aquilo que pareceu simultaneamente mais importante e de mais fácil e copioso rendimento. A mudança corresponde, aliás, à passagem do período experimental (ou arcaico) da nossa Idade Moderna – a «idade manuelina» – para uma fase de maior continuidade estrutural (clássica), que vai, pelo menos, de D. João III ao final do processo da Restauração – «entre especiarias e diamantes», como diria George Kubler²². Já não se pode hesitar em considerar que numa visão de tempo longo a integração do universo português na esfera dos Áustrias não ditou o declínio imediato ou a prazo do Estado Português da Índia. Sendo uma questão cujo estudo só agora se vai efectuando, sabe-se, por exemplo, que D. Francisco de Mascarenhas, o primeiro

simultaneously the most important, the easiest and the most profitable solution. This change corresponds to the passage from the experimental (or archaic) period of our Modern Age – the "Manueline period" – to a phase with greater structural continuity (classical). This stretched from at least the reign of João III until the end of the Portuguese Restoration period – "between spices and diamonds," as George Kubler would say²². There can no longer be any hesitation in stating that, with a long-term view, the integration of the Portuguese into the Habsburg world did not mean the immediate or medium term decline of the Portuguese State of India. The question is only now being studied, but it is known that the main thrust of the governorship under D. Francisco de Mascarenhas, the first governor appointed by Philip II (from 1581-84), was for administrative and economic organisation and that he introduced, among other measures, more thorough budget control. In fact, taking skilful advantage of a fortunate period of peace in the Deccan, the first decade of administration under the Philips was a time of economic prosperity (Matos, 1980, pp. 16-17). Another example of administrative initiative was the royal order for the organisation of a State archive with an appointed curator and official chronicler (Souza, 1978, p. 175). The success or fai-

governador nomeado por Filipe II (1581-1584), teve como principal fito do seu governo a organização administrativa e económica, introduzindo, entre outras medidas, um mais rigoroso controlo orçamental. Aliás, tirando-se habilmente partido de uma feliz conjuntura de paz no Decão, à primeira década da administração filipina correspondeu um período de prosperidade económica (Matos, 1980, pp. 16-17). Outro exemplo de empenhamento administrativo é o da ordem real para a organização do arquivo do Estado com nomeação de um curador e cronista oficial (Souza, 1978, p. 175). O sucesso ou a desventura a Oriente dependia menos do empenhamento dos reis ibéricos que do equilíbrio de forças local e nem sempre tivemos a fortuna de nos colocarmos do lado certo das diversas barricadas. Os factos posteriores à Restauração provam como até a cobiça de Holandeses, Franceses e Ingleses não pode ser exclusivamente atribuída à União Ibérica, ainda que se tenha de admitir que a situação político-militar na Europa tornava legítimas e pertinentes acções hostis naquelas paragens. Não é razoável admitir que num qualquer outro provável cenário da história tivesse sido possível aos Portugueses manterem-se por muito mais tempo senhores absolutos do comércio do Oriente. Mas de toda esta complexa questão aquilo que para o nosso fim é mais

importante registar é o facto de a viragem fundamental na política colonial/territorial se dar ainda com D. João III, sendo natural que tenha sofrido sucessivos ajustes com a mudança de escalas, protagonistas e conjunturas.

De pequenos fortes da fase manuelina, em locais de especial importância estratégica naval e comercial, surgiram assim cidades indo-portuguesas como Chaul e Baçaim²³ que, tal como Goa, na segunda metade do século XVI receberam uma cintura muralhada já de clara concepção moderna. Semelhante a Cochim no que diga respeito à relação com uma cidade preexistente, Chaul partilhou com aquelas muitas das suas características urbanísticas. Já em Goa e em Diu o processo decorreu de forma muito diversa, pois resultaram da ocupação de núcleos preexistentes com considerável consistência urbanística. Damão terá sido o único caso de criação de cidade simultânea à muralha. A propósito, a existência de uma muralha urbana nos estabelecimentos portugueses no Hindustão só foi uma realidade em São Tomé de Meliapor, Negapatão e nestas seis cidades e após a mudança estratégica que procurei enunciar – mais precisamente perante a ameaça mogol na sétima década de Quinhentos. A única excepção foi o caso de Diu, pois, apesar de ter sofrido uma profunda reforma naquela altura, a separação da cidade do resto da ilha por uma cortina defensiva era uma pre-

lure in the Orient depended less on the Iberian kings than on the balance of local powers. Portugal did not always choose to stand on the right side of these barricades. Events after the Restoration show that even the greed of the Dutch, French and English cannot be exclusively attributed to the Union of Iberia, although it must be accepted that the political and military situation in Europe made hostile action around India both valid and appropriate. It is unreasonable to claim that the Portuguese could have maintained their position as undisputed lords of Oriental trade for much longer, even in any other historical scenario. The most important fact to emerge from this entire complex situation is that the fundamental turning point in the colonial/territorial policy came under João III. It naturally underwent subsequent adjustments, changing scales, main players and conjunctures.

This meant that Indo-Portuguese cities such as Chaul and Bassein²³, which like Goa in the second half of the sixteenth century had a clearly modern style surrounding wall built, evolved from the small Manueline period forts located at points of special naval and commercial strategic importance. Chaul, which was similar to Cochim in terms of the relationship with a pre-existing city, also shared many of the same urbanistic characteristics. In Goa and

Diu, the process of urbanisation developed in different ways – the result of occupying pre-existing and very consistent urban centres. Daman was the only case of a city and its protective wall being founded at the same time. As a point of interest, only São Tomé de Meliapor, Negapatão and these six cities in the Portuguese presence in Hindustan possessed a wall protecting them – and this only after the strategic change mentioned above. In fact, this came exactly as a result of the Moghol threat in the 1570's. The only exception to this was Diu, as although it underwent a profound reform at that time, the city was already separated from the rest of the island by a defensive curtain. It is also very significant that only Cochim had not been walled by the start of the seventeenth century and the one that was then built had neither the size nor the clear purpose which are so evident in the others. For example, Cananore was a well-fortified factory-house which had made a major contribution to the development of its respective city. This was not merely through the important presence of Portuguese people, but also through certain institutions, specifically religious institutions. However, it cannot be claimed that this produced a Portuguese city, as this was still a foreign territory in administrative terms.

existência. É também muito significativo que apenas Cochim tenha ficado por cercar até inícios do século XVII e que o que então se fez não tenha recebido a expressão e o empenhamento claramente expressos nas restantes. Cananor, por exemplo, era uma feitoria bem fortificada que contribuiu consideravelmente para o desenvolvimento da cidade a que era anexa, não só com uma presença significativa de residentes portugueses como até com alguns equipamentos, nomeadamente religiosos. Mas não se pode dizer que tenha produzido *cidade portuguesa*, até porque administrativamente era território estranho.

Enfim, os dados, a metodologia implícita no pouco que até aqui se disse e o resultado de uma análise

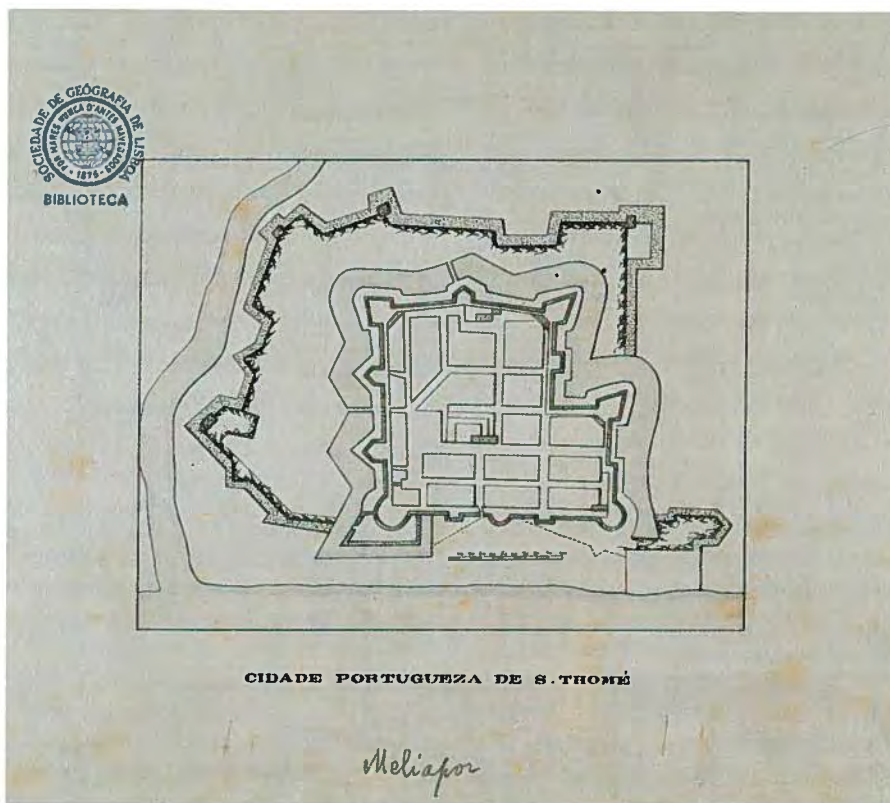
The facts, the methodology implicit in what has been said so far and the result of a case-by-case analysis which is out of place here leads me to the conclusion that in urbanistic terms, only those dealt with below can be considered as Indo-Portuguese cities from the Expansion along western Hindustan. Each will be covered and commented on, recording facts and impressions without

caso a caso que em nada enriqueceria este texto, levam-me a afirmar que urbanisticamente apenas se podem considerar cidades indo-portuguesas da Expansão no Hindustão Ocidental aquelas de que no capítulo seguinte procurarei deixar uma ficha comentada, registando dados e impressões sem a preocupação de usar uma metodologia uniforme, ou sejam: Cochim, Goa, Chaul, Baçaim, Diu e Damão. Que, no entanto, fique desde já bem claro: relativamente à escala territorial e civilizacional do Hindustão, as cida-

des indo-portuguesas no seu conjunto nunca foram mais que «pícaras de insecto na pele do elefante». A partir do século XVIII igual não pode ser dito acerca de um território também chamado Goa.

following any standardised methodology. The cities in question are Cochin, Goa, Chaul, Bassein, Diu and Daman. One point must be made most clearly: in comparison to Hindustan's territorial size and civilisational scope, the Indo-Portuguese cities together were nothing more than a drop in the ocean. The same, however, cannot be said after the eighteenth century about a territory also called Goa.

Levantamento de S. Thomé de Meliapor à data da sua conquista pelos ingleses, cópia a partir de um mapa inglês do século XVII, SGL



Survey of S. Thomé of Meliapor at the time of its conquest by the English. Copy after an English map from the 17th century, SGL.

¹ Ao «péssimo costume introduzido por Ptolomeu de chamar Índia a todas as terras ribeirinhas do Oceano Índico» (Thomaz, 1994, p. 171), acrescia o total desconhecimento da forma do continente africano e, bem assim, da relação entre Índico e Atlântico.

² A caracterização e diferenciação das feitorias é fundamental, pois têm muitas vezes sido confundidas com cidades. Apesar de irmos voltar com insistência a esta matéria, para o esclarecimento cabal da questão considero fundamentais as páginas 17 e 18 do trabalho de Artur Teodoro de Matos (1980) onde, aliás, usando uma fonte essencial ao trabalho presente – o «Livro das Cidades» – explora a questão com o enquadramento dos cargos públicos em presença. Uma outra leitura importante é a de Jaime Cortesão em AA.VV., 1928-1954, vol. IV, pp. 73-74.

³ Renata de Araújo (1992), *As Cidades da Amazônia no Século XVIII – Belém, Macapá e Mazagão*, 3 vols., dissertação de mestrado apresentada à Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1992. Apesar de esta investigadora neste aspecto reproduzir explicitamente ideias e dados de terceiros, é para nós fundamental a sua interpretação, pois é feita tendo como objectivo a determinação do papel que esses «agentes» desempenharam nas nossas histórias do urbanismo e do ordenamento do território, os «funcionários do urbanismo», como ela própria, numa feliz expressão, os catalogou, a meu ver, definitivamente.

⁴ Nada há de novo nesta questão que de há muito tem vindo a ser formulada pelos mais diversos autores. De facto, o estabelecimento, para fins de imagem/síntese, dos pares Roma-Castela e Grécia-Portugal é frequente. Também a propósito da variante, a meu ver mais feliz, Fenícia-Portugal, Oliveira Marques (1972, *História de Portugal*, 2 vols., Palas Editores, Lisboa, 1978, vol. I, pp. 341-342) escreveu: «À maneira dos Fenícios e dos Gregos da Antiguidade, interessava-lhes mais tecer uma vasta rede de colónias urbanas, espalhadas ao longo da costa, do que conquistar impérios territoriais.» Na nossa área disciplinar, Nuno Portas (1985), num pequeno texto de precoce e notável esforço de síntese, colocou de forma clara e aguda toda esta problemática. Pena é que estas constatações tenham apenas por fundo a comparação Portugal-Espanha, olvidando outros processos de expansão extremamente próximos e territorialmente marcantes como o francês, o holandês e o inglês. O ainda difícil acesso

à informação a eles relativa e o simples facto de só surgirem após a Expansão, são as convenientes mas magras justificações para neste momento também o não fazer de forma capaz.

⁵ Artur Teodoro de Matos (1980) e Luís Filipe Thomaz (1994) destacam amiúde esta heterogeneidade do sistema. Por exemplo, este último afirma (p. 234): «Em contraste com a monotonia da organização interna das capitanias, as estruturas de enquadramento e administração do território e da população nativa variam consideravelmente. Dir-se-ia que o Estado da Índia Portuguesa não foi concebido para ter território nem população, de modo que, quando pela força das circunstâncias sucedeu tê-los, preferiu manter, com leves retoques, o ordenamento pré-existente a empreender um reordenamento que não estava na sua vocação.» Seguindo, com iguais resultados práticos, um raciocínio diverso, Teotónio de Souza (1978, p. 171) muito na linha de C. R. Boxer designa a presença portuguesa no Índico como um «império flutuante».

⁶ Vejam-se, por exemplo, os casos da terceira fase de Angra (José Manuel Fernandes, *Angra do Heroísmo*, Editorial Presença, Lisboa, 1989), do Funchal (Rui Carita, *A Arquitectura Militar na Madeira – Séculos XV a XVII*, 3 vols., dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Funchal, 1993) bem como Ponta Delgada (Nestor de Sousa, 1989, «Ponta Delgada: imagens de um percurso oitocentista», in *Revista de Cultura Açoreana*, Casa dos Açores, Lisboa, 1991, n.º 3, pp. 137-160). Sobre os casos do arquipélago cabo-verdiano, ver p. e. de José Manuel Fernandes, 1992, *Cidades e Casas da Macaronésia*, Ed. Faup, Porto, 1996.

⁷ De uma forma a meu ver muito exagerada, há até entre os historiadores dos processos urbanísticos e territoriais brasileiros quem atribua ao clero o papel mais determinante nos processos urbanísticos coloniais. Ver, por exemplo, de Murillo Marx (1991), *Cidade no Brasil, Terra de Quem?*, Livraria Nobel, São Paulo, e (1981) «Seis conventos franciscanos, seis cidades paulistas», in *Barroco*, Imprensa Universitária da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1982-1983, n.º 12, pp. 273-278.

⁸ No ano seguinte fundar-se-iam as misericórdias do Porto e de Évora.

⁹ No meu texto «A cidade portuguesa» (1995) usei pela primeira vez esta expressão para o conceito em causa. O constante aprofundamento da questão

Notes

¹ The complete lack of knowledge of the shape of Africa and thus of the relationship between the Indian and Atlantic Oceans added to the "dreadful habit introduced by Ptolomy of giving the name India to all the lands bordering the Indian Ocean" (Thomaz, 1994, p. 171).

² The definition and distinction of types of feitorias is fundamental, as they have often been confused with cities. Although I will keep on returning to this matter, pages 17 and 18 of Artur Teodoro de Matos' 1980 work are fundamental for the clarification of this question. He examines this question, using a vital source for this work, the *Livro das Cidades e Fortalezas*, in relation to the official posts present in the cities and fortresses. Another important analysis by Jaime Cortesão can be found in Various Authors, 1928-54, vol. IV, pp. 73-4.

³ Renata Araújo (1992), *As Cidades da Amazônia no Século XVIII – Belém, Macapá e Mazagão*, 3 vols. This is a master's dissertation from Universidade Nova de Lisboa, Lisbon. Although the researcher clearly reproduces other people's ideas and facts, her interpretation is fundamental as it aims to define the role that these "agents" played in Portugal's history of urbanism and territorial organisation. In a particularly appropriate expression, she calls them "civil servants of urbanism", which seems to me to categorise them perfectly.

⁴ There is nothing new in this question, as it has been raised by a wide range of authors. In fact, there are frequent parallels drawn between Rome/Castile and Greece/Portugal for the purpose of image and/or synthesis. On the more appropriate parallel drawn between Phoenicia/Portugal, Oliveira Martins (1972, *História de Portugal*, 2 vols., Palas Editores, Lisbon, 1978, vol. I, pp. 341-3) wrote: "Like the ancient Phoenicians and Greeks, they were more interested in creating a vast network urban colonies spread along the whole coast than in conquering territorial empires." Within the field of architecture and urbanistics, Nuno Portas (1985) established this question in a clear and pointed short text, one which is also a precocious and admirable effort at synthesis. It is a pity that this was only based on a comparison between Portugal and Spain, leaving aside other extremely close Expansion processes which marked out territories such as those by France, Hol-

land and England. The (still) difficult access to information relative to these and the simple fact that they only appeared after the Expansion are the easy but weak justifications for this work not examining them properly.

⁵ Artur Teodoro de Matos (1980) and Luís Filipe Thomaz (1994) provide a detailed insight into the heterogeneous nature of the system. The latter states (p. 234): "In contrast to the monotony of the internal organisation of the capitanias, the structures governing the administration of the territory and those of the native population varied greatly. I could be said that the Portuguese State of India was designed to have neither territory nor people. When, due to force of circumstances, it actually acquired these things, it preferred to maintain the already existing system, albeit with a few minor alterations, rather than subject it to a more drastic reorganisation that it was not prepared for". Using a different approach which led to identical practical results, Teotónio de Souza (1978, p. 171) following the line taken by C. R. Boxer, defines the Portuguese presence in the Indian Ocean area as a "floating empire".

⁶ For example, see the case of the third phase of Angra (José Manuel Fernandes, *Angra do Heroísmo*, Editorial Presença, Lisbon, 1989), Funchal (Rui Carita, *A Arquitectura Militar na Madeira – Séculos XV a XVII*, 3 vols., doctoral thesis at the Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Funchal, 1993) and also Ponta Delgada (Nestor de Sousa, 1989, "Ponta Delgada: imagens de um percurso oitocentista", in *Revista de Cultura Açoreana*, Casa dos Açores, Lisbon, 1991, n.º 3, pp. 137-160). For the Cape Verde archipelago, see for example José Manuel Fernandes, *Cidades e Casas da Macaronésia*, Ed. Faup, Oporto, 1996.

⁷ Among Brazilian historians working on their urbanistic and territorial processes, there are those who attribute the central role in colonial urbanistic processes to the clergy, although I believe this is an exaggeration. For example, see Murillo Marx (1991), *Cidade no Brasil, Terra de Quem?*, Livraria Nobel, São Paulo, and (1981) "Seis conventos franciscanos, seis cidades paulistas", in *Barroco*, Imprensa Universitária da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1982-3, n.º 12, pp. 273-8.

(p. e. Rossa, 1996) tem justificado a sua manutenção como a mais sugestiva daquilo que efectivamente representa. Investigação de outra origem em breve trará alguma luz sobre o ambiente cultural e a estrutura institucional subjacentes à produção urbanística deste período que, aliás, tem raízes profundas na colonização interna medieval.

¹⁰ Esta é a forma como a historiografia tradicional nos habituou a ver a questão. Apesar de no nosso âmbito não ser relevante, a verdade é que os resultados de estudos mais recentes apresentam um panorama em que poder e decisão aparecem mais fragmentados nos seus protagonistas, causas e efeitos (Teotónio de Souza, 1978, e Luís Filipe Thomaz, 1994, em especial os caps. IV e V). Para o caso de Cochim recorro em parte aos dados de Pedro Dias (1988). Contudo, permitam-me a ironia, parece claro que a decisão pela criação de estabelecimentos mais consistentes e defensáveis que feitorias só foi assumida após se ter tomado consciência que naquelas águas éramos considerados intrusos, não comerciantes ou libertadores de cristãos oprimidos.

¹¹ Armando Cortesão, entre outros, esclarece esta questão no vol. I da sua *História da Cartografia Portuguesa*, 2 vols., Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga da Junta de Investigações do Ultramar, Coimbra, 1969.

¹² AA.VV., *História de Portugal* (dir. de José Mattoso), 8 vols., Círculo de Leitores, Lisboa, 1992, vol. III, p. 338.

¹³ Rafael Moreira [*História da Arte Portuguesa* (dir. de Paulo Pereira), 3 vols., Círculo de Leitores, Lisboa, 1995, vol. II, pp. 330-331] encontra a catálise desta mudança à data (1541) da queda de Santa Cruz do Cabo Gué (Agadir): «[...] tratava-se de passar de uma estratégia de ataque limitado para a defensiva, concentrando defesas em autênticas máquinas de guerra capazes não só de se auto-defenderem, como de servir de base às frotas oceánicas sobre as quais repousava a riqueza do Império.» Nesse texto (p. 364) relembra ainda um facto bastante significativo: em 1569, por ordem de D. Sebastião, foram desviados para as obras de fortificação todos os recursos até então canalizados para as obras religiosas de iniciativa real. Se durante a dinastia filipina foi hegemónica a presença estrangeira na engenharia militar do universo português, o que é verdade é que já antes de Filipe II se tornar rei de Portugal era frequente o engajamento de engenheiros militares estrangeiros para trabalhos de fortificação no

Império, com especial evidência no reinado de D. Sebastião. Sobre esta matéria é também muito conhecido o episódio, aliás inaugural, da fortificação de Mazagão, segundo o qual, naquele ano de 1541, foi lá mandado por Carlos V, a pedido de D. João III, Benedetto da Ravena, um insigne engenheiro militar italiano, com vista a delinear um novo sistema defensivo. Mais do que o projecto de uma muralha o italiano terá proporcionado à, até aí, autogerada engenharia militar portuguesa, nas pessoas dos seus mais destacados membros (Miguel de Arruda, Diogo de Torralva e João de Castilho), uma verdadeira reciclagem de pendor internacionalizante. Foi ainda em 1541 que regressou a Lisboa, *prende* de Renascimento, Francisco de Holanda, após três anos de uma estada em Itália com uma bolsa para tal concedida por D. João III.

¹⁴ Refiro-me, por exemplo, a (1968) *Mediterrâneo, Ambiente e Tradição*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1987, e a (1963) «Cidade», in *Dicionário de História de Portugal*, Livraria Figueirinhas, Porto, 1981, vol./ano II, pp. 60-66.

¹⁵ A colecção de cartografia holandesa do século XVII relativa às cidades portuguesas no Oriente (Sul da Índia e Ceilão em especial) do Algemeen Rijksarchief em Haia (ARA) contém, pelo rigor da representação, o melhor testemunho. Refiro-o objectivamente porque não tem sido usada. Tal dever-se-á ao facto de Luís da Silveira (1956) não a ter listado apesar de o fazer com uma planta de Cochim de Baldaeus (*Naauwkeurige Beschryvinge van Malabar en Chromandel, der zelve aangrenzend Ryken, en het machtige Eyland Ceylon*, Johannes Janssonius van Waasberge, Amsterdam, 1672) visivelmente baseada nessa cartografia. Aliás, à listagem pioneira e fundamental de Luís da Silveira seria hoje possível (é urgente!) juntar um muito significativo número de itens que então não estavam localizados/inventariados.

¹⁶ Para o conhecimento rigoroso do estatuto e das complexas diferenças administrativas dos vários estabelecimentos, bem como das respectivas manchas geográficas, é fundamental o trabalho de Artur Teodoro de Matos (1980). Ajuda preciosa encontra-se também no capítulo VI – «Estrutura política e administrativa do Estado da Índia no século XVI» – da obra de Luís Filipe Thomaz (1994, pp. 207-243), nomeadamente nas páginas 228-229.

¹⁷ Em 1574, Onor, Braçador, Mangalor, Cananor, Cranganor, Cochim, Coullão, etc. (todos no Sul), bem como os de Ceilão, eram altamente deficitários, contrastando com os do Norte. Malaca e Goa, talvez mercê da sua grande dimen-

⁸ The Misericórdia of Oporto and Evora would be established the following year.

⁹ I first used this expression in "A cidade portuguesa" (1995) to describe the concept in question. The constant development of this question (see Rossa, 1996) has justified the use as being the most appropriate to the situation that occurred. Research from another source will soon shed some light on the cultural atmosphere and the institutional structure which formed the background for urbanistic work in this period, which was deeply rooted in mediaeval internal colonisation.

¹⁰ This is the way that traditional historiography presented the question. While this is not precisely the area in question, more recent studies reveal a panorama where power and decision-making are more fragmented in terms of the people involved, the causes and the effects (Teotónio de Souza, 1978, and Luís Filipe Thomaz, 1994, especially chapters IV and V). For Cochim, I have partly used the data from Pedro Dias (1988). However, if I may be excused the irony, it seems clear that the decision to create more consistently defensible places than just factory-houses was only taken after the Portuguese realised that that they were regarded as intruders in those waters rather than as traders or those who freed oppressed Christians.

¹¹ Among others, Armando Cortesão deals with this question in vol. I of *História da Cartografia Portuguesa*, 2 vols., Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga da Junta de Investigações do Ultramar, Coimbra, 1969.

¹² Various Authors, *História de Portugal*, dir. by José Mattoso, 8 vols., Círculo de Leitores, Lisbon, 1992, vol. III, p. 338.

¹³ Rafael Moreira [*História da Arte Portuguesa* (dir. Paulo Pereira), 3 vols., Círculo de Leitores, Lisbon, 1995, vol. II, pp. 330-1] states that the catalyst of this change occurred in 1541 with the fall of Santa Cruz do Cabo Gué (Agadir): "... this meant changing from a strategy of limited attack to one of defence, concentrating these defences in genuine war machines which were not only able to defend themselves, but also to act as a base for the ocean fleets which held the wealth of the empire." This text (p. 364) also mentions a most interesting fact: In 1569, on King

Sebastião's orders, all the resources previously used for religious works of the king's initiative were re-routed to the fortification work. During the period of rule by the Spanish monarchy (1580-1640), foreigners were in absolute control of military engineering in the Portuguese world, although even before Philip II of Spain became king of Portugal, the employment of foreign military engineers was common for fortifications in the Empire, especially during the reign of King Sebastião. The initial episode in the fortification of Mazagão is very well-known in this context. In 1541, at the request of João III, Charles V sent Benedetto da Ravena, a famed Italian engineer, to draw up a new defensive system. Still more important than the project for a wall, was the complete re-education, following international styles of what had previously been Portugal's self-run military engineering, in the shape of three of its most outstanding members (Miguel de Arruda, Diogo de Torralva and João de Castilho). 1541 was also the year that Francisco de Holanda, enamoured of the Renaissance, came back to Lisbon after spending three years in Italy studying this with a grant from João III.

¹⁴ For example, in 1968, *Mediterrâneo, Ambiente e Tradição*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisbon, 1987, and, in 1963, "Cidade", in *Dicionário de História de Portugal*, Livraria Figueirinhas, Oporto, 1981, vol. II, pp. 60-6.

¹⁵ The collection of Dutch maps from the seventeenth century on Portuguese cities in the Orient (especially southern India and Ceylon) by Algemeen Rijksarchief in The Hague (ARA) contains the best examples, due to their accuracy. I refer to this as objectively as possible as it has not been used. This is due to the fact that Luis da Silveira (1956) did not list it although he did use a map of Cochim by Baldaeus (*Naauwkeurige Beschryvinge van Malabar en Chromandel, der zelve aangrenzend Ryken, en het machtige Eyland Ceylon*, Johannes Janssonius van Waasberge, Amsterdam, 1672) which is clearly based on those maps. In fact, Luis de Silveira's pioneering and fundamental listing can (and should) now be expanded by a significant number of items whose whereabouts were not at that time known of and thus not inventoried.

¹⁶ For an accurate explanation of the status and the complex administrative differences between the various types of establishments and their respective geo-

são urbana e papel de cúpulas do Estado da Índia Portuguesa, mantinham algum equilíbrio. Para uma fácil leitura ver o mapa com dados da autoria de Vitorino Magalhães Godinho publicado por Oliveira Marques (1972, *História de Portugal*, 2 vols., Palas Editores, Lisboa, 1978, vol. I, p. 468). Relativamente aos anos de 1581 e de 1588, Artur Teodoro de Matos organizou e publicou quadros comparativos francamente esclarecedores. Ali se verifica que a sul apenas Cochim passou de um saldo negativo a um timidamente positivo. É no entanto necessário ter em linha de conta que muitos daqueles entrepostos eram economicamente importantes, pois se não permitiam avultados réditos fiscais – não havendo cidade portuguesa não havia súbditos contribuintes – eram fundamentais para o comércio, nomeadamente de especiarias. Aliás, a excepção que se dava com Cochim devia-se às excelentes relações com os locais e à concomitante organização da instalação portuguesa que, verdadeiramente, era a única cidade portuguesa por aquelas paragens.

¹⁸ Deve-se a Vitorino Magalhães Godinho (1958) o estabelecimento desta leitura contrária àquilo que José Lúcio de Azevedo em (1928) *Épocas de Portugal Económico*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1973, e Jaime Cortesão no 2.º volume de *Os Descobrimientos Portugueses*, 2 vols., Arcádia, Lisboa, 1958, ou ambos em AA.VV., 1928-1954, entre outros, haviam tornado juízo corrente.

¹⁹ Coube a D. Nuno da Cunha, num misto de guerra, intriga e negociação, o papel de conquistar o Norte. De facto, tendo servido como governador entre 1529 e 1537 veio a obter o controlo de Baçaim e Diu, tendo ainda assediado e destruído Damão, as três cidades da futura Província do Norte enquistadas

no reino muçulmano de Cambaia (Gujarat) cujo sultão Bahadur, por sua ordem, foi assassinado de forma menos honrosa.

²⁰ Ver de J. C. Vieira da Silva (1993), *Paços Medievais Portugueses. Caracterização e Evolução da Habitação Nobre. Séculos XII a XIV*, IPPAR, Lisboa, 1995, e ainda de Carlos de Azevedo, *Solares Portugueses*, Livros Horizonte, Lisboa, 1969. As características medievais ou feudalizantes do sistema são postas em evidência por Luís Filipe Thomaz (1994, em especial nas pp. 235 e segs.).

²¹ Tenho vindo a chamar a atenção para alterações na política ultramarina portuguesa nesta altura e devo fazê-lo ainda para o facto de esta disparidade de políticas nos permitir especular acerca das diferenças existentes entre as presenças holandesa e inglesa na Índia (ver também a nota 4). De facto não deixa de ser curioso que os Holandeses tenham tido maior empenho e sucesso na conquista das nossas possessões do Sul, ao invés dos Ingleses mais interessados no Norte.

²² Abuso, como é óbvio, do subtítulo do seu já clássico *Portuguese Plain Architecture – Between Spices and Diamonds, 1521-1706*, Wesleyan University Press, Middletown, 1972.

²³ Para estes casos, entre outros, são fundamentais os dados reunidos e interpretados por Gerson da Cunha (1876 e 1900) e a monografia de Gritli von Mitterwallner (1964), sendo profundamente lamentável que esta nunca tenha sido editada em português. Mais recentemente, Dejanirah Couto tem vindo a fazer novas abordagens (Couto, 1996, e AA.VV., 1994b, pp. 258-266) e a revista *Índica* dedicou a Baçaim um número (AA.VV., 1987).

graphical areas, Artur Teodoro de Matos' work from 1980 is fundamental. Invaluable help on this matter can also be found in chapter VI – The political and administrative structure of the State of India in the sixteenth century” in Luís Filipe Thomaz (1994, pp. 207-243) specifically on pp. 228-9.

¹⁷ In 1574, Onor, Barcelore, Cananore, Cranganore, Cochin, Coulão, etc. (all in the south) and Ceylon were clearly debtors, in contrast to the north, Malacca and Goa which, perhaps due to their large urban space and their role as heads of the Portuguese State of India, maintained some balance. For a simple demonstration, see the maps with data by Vitorino Magalhães Godinho, published by Oliveira Marques (1972, *História de Portugal*, 2 vols., Palas Editores, Lisbon 1978, vol. I, p. 468). Artur Teodoro de Matos organised and published very revealing tables for the years 1581 and 1588. These show that in the south, only Cochin changed from a loss to a modest profit. However, it is important to recall that many of these entrepôts were important in economic terms, for although they did not generate high tax yields (as there was no Portuguese city, there were no tax-payers) they were essential for trade, especially in spices. The exceptional case of Cochin was due to the excellent relations with the local inhabitants and the resulting organisation of the Portuguese presence there. This led to the only genuinely Portuguese city in that area.

¹⁸ The establishment of this vision is due to Vitorino Magalhães Godinho (1958). This went against what José Lúcio de Azevedo wrote in 1928 in *Épocas de Portugal Económico*, Livraria Clássica Editora, Lisbon, 1973, the opinion of Jaime Cortesão in volume 2 of *Os Descobrimientos Portugueses*, 2 vols., Arcádia, Lisbon, 1958, and what both, among others, said in Various Authors, 1928-54, making the latter view common coinage.

¹⁹ It fell to D. Nuno da Cunha to conquer the north, using a combination of warfare, intrigue and negotiation. Having served as governor from 1529 to 1537, he

came to control Bassein and Diu, besieged and destroyed Daman, the three cities of the future northern province which were embedded in the Muslim kingdom of Cambay (Gujarat). Sultan Bahadur of Cambay was somewhat dishonourably assassinated on Nuno da Cunha's orders.

²⁰ See J. C. Vieira da Silva (1993), *Paços Medievais Portugueses. Caracterização e Evolução da Habitação Nobre. Séculos XII a XIV*, IPPAR, Lisbon, 1995, and Carlos de Azevedo, *Solares Portugueses*, Livros Horizonte, Lisbon, 1969. The mediaeval or feudalising characteristics of the system are clearly shown by Luís Filipe Thomaz (1994, especially pp. 235 and after).

²¹ I have pointed out changes in Portugal's overseas policy at this time. I would like to emphasise the fact that this diversity of policies allows for speculation on the differences that existed between the Dutch and English presence in India (see also note 4). It is interesting to note that the Dutch were more involved and successful in conquering Portuguese possessions in the south, while the English concentrated on the north.

²² I have used, as is obvious, the subtitle of his classic work *Portuguese Plain Architecture – Between Spices and Diamonds, 1521-1706*, Wesleyan University Press, Middletown, 1972.

²³ For these cities, among others, the information gathered and analysed by Gerson da Cunha (1876 and 1900) and the monograph by Gritli von Mitterwallner (1964) are fundamental. It is most regrettable that the latter has never been published in Portuguese. More recently, Dejanirah Couto has made new approaches to this matter (Couto, 1996; Various Authors, 1994b, pp. 258-266). The magazine *Índica* also dedicated an entire issue to Bassein (Various Authors, 1987).

* Translator's note: In the original *traçado*, which embraces a slightly larger concept.

Cochim era a cidade portuguesa da costa do Malabar, a única da costa ocidental hindustânica não enquistada em território do Islão. Sendo a primeira e o exemplar mais característico da fase manuelina de criação portuguesa de espaço urbano na Índia, a ela tenho vindo a recorrer estando já registados no capítulo anterior os seus aspectos fundamentais. No entanto, alguma sistematização e acréscimo de dados poderão ser úteis.

O próprio contexto que determina a localização desta primeira capital do Estado da Índia Portuguesa é significativo: o soberano local foi o primeiro a prestar bom acolhimento e a dar provas de amizade e interesse sinceros. Cochim era uma pequena e pouco expressiva cidade onde não havia sequer edifícios de vulto. Sede de um rajado de modestas dimensões, num território plano a cotas baixas, coberto de palmeiras e caprichosamente recortado por extensas linhas de água, as *backwaters*. Depois de obtida autorização do rajá – que assim encontrava apoio para se libertar da suserania do samorim de Calcut, pois os Portugueses chegaram a prometer fazê-lo, ele próprio, samorim –, em 27 de Setembro de 1503 foi iniciada a fortifi-

cação da feitoria. Estava esta num conjunto de casas para cuja ocupação Pedro Álvares Cabral lograra obter autorização. Até à chegada de D. Afonso de Albuquerque, os trabalhos foram dirigidos pelo segundo-capitão da sua armada, D. Francisco de Albuquerque. Consistiam num processo contínuo, mas sumário, de reforço daquelas edificações. Quase de imediato se iniciou a construção de uma igreja, São Bartolomeu. Entretanto, uma primeira versão, em madeira, da Igreja de Santo António já abria ao culto, resultado da empenhada actividade missionária dos Franciscanos. É que estes ao normal estímulo da pregação juntavam o culto de «um messianismo imperial, inspirado em Joaquim de Flora» (Thomaz, 1994, p. 172), nada mais que a base teológica do mítico plano do Quinto Império. Como atrás referi, Cochim, na costa do Malabar (Kerala), então e ainda hoje com uma considerável e influente comunidade cristã nestoriana, constituía um excelente ponto de partida. Não deixa de merecer destaque ter sido essencialmente no Malabar que a

missão portuguesa logrou erguer um sem-número de igrejas espalhadas por um território sobre o qual o rei de Portugal não tinha qualquer jurisdição (Azevedo, 1970, p. 3).

Cochim Cidades da Expansão

Cochin was the Portuguese city on the Malabar Coast, the only city on the west coast of Hindustan that was not an enclave surrounded by Muslim territory. As it was the first and the most typical example of the Manueline phase of Portuguese creation of urban space in India, I have made great mention of this city, and its fundamental characteristics have already been noted in the previous chapter. However, some systematisation and additions can still be useful.

The very context defining the location of this first capital of the Portuguese State of India is significant. The local sovereign was the first to offer a warm welcome and show signs of friendship and genuine interest. Cochin was a small and relatively unimportant city which did not even have any buildings of size. It was the centre of a modest rajahship set on a low-lying flat plain covered with palm-trees and irregularly interrupted by extensive inlets, the “backwaters”. Having obtained permission from the rajah – who thereby gained support in freeing himself from suzerainty from the Samorim of Calicut, as the Portuguese had promised – work started on fortifying the factory-house on 27

CITIES FROM THE EXPANSION

COCHIN

September 1503. The factory-house was part of a group of houses for whose occupation Pedro Álvares Cabral had gained permission. Until the arrival of Afonso de Albuquerque, the work was under the supervision of the second captain of the fleet D. Francisco de Albuquerque, and consisted of a continuous, but minor reinforcement of those buildings. Building work started almost immediately on a church, which was dedicated to São Bartolomeu. Meanwhile, a wooden-built church (Santo António) was opened for worship as the result of the intense missionary work being carried out by the Franciscans. In addition to the normal stimulus of their preaching, they added the cult of “an imperial messianism inspired by Joaquim de Flora.” (Thomaz, 1994, p. 172), or exactly the theological basis for the mythical planned Fifth Empire. As mentioned above, Cochin, in the Malabar (Kerala) area, then and now with both a considerable and influential Nestorian Christian community, was an excellent starting point. It is significant that it was essentially in Malabar that Portuguese missionaries managed to build countless churches scattered over a territory where the king of Portugal had no jurisdiction whatsoever

Com a chegada do primeiro governador-mor, D. Francisco de Almeida, deu-se um salto qualitativo. Entre as ordens que o rei lhe dera incluía-se a construção de algumas fortalezas na costa do Malabar e até de uma igreja com casa de recolhimento, também para franciscanos, ao lado do forte que deveria ser erguido em Coulão. As precárias instalações defensivas da feitoria de Cochim deveriam também ser reformadas. Para tudo isto contava com Tomás Fernandes, o primeiro mestre-de-obras de pedraria português a ser deslocado para a Índia. As obras foram iniciadas no dia 3 de Maio de 1506 e assim surgiu finalmente uma fortaleza com alguma consistência. Apesar de tudo, em 1582 não era mais que «huiuãs casas fortes amodo de fortaleza que seruem de feitoria e aposentamento do capitão» («Livro das Cidades...», p. 71). Gradualmente, desenvolveram-se para poente – a feitoria fortificada ficava sobre o rio no extremo nascente – estruturas urbanas de que os rigorosos levantamentos efectuados pelos Holandeses logo após a sua conquista em 1663

nos permitem ter ideias muito claras²⁴. Instalaram-se equipamentos característicos das cidades portuguesas, como a

*Cochim,
vista aérea*

(Azevedo, 1970, p. 3). When the first governor-general, D. Francisco de Almeida, arrived, there was a qualitative leap forward. Among the orders the king had given him was that

he should construct some fortresses along the Malabar coast and even a church with a retreat for the Franciscans next to the fort to be built in Coulão. The precarious defences of the Cochim factory-house were also to be rebuilt. Support for all this came in the form of Tomás Fernandes, the first overseer from Portuguese masonry to be sent to India. Work started on 3 May 1506 and finally a fortress worthy of the name was built. Despite everything, by 1582, it was nothing more than “some strong houses like a fortress that act as a factory-house and lodgings for the captain” according to the author of the “Livro das Cidades...” (p. 71).

Gradually, urban structures expanded to the west, as the factory-house overlooked the river at the extreme east point. The thorough survey carried out by the Dutch immediately after they conquered the place in 1663 allows a very clear

Câmara, o pelourinho, a Misericórdia, a Matriz (Sé a partir de 1557), conventos (Franciscanos, Dominicanos, Jesuítas), etc. Apesar de ser clara a ausência de um plano, a malha urbana apresentava características morfológicas que, sem qualquer hesitação, considero similares às que encontramos em realizações anteriores e contemporâneas na Metrópole: sem desenho prévio mas com claras intenções de ordenamento, alguma constância na largura das ruas, enfim, um exemplar do urbanismo «regulado» que anteriormente referi. Aliás, é significativa a referência ao Governo – «pel-las leis e ordenações de Portugal» – no «Livro das Cidades...»²⁵. Esta estrutura é a que ainda hoje encontramos em Fort Kochi, a «cidade de baixo», na barra do rio, e, como refere o excerto do «Livro das Cidades...», sendo curioso que ainda se mantenha a baixa densidade que a cartografia e a iconografia holandesas claramente retratam. No entanto, a presença holandesa obliterou quase totalmente a imagem portuguesa²⁶. É essencialmente e emblematicamente na igreja franciscana, refeita em pedra e



cal em 1516 e primeiro panteão de Vasco da Gama, que ainda encontramos alguns registos inequívocos da arqui-

*Cochim,
aerial view*

picture of these structures²⁴. Typical urban features from Portuguese cities were established, such as the town hall, the pillory, the Misericórdia and the mother church (cathedral after 1557)

and monasteries for the Franciscans, Dominicans, Jesuits, etc.. Despite the obvious absence of a plan, the urban mesh had morphological characteristics which I do not hesitate to consider similar to those found in previous and contemporary equivalents in Portugal: they have no pre-established plan but there are clear signs of intended organisation, some consistency in the width of roads, an example of the regulated urbanism mentioned above. The reference to the government “according to the laws of Portugal” in “Livro das Cidades...” is significant²⁵. This structure is the one that can still be found now in Fort Kochi, the “lower city”, at the river harbour mentioned in the “Livro das Cidades...”. It is interesting that it continues to have the low density that the Dutch maps and iconography so clearly show. However, the Dutch presence almost completely des-

itectura manuelina, quiçá das mãos do mestre Tomás Fernandes. Do convento e do seminário anexos, cuja construção só estaria concluída em 1552 apesar de iniciada de imediato, hoje nada de significativo se pode encontrar. À excepção desta Igreja de Santo António²⁷, que renovaram em 1779, os Holandeses destruíram ou transformaram profundamente todos os templos católicos da cidade. A actual Basílica de Santa Cruz só na designação, ainda hoje em português, mantém o registo da sua origem. Não é de mais repetir que a cidade tinha total independência física e administrativa da «cidade de cima», onde viviam os rajás, a quem, aliás, os Portugueses tratavam com a maior deferência. Em 1557 ofereceram-lhe um palácio construído de raiz no centro da sua capital, hoje conhecido como Dutch Palace ou Mattancherry Palace, pois os Holandeses vieram a alterá-lo significativamente, não sendo claro se o essencial do seu partido arquitectónico – dois

pisos e um pátio central onde foi implantado um templo hindu – é de matriz portuguesa. No jardim fronteiro existem ainda algumas molduras de vãos de lavra manuelina. Durante o período filipino, provavelmente durante a campanha para melhoramentos defensivos promovida na primeira década de Seiscentos em todo o Oriente²⁸ face à ameaça holandesa, foi erguida uma muralha que fechava do lado de terra a cidade e assim aumentava a separação entre os dois pólos urbanos. Esta muralha, que, pela fragilidade, quase classificaria de simbólica, com traçado irregular e pontuada por alguns baluartes de muito reduzida expressão, tirava partido de uma estreita linha de água que então passou a ser fosso, ficando a cidade quase que em uma ilha. Depois de conquistada, os Holandeses hesitaram entre a construção de um forte no seu centro ou a renovação do cerco perimetral de acordo com a mais avançada técnica da época, sendo esta a opção tomada

Projecto do engenheiro holandês M. Hool para a construção de um forte no seio da cidade de Cochim após a sua conquista, 1663, ARA



troyed any sign of the Portuguese²⁶. Basically, there are still some unmistakable records of Manueline architecture, such as the emblematic Franciscan church, perhaps the work of Tomás Fernandes, which was rebuilt in stone and limestone in 1516 and was the first pantheon for Vasco da Gama. There is now nothing important left of the monastery and seminary which were alongside and which were only finished in 1552 despite starting at the same time. Apart from this church of Santo António²⁷, which they renovated in 1779, the Dutch destroyed or transformed all the Catholic churches in the city. The only record of the origin of what

Project by M. Hool, a Dutch engineer, to build a fort in the heart of Cochim city after its conquest, 1663, ARA

is now the basilica of Santa Cruz is the name itself, which is still in Portuguese.

It is worth again emphasising that the city was completely independent in physical and administrative terms from the “upper city” where the rajahs lived, treated with the greatest of deference by the Portuguese. In 1557, they offered the rajah a purpose-built palace right in the heart of his capital. This is now known as the Dutch Palace or Mattancherry Palace, as the Dutch would make major alterations. It is unclear precisely whether the basis of the architecture – two storeys and a central patio which houses a Hindu temple – is Portuguese or not. The front

e que implicou a demolição e abandono de um alargado conjunto de casas. De tudo nos dão conta os desenhos dos projectos alternativos então elaborados.

A queda de Cochim em 1663 consumou o abandono do Sul da Índia pelos Portugueses, resultado directo das dificuldades do período da Restauração e de algum desencanto pelo Oriente após a queda de Ormuz, mas, no essencial, consequência da mudança de estratégia territorial operada a partir de meados do reinado de D. João III. Paradoxalmente, foi graças aos Portugueses, uma espécie de inquilinos musculados do rajá, que a «cidade de cima» despertou para o desenvolvimento como o grande centro de negócios do Malabar, situação cujo crescendo até

hoje não tem cessado, extravasando Cochim para terra firme – cidade de Ernakulam – e o seu porto para uma ilha artificial construída pelos Ingleses – Willingdon. Calicut, o verdadeiro empório da pimenta à data da viagem de Vasco da Gama, graças à actuação portuguesa tem hoje uma muito menor relevância. A Cochim continuam a chegar do interior as especiarias que antes eram (re)compradas pelos Portugueses, e, tal como em Quinhentos, ali vivem harmoniosamente, em comunidades subdivididas e organizadas, cristãos, judeus e muçulmanos. Os outros portos do Sul, todos inicialmente bem mais prósperos que Cochim, acabaram por ser definitivamente suplantados pela primeira capital portuguesa no Oriente.

Carta holandesa da costa do Malabar de Cranganor a Coulaão, século XVII, ARA



garden has some Manueline style moulded spaces. During the Philippine period (1580-1640), probably during the campaign to improve defences throughout the Orient²⁸ in the first decade of the seventeenth century due to the Dutch threat, a wall was built closing off the land side of the city, thereby increasing the separation between the two urban centres. This wall, which is practically symbolic as it is extremely weak, is irregularly built and punctuated by some very small towers and made use of a straight water line that then became a ditch and left the city almost as if on an island. After the Dutch conquered the city, they hesitated between building a fort in the centre or renovating the surrounding wall using the most advanced technology available at that time. They finally chose the second alternative, as shown by the project drawings made at the time, a choice which caused the destruction of many buildings. The fall of Cochin in 1663 completed the Portuguese withdrawal from the south of India and was the direct result of the difficulties in the period of the Portuguese Resto-

Dutch map of the Malabar coast from Cranganore to Coulaon, 17th century, ARA

ration and some disenchantment with the Orient after the fall of Hormuz. However, it was essentially due to a change in the territorial strategy dating from the middle of the reign of João III. Paradoxically, it was thanks to the Portuguese, the muscular tenants of the rajah, that the “upper city” awoke to development and became a great centre of business in Malabar. Its growth has not yet stopped and Cochin has spread onto the mainland – the city of Ernakulam – and its port was transformed from an artificial island by the English – Willingdon. Calicut, the true emporium of pepper when Vasco da Gama sailed, is now of far less importance due to the Portuguese. Yet Cochin still receives the spices from the interior that were once (re)purchased by the Portuguese. Just as in the sixteenth century, subdivided and organised communities of Christians, Jews and Muslims all live there in harmony. The other ports in the south, which were all originally more prosperous than Cochin, would be definitively supplanted by this first Portuguese capital in the Orient.

Notas

²⁴ Ver nota 15.

²⁵ Tal como o tentei caracterizar (Rossa, 1995 e 1996), o urbanismo «regulado» resulta em grande parte da (re)organização manuelina de um corpo normativo para as edificações urbanas. Ver a nota 9 e o excerto do texto que a motivou.

²⁶ Acerca do processo e razões da destruição da cidade portuguesa pelos Holandeses é fundamental a leitura de *The Dutch in Malabar*, nomeadamente das pp. II e segs. A importância desse material é acrescida pelo facto de ali ser feita uma criteriosa e pormenorizada descrição da cidade à data da conquista holandesa, que aqui não uso por razões que se prendem com o equilíbrio e objectivos específicos deste livro.

²⁷ Este templo tem uma história conturbada. De acordo com um folheto recolhido no local (*The St. Francis Church – Cochim – a Brief History*, Cochim, s. d.), e no qual confirmei os dados que sobre ela aqui uso, após a conquista inglesa em 1795 a igreja não só sofreu diversas intervenções como passou para o culto anglicano e mudou de patrono – de Santo António para São Francisco. Ver também de José Manuel Fernandes, AA.VV., 1994b, p. 137, onde, aliás, se podem encontrar imagens de algumas outras igrejas fundadas por portugueses nas imediações de Cochim.

²⁸ É um assunto mais referido que estudado. No entanto não subsistem dúvidas quanto a isso. Por exemplo, Francisco Mendes da Luz, na introdução que fez ao «Livro das Cidades...», a que tão frequentemente tenho vindo a recorrer, deixou-nos alguns dados documentais inequívocos.

Notes

²⁴ See note 15.

²⁵ As I have already tried to define (Rossa, 1995 and 1996), “regulated” urbanism is largely the result of the Manueline (re)organisation of a normative code for urban buildings. See also note 9 and the respective text it refers to.

²⁶ *The Dutch in Malabar*, especially pp. 11 and after, is essential reading on the case and reasons for the Dutch destruction of the Portuguese city. The importance of this material is still greater as it includes a discerning detailed description of the city when the Dutch conquered it. This has not been included here for reasons of balance and the specific aims of this work.

²⁷ This church has a troubled history. According to a pamphlet from the church itself (*The St. Francis Church – Cochim – a Brief History*, Cochim, n.d.) where I was able to confirm the data used here, after the English conquered Cochim in 1795, the church was not only changed but also became an Anglican church, changing names from Santo António to St. Francis. See also José Manuel Fernandes in Various Authors, 1994b, p. 137, which has some pictures of other churches founded by the Portuguese immediately around Cochim.

²⁸ This matter is more referred to than studied. However, there is no doubt about its veracity. For example, Francisco Mendes da Luz’s introduction to “Livro das Cidades...”, which I have used so much, provides some perfectly clear documentary evidence.



Goa, arco de Nossa Senhora da Conceição na face nascente da muralha preexistente

Goa. Arch of Nossa Senhora da Conceição, eastern side of the pre-existing wall

Mas o centro de gravidade do Estado da Índia Portuguesa fora predestinado a Goa, conquistada com tal propósito por D. Afonso de Albuquerque em 25 de Novembro de 1510, dia de Santa Catarina, ao sultão do reino de Bijapur, Adil-Shah, também designado nas crónicas portuguesas por Sabaio e Hidalcão. Em oposição à míngua de dados acessíveis acerca das restantes posições portuguesas no Oriente, as mais variadas facetas da história e cultura de Goa-cidade e/ou de Goa-território encontram-se sobejamente glosadas e publicadas, procedendo-se frequentemente a reedições. Para isso também contribuíram elementos da tal nova etnia que referi no capítulo anterior: os Goeses, ou, como eles próprios preferiam, «os descendentes»²⁹. É que de facto Goa é hoje um Estado com vincadas diferenças relativamente a qualquer um dos outros da República Indiana. No âmbito daquilo que aqui nos interessa, não se podendo pôr em causa a objectividade e valor científico de muitos desses trabalhos, deve-se, no entanto, guardar distância de todos aqueles que alimentam mitos, como o da sua semelhança com Lisboa, o da existência de uma «lenda negra» ou o das suas deslumbrantes expressões formais: universal – a «Goa Dourada» do humanismo e de uns muito exagerados 300 000 habitantes; ideologizada – «a Roma do Oriente»,

da Contra-Reforma e da lenta decadência. Se foi um modelo, como qualquer capital, Goa, como qualquer capital, nunca foi uma cidade perfeita, nela se revendo as virtudes e os defeitos do Estado da Índia Portuguesa³⁰. Contando com todo esse manancial de dados e com o conhecimento e capacidade de discernimento por parte de quem me lê, assumindo à partida que a realidade de Goa-cidade é um indiscortinável ente desaparecido sob mitos e um denso palmeiral, passemos ao que a ela nos leva.

Goa-território está situada a meio da costa ocidental do Hindustão, numa banda litoral nele enquistada, o Concão, separada do planáltico *hinterland* do Decão por uma verdadeira fortaleza natural, os Gates ocidentais. O Concão é um território fortemente recortado por linhas de água e sapais – muitos dos quais laboriosamente reformados em arrozais –, mas ponteados de pequenas, por vezes súbitas, elevações. Duas das mais importantes dessas linhas que levam ao mar a água do planalto são os rios Mandovi e Zuari, que, provindo da única portela dos Gates em centenas de quilómetros, desenham os contornos da ilha de Tiswadi, que, por sua vez, lhes separa os desaguadouros. Entre estes foi longa a disputa pela excelência e primazia portuária. A primeira cidade de

Goa Goa (Velha Goa) situou-se na margem norte do Zuari, a segunda (a «nossa») situou-se na margem

Yet the centre of gravity in the Portuguese State of India was predestined to be Goa. It had been conquered with just that aim in mind by Afonso de Albuquerque on 25 November 1510, St. Catherine's day, from the sultan of Bijapur, Adil-Shah, who was also called Sabaio and Hidalcão in Portuguese chronicles.

In stark contrast to the lack of accessible data on the other Portuguese positions in the Orient, the most varied range of history and culture of Goa city and/or Goa territory are extremely well-discussed, published and frequently republished. Elements of the new ethnic group mentioned in the previous chapter, the Goans or, as they themselves prefer, "the descendants"²⁹, made some contribution to this. In fact, Goa is now a state with marked differences in relation to any of the others in the Indian Republic. Within our more restricted scope and not wishing to question the objectivity or scientific value of many of these pieces of work, a certain distance should be maintained from those that encourage myths. Examples include the similarity to Lisbon, the existence of a "black legend" or of its amazing formal expressions: the universal expression – the "Golden Goa" of humanism and the wildly exaggerated claim of 300,000 inhabitants; the ideological expression – "Rome of the Orient" from the Counter-Reformation and its slow decli-

GOA ne. If it was a model, as all capitals are, Goa was never a perfect city, as no capital is. It contained all the virtues and defects of the Portuguese State of India³⁰. Given this copious source of facts, the knowledge and discernment of the reader and assuming that Goa city is destined to remain somewhat hidden under myths and dense palm-trees, we will move on to examine what it brings us. Goa territory is located in a littoral band called the Concão set half way up the west coast of Hindustan, separated from the hinterland plateau of the Deccan by an authentic natural fortress, the Western Gates. The Concão is intensely divided by water courses and marshes, many of which have laboriously been turned into paddy-fields, and marked by small, but sometimes steep elevations. Two of the most important water-courses that take the plateau's water down to the sea are the rivers Mandovi and Zuari. They rise from the only opening found in hundreds of kilometres of the Gates and define the outline of Tiswadi Island, which in turn separates the two river mouths. The two rivers had a long-running dispute over their relative merits and the control over the port. The first city of Goa (Velha Goa) was situated on the north bank of the Zuari, the second (the Portuguese) was on the south bank of the Mandovi, but both were inside the headland. The third city (Nova Goa) was,

sul do Mandovi, ambas barra adentro. Já a terceira (Nova Goa) foi, como veremos, institucionalmente determinada na margem sul da barra do Zuari (Mormugão), surgindo de facto na margem sul da barra do Mandovi (Pangim). Já na Idade Contemporânea vieram a ser implantados em Mormugão, aliás Vasco da Gama, o porto, o caminho de ferro e o aeroporto!... Do que já foi dito pode-se fazer uma ideia da importância estratégica do território e, em especial, da ilha de Tiswadi. Acresça-se-lhe uma intensa actividade comercial a partir do século XV, resultante das trocas interíndicas e destas com os grandes reinos do Decão – em especial Vijayanagar (Bisnaga ou Narsinga nos textos portugueses coevos, com centro na Karnataka de hoje) –, a quem os muçulmanos conquistaram Goa em 1469 para um século depois (1565) conquistarem a própria cidade-capital – para onde ia, trazido do golfo Pérsico, como já vimos, «um produto estratégico essencial para a sua sobrevivência, os cavalos» (Thomaz, 1994, p. 247).

Mais no interior que qualquer uma das outras cidades sob soberania portuguesa, Goa era exposta a norte sobre uma encosta de declive variável, por trás da qual se estendia um alfoz de fácil defesa e grande importância estratégica pela sua elevada produção de bens de primeira necessidade, fundamental para uma potência até então

as we shall see, institutionally located on the south bank of the Zuari headland (Mormugão) and is *de facto* on the south bank of the Mandovi headland (Pangim). In modern times, it was in Mormugão, also called Vasco da Gama, that the port, the railway and the airport were established!... From everything said above, it is possible to acquire an idea of the strategic importance of the territory and especially the Island of Tiswadi. In addition, it had been the centre of intense trading activity since the fifteenth century, as a result of trade among peoples of the Indian ocean and that between them and the major kingdoms in the Deccan, principally the Vijayanagar (Bisnaga or Narsinga in contemporary Portuguese texts, based around what is now called Karnataka) from whom the Muslims had conquered Goa in 1469, taking the capital city itself a century later (1565). It was to there that they brought “a strategic product which was essential for their survival, the horse” (Thomaz, 1994, p. 247) from the Persian Gulf, as noted above.

Located further inland than any other city under Portuguese sovereignty, Goa was exposed to the north on a slope of varying steepness, behind which was an easily defended plain of great strategic importance given its high production of primary goods which were fundamental for a power that until then had no territory in the Orient. It was in fact

sem território no Oriente. Foi de facto «a primeira cidade da Ásia integralmente sujeita à soberania portuguesa, dado que Cochim, Cranganor e outros estabelecimentos do Malabar não passavam de feitorias implantadas em reinos amigos, virtualmente vassallos do rei de Portugal» (*ibid.*, p. 248). Já no âmbito da estratégia colonial de D. João III, com a clara intenção de melhorar a defesa e aumentar a autonomia alimentar, em 1543 foram anexados os territórios de Bardez, a norte, e Salsete, a sul. Esta dimensão territorial levou à montagem de uma sofisticada e interactiva rede de construções defensivas, das embocaduras dos rios às fronteiras terrestres – os passos –, de entre as quais de imediato sobem do inconsciente à memória os fortes da Aguada e dos Reis Magos e o «sistema» de Rachol.

Quando conquistou Goa, Afonso de Albuquerque encontrou uma cidade estruturada, ainda que as construções correntes fossem de precária ou até má qualidade. Segundo alguns testemunhos tinha já vincada expressão urbana, sendo envolvida por fosso e muralha ritmada por torres, com ruas, praças e jardins formosos ornados de vistosos edifícios – mesquitas e templos, nomeadamente –, de entre os quais avultava o Palácio do Sabaio. Tal não admira, pois, atalhando por entre outros antecedentes, já há um quarto de século que Goa era a segunda cidade

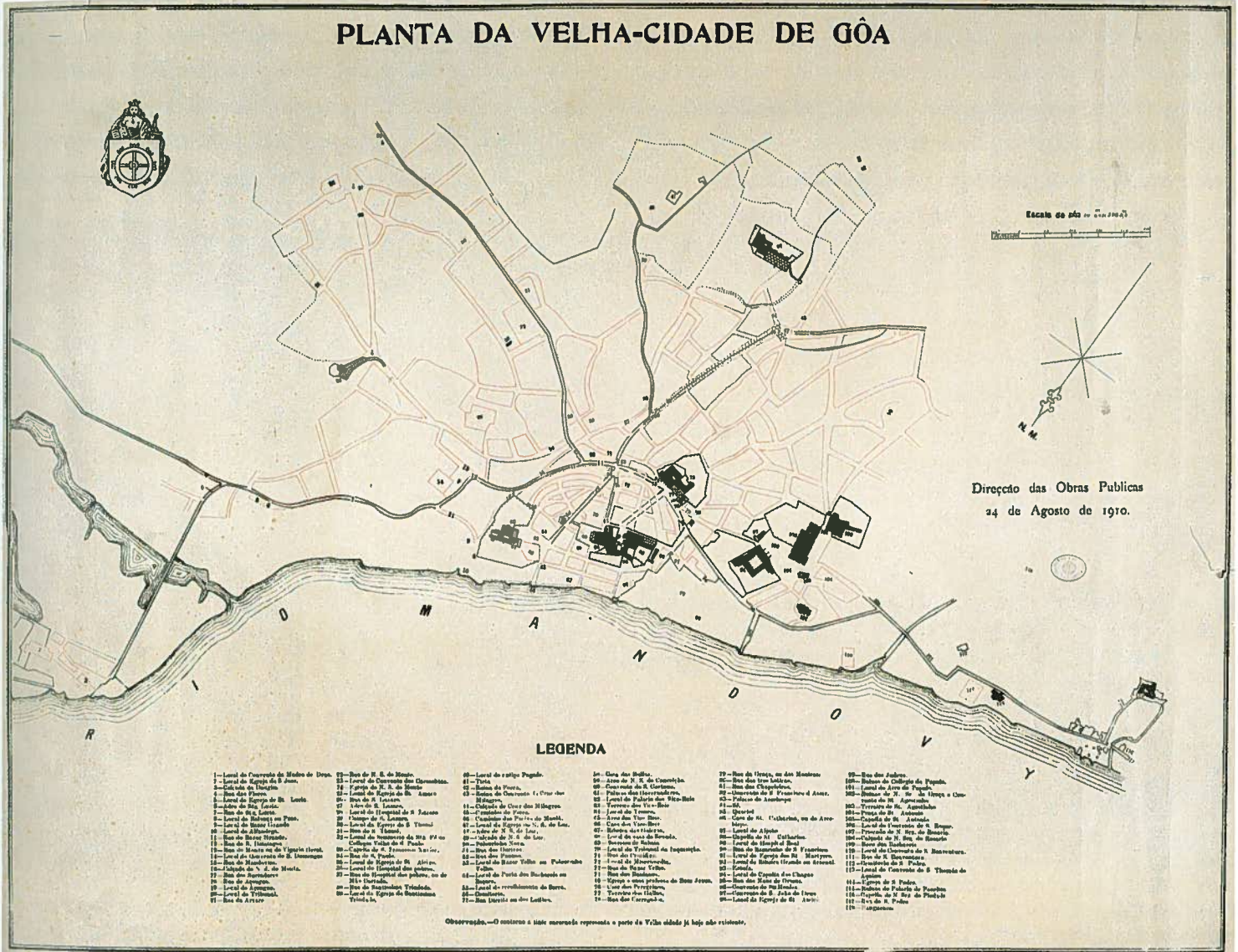
“the first city in Asia to be completely subject to Portuguese sovereignty, since Cochim, Cranganore and other places in Malabar were merely factory-houses set inside friendly kingdoms, virtually vassals of the king of Portugal” (*ibid.*, p. 248). Under João III’s colonial policy, with its clear emphasis on improving defences and increasing self-sufficiency in food, 1543 saw the annexation of Bardez to the north and Salsete to the south. This territorial size led to the creation of a sophisticated, interactive network of defensive constructions, of river mouths leading to land frontiers – the “passes” or crossings – among which the forts at Aguada and Reis Magos and the Rachol defensive system come immediately to mind.

When Afonso de Albuquerque conquered Goa, he found a structured city, although the buildings were generally of poor quality. According to some witnesses, some urban form had already taken shape, as the city was surrounded by a ditch and wall topped by towers. It also had streets, squares and beautiful gardens decorated with attractive buildings – specifically mosques and temples – among which the “Palácio do Sabaio” was the most outstanding. This is no surprise as, briefly and among other precedents, for twenty-five years Goa had been the second city of the sultan of Bijapur. Thanks to that dynasty, the city now has

do sultão de Bijapur, cidade que, graças àquela dinastia, tem hoje um dos maiores conjuntos monumentais muçulmanos do Decão. Sendo escassos os meios e a mão-de-obra e ainda instável a conquista, foi muito racional a instalação, adaptando-se até ao limite o existente às necessidades dos europeus. De raiz, Afonso de Albuquerque fundou um hospital e a Casa da Moeda, renovou as construções defensivas bastante afectadas pelas refregas de duas conquistas, ergueu como testemunho, junto à porta do violento assalto final, a

«Planta da Velha-cidade de Goa»,
Direcção de Obras Públicas,
1910/08/24, litografia, AHU

Capela de Santa Catarina. Comprometeu-se ainda a outras obras — como a Igreja do Priorado do Rosário —, que só foram concretizadas após a sua morte em 1515. Trata-se fundamentalmente de equipamentos inexistentes e essenciais. Ao longo das décadas seguintes, se o acréscimo de meios e de estabilidade permitia maior dignidade não implicou menor racionalidade; por exemplo: os Franciscanos instalaram-se sobre antigas mesquitas, sem que hoje seja possível saber se as reconverteram ou obliteraram, pois para além de



one of the greatest Muslim sets of monuments in the Deccan. Since means and labour were scarce, and the conquest not well-established, settling there was a very rational act, adapting what was already there as much as possible to the needs of the Europeans. Afonso de Albuquerque founded a hospital and a mint, renewed the defensive structures, which had been damaged by the conflicts of two conquests, and built the chapel of Santa Catarina next to the gate which had been

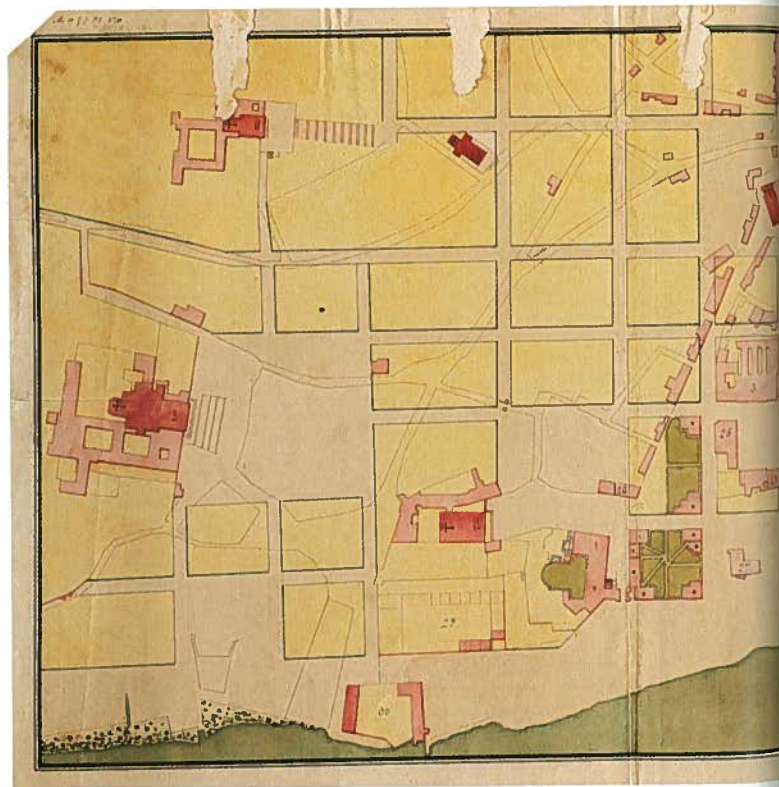
“Plan of the Old City of Goa”, Direcção de Obras Públicas, 1910/08/24, lithograph, AHU

the scene of the final violent attack, in commemoration of this event. He also undertook other building work, such as the church of Priorado do Rosário, which was only completed after his death in 1515. These were fundamentally structures that had not existed but which were essential. Over the following decades, although the growth in means and stability allowed for greater dignity, it did not imply any greater rationality. For example, the Franciscans set themselves up in several

terem sido mantidos alguns elementos do frontispício da igreja não se tem qualquer ideia de como era a versão manuelina das primeiras instalações da Ordem em Goa; os Jesuítas, em 1543, na pessoa de São Francisco Xavier, receberam o Colégio da Santa Fé, fundado por dois padres seculares dois anos antes também sobre as fundações de uma mesquita, mudando-se de imediato o nome do estabelecimento para Seminário de São Paulo; os estaleiros foram ampliados e adaptados à tecnologia naval portuguesa, pois uma das razões determinantes para a conquista de Goa foi o facto de ali haver madeira para a construção naval – aliás, à data da conquista ali estaria em construção uma armada para dar combate aos Portugueses –, surgindo junto a eles a Cordoaria, a Alfândega, a fundição de armamento, etc., no fundo a única área objecto de algum novo ordenamento urbano, bem patente na tendência geometrizar das ruas adjacentes; em 1560 a Inquisição substituiu os vice-reis no antigo Palácio do Sabaio; o «Castelo do Sabaio», que sob o domínio muçulmano protegia o cais, a fortaleza, já renovada por Albuquerque para nela se instalarem os capitães das armadas, foi ad(a)optado como novo Paço dos Vice-Reis em 1554. Entretanto, perante as necessidades do permanente estado de guerra e de frequentes epidemias, haviam surgido mais dois hospitais: o de São Lázaro

former mosques. It is now impossible to say whether they converted them or merely destroyed them, as apart from some elements of the church's façade, one cannot glean any idea of the appearance of the Manueline version of the order's first premises in Goa. In 1543, St. Francis Xavier received the Colégio da Santa Fé on behalf of the Jesuits. This had been founded by two lay priests two years before, also on the foundations of a mosque, immediately changing the name to Seminário de São Paulo. The shipyards were expanded and adapted to Portuguese naval technology, as one of the main reasons behind conquering Goa was that it had wood for naval construction. In fact, when the city fell, a fleet to fight against the Portuguese was in preparation. Next to the shipyards were rope-Yards, the customs, the weapons foundry, etc.. In brief, this was the only area subject to any new urbanistic organisation, as is clear from the tendency towards geometrical layout of the surrounding roads. In 1560, the Inquisition replaced the viceroy as inhabitants of the former Palácio do Sabaio, while the fortress that had protected the docks under the Muslims and had been rebuilt by Albuquerque to be used by the captains of the fleets, became the new home of the viceroys in 1554. Meanwhile, due to the permanent state of war and frequent epidemics, two more hospitals had

e o de Todos-os-Santos, este celebrizado pela maravilhada descrição de Pietro della Valle (1657). Apesar de tudo, o crescimento urbano era acelerado, sendo talvez ultrapassado pela progressão demográfica, o que motivou a divisão da paróquia sediada em Santa Catarina e a consequente edificação de novas igrejas matriz. Em 1530 o governador decidiu transferir de Cochim as repartições administrativas, e quatro anos depois Goa passou a ser a sede episcopal do Oriente, sendo a Igreja de Santa Catarina – entretanto construída em local próximo da capela instituída por D. Afonso de Albuquerque – provida da dignidade de Sé Catedral. Vinte e três anos volvidos, com a criação das dioceses de Cochim e de Malaca, a diocese de Goa foi promovida a arcebispado, o que viria a catalisar a substituição da antiga paroquial de Santa Catarina por uma grande catedral, a quinta, a maior,



been built: São Lázaro and Todos-os-Santos, the latter recorded in the amazed description by Pietro della Valle (1657). Despite everything, urban growth happened quickly, perhaps only being surpassed by demographic growth, which led to the division of the parish based at Santa Catarina and the subsequent construction of new parish churches. In 1530, the Governor decided to transfer the administrative services from Cochin and four years later, Goa became the episcopal centre in the Orient, with the church of Santa Catarina – built meanwhile next to the chapel originally built by Afonso de Albuquerque – given the status of See-Cathedral. Twenty-three years on, when the dioceses of

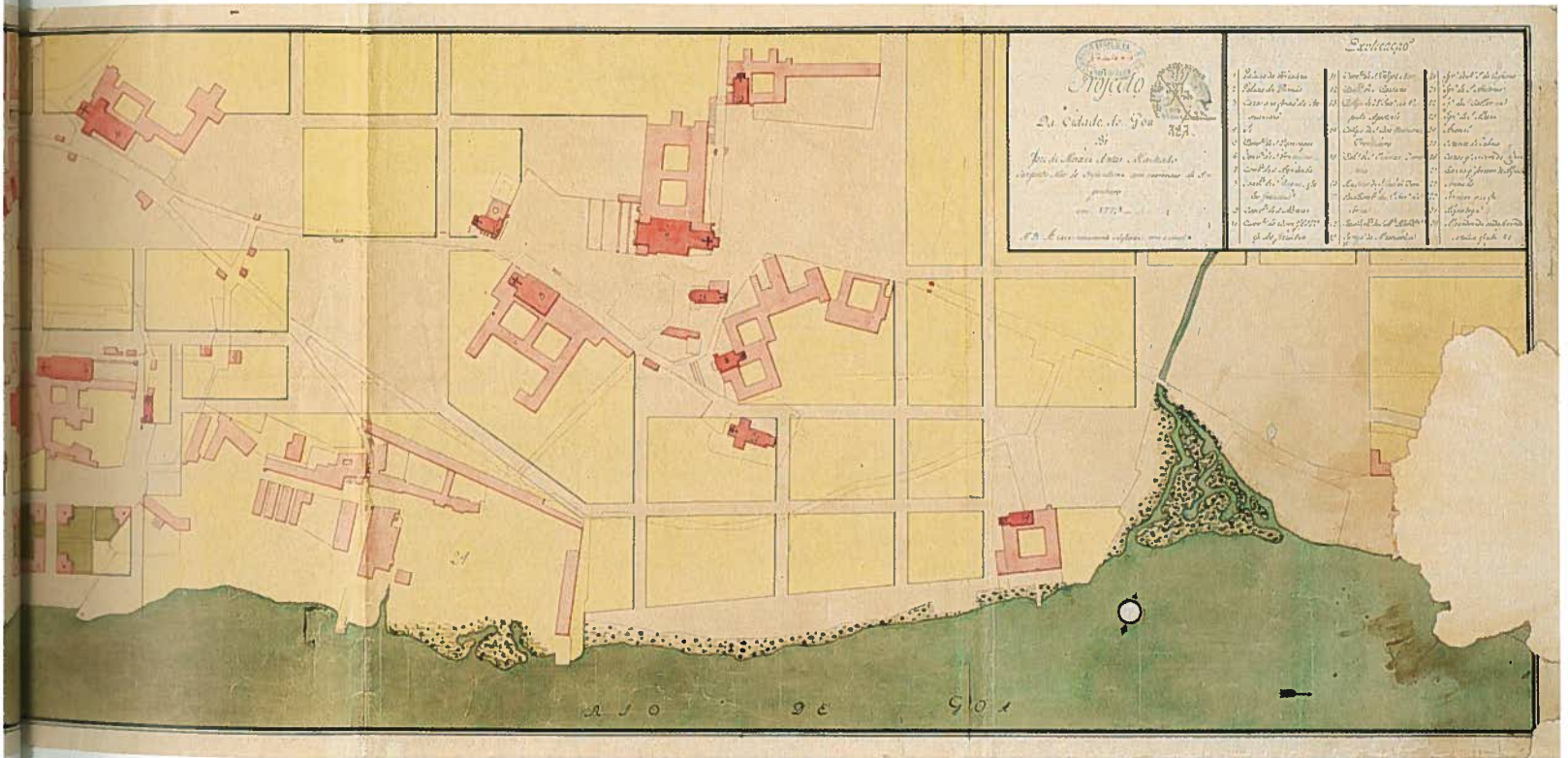
a mais clássica e a última da série quinhentista portuguesa. A imponência adoptada e as vicissitudes geradas com a insegurança que ciclicamente foi surgindo com maior ritmo e acuidade a partir do último quartel de Quinhentos provocaram delongas na sua construção: de 1562 a 1631, mas só ficando concluídos os altares nos anos 50 do século XVII.

O panorama da instalação em Goa, que num breve parágrafo tentei esboçar, visa fundamentalmente permitir descortinar qual o partido metodológico assumido nesse processo. A cronologia e as descrições mais cotadas³¹ não dão crédito ao lendário processo de conquista-destruição-construção, por muitos incompreensivelmente glorificado como testemunho da glória do herói Albuquerque. Na realidade, na primeira conquista Albuquerque infligiu

*«Projecto da Cidade de Goa por José de Morais Antas Machado Sargento-mor de Infantaria com exercício de engenheiro em 1775»,
GEAEM*

pesados danos nos monumentos e edifícios públicos (Barros, 1778-1788) e assim nas preexistências arquitectónicas, mas em termos urbanísticos, se atendermos à morfologia da malha e com ela relacionarmos as notícias já aqui utilizadas de novos edifícios e/ou funções sobre equipamentos preexistentes, resulta bem claro que a estrutura urbana se manteve, nomeadamente no que diz respeito à implantação, configuração e importância dos principais espaços públicos. Aliás, esta teimosa persistência não é uma excepção, mas uma das regras mais verificadas em toda a história do urbanismo.

De grande relevo para a expressão arquitectónica e para a imagem urbanística foi o facto de neste período, mais precisamente a partir do estabelecimento em Baçaim, em 1534, passar a estar disponível uma pedra clara, dali trazida,



Cochin and Malacca were created, the diocese of Goa was promoted to become an archbishopric. This would cause the old parish church of Santa Catarina to be substituted with a massive cathedral: the fifth, the largest, the most classical and the last from the series of sixteenth century Portuguese cathedrals. The awe-inspiring style chosen and the hardships due to the cyclical insecurity (which in fact increased in rhythm and intensity from the last quarter of the sixteenth century) caused delays in the construction, which lasted from 1562 to 1631. Even then, the construction of the altars was only completed in the 1650's.

“Project for the City of Goa by José de Morais Antas Machado, Chief Infantry Sergeant, serving as an engineer in 1775”, GEAEM

This brief overview of the Portuguese process of installation in Goa is intended to help reveal the methodology used in that process. The chronology and most highly-rated descriptions³¹ make no mention of the legendary process of conquest-destruction-construction which many (incomprehensibly) laud as a witness of the glory of the great hero Albuquerque. In fact, in his first conquest of Goa, Albuquerque inflicted severe damage on monuments and public buildings (Barros, 1778-1788) and on the already existing architecture. However, in urbanistic terms, examination of the form of the urban mesh and comparison with the news

com boas características escultóricas – um calcário que por vezes se chega a confundir com mármore. Na realidade, a pedra local, uma laterite vermelho oxidado, apesar de continuar a ser utilizada nas alvenarias, nos grandes paramentos aparelhados e até nos elementos decorativos das construções mais modestas, foi de imediato banida das zonas nobres dos edifícios de maior importância. Em termos de uma eventual reforma do traçado urbano, pouco seria o mérito de quem arrasasse para não fazer melhor, sendo também incompreensível que fora de muros, zona onde pela menor densidade teriam sido mais fáceis intervenções reformadoras, o processo de urbanização se limitasse a seguir percursos organicamente e aditivamente estabelecidos – alguns deles de grande importância pois conduziam às três únicas ligações entre a ilha e terra firme. Na primeira metade de Quinhentos a cultura urbanística portuguesa não era radical a tal ponto nem ditava modelos urbanísticos tão artificialmente opostos que levasse a medidas extremas. O processo foi menos cerebral e mais dilatado no tempo. A cidade foi-se transformando, cristalizando na arquitectura corrente uma síntese das culturas em presença. Segundo as descrições e a iconografia, a casa-tipo era de dois pisos, com quintal, construída em argamassa, coberta de telha e frequentemente pintada com aguadas de ver-

melhos e brancos. Nas fachadas pontuavam as janelas protegidas por grades e gelosias; no piso superior os balcões em *muxarabi*. Conchas de ostras polidas (*carepas*) cumpriam as funções do vidro³².

Recorrendo a um indelimitável – impossível! – faseamento, podemos concluir que nos primeiros lustres a estrutura preexistente foi aceite com naturalidade, procedendo-se essencialmente à transformação das edificações, à construção de equipamentos, à ocupação das descontinuidades da mancha urbana contida pelas muralhas. É significativo que o perímetro por estas definido tenha permanecido registado na espacialidade do conjunto urbano, não apenas no seu percurso, mas também no traçado concêntrico de algumas outras ruas. Já em 1524, «dentro da cerqua da cidade nao ha chaaõ despovoado [...], e vivem muitos ffora nos arrabaldes»³³. Uma década após a conquista a cidade muralhada estava, pois, completamente lotada de construção. Este facto corrobora a linha de interpretação que aqui tenho vindo a apurar e põe em causa a opinião mais corrente, essencialmente baseada na gravura do álbum de George Bráunio, da qual uma leitura desprevenida permite inferir estar a cidade esvaziada e assim em renovação sistematizada³⁴. Extra-muros, uma sumária análise morfológica demonstra um orgânico e até precipitado desenvolvimento urbanístico

reports on new buildings and/or functions of pre-existing installations, it is perfectly clear that the urban structure was maintained, especially as regards the process of installation, configuration and importance of the main public spaces. In fact, this stubborn persistence is no exception, but rather one of the most confirmed rules throughout the history of urbanism.

One of the most important factors for architectural expression and the urban image in this period, particularly after the Portuguese established themselves in Bassein in 1534, was the availability there of a pale stone which could be easily shaped, a limestone that is sometimes confused with marble. In fact, the local stone, a red/oxidised laterite, was immediately banned from the main sections of the most important buildings, although it was still used for masonry, large square stonework and as decorative elements on more modest buildings. In terms of a potential reform of the urban *traçado*, there is no merit in raising something if nothing is done to put something better in its place. It is also incomprehensible that outside the walls, where reforming work would be easier to introduce due to less density, the process of urbanisation should keep to organically and progressively established norms, some of which were of great importance as they led to the only three connec-

tions between the island and the mainland. In the first half of the sixteenth century, Portuguese urbanistic culture was neither so radical nor did it dictate urbanistic models which were so artificially opposed that they would lead to such extreme measures. The process was both less cerebral and lengthier.

The city continued to change, crystallising a synthesis of the cultures present into everyday architecture. According to descriptions and iconography, the typical house had two storeys and a yard, was built of mortar, covered with a tiled roof and often painted with water-based paints in tones of red and white. The fronts had windows protected by railings and jalousies; in the upper storey balconies these were in *muxarabi*-style. Polished oyster shells (*carepas*) fulfilled the role of glass³².

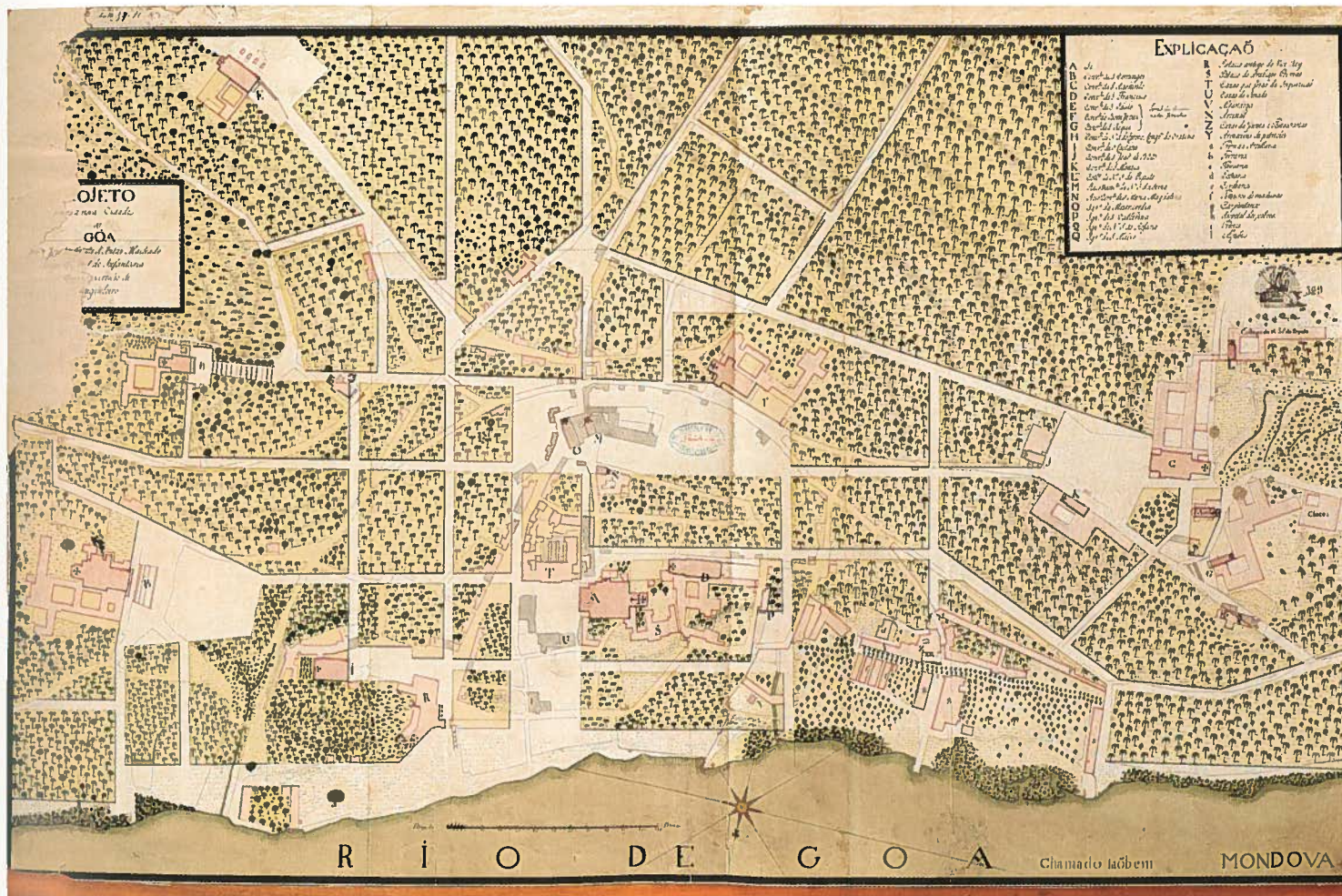
Using an system of phases which is impossible to define accurately, it can be concluded that the pre-existing structure was initially perfectly well accepted. There were then some basic changes in the buildings, the construction of new installations, and the occupation of gaps in the urban space contained inside the city walls. It is significant that the perimeter defined by the walls was kept to in terms of the whole urban space, with both its path and the concentric lines formed by some roads. In 1524, "...inside the wall of the city there is no

cuja radialidade alguns comentários de notoriedade tem suscitado, aos quais, aliás, não posso deixar de acrescentar que, com aquelas topografia e falta de ordenamento, de outra forma não poderia ter sido. Tal característica era especialmente acentuada pela existência – hoje apenas como vale entre as elevações de suporte à Nossa Senhora do Monte, a Santo Amaro, aos Carmelitas e ao conjunto oratoriano da Cruz dos Milagres – de uma linha de água, a «lagoa», radialmente apontada de sudeste à cidade, terminando bem próximo da sua primitiva

«Projecto para a nova Cidade de Gôa por José de Morais Antas Machado Sargento-mor de Infantaria com exercício de engenheiro», último quartel do século XVIII, GEAEM

muralha e ordenando ao longo das suas margens a Igreja da Trindade (a sudoeste e, ao que parece, erguida sobre as ruínas de um templo hindu), São Paulo, São Lázaro e São Tomé (a nordeste). Mais charco que «lagoa», este acidente natural em breve passou a ser um verdadeiro foco infeccioso da cidade. Por exemplo, foi ali que depois de morto foi deixado em decomposição um elefante, causando uma das primeiras e mais graves epidemias na cidade.

O crescimento para além do perímetro muralhado inicial também foi marcado,



space uncovered (...) and many live outside in the outskirts...”³³. One decade after the conquest, the walled city was completely full of buildings. This corroborates the idea that I have found and questions the most commonly held opinion, especially on the basis of the print from George Bráunio’s album, which to an untrained eye might give the idea of an empty city undergoing a systematised renovation³⁴. Outside the walls, a brief morphological analysis reveals an organic and even hasty urbanistic development whose radial form has led to some well-known comments. I must add that given the topography and the lack of organisation, this radial form was the only possible option. It was particularly strong due to the exis-

“Project for the new City of Goa by José de Morais Antas Machado, Chief Infantry Sergeant, serving as an engineer, last quarter of 18th century”, GEAEM

tence of a lagoon – now only visible as the valley between the elevations supporting Nossa Senhora do Monte, Santo Amaro, the Carmelitas and the Oratorian group of Cruz dos Milagres. This “lagoon” was radially oriented to the south-east of the city and ended very close to the original wall. The churches of Trindade (to the south-west and apparently built on the ruins of a Hindu temple), São Paulo, São Lázaro and São Tomé (to the north-east) are organised along this radial axis. More of a pond than a “lake”, this natural feature soon became a genuine well of infection for the city. It was there that a decomposing elephant was left after being killed, leading to one of the first and most serious epidemics in the city.

ou até eventualmente orientado, pela implantação de equipamentos religiosos, grande parte dos quais acentuando o efeito paisagístico dos pontos mais elevados: Igreja do Priorado do Rosário, Cruz dos Milagres (1608) com o seu escadório, Nossa Senhora do Monte, Agostinhos (1572), Nossa Senhora da Luz. No entanto, alguns dos mais influentes implantaram-se em baixo, característica topográfica que com maior rapidez catalisou a ocupação em redor. Assim aconteceu com os Dominicanos (1548), os Carmelitas (1607) e os dois principais núcleos jesuítas, São Paulo e Bom Jesus (1584), o último num largo desenvolvido frente a uma das portas da muralha orientada para o interior da ilha. Aliás, a caducidade da muralha cedo se anunciou, sendo aterrado o seu fosso e usados alguns dos seus tramos como paramentos de edifícios. Não deixa de ser significativo que em 1547, para glorificar D. João de Castro à data do regresso da campanha na qual descercou Diu, se tenha propositadamente aberto uma passagem «triumfal» na muralha. O próprio herói registou tal facto através da fundação de uma capela, São Martinho, frente à que Albuquerque erguera para comemorar a conquista da própria cidade. De facto, a cultura urbanística dos primeiros vice-reis é claramente resultado da sua cultura humanista e da permanente tentativa de emulação dos imperadores romanos.

Growth outside the city walls was initially marked or even possibly oriented by the installation of religious establishments, most of which emphasised the impact of the landscape's highest points: the church of Priorado do Rosário, Cruz dos Milagres (1608) with its staircase, Nossa Senhora do Monte, Agostinhos (1572) and Nossa Senhora da Luz. However, some of the most important set up lower down, a topographical feature that had a faster impact in terms of occupation of the surrounding space. Such was the case of the Dominicans (1548), the Carmelites (1607) and the two main Jesuit centres, São Paulo and Bom Jesus (1584). The latter of these was built in a large square facing one of the gates in the city wall facing inwards to the island. In fact, the wall's purpose was soon apparent, as the ditch was filled in and some of its sections used as walls for other buildings. It is most significant that in 1547, a *triumphal* opening was made in the wall to celebrate the victorious return of D. João de Castro after his successful campaign to lift the siege of Diu. Castro himself celebrated by building a chapel (São Martinho) opposite the one that Albuquerque had built to celebrate the conquest of Goa. In fact, the urbanistic culture of the first viceroys is clearly the result of their humanist culture and the permanent effort to emulate the Roman emperors.

Elemento fundamental da articulação entre a Ribeira, a cidade (intramuros e extramuros) e o *hinterland*, para além de único eixo estruturador da cidade, era a Rua Direita, também designada por Rua dos Leilões. Pela toponímia faz-se de imediato uma ideia da sua importância e conteúdos funcionais, não deixando de ser significativo o facto de hoje ser uma das raras persistências da desaparecida urbe. Palco principal da vida goesa, foi celebrizada por todos os cronistas e viajantes que dela nos dão informações detalhadas, em especial no que diz respeito àquilo que lá acontecia³⁵. Partia do terreiro do cais principal, altaneiramente dominado pelo Paço dos Vice-Reis e onde se situavam a Alfândega, o Peso e muitas outras dependências portuárias, entrando no perímetro muralhado pela Porta da Ribeira que, em 1597, após o quase integral desaparecimento desses muros, veio a ser transformada numa entrada triunfal sob os renovados salões do Paço, o Arco dos Vice-Reis, comemorando-se assim o primeiro centenário da viagem de Vasco da Gama³⁶. Transposto o arco, surgia de imediato a nascente o amplo largo fronteiro ao antigo Castelo do Sabaio, o Terreiro do Paço, o logradouro público do Paço dos Vice-Reis. Fronteiro ao Paço encontrava-se o edifício do Tribunal da Relação. Ao fundo, no limite nascente, sobre as já obliteradas muralhas, em pleno século XVII implantou-se o convento e a

In addition to being the only structuring axis of the city, an essential element in the articulation between the riverside, the city (both inside and outside) and the hinterland was Rua Direita, also known as Rua dos Leilões (Auction Road). The importance and functional role of this road is immediately apparent from the name, while it is equally significant that it is one of the rare names to have survived from the now lost city. The centre of Goan life, it was recorded by all chroniclers and visitors, who provide detailed information especially on events that took place there³⁵. It started at the land end terrace/open space** of the main quay, haughtily overlooked by the viceroys' residence and where the customs office, the weights and measures section and many other port services were concentrated. It then passed through the Porta da Ribeira into the walled city. In 1597, after the almost total disappearance of the walls, that gate would be transformed into a triumphal entrance – the Arco dos Vice-Reis – under the renovated palace rooms to commemorate the first centenary of Vasco da Gama's voyage³⁶. Having passed through this gateway, the spacious *largo* outside the former Castle of the Sabaio (which was then the Paço dos Vice-Reis, or viceroys' palace) was immediately on the east side. Opposite this lay the building holding the Upper Court of Justice. The monas-

igreja teatina de São Caetano, indubitavelmente o mais resplandecente templo cristão do território goês. Prosseguindo na Rua Direita, a meio, duas curtas ruas cruzando a poente faziam a ligação com o Terreiro do Sabaio, o largo para o qual davam a Inquisição (sul), a Sé (poente), a Casa da Câmara (norte) e o Estanco Real dos Tabacos (norte), descortinando-se ainda no ângulo noroeste, por trás de um (sub)largo próprio, o Paço do Arcebispo. Não só pelas funções ali implantadas, mas pela imponência de edifícios como a sede arquiépiscopal e, em especial, o antigo Palácio do Sultão, agora reformado em Paço da Inquisição, este largo era o mais monumental e solene espaço urbano da cidade, ainda que de diminutas dimensões. Prosseguindo a sua marcha ascendente para sul, a Rua Direita desem-

bocava num outro largo onde estavam implantadas as diversas dependências da Misericórdia e a Igreja de Nossa Senhora da Serra. Se a primeira apenas chegou a ter uma pequena capela, a segunda, fundada

tery and Theatine church of São Caetano appeared at the

end on the eastern side, on the site of the walls, which fell in the seventeenth century. This was without doubt the most resplendent Christian church in Goan territory. Continuing along Rua Direita, half way down, two short roads lead to the west and connect to Terreiro do Sabaio, the largo which had the Inquisition on the south side, the cathedral on the west, the Casa da Câmara (City Council) on the north and the Royal Tobacco Customs Office also on the north. The north-west corner behind its own sub-square, reveals the Archbishop's palace. Due partly to the functions, but also to the scale of buildings like the centre of the archbishopric and especially the former sultan's palace (taken over by the Inquisition), this largo was the most awe-inspiring and solemn urban space in the city, albeit of minimal size. Continuing upwards to the south, Rua Direita opens into another largo which housed several services of the Misericórdia and the church of Nossa Senhora da Serra. If the former had only a small chapel, the latter, which was founded in 1513 by D. Afonso de Albuquerque to fulfil a vow made when in a difficult situati-

em 1513 por D. Afonso de Albuquerque no cumprimento de um voto feito em ocasião de apuro no mar Vermelho, veio a adquirir alguma notoriedade, servindo durante meio século de panteão ao próprio fundador. De grande interesse é o facto de o templo ter sido implantado sobre a porta principal da muralha muçulmana, sendo por isso dotado de uma torre que em caso de necessidade podia ser usada como infra-estrutura defensiva (Fonseca, 1878, p. 245). Curiosa foi também a construção, nas traseiras, de quarenta e oito boticas – um «fórum», como refere Rafael Moreira (1995, p. 192), ou um «bazar, built in the form of a cloister», na opinião de Kloguen (1831, p. 58), ao qual, apesar de tudo, faltava correspondente desenho urbano – cujo rendimento revertia para esta igreja. No prolongamento da Rua Direita, ultrapassada a muralha, encontrava-se de imediato um importante cruzamento de sete ruas, o Largo do Pelourinho Velho. O topónimo define uma das funções daquele espaço,

Goa. A «colina sagrada» vista do Mandovi com a Igreja do Priorado do Rosário em primeiro plano



Goa. The "sacred hill" seen from the Mandovi with the church of the Priorado do Rosário in the foreground

on on the Red Sea, became relatively famous as for fifty years it was the pantheon for its founder. The church is of particular interest as it was built on the site of the main gate of the Muslim wall and thus had a tower which, if necessary, could be used as a defensive infrastructure (Fonseca, 1878, p. 245). Another point of interest was the construction behind this of 48 shops – a "forum" as Rafael Moreira calls it (1995, p. 192) or a "bazaar, built in the form of a cloister", in the opinion of Kloguen (1831, p. 58) whose income reverted in favour of the church. However, it had no corresponding *traçado*. The continuation of Rua Direita, having passed the wall, immediately met a major crossing of seven streets at the largo of the Old Pillory. The name defines the largo's function. It had a common court, a guardhouse and the slaughterhouse right next to the bazaar. It was there that an important fruit and vegetable market was held during the day, while at night it was the *baratilha* – a mixture of flea market and market for stolen goods. Heading south, now almost at the foot of a steeper hill, the road reaches the Pelourinho Novo largo, where the pillory was later moved. It still has the equipment menti-

onde em redor se implantaram o tribunal comum, a casa da guarda e o açougue, este contíguo ao dito «bazar». Ali se realizava, de dia, um importante mercado de frutas e vegetais, e, de noite, a *baratilha*, um misto de «feira da ladra» e de mercado de artigos furtados. Prosseguindo para sul, pouco depois e já no sopé de uma elevação mais acentuada, encontrava-se o sítio para onde mais tarde foi transferido o pelourinho, o Largo do Pelourinho Novo, que ainda hoje existe com o equipamento e numa situação de encruzilhada. Continuando, ao fim da acentuada subida designada por Rua da Luz, deparávamo-nos com outro amplo largo, desta vez urbanisticamente organizado em função da Igreja de Nossa Senhora da Luz. A partir deste ponto o espaço urbano rarefazia-se dando lugar ao mundo rural.

Não sendo aqui possível uma descrição exaustiva da cidade, penso, no entanto, já estarem caracterizados os seus aspectos urbanísticos essenciais. Não deixa de ser importante fazer notar como na sua quase totalidade os equipamentos religiosos se implantaram fora do original perímetro muralhado, organizados essencialmente em função de dois acidentes orográficos: os da «lagoa» e elevações que a conformam, que já listei; os da «colina sagrada», limitada pelo afluente Benguenim e primeira no campo de visão de quem sobe o Mandovi – Nossa

Senhora do Rosário, Agostinhos, São Paulo-o-Novo, Santa Mónica, Santo António e São João. Grande parte destes equipamentos foram erguidos ou consideravelmente renovados no período da Contra-Reforma, tendo sido marcante o papel do arcebispo D. Frei Aleixo de Meneses. Em grande parte, a ele, qual Sisto V, se deve o programa monumental da tão exageradamente propagada «Roma do Oriente». De facto, mercê da sua boa cotação junto da corte filipina e do concomitante poder efectivo e formal que a nomeação como arcebispo (1594) e ainda como vice-rei da Índia lhe acarretaram³⁷, este prelado conseguiu libertar meios suficientes para produzir uma animação paisagístico-urbanística já de esboço barroco na capital do Estado da Índia Portuguesa. Como no território europeu, o aumento de escala e de esplendor da arquitectura religiosa era entendido como um elemento essencial no combate à heresia que, para além do mais, aqui dispunha de arquitecturas de grande impacto e qualidade. Ainda hoje é esse programa arquitectónico que primeiro descortina entre o denso palmeiral quem sobe o Mandovi demandando Goa. Para o integral cumprimento do modelo faltou – ao arcebispo, ao Senado da Câmara, ao Tesouro?... – expediente intelectual ou meios materiais que possibilitassem uma conveniente infra-estruturação geral e a sistematização de traçados

oned at a crossroads. At the end of a steep climb called Rua da Luz, one arrives at a major *largo* which is urbanistically organised around the church of Nossa Senhora da Luz. From here onwards, the urban space became sparser and was replaced by the rural world.

Although an exhaustive description of the city is not possible here, I feel that the essential urbanistic elements have now been characterised. It is very important to stress that almost all the religious premises established themselves outside the original walled area and were organised essentially along two orographical features: first, the “lagoon” and the hills that surround it; secondly, the “sacred mount” defined by the Benguenim tributary and the first to be seen by those who go up the Mandovi – Nossa Senhora do Rosário, Agostinhos, São Paulo-o-Novo, Santa Mónica, Santo António and São João. Many of these establishments were built or underwent considerable renovations during the Counter-Reformation. The role played Archbishop D. Frei Aleixo de Meneses was decisive in this work. Largely due to him, like another Sixtus V, was the monumental programme which was so exaggeratedly bandied about as the “Rome of the Orient”. In fact, thanks to his influence at the court of King Philip II and the resulting effective and formal power from his appointment as Archbishop (1594)

and as viceroy of India³⁷, this prelate managed to find enough means to produce a group of baroque style work in the capital of the Portuguese State of India’s urban landscape. As in European territory, the growth in scale and splendour of religious architecture was seen as an essential element in the fight against heresy which, apart from anything else, also had architecture of great quality and impact. Even today, it is this architectural programme which first appears among the dense palms seen by those heading up the Mandovi in search of Goa. All that was lacking (for the archbishop, the Senate of the Council or the Treasury?) to complete this model was the intellectual knowledge or the material means to permit the suitable general creation of infrastructures and the systematisation of *traçados* within a rational articulation of the main elements of urbanistic importance. Only by the Ribeira (the waterfront) did an incipient regularity show any concern with the previous conception of urban space. Yet even this was unable to meet the rigour and monumental status demanded by classical culture.

To balance this, organic organisation, sensitivity to the landscape and the application of a series of traditional rather than empirical rules subsisted. These had the real effect of monumentalising the space and the urban lands-

numa articulação racionalista dos principais elementos com relevo urbanístico. Só junto à Ribeira uma incipiente regularidade revela preocupações de pré-concepção do espaço urbano, frustes no que diz respeito ao cumprimento em rigor e monumentalidade exigidos pela cultura clássica.

Em contrapartida, subsistiram a organicidade, a sensibilidade paisagística e a aplicação de uma série de regras que não diria empíricas, mas tradicionais, que de facto monumentalizaram o espaço e a paisagem urbana. A importância da rua como geradora de cidade, da qual (de)pendiam largos que não tardaram a reformar-se em praças. Nestes, os poderes e equipamentos urbanos tradicionais (Câmara, Misericórdia, igreja, açougue, pelourinho) definiam hierarquias, aqui grandemente ofuscadas por outros cuja simultaneidade é menos comum (vice-rei, arcebispo, dependências fiscais e portuárias, etc.) e que rivalizaram no aproveitamento das mais importantes estruturas preexistentes. Ainda acerca das ruas, veja-se como a toponímia (p. e. em Moreira, 1995) confirma umas quantas notícias acerca da distribuição corporativa das ruas secundárias. Todo o processo revela, aliás, a mais marcante das características portuguesas da transformação espacial: o pragmatismo. É bem conhecida a aplicação a Goa de todas as regras, regimentos,

cape. The street was important as a creator of the city, as a place where *largos* soon developed into squares. In these, the traditional urban establishments and powers (the City Council, Misericórdia, church, slaughterhouse and pillory) defined hierarchies but were mainly obscured by others whose appearance was less common (the viceroy, archbishop, tax and port offices, etc.) and which rivalled them in their use of the most important pre-existing structures. Still on the subject of roads, the toponymy (e.g., Moreira, 1995) confirms some of the reports on the corporate distribution of secondary roads. The entire process reveals the strongest Portuguese characteristic of spatial transformation: pragmatism. It is well known that all the rules, regulations, orders and privileges that were in effect in Lisbon were also applied to Goa. In fact, in the whole Portuguese world, no two cities ever had so much in common, in that they complemented each other within the Empire's functional system. As in Lisbon, rather than imposing a system or altering new urban establishments, it was the gradual standardisation of everyday architecture³⁸ that gave Goa its Portuguese character. Yet in terms of the basic infrastructures that humanist ideals demanded for a city of that stature, the capital of the Portuguese Orient had fewer even than those of its eventual model. There was

ordenações e privilégios comuns a Lisboa. De facto, em todo o universo português nunca duas cidades tiveram simultaneamente em comum tanta coisa, ou não fossem no sistema do Império funcionalmente o complemento uma da outra. Tal como em Lisboa, mais do que a sistematização ou reforma de novos equipamentos urbanos, foi a gradual uniformização da arquitectura corrente³⁸ que dotou Goa de uma unidade «à portuguesa». Mas ainda menos que no seu eventual modelo, a capital do Oriente português não foi dotada das infra-estruturas mínimas que os ideais humanistas exigiam a uma urbe com tal estatuto. O abastecimento público de água era inexistente, recorrendo-se aos infectos charcos e a poços não menos contaminados no fundo dos logradouros. Acresça-se-lhe a total inexistência de sistemas de recolha de esgotos ou lixos ou até do cumprimento das mais rudimentares regras cívicas no seu despejo. Largos, praças, ruas principais e a própria margem fluvial rivalizavam em matéria de imundície.

Segundo a maior parte dos autores, se tivermos em conta o que a cidade era no final do século XVI, todo o processo de aportuguesamento de Goa se deu num longo prenúncio de declínio. À inevitável quebra de laços territoriais e, assim, também comerciais, motivada pela conquista portuguesa, juntou-se a queda em 1565 da capital

no public water supply, making the people use infected pools and equally contaminated wells at the base of the cliffs. There was a complete absence of any system of collecting rubbish or even of meeting the most rudimentary civic rules governing its disposal. *Largos*, squares, main roads and the river bank itself rivalled each other in terms of filth.

According to most authors, considering the state of the city at the end of the sixteenth century, the entire process of Portuguese transformation of Goa took place in a drawn out atmosphere of decline. The inevitable destruction of territorial ties and thereafter commercial ties resulting from the Portuguese conquest combined with the fall in 1565 of the Hindu capital of Vijayanagar to the Muslim sovereigns of Bijapur. They then went on to conquer the rest of the territory in 1614 and thereby gained hegemony in the Deccan. When that city fell, the siege of Goa was immediately predicted. This duly happened in 1570, when an extensive defensive system with bastions had been set up to the east of the city and along the edge of the island and to the south-south-east, "So that this wall be a league and a half long with many bastions and then the Island of Goa will be very strong and can be defended" ("Livro das Cidades...", p. 16). Inside this system, the rural area was greater than the urban,

do reino hindu de Vijayanagar nas mãos dos soberanos muçulmanos de Bijapur, seguida da conquista do restante território pelos mesmos em 1614, que assim alcançaram hegemonia no Decão. Com a queda daquela cidade de imediato se adivinhou o cerco a Goa que em 1570 se concretizaria, sendo construído um extenso sistema defensivo abaluartado em torno da cidade, a leste, pelo limite da ilha, e a sul-sudoeste: «De sorte que teraa este muro lagoa e mea de cumprido cõ muytos baluartes com que fica a Ilha de Goa muito forte e defensavel» («Livro das Cidades...», p. 16). No seu interior

a área rural era superior à urbana, percebendo-se uma pragmática conjugação entre o mais aconselhável traçado defensivo e a criação de uma reserva de crescimento urbano³⁹. Medida preventiva inte-

suggesting a pragmatic combination of the most advisable defensive line with the creation of a space for urban growth.³⁹ A wise preventive measure, but one which, on this particular occasion, would prove to be useless. Approximately one decade later, as shown in the previous chapter, peace would bring another fleeting period of prosperity, but not before the Dutch had attacked the same Portuguese capital of the Orient. However, demographic growth was com-

ligente, mas que, neste aspecto peculiar, a realidade viria a revelar inútil. Cerca de uma década depois, como vimos no capítulo anterior, o estabelecimento da paz traria mais um ilusório período de prosperidade económica que terminaria abruptamente com a perda de Ormuz em 1622, não sem antes os Holandeses atacarem a própria capital portuguesa do Oriente. No entanto, ao crescimento demográfico correspondia o acumular de problemas infra-estruturais que uma má implantação tornava difíceis de resolver e aos quais a governação, face a outros interesses e preocupações, não dava resposta⁴⁰.

Goa, vista do Mandovi com a Igreja dos Caetanos em primeiro plano



Goa seen from the Mandovi with the church of the Caetanos in the foreground

Goa, para o bem e para o mal cidade formalmente e eclecticamente manuelina⁴¹, não fora dotada pela Natureza e pelos homens de condições para se manter no espaço como a lenda a perpetua no tempo.

Goa, which was for better and worse, a formally and eclectically Manueline⁴¹ city, had not been gifted by nature or by man with the conditions to maintain itself in space in the same way its legend has perpetuated over time.

Notas

²⁹ Para uma percepção do que era Goa (território e cidade) é fundamental a obra de Teotónio de Souza (1978), em especial o capítulo V (pp. 103-124). Para uma visão mais geográfica e acerca do final da presença portuguesa, ver Raquel Soeiro de Brito (1966).

³⁰ Para uma leitura sumária desta problemática ver AA.VV., 1994b, e ainda «Goa: uma sociedade luso-indiana», in Thomaz, 1994, pp. 245-289.

³¹ São vários os estudos descritivos dignos de crédito. Por razões de ordem logística (acesso), para além de Souza (1978) – ver nota 28 – uso fundamentalmente as obras de J. Nicolau da Fonseca (1878), do Padre Gabriel de Saldanha (1898), de A. Lopes Mendes (1886) e de Germano da Silva Correia (1931), que, por terem resultado de uma acareação atenta entre as fontes (arquivísticas e de cronistas como João de Barros, Diogo do Couto, Gaspar Correia, Linschoten, Della Valle e Laval) e os vestígios que no seu tempo eram bem mais e maiores parecem merecer a maior confiança. Também Boies Penrose teve igual cuidado, apesar de pouco mais ter podido ver no terreno que eu próprio.

³² Em especial nestas questões da arquitectura civil, mas também para a globalidade das questões do espaço edificado goês é fundamental a obra de Helder Carita (1995). No que diz respeito à cor, segundo informação verbal desse investigador, os cores que hoje encontramos terão surgido tardiamente e por influência estranha.

³³ Carta de 30 de Outubro de 1524 da Câmara de Goa ao rei citada por Moreira (1995, p. 181, nota 10).

³⁴ As gravuras publicadas por Braúnio, que com alguma profundidade estudei noutros trabalhos (Lisboa e Coimbra, p. e.), revelam a mais absoluta falta de proporção e rigor topográfico, sendo assim totalmente desprovidas de valor como fonte para a história do urbanismo. O caso de Diu é a mais imediata e melhor prova do que acabo de afirmar. Como se sabe as gravuras eram abertas a partir de desenhos remetidos dos locais, por vezes em segunda e terceira mão, após alguma normalização dos processos de representação, sendo comum o desmesurado exagero dos espaços públicos ao ar livre em detrimento das massas edificadas.

³⁵ Linschoten (1596) deixou-nos a melhor das descrições e representações iconográficas desta rua.

³⁶ Ver, de Rafael Moreira, «A primeira comemoração – O Arco dos Vice-Reis», in AA.VV., 1994b, pp. 156-160. Trata-se de uma obra realizada pelo arquitecto da Catedral e da Igreja do Bom Jesus (entre outras), Júlio Simão. Devo, no entanto, ao Dr. Paulo Varela Gomes a percepção correcta do conjunto Arco/Paço que, aliás, em breve tornará pública de forma detalhada e documentada.

³⁷ Trata-se, na realidade, de uma personagem ainda muito mal estudada. Para além de aio de D. Sebastião e dos cargos na Índia, como arcebispo resignatário de Goa, foi ainda primaz de Braga (1612), presidente do Conselho de Portugal em Madrid e ainda vice-rei de Portugal em Lisboa entre 1614 e 1615.

³⁸ Helder Carita (1990, *O Bairro Alto – Tipologias e Modos Arquitectónicos*, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, 1994, e «O Bairro Alto e a legislação urbana para Lisboa no séc. XVI e XVII», in *Lisboa Iluminista e o seu Tempo*, Colóquio, comunicação dactilografada, Universidade Autónoma, Lisboa, 1994, entre outros) tem vindo a pôr em destaque a existência precoce de um corpo de normativas urbanísticas. Ver também a nota 9 e o que a motivou.

³⁹ É a segunda vez que me deparo com uma situação destas. Em Lisboa, ao longo dos reinados que vão de D. João IV a D. José, houve preocupação idêntica, mas que, perante uma menor necessidade, apenas numa pequena parte se concretizou (ver Walter Rossa, *Além da Baixa – Indícios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista*, 2 vols., dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1990 (no prelo pelo IPPAR), e «Episódios da evolução urbana de Lisboa entre a Restauração e as Invasões Francesas», in *Rassegna*, Editrice CIPIA srl, Bologna, Setembro de 1994, n.º 59, vol./ano XVI, pp. 28-43).

⁴⁰ Como exemplos avanço sumariamente e apenas com dois itens de sinal oposto: o risco em que permanentemente se encontravam as possessões no Oriente; o programa de monumentalização à romana/contra-reformista que atrás sumariei.

⁴¹ Este rótulo deve ser enquadrado naquilo que é o meu entendimento do reformismo urbano do período (Rossa, 1995 e 1996), ao qual, aliás, tenho vindo a fazer frequentes referências.

Notes

²⁹ Teotónio de Souza (1978) is essential reading for a vision of what comprised Goa (city and territory). Chapter V (pp. 103-124) is of special relevance. A more geographical approach from the end of the Portuguese presence can be found in Raquel Soeiro de Brito (1966).

³⁰ For a brief view of this problem, see Various Authors, 1994b, and also "Goa: uma sociedade luso-indiana", by Thomaz, 1994, pp. 245-289.

³¹ There are several descriptive studies worthy of mention. For logistical reasons (ease of access), in addition to Souza (1978) – see note 28 – I have basically used J. Nicolau da Fonseca (1878), Padre Gabriel de Saldanha (1898), A. Lopes Mendes (1886) and Germano da Silva Correia (1931) as they were the result of an attentive examination of the archival sources and chronicles (such as those by João de Barros, Diogo do Couto, Gaspar Correia, Linschoten, Della Valle, Laval) and of the traces that were both more and better in their days. As such, they seemed to merit great confidence. Boies Penrose was equally careful, although he can have seen little more than I did of the sites themselves.

³² The work of Helder Carita (1995) is fundamental for all questions of constructed space in Goa and especially issues of civil architecture. According to comments made by Helder Carita on the question of the colours used, the ochre found today were a late arrival from a strange source.

³³ Letter of 30 October 1524 from Goa City Council to the king. Cited by Moreira (1995, p. 181, note 10).

³⁴ The prints published by Braúnio, which I studied in greater detail elsewhere (Lisbon and Coimbra, for example), reveal the complete lack of proportion and topographical accuracy, thus making them totally worthless as a source for the history of urbanism. The case of Diu is the closest and best proof of what I stated above. As is known, these prints were based on drawings made by the local inhabitants, sometimes at second or third hand, and then subject to some process of standardisation before printing. One common feature was the exaggeration of open public spaces to the detriment of built-up areas.

³⁵ Linschoten (1596) contains the best descriptions and iconographical references of this road.

³⁶ See Rafael Moreira, "A primeira comemoração – O Arco dos Vice-Reis" (Various Authors, 1994b, pp. 156-160). This was designed, among others by Júlio Simão, the architect of the cathedral and the Bom Jesus church. I owe the correct interpretation of the group comprising the arch and palace to Dr. Paulo Varela Gomes, who will soon publish this in detailed and documented form.

³⁷ This figure is still awaiting serious study. In addition to being King Sebastião's tutor and his posts in India as retiring archbishop of Goa, he was also the primate of Braga (1612), president of the Council of Portugal in Madrid and even viceroy of Portugal in Lisbon from 1614 to 1615.

³⁸ Helder Carita (1990, *O Bairro Alto – Tipologia e Modelos Arquitectónicos*, Câmara Municipal de Lisboa, Lisbon, 1994, and "O Bairro Alto e a legislação urbana para Lisboa no séc. XVI e XVII", in *Lisboa Iluminista e o seu Tempo*, Colóquio, typescript of a lecture given at the Universidade Autónoma, Lisbon, 1994, among others) has highlighted the early existence of a body of urbanistic norms. See also note 9 and the respective section in the text.

³⁹ This is the second time that I have come across a situation like this. In Lisbon, throughout the reigns from João IV to D. José, there was identical concern. However, as there was less need for this system, only a smaller part was created (see Walter Rossa, *Além da Baixa – Indícios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista*, 2 vols., master's dissertation presented at the Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisbon, 1990 (currently being printed by IPPAR) and "Episódios da evolução urbana de Lisboa entre a Restauração e as Invasões Francesas", in *Rassegna*, Editrice CIPIA srl, Bologna, September 1994, n.º 59, vol. XVI, pp. 28-43).

⁴⁰ Merely as brief examples, the following are two opposite issues: the threat that the possessions in the Orient were constantly under and the programme of monumental construction in the Roman/counter-reformation style summarised above.

⁴¹ This label should be contextualised within what I believe to be the urban reformism of that period (Rossa, 1995 and 1996), as I have frequently referred. ** Translator's note: This proper name for this peculiarly Iberian concept of an open space was a largo.



Mantendo-se a ordem cronológica, cabe agora a vez para a história do urbanismo pois, perdoe-se a eventual boçalidade da expressão, Chaul é uma espécie de prova dos nove daquilo que eram os meios e a cultura urbanística de quem tinha o poder de urbanizar o Estado da Índia Portuguesa. Por isso são para nós fundamentais os contextos da sua evolução urbanística.

Uma vez mais nos encontramos na foz de um rio cuja navegabilidade permitia trazer do interior produtos de grande potencial comercial. Por outro lado, a sua posição na orla marítima, a meio caminho entre as especiarias do Malabar e as riquezas de Cambaia que ali eram permutadas, tornava desejável o seu controlo militar, até porque as características geográficas permitiam o estabelecimento de um eficaz sistema defensivo.

Caprichosamente o rio entrega-se ao mar através de um «sifão». No interior da curva, num raso de praia aberto a sul, era possível implantar a feitoria e a fortaleza. Na outra margem, sobre o morro/istmo (Kôrlê) que obriga o rio a lançar-se no mar segundo a direcção sudeste-noroeste, aconselhava-se a instalação de um forte, pois não só permitiria cruzar fogos como impediria que dali se alvejasse impunemente a feitoria.

Chaul

nado pelo de Goa e que tinha como principal tarefa a aquisição de bens para aquela cidade.

Following the chronological order, the next city was Chaul. Important at several different levels, it is also important in terms of the history of urbanism. If you will excuse the poor expression, Chaul was a sort of proof of the urbanistic means and culture of those who held the power to urbanise the Portuguese State of India. This explains why the context of its urbanistic evolution are absolutely fundamental.

Once again, we are at the mouth of a river whose navigability means that products with great commercial potential could be brought there. Equally, its position on the sea coast half way between the spices of Malabar and the riches of Cambay (which were exchanged in Chaul) made military control desirable. To further facilitate matters, the geography allowed for the establishment of an effective defensive system.

In rather capricious form, the river joins the sea through a "siphon". It was possible to establish a factory-house and a fortress on the inside of the curve, a flat beach which opened southwards. On the other side, up on the hill/isthmus (Kôrlê) which pushes the river into joining the sea in the direction south-east to north-west, a fort was also advisable as it would allow for crossfire and also impede any unopposed attack on the factory-house.

CHAUL

Upstream from the location where the Portuguese city was established (like Cochin, it was also at "a cannon shot away...", "Livro das Cidades...", p. 32) and after crossing a water course heading south-north, lay the "upper city" Chaul. According to some chronicles (Cunha, 1876, pp. 19 and 33), at the start of the sixteenth century, although it was fairly small and almost deserted during the monsoon months when navigation, trade and war were impractical, the city was well defended and had good quality buildings.

There was contact which did not always bring happy memories during the first years, when the Portuguese squadrons in the Indian Ocean were looking for a rapid end to Muslim naval power. Then, in April 1509, D. Francisco de Almeida, returning from a voyage started at the end of the previous year during which he destroyed a fleet of the Samorim of Calicut, brutally razed the city of Dâbul and destroyed the Turkish fleet off Diu, forced the Nizamaluco (sovereign of Chaul) to become a vassal of the king of Portugal. In addition to being an enormous step forward in the strategy, he also avenged the recent death of his son D. Lourenço in the waters of the port.

This was the context for the arrival of a royal representative (feitor) appointed by his counterpart in Goa. His principal

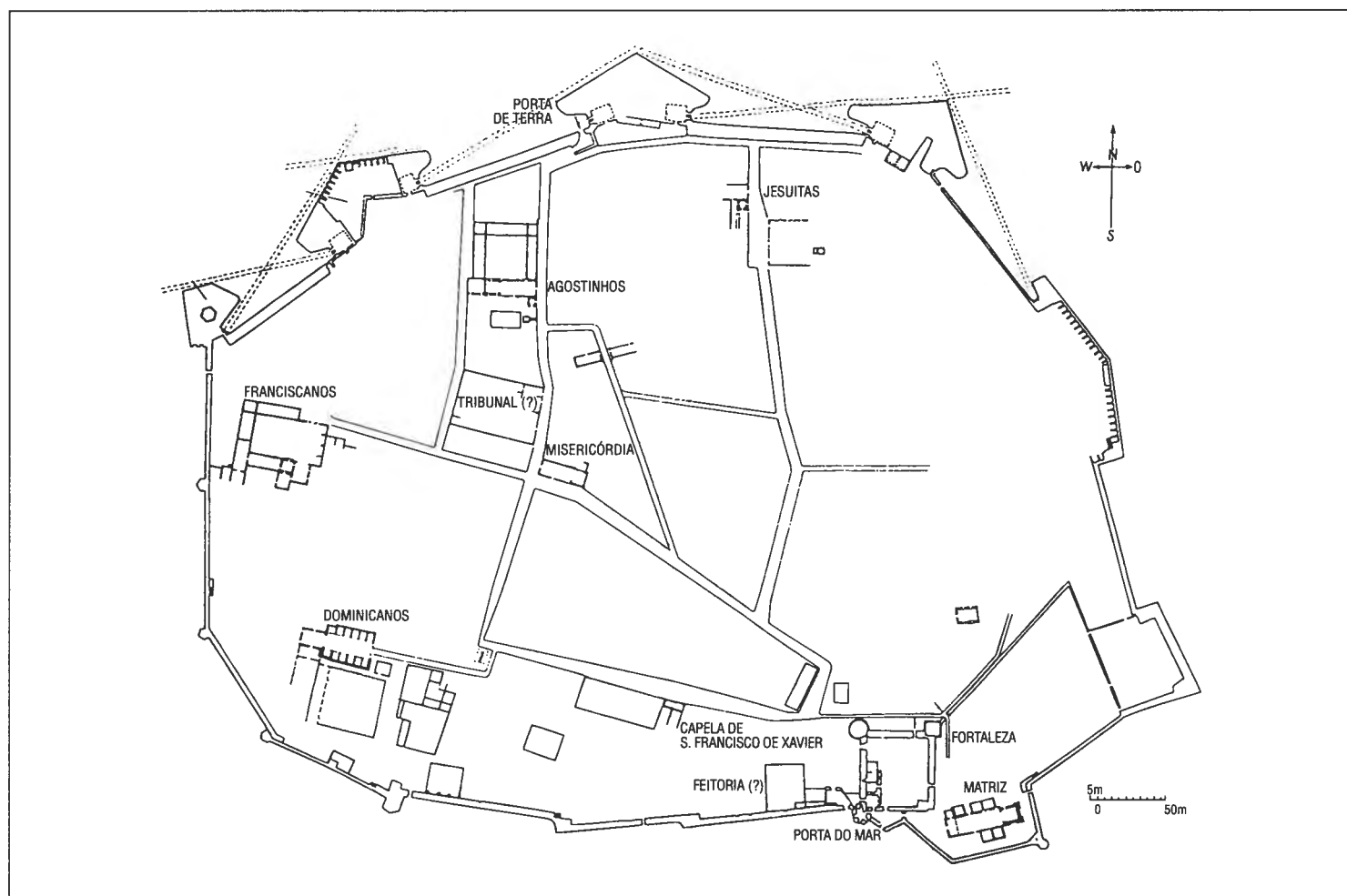
Só em 1516 se solicitou e obteve do Nizamaluco autorização para a instalação de uma feitoria e para o livre acesso ao porto. O modesto edifício foi erguido a jusante da cidade no sítio de Revadanda, topónimo hoje em uso para designar a «nossa» Chaul, a «de baixo». Decorridos cinco anos e, uma vez mais, tirando partido de perturbações no equilíbrio político local, obteve-se autorização para a construção de um forte. Em 1524, apesar do cerco imediatamente posto ao porto pela armada turca, o forte estava pronto. Entretanto, desde a instalação da feitoria que em

campo aberto se desenvolvia uma urbe que talvez tenha recebido um pequeno cerco provisório, provavelmente de madeira.

Nos anos seguintes, Chaul, além da sua intensa actividade comercial, desempenhou papel extremamente activo na luta permanente pela conquista aos muçulmanos da hegemonia marítima e comercial do Índico Norte. A partir de 1540 a pressão permanente da armada turca e do imprevisível humor do Nizamaluco

que nos acolhera quase deixou de se fazer sentir, mas em 1557, ao tomar conhe-

Chaul, estado actual com base no levantamento de Mitterwallner (1964)



task was to purchase goods for the other city. Only in 1516 did he request and obtain permission from the Nizamaluco to establish a factory-house and gain free access to the port. The modest building was built downstream from the city at a place called Revadanda, a name now used to mean Portuguese Chaul, the "lower" Chaul. Five years on and once again taking full advantage of trouble in the local balance of power, authorisation was obtained to build a fort. In 1524, despite the immediate siege laid on the port by the Turkish fleet, the fort was ready. Meanwhile, ever since the establishment of the factory-house in open land, an urban nucleus had developed that may have had a small temporary wall, probably made of wood.

Chaul. Current state based on Mitterwallner's survey (1964)

In the following years, apart from its intense trading activity, Chaul played an extremely active role in the permanent struggle to conquer maritime and commercial hegemony in the northern Indian Ocean from the Muslims. From 1540 onwards, the constant pressure from the Turkish fleet and the unpredictable mood-swings of the Nizamaluco (who had welcomed the Portuguese) almost made the enterprise disappear. But in 1557, when the governor heard of the Nizamaluco's death, he immediately saw that the peace was over and, as an urgent preventive measure, proposed that Kôrlê, the frontier hill be occupied and fortified. However, the new Nizamaluco was suspicious and refused, himself starting for-

cimento da morte daquele, o governador percebeu de imediato que a paz terminara e como medida preventiva urgente propôs a ocupação e a fortificação de Kôrlê, o morro fronteiro. Mas o novo Nizamaluco, desconfiado, recusou e iniciou, ele próprio, a fortificação. A intervenção do vice-rei interrompeu a construção e tudo, com excepção para a ideia, ficou como estava antes. Só em 1594, numa conjuntura completamente diversa e já com uma fortaleza muçulmana instalada, os Portugueses ganharam o morro num heróico assalto.

O factor de mudança deste estado de coisas surgiu após a queda do reino hindu de Vijayanagar com a aliança que os reinos muçulmanos estabeleceram entre si para expulsar da Índia os Portugueses. Simultâneo ao de Goa, Chaul sofreu em finais de 1570 um cerco. Até ao fim de Junho de 1571, combates e permanentes bombardeamentos deixaram a cidade quase arrasada. Celebrou-se então um tratado de paz. Para além da fortaleza tudo havia servido como baluarte – conventos, igrejas, casas particulares. Mas que cidade era esta? De todas as que aqui são abor-

Chaul, face poente da muralha dadas, Chaul é hoje aquela em que o estado



tification. The viceroy's intervention interrupted the construction work and apart from the idea, everything went back to normal. It was only in 1594, in a completely different context and when a Muslim fortress was already in existence, that the Portuguese won the hill in a heroic attack.

The change in this state of affairs came after the fall of the Hindu kingdom of Vijayanagar and the alliance between the Muslim kingdoms to rid India of the Portuguese. At the same time as Goa, Chaul was also besieged at the end of 1570. Until June 1571, skirmishes and constant bombardments left the city almost razed to the ground. Finally, a peace treaty was signed. In addition to the fortress, everything had been

Chaul, west face of the wall used as a bastion against the attacks, from the monasteries and churches to private houses.

Yet what exactly was this city? Of all those examined here, Chaul is the one that is the most obliterated, which makes it extremely difficult to decipher its urban structure. The most trustworthy weapon against the dense palm forest that now invades the place is a survey fortunately carried out by a German team (Mitterwallner, 1964) and published in German.

The small, square fort (called a *roqueta*) measuring some 2,500 square metres with turrets on three of its corners was located in the extreme south-south-east near the factory-house and the beach. The first Christian temple and

de obliteração/ruína é mais acentuado, dificultando ao extremo a decifração da sua estrutura urbana. O mais fiável recurso contra o denso palmeiral que a invade é o relatório do levantamento em boa hora efectuado por uma equipa alemã (Mitterwallner, 1964) publicado na língua de origem.

O forte, uma pequena roqueta de planta quadrada com cerca de 2500 metros quadrados com torreões em três dos cantos, foi implantado no extremo sul-sudeste, junto à feitoria e à praia. Só nos meados dos anos 30 se terá erguido um primeiro templo cristão, Nossa Senhora do Mar, a primeira matriz, sendo implantado junto ao ângulo sudeste do forte. Sucessivas reformas vieram a transformá-la num edifício de respeitável dimensão e qualidade arquitectónica, chegando a motivar o desaparecimento do quarto torreão do forte. A poente deste, atravessado um largo, encontrava-se a feitoria.

parish church, Nossa Senhora do Mar, was only built in the 1530's and was situated by the south-east corner of the fort. Successive alterations would turn it into a reasonably sized building of some architectural merit, even leading to the disappearance of the fort's fourth turret. To the west, on the other side of a *largo*, was the factory-house. The Franciscans' establishment was built at the same time as the parish church, which they ran.

They were followed in 1549 by the Dominicans. Both establishments, which were spacious, were located at the edge of the beach, between the west and south-west, thereby creating an opposite centre to the initial one. The Misericórdia, which was established at an early date, settled in the middle distance heading to the north. Every-



Simultânea à fundação da Matriz foi a instalação dos Franciscanos, que, aliás, faziam a sua gestão espiritual. Já em 1549 foi a vez dos Dominicanos. De consideráveis dimensões, ambos os conjuntos foram implantados bordejando a praia entre poente e sudoeste, estabelecendo assim um pólo oposto ao núcleo inicial. A Misericórdia, instituída bem cedo, acabou por se fixar, a meia distância, a norte. Tudo parece indicar, incluindo as descrições dos combates do cerco de 1570-1571, que, *grosso modo*, o perímetro da cidade era balizado por estes equi-

amentos urbanos: Matriz, forte, Dominicanos, Franciscanos e Misericórdia (no sentido dos ponteiros do relógio). O único largo que se consegue referenciar era o compreendido entre o forte e a feitoria, uma provável «Praça da Ribeira». Já no meio do espaço rural, a norte, haviam sido fundadas algumas igrejas, como a da Madre de Deus, por exemplo.

thing, including descriptions of the skirmishes during the 1570-71 siege, seems to suggest (*grosso modo*) that the city's perimeter was punctuated by these urban establishments – the parish church, the Dominicans, the Franciscans and the Misericórdia, (in clockwise order). The only *largo* recorded was the one between the fort and the factory-house, probably a “Praça da Ribeira” (waterfront square). In the centre of the rural space to the

north, some churches had been founded, such as that of Madre de Deus.

“Having lifted the sieges of Goa and Chaul and made the Idalcão and Nizamaluco vassals and tributaries of the crown of Portugal as they were before, they started to restore and rebuild the city of Chaul, which had been greatly damaged

«Alevantados os cercos de Goa e Chaul ficando o Hidalcaõ e Nizamaluco por uassallos e tributarios da Coroa de Portugal como dantes eraõ, se começou a restaurar e redificar a cidade de Chaul que ficou muy dãnificada e destruida dos imigos, o que se fez com tanta presteza e demaneira, que está hoje muito mais fermosa e muito mais pouada que dantes./A qual se começou a cercar de muro de pedra e cal, com seus baluartes á custa de huã imposição de hum por cento, que se para isso pós nas mercadorias, que importará treze ou quatorze Mil cruzados cadanno, com que está já [1582] muita parte della muito bem cercada» («Livro das Cidades...», p. 34). De acordo com uma inscrição, em 1577 toda a frente de praia, de noroeste a sudeste, estava encerrada por uma muralha ritmada com pequenos baluartes. A frente de terra poucos anos demoraria a ser murada, desta feita com o recurso aos clássicos baluartes de «orelhões». A Porta do Mar ficou inevitavelmente implantada como limite sul do largo, usufruindo da protecção directa do forte. A Porta da Terra ficou a norte, obviamente. Ambas são portas duplas em «sifão». Nada leva a admitir uma ligação clara – rectilínea ou sequer directa – entre uma e outra. As casas conventuais preexistentes reergueram-se mantendo os anteri-

and destroyed by the enemy. This was done with such speed and skill that it is now much more beautiful and populated than it was before. And they began to build a wall of stones and mortar around with its bastions and this was through a tax of one per cent which was put on the goods, and it is worth thirteen or fourteen thousand *cruzados* in each year, so that now [1582] a good part of it is well walled" ("Livro das Cidades...", p. 34). According to a stone inscription from 1577, the entire beach front from north-west to south-east was enclosed by a wall with small regularly-spaced bastions. The side facing the land was walled in a few years, this time using the classic bastions *de orelhões****. The Sea Gate was inevitably established as the southern end of the *largo*, benefiting from the direct protection of the fort. The Land Gate obviously faced north. Both were double gates in the form of a siphon****. There is nothing to suggest any clear connection between the two, be it rectilinear or direct. The existing monasteries were rebuilt, maintaining their previous urbanistic role and it seems more than likely that something similar happened with the remaining buildings.

*** Translator's note: The bastion stands out from the fortress and has a broadly arrowhead shape.

**** Translator's note: This form was similar to an elbow or S-bend.

ores partidos urbanísticos, sendo muito provável que com os restantes edifícios algo de semelhante se tenha passado. Mas o perímetro muralhado ampliava para mais do dobro a área anteriormente ocupada. Foi nesse espaço que, prolongada a rua que unia os Dominicanos à Misericórdia, se veio a instalar o tribunal e o convento agostinho (1587), pouco antes de se atingir a Porta da Terra. Numa paralela (?!) a nascente instalaram-se em 1580 os Jesuítas. Com esforçada excepção, para estas duas ruas e uma outra a poente – também servindo a casa agostinha e o tribunal – não é possível encontrar qualquer outra relação geométrica tendencialmente regularizante da malha urbana de Chaul. Como se pode verificar, a cidade rejuvenesceu com a destruição. No entanto, as estruturas urbanas preexistentes foram mantidas e na área de expansão não se pode dizer que tenham sido introduzidas novidades de vulto. Não é sequer possível identificar ou presumir uma única praça, não existe qualquer relação pré-desenhada entre a muralha e a cidade. Só a arquitectura deve ter mudado e com ela, de facto, a imagem urbana. Aos vários níveis do crescimento não correspondeu uma resposta urbanística racionalizada, isto apesar de tudo se desenrolar a partir das últimas décadas de Quinhentos.

However, the walled perimeter more than doubled the previously occupied area. It was in this space that, by extending the road linking the Dominicans to the Misericórdia, the court and the Augustinian monastery (1587) were established just inside the Land Gate. The Jesuits established themselves in Chaul in 1580 on a "parallel" (?) road to the east. With the risky exception of these two roads and another in the west – which also went to the Augustinians and the court – it is not possible to find any other remotely geometrical relationship in Chaul's urban mesh. As can be seen, the city was reborn out of destruction. However, the existing urban structures were maintained and no major novelties were brought into the expanded area. It is not even possible to identify or assume the existence of a single square and there was no pre-existing relation between the wall and the city. Only the architecture must have changed and with it, in fact, the urban appearance. At the several levels of growth, this did not correspond to a rationalised urbanistic response, despite happening from the last decades of the sixteenth century onwards.



Da mudança do «registo» manuelino para o joanino ficou para sempre uma daquelas questões cuja discussão apenas academicamente revela algum interesse: tivesse a escolha da capital definitiva do Estado da Índia Portuguesa sido retardada, seria Baçaim, a capital da Província do Norte, a escolhida. No enquadramento geral que inicialmente esbocei foram feitas algumas referências a esta cidade, bem como ao seu território, e, mais amplamente, à importância que o litoral norte do Hindustão Ocidental, a costa de Cambaia, tinha na estratégia colonial portuguesa a partir do segundo terço do século XVI. Por isso passemos de imediato à urbe⁴². Baçaim-cidade está implantada na ilha que lhe deu o nome, situada junto ao Índico para o qual se mostra no quadrante de nordeste, sendo banhada a sul e nascente pelo estuário de um rio⁴³. Defendida nos outros quadrantes por extensos pântanos salgados, tornava-se absolutamente inatingível na maré alta, pois um braço do rio abraçava-a por norte e poente. A cidade pode assim imaginar-se como uma quase ilha situada no extremo sul da ilha madrinha. Como ilha a considerarei.

Assaltada, tomada, arrasada e de imediato abandonada⁴⁴ em 1529 e 1533, já num complexo contexto de guerra e diplomacia com o sultão de Gujarat, Bahadur Shah, em torno da cedência de Diu, em

1534, a troco de paz, a cidade foi cedida ao rei português e com ela uma considerável faixa de território no litoral que, entre outros, incluía a célebre ilha da Elefanta, os territórios continentais de Agaçaim e Thana e a constelação de ilhas que, através de sucessivos açoreamentos, acabaram integrando a metrópole de Mumbai (Salsete, Colaba, Mahim, Matunga, Mazagão, Bandra, Bombaim)⁴⁵. Aquele facto abriu caminho à doação de terras àqueles que mais se distinguiam, nomeadamente fidalgos portugueses e alguns brâmanes de Goa. Este facto, já atrás referido e então novo no Oriente português, catalisou a instalação da sociedade aristocrata que para sempre caracterizou Baçaim e sulcou marcas profundas numa arquitectura civil cuidada e hoje totalmente desaparecida.

Até certo ponto o processo foi semelhante ao de Cochim. Após o imediato estabelecimento de uma pequena construção para arrecadação fiscal, em 1535 construiu-se uma feitoria cujos réditos permitiram manter a ocupação até um mais definitivo afastamento das tropas gujarates. Estes equipamentos, logicamente implantados no extremo este, junto ao cais (Ribeira), foram acompanhados do casario para os primeiros feitores e das igrejas (futuras paroquiais) de Nossa Senhora da Vida, logo em 1535, no centro urbano, e de

Baçaim

The change from the Manueline manner to the Joanine raised one of those questions of merely academic interest. If the definitive choice of capital for the Portuguese State of India had come later, would Bassein, the capital of the Northern Province, have been chosen? Some references were made to this city and its territory in the initial overall view, and more generally to the importance that the northern littoral of Western Hindustan, the Cambay coast, had for the Portuguese colonial strategy after the second third of the sixteenth century. Therefore, we will now concentrate on the city itself⁴².

The city of Bassein is located on the island of the same name and has its north-east side facing the Indian Ocean, while its south and east sides are bathed by the river estuary⁴³. As the other areas are protected by extensive salt-water swamps, the city was absolutely unreachable at high tide with one branch of the river encircling it to the north and the west. Thus, the city can almost be imagined as an island located at the extreme south of the mother island. I will consider it as an island.

There was an already complex background of war and diplomacy with the sultan of Gujarat, Bahadur Shah, over possession of Diu in 1534. Attacked, taken and immediately abandoned⁴⁴ in 1529 and 1533, in return for peace, the Por-

BASSEIN

tuguese gained the city of Bassein and a sizeable strip of coastal territory. This included, amongst others, the famous island of Elefanta, the mainland territories of Agaçaim and Thana and the cluster of islands which, through successive silting up, would come to form part of Mumbai (Salsete, Colaba, Mahim, Matunga, Mazagão, Bandra and Bombay).⁴⁵ This led to the land being granted to those who had most distinguished themselves, specifically Portuguese gentlemen and some Goan Brahmans. The latter act, mentioned above but a novelty in the Portuguese Orient, acted as a catalyst for the establishment of aristocratic society that was a permanent feature of Bassein and left deep marks on the carefully studied civil architecture which has now been completely lost.

Up to a point, the process was similar to that in Cochim. Following the immediate establishment of a small location for collecting taxes, a factory-house was built in 1535. The profits from this were sufficient to maintain the occupation until a more definitive expulsion by Gujarati troops. These establishments, which were logically set up in the extreme east next to the quay (called Ribeira), were accompanied by the construction of houses for the first representatives/agents (*feitores*) and churches (later parish churches) of Nossa Senhora da Vida, situated in the urban centre

São José, esta um pouco mais a poente e sobre o rio — apesar de erguida em 1547 e de posteriormente ter sido objecto de sucessivas reformas, esta igreja tem ainda algo de manuelino estampado na proeminente torre central da fachada. Ocupava-se assim, gradualmente e num processo reformista, a cidade preexistente. Tendo-se revelado insuficiente a tranqueira em madeira montada inicialmente, logo em 1536 foi decidida a construção de uma fortaleza sobre os vestígios da guzarate, adjacente ao primeiro templo cristão. Ficaria concluída três anos depois e ainda hoje é uma possante realidade. Ali se refugiavam os portugueses durante os frequentes e violentos ataques muçulmanos, em especial no decénio iniciado com a sua própria edificação. A cidade crescia lentamente e logo em 1540 se fundou a Misericórdia que, instalando-

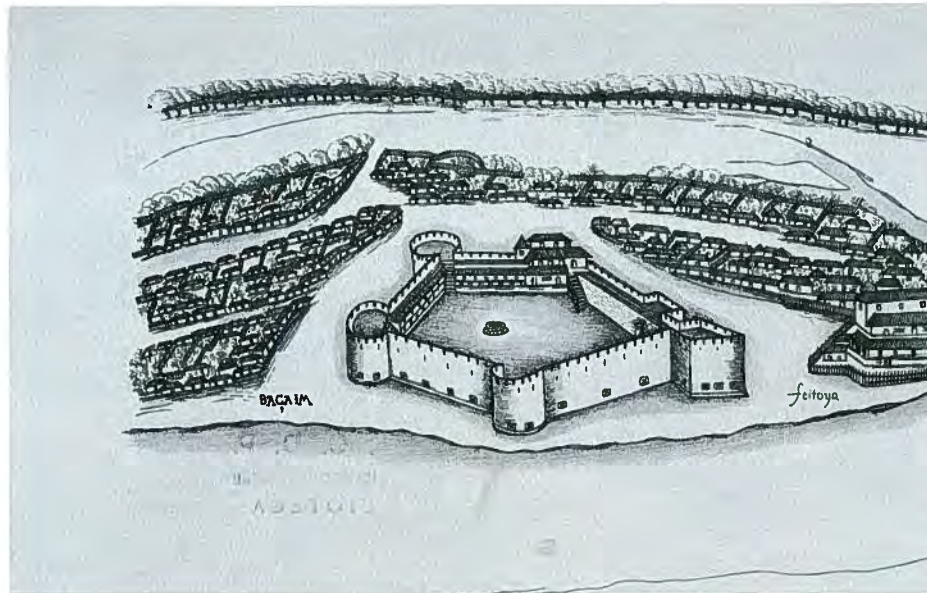
-se na paroquial de Nossa Senhora da Vida, de imediato e em frente ergueu um hospital, reforçando ainda mais a posse e a importância do centro preexistente. É ainda hoje legível

in 1535, and São José, situated a little further west and overlooking the river. Although this was built in 1547 and was later subjected to successive alterations, the church has some Manueline features imprinted on its dominant front central tower. The existing city was gradually occupied in a reforming manner. As the wooden stockade originally built in 1536 proved to be inadequate, it was decided to build a fortress adjacent to the first Christian church. It would be completed three years later, is still there and has maintained some of its splendour. This was where the Portuguese took refuge during the frequent violent Muslim attacks, particularly during the ten years following the building. The city grew slowly and the Misericórdia was founded in 1540, establishing itself in the parish church of Nossa Senhora da Vida. A hospital was built immediately opposite, which reinforced still further the power and importance of the pre-existing centre. The audacity of these decisions can still be read in stone. For example, in the version that substituted the precarious initial construction, probably an action by the Misericórdia immediately after

em pedra a temeridade destas decisões. Por exemplo, na versão que logo nos primeiros anos substituiu a precária instalação inicial, provável iniciativa da Misericórdia após a sua instituição, a igreja foi concebida por forma a que o seu paramento sul fosse um dos panos do forte. Assim, à importante entrada lateral norte, fronteira ao futuro hospital e dando para o largo principal da cidade, opõe-se uma outra aberta para o próprio recinto de refúgio muralhado.

Ao clero secular seguiu-se o regular e com eles a intolerância religiosa que teve como corolário a instalação da Inquisição em Goa no ano de 1560. Este aspecto teve especial importância em Baçaim, pois uma das disposições do tratado de cedência era a garantia por parte dos Portugueses da total liberdade de culto. À coexistência dos templos cristãos

Baçaim. Representação do forte e da cidade anterior à construção da muralha por Gaspar Correia, primeira metade do século XVI



Bassein. View of the fort and the city before the wall was built, by Gaspar Correia, 1st half of 16th century

com os hindus e muçulmanos na primeira década sucedeu a sistemática destruição dos últimos. Em 1547, contando-se já com a protecção do forte, os Franciscanos abri-

being founded, the church was designed in such a way that its southern wall was one of the supports

of the fort. Thus, the important north side entrance, which was adjacent to the future hospital and which led to the main largo

in the city, stands opposite another which opens into the shelter of the walled refuge.

The lay clergy were soon followed by the regular clergy. The resulting religious intolerance culminated in the arrival of the Inquisition in Goa in 1560. This was of crucial importance for Bassein, as one of the conditions in the treaty conceding the city was that the Portuguese would guarantee complete freedom of worship. The coexistence of Christian churches with Hindu and Muslim temples in the first decade was followed by the systematic destruction of the latter two. In 1547, now with the protection of the fort, the Franciscans opened a college in a modest building and started the construction of the monastery of Santo António next to it. These buildings were shared for some time with the Jesuits who, on their third visit (1549) under the leadership of St. Francis Xavier finally came to stay. The first

ram num modesto edifício um colégio, anexo ao qual se iniciou a construção do Convento de Santo António. Estas instalações foram partilhadas durante algum tempo com os Jesuítas que, à terceira visita (1549), chefiados por São Francisco Xavier, iam para ficar. A um primeiro colégio e igreja da evocação do Sagrado Nome de Jesus, sucederia a construção (1561-1563) de um novo conjunto de grande vanguardismo arquitectónico. Os Dominicanos instalaram-se em 1564 e os Agostinhos em 1596, estes já com a muralha perimetral bem definida. Franciscanos, Agostinhos e Jesuítas vieram

a construir em todo o território dependente muitas outras igrejas. Curiosamente, ao estabelecerem-se na ilha de Baçaim fizeram-no afastados da urbe, no seu limite sudoeste, frente ao mar, estabelecendo uma polaridade já vista em Chaul e que se repetiu de forma mais evidente, mas menos profíqua, em Diu. Já os Dominicanos implantaram o seu grandioso conjunto no centro, mais precisamente no ângulo nordeste do amplo largo onde se haviam instalado a Casa da Câmara (oeste), o Paço do Governador (este) e o Hospital da Misericórdia (sudoeste). Este espaço urbano central, inevitavelmente

«Planta da antiga cidade e fortaleza de Baçaim, fundada por Nuno da Cunha em 1536. Conquistada e destruída pelos Maratas em 1739», desenho aguarelado de A. Brás Fernandes a partir de E. R. Hull, 1924, SGL



college and church dedicated to the Sagrado Nome de Jesus were followed by the construction (1561-63) of a new group of buildings which featured great architectural innovations. The Dominicans settled in Bassein in 1564 and the Augustinians in 1596, both after the border wall had been well defined. The Franciscans, Augustinians and Jesuits would go on to build many other churches across the dependent territory. It is interesting that when they settled on the island of Bassein, they did so away from the

“Plan of the old city and fortress of Bassein, founded by Nuno da Cunha in 1536. Conquered and destroyed by the Maratha in 1739”, watercolour by A. Brás Fernandes after E. R. Hull, 1924, SGL

city, going instead to the south-west border by the sea and creating a polarity that had already been seen in Chaul and would be repeated in a clearer but less advantageous way in Diu. In contrast, the Dominicans set up their grandiose building in the centre, at the north-east corner of the spacious largo which already housed the City Council (to the west), the governor’s palace (east) and the Misericórdia hospital (south-west). This central urban space, which had the inevitable pillory, evolved where the ancient

dotado com o pelourinho, gerara-se sobre o antigo bazar muçulmano e a partir da implantação da Igreja de Nossa Senhora da Vida/Misericórdia, tendo assim por limite sul o paramento maior do forte e essa igreja. Sobre noroeste, sensivelmente a meio caminho entre os Dominicanos e o convento franciscano, em 1685 instalariam os Hospitalários de São João de Deus a Igreja de Nossa Senhora da Saúde e a sua modesta casa. Outras seriam as fundações eclesiásticas, mas de menor relevância urbana.

Ao invés de Goa, pouco mais do que o já dito se sabe acerca da eventual importância das preexistências em Baçaim⁴⁶. Tudo indica que a urbe muçulmana se desenvolvia entre o cais e o bazar. Assim, à importância como porto não correspondia uma grande extensão urbana, pois para além do próprio forte, aparentemente implantado em terreno desembaraçado, a poente nada mais existia. A Baçaim do Bahadur não teria mais de 400 metros de extensão segundo o seu eixo maior. Na versão portuguesa é o sector de malha mais confusa, mas claramente convergente na Ribeira, no seio da qual não se implantou

Muslim bazaar had been and, after the church of Nossa Senhora da Vida/Misericórdia was built, had the main support of the fort and the church as its borders. To the north-west, approximately halfway between the Dominicans and the Franciscan monastery, the Hospitalários de São João de Deus built the church of Nossa Senhora da Saúde and their own modest base. There were still more ecclesiastical foundations, but these were of lesser urbanistic relevance. Unlike Goa, little more is known about the potential importance of pre-existing structures in Bassein.⁴⁶ Everything seems to suggest that the Muslim city developed between the quay and the bazaar. Thus, the importance as a port was not matched by a large urban expanse, as apart from the fort, which was located on open land, there was nothing else to the west. Bahadur's Bassein probably only covered 400 metres along its longest axis. In the Portuguese version of the city, this was the most confused sector, although it clearly converged on the waterfront. The heart of this area had no religious establishments and continued to be the most dense and most densely inhabited by the poor. The fort, Dominican monastery and the

qualquer conjunto conventual, continuando a ser a zona mais densa e ocupada pelos habitantes de menores recursos. O forte, o convento dominicano e o largo central separavam-na quase totalmente da zona aristocrata compreendida entre eles e as casas jesuíta, franciscana e agostinha, o limite oeste da cidade. Em perfeita articulação com as vias que partiam da Ribeira e que, atravessando a reformada urbe antiga, atingiam o largo central, ruas tendencialmente regulares aí traçaram uma malha de sentido predominantemente este-oeste e de imediata semelhança com as extensões urbanas realizadas em igual período no território português europeu. Particular evidência tinha a rua este-oeste implantada mais a sul, pois sendo a única que não passava pelo largo, ligava a Ribeira com a Matriz de São José, a porta do forte — uma considerável composição clássica datada de 1606, por conseguinte posterior ao próprio forte, urbanisticamente con-



Bassein. Ruins of the City Hall

cebida em função dessa rua —, o «hospital dos pobres», o colégio jesuíta, os Agostinhos e os Franciscanos.

A estabilização da nova estratégia colonial e, assim, de Baçaim como cidade portuguesa cabeça das pos-

central largo separated it almost entirely from the aristocratic zone between these buildings and the Jesuit, Franciscan, Augustinian establishments, the western border of the city. Moving in perfect articulation with the roads that left Ribeira, crossed the rebuilt ancient city and ended in the central largo, persistently regular streets traced a predominantly east-west urban pattern which had an obvious similarity to urban expanses from the same period in Portugal. Of particular note is the road running east-west situated further to the south. Being the only one not to pass through the largo, it linked the waterfront with the parish church of São José, the gate of the fort, the “hospital for the poor”, the Jesuit college, the Augustinians and the Franciscans. The gate of the fort was a very classical composition dating from 1606, post-dated the fort itself and was urbanistically designed in relation to that road.

The stabilisation of the new colonial strategy (and therefore of Bassein as a Portuguese city at the head of the northern possessions) combined with the most recent innovations in military engineering, led to the need for and

sessões do Norte, a par com as mais recentes inovações na engenharia militar, deram origem à necessidade e à produção de uma imponente cerca com dez baluartes que envolveu e definitivamente limitou a já estruturada cidade. Em 1552 encontrava-se construído o primeiro baluarte junto à futura Porta da Terra, o de São Sebastião, prolongando-se a construção até ao século seguinte. Contrariando as mais elementares regras da fortificação moderna, ao longo da muralha, em vez de existir uma rua, encostavam-se propriedades eclesiásticas e privadas. Não se trata de um perímetro regular, pois seguiu os limites da ilha, nem sequer de uma intervenção reformadora do espaço urbano. Parte do perímetro muralhado, o terço norte, incluía salgado, reserva de crescimento urbano nunca utilizada a despeito de algumas imaginativas representações iconográficas⁴⁷. A inexistência de qualquer vestígio, a não implantação de qualquer equipamento, a topografia actual em cota baixa, o solo pantanoso e o vazio nas representações mais fiáveis, justificam

construction of an imposing wall with ten bastions. This encircled and defined once and for all the limits of the now structured city. In 1552, the first bastion (São Sebastião) had already been built, next to the future Porta da Terra (Land Gate), whose construction would continue into the next century. Going against all the most fundamental rules of modern fortification, there were ecclesiastical and private properties right up against the wall, rather than a road. The perimeter was not at all regular as it followed the contours of the island and made no contribution to restructuring the urban space. The northern part of the walled perimeter (about one third of the total) included worthless seashore soil, a space for urban growth which was never used despite some imaginative iconographical images⁴⁷. The absence of any traces, the non-establishment of any buildings, the current topography on the low lands, the swampy soil and the lack of trustworthy images provide a justification for this. The walled space along the main north-south axis measures some 530 metres, while the perpendicular is approximately 1,060 metres. In addition to defining the perimeter, the

Baçaim. Vestígios da rua que conduzia da Porta da Terra ao largo central



Bassein. Traces of the road that went from the Land Gate to the central largo

esta afirmação. Segundo o seu maior eixo norte-sul, o espaço muralhado mede cerca de 530 metros, na sua equivalente perpendicular à volta de 1060 metros. Para além da definição do perímetro, a cidade portuguesa já existente ditou às muralhas a posição das suas entradas: junto ao convento franciscano, a Porta da Terra; junto ao cais mais importante, a imponente Porta do Mar. A extensão da Ribeira, motivada pela importância das actividades marítimas – por exemplo, a posição estratégica da cidade, a profundidade do estuário do rio e a abundância de madeira

conduziram ao estabelecimento de importantes estaleiros de construção naval –, tornou necessárias mais algumas passagens que dali se estendiam ao longo da frente sul. Os Jesuítas, por exemplo, dispunham de um postigo privativo com cais. As duas portas, tal como a do forte, eram em cotovelo («sifão»), duplas portanto, dotadas de portais clássicos com baixos-relevos⁴⁸. Inserida no seio de uma cultura mais apurada que as suas antecedentes no Oriente, erguida no meio da adver-

Portuguese city defined the location of gates in the wall: near the Franciscan monastery (Porta da Terra) and near the most important quay (the impressive Porta do Mar). The expansion of the waterfront, resulting from the important maritime activities – such as the city's strategic position, the depth of the river estuary and the abundant supplies of wood

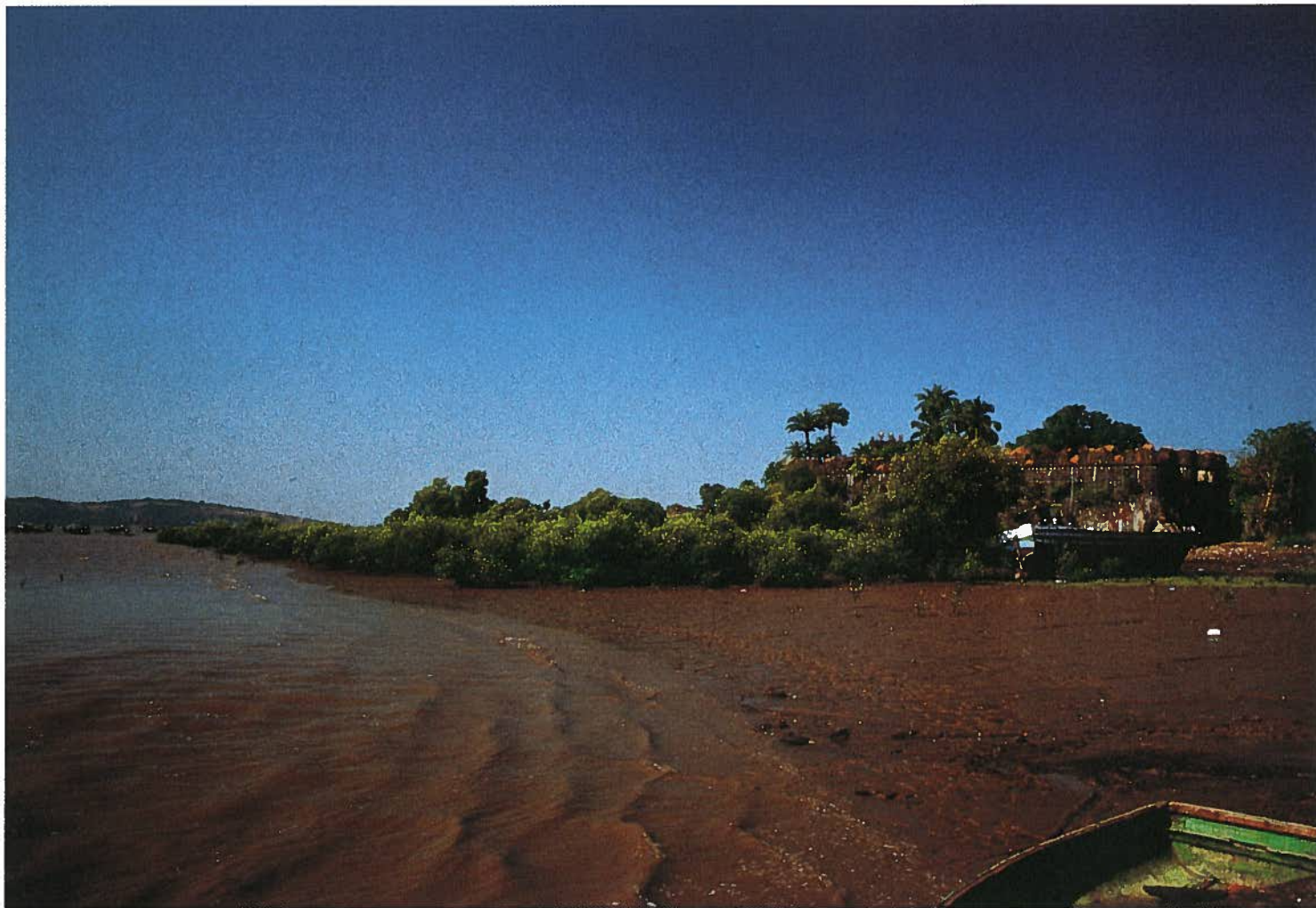
leading to the creation of major shipyards – made it necessary to build some more gates that would extend along to the southern front. The Jesuits, for example, had a private passage with a quay. The two doors, like those of the fort, were in elbow form (“siphon”), with double doors and had classical gates with bas-relief⁴⁸.

Located inside a more refined culture than previously found in the Orient and built in the centre of the difficult and permanent state of war, Bassein enjoyed the new options of Portuguese sixteenth century urbanism. In terms of infrastructures, it had its roads paved with basalt and three water tanks that still supply local residents – these were filled from boats that brought water from fresh water springs on the other side of the river. The magni-

cidade de um permanente estado de guerra, Baçaim usufruiu, contudo, de novas opções do urbanismo quinhentista português. Ao nível das infra-estruturas contava com ruas pavimentadas a basalto e com três cisternas que ainda hoje servem a população que por perto reside – eram abastecidas de barco a partir das nascentes puras da outra margem do rio. Por outro lado, o magnífico calcário – quase mármore na opinião de

muitos – existente no território dependente, para além de uma riqueza natural largamente exportada, constituía-se como elemento inspirador de uma arquitectura de grande rigor e qualidade. Mas era na aristocracia, que em tudo tentava ultrapassar a de Goa, que residia o *tonus* da cidade. Não é por acaso que muitos dos cronistas se lhe referem, carinhosamente ou sarcasticamente conforme se queira, como «Dom Baçaim».

Baçaim. Vista da face sul-nascente das muralhas contendo a Porta do Mar



ficient limestone – almost marble in some people's opinions – found in the dependent territory was both a source of natural wealth that was widely exported and a source of inspiration for architecture of great rigour and quality. But the tone of the

Bassein. View of the south-east face of the wall, with the Sea Gate

city was set by the aristocracy, who tried constantly and in all ways to overtake Goa. It is no mere coincidence that many of the chroniclers refer to the city, either lovingly or sarcastically, as "Sir Bassein".

Notas

⁴² São detalhados os elementos que J. Gerson da Cunha (1876 e 1900) nos deixou acerca desta cidade e das páginas da história em que activamente figura. Para uma síntese do essencial vejam-se os textos de Dejanirah Couto (1996), AA.VV., 1994b, pp. 258-266, e ainda o número especial da revista *Índica* (AA.VV., 1987). Note-se, contudo, que mesmo nos textos mais recentes persiste a confusão na identificação e localização dos principais edifícios, em especial dos que conformam o largo central. De acordo com a minha experiência, tal facto deve-se a erros consideráveis no traçado e legendas da planta de A. Brás Fernandes – que, apesar de tudo, aqui publico – facilmente detectáveis numa visita avisada ao local. É que o aparente rigor do desenho e a inexistência de qualquer outro levantamento têm levado os investigadores a usá-lo quase acriticamente. Aliás, tal desenho é apenas uma estilização da planta esquemática com a qual E. R. Hull ilustrou o seu *Short Guide to Bassein*. Urge, pois, um levantamento rigoroso do existente.

⁴³ Em alguns casos, na Índia torna-se muito difícil escolher o topónimo de um rio. De facto, a sobreposição de culturas, poderes, línguas, alfabetos e a própria complexidade do emaranhado de canais dos estuários ou deltas leva a que as diversas fontes usem designações diferentes. Neste caso, por exemplo, encontrei Bhayandar, Ulhas, Vaitarani e Dantura.

⁴⁴ Este procedimento foi comum a Damão. Face a uma imediata impossibilidade de estabelecimento (falta de homens e meios) optou-se por debilitar a corrente comercial do Índico apoiada no reino de Gujarat através de *raides* às suas principais bases navais.

⁴⁵ Que em 1661 foram cedidas à coroa britânica como dote de D. Catarina de Bragança, determinando-se por essa via a decadência a prazo de Baçaim.

⁴⁶ Dejanirah Couto (Couto, 1996) traçou o quadro detalhado possível confrontando e cotejando as fontes disponíveis.

⁴⁷ Conforme já tive oportunidade de escrever, «São fundamentalmente ilustrações de viagem com um carácter memorialista e descritivo, frequentemente encomiástico, sem qualquer finalidade de utilização com rigor projectual. Por outro lado foram realizados num período em que a cultura urbanística era já substancialmente diversa. Em finais de Quinhentos e início de Setecentos era perfeitamente natural que na ilustração e descrição das distantes e míticas cidades portuguesas elas fossem normalizadas segundo padrões modernos, até porque era mais fácil. Tal acontece com a representação ao nível da arquitectura para a qual foi utilizada uma imagem estereotipada dos edifícios que chegam a ocupar a totalidade do perímetro urbano, o que em Baçaim, S. Tomé ou Damão, por exemplo, nunca chegou a acontecer» (Rossa, 1995, p. 282).

⁴⁸ A cronologia disponível torna bem claro que à data da chegada de João Baptista Cairato, o italiano engenheiro-mor da Índia nomeado por Filipe II, já o perímetro muralhado de Baçaim estava numa fase adiantada de construção. Anoto aqui este facto, a que voltarei um pouco mais adiante, porque a historiografia tem persistido em considerá-lo o autor do projecto das muralhas o que, para além de uma imprecisão, tem conduzido a interpretações globais erróneas.

Notes

⁴² The data provided by J. Gerson da Cunha (1876 and 1900) on this city and events in which it was actively involved is detailed, despite some confusion in the identification of buildings. A synthesis of the fundamental aspects can be found in the text by Dejanirah Couto (1996), (Various Authors, 1994b, pp. 258-266), and in a special issue of *Índica* (Various Authors, 1987). However, even the most recent texts continue to confuse the identification and location of the main buildings, especially those around the central terrace. It seems that this is due to major errors in the drawing and captions in the map by A. Brás Fernandes, which (even so) is published here. These mistakes can easily be seen on a visit to the place itself. The problem lies in that the drawing's apparent accuracy and the absence of any other survey have led researchers to use it almost without criticism. In fact, the drawing is just a stylised version of the schematic map that E. R. Hull used to illustrate his *Short Guide to Bassein*. There is an urgent need for an accurate survey of the existing situation.

⁴³ In some cases in India, it is very difficult to choose the name of a river. In fact, the superimposition of cultures, powers, languages, alphabets and the very complexity of the network of channels in the estuaries or deltas has led to a range of names being used for the differing sources. In this case, for example, I have found the names Bhayandar, Ulhas, Vaitarani and Dantura.

⁴⁴ This was the same technique as that used in Daman. Given that it was immediately impossible to establish themselves (due to lack of means and men), the

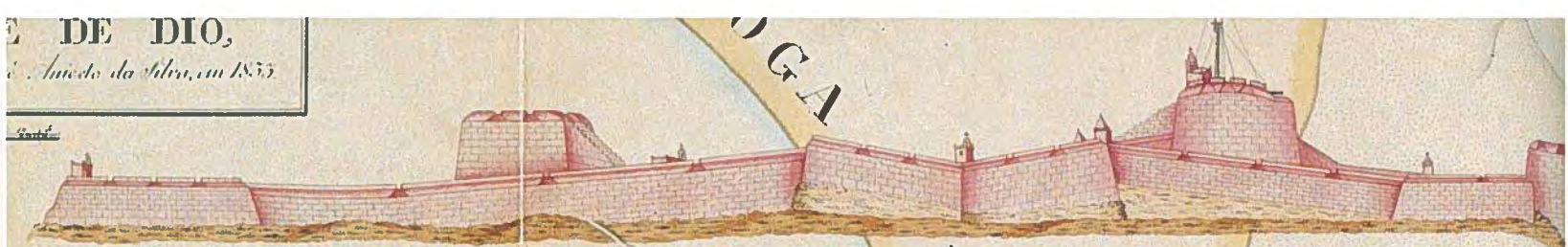
Portuguese opted to weaken the Indian Ocean commercial system supported in the kingdom of Gujarat by raids on its principal naval bases.

⁴⁵ In 1661, these were ceded to the British crown as the dowry of D. Catarina de Bragança, a measure which decided the long term decline of Bassein.

⁴⁶ Dejanirah Couto (Couto, 1996) drew up the most detailed table possible by comparing and contrasting the available sources.

⁴⁷ As I have already stated, "These are basically travel illustrations which are of a souvenir and descriptive nature. They were frequently eulogies and were never meant to be used for accurate ideas. Furthermore, they were drawn up in an age when urbanistic culture was already relatively diverse. At the end of the sixteenth century and early seventeenth century, it was perfectly normal for illustration and description of distant, quasi-mythical Portuguese cities to be normalised according to modern patterns, for ease if nothing else. This is the case of architectural imagery using a stereotyped image of buildings which occupied the entire urban perimeter. This did not happen in Bassein, São Tomé or Daman, for example. (Rossa, 1995, p. 282)

⁴⁸ The chronology available makes it perfectly clear that when João Baptista Cairato, the Italian chief engineer of India appointed by Philip II, arrived in Bassein, the construction of the walled perimeter was at an advanced stage. I will return to this point later, as historiography has persistently considered him to be the author of the wall project. Apart from being inaccurate, this belief has also led to wider interpretations that are incorrect.



Respectiva do Castelo visto da porta da Igreja arruinada de Nossa Senhora da Esperança



Diu-território é uma ilha «pendurada» do Gujarat sobre a entrada do golfo de Cambaia, separada do continente pelo estreito braço de mar que a delimita a norte; Diu-cidade é a ponta oriental dessa ilha, delimitada do canal ao mar por uma soberba muralha de matriz muçulmana; Diu-fortaleza é o «bico da ponta» separado da cidade por um fosso cavado por determinação portuguesa. Vigilante, entre a ilha e o continente, um vaso de guerra petrificado, o Castelo do Mar. Na história da Expansão, Diu foi cenário de algumas das mais heróicas acções portuguesas: a vitória da armada comandada por D. Francisco de Almeida em 1509, que durante algum tempo aliviou a hegemonia da armada turca no mar Árábico; o cerco de 1538; o épico descercamento comandado por D. João de Castro contra o cerco de 1546. Na descolonização foi, de todos, o mais vexante dos abandonos.

Todos estes factos são a melhor prova do interesse estratégico de Diu, mais imediatamente perceptível ao dar-se uma rápida olhada numa carta do mar Árábico. Com efeito, a ilha conjuga com a sua posição central nas rotas para o golfo Pérsico características portuárias e defensivas naturais quase únicas. A estratégia adoptada por D. João III para o Oriente tornou forçosa a sua conquista, pois disso dependia a substituição do poder

marítimo turco e, concomitantemente, o controlo do comércio islâmico. Após a fixação em Diu o poderio muçulmano, exclusivamente local ou sob a forma de alianças, deixou de ser uma ameaça e as outras nações europeias, adoptando uma estratégia que de facto tirou partido da rota do Cabo, não viram razões para se envolverem em improváveis conquistas no Norte.

Em 1531 os Portugueses testaram as qualidades militares daquela base naval, mas foram sumariamente rechaçados pelas tropas do sultão de Gujarat auxiliadas pela armada turca. Não tendo sido possível militarmente, foi-o diplomaticamente. Tirando partido de uma conjuntural posição de fraqueza do sultão, em 1535 foi concedida autorização para o estabelecimento. Bahadur Shah entrara em conflito aberto com o imperador Moghul e necessitou de aliviar a frente portuguesa. Resolvida essa situação, de imediato e infrutiferamente pôs cerco a Diu. O tratado celebrado em 1539 voltaria a ser posto em causa sete anos depois com um segundo cerco. Mas só decorridos quatro séculos a soberania da ilha seria recuperada das mãos portuguesas.

Quando os Portugueses se estabeleceram a cidade já estava estruturada por trás da aparatosa muralha, de torres cilíndricas e acentuados jorjantes, que vai do canal ao mar, contando ainda com um fosso

Diu

The territory of Diu is an island hanging off Gujarat at the entrance to the Gulf of Cambay. It is separated from the mainland by a narrow stretch of water which defines its northern border. The city of Diu is on the eastern tip of the island, defined between the canal and the sea by a superb Muslim wall. The fortress of Diu is the very end of the tip and is separated from the city by a ditch dug due to Portuguese determination. The fortress, called Castelo do Mar, stands vigilant between the island and the mainland like a petrified man-of-war. In the history of the Expansion, Diu was the scene of some of the most heroic exploits of the Portuguese: the victory won by D. Francisco de Almeida's fleet in 1509, which temporarily destroyed the hegemony of the Turkish fleet in the Arabian sea; the siege of 1538, the epic lifting of the 1546 siege by D. João de Castro. During the process of decolonisation, leaving Diu was the most humiliating retreat.

All this is a perfect demonstration of Diu's strategic importance, which is still more obvious after a brief glance at a map of the Arabian Sea. The island combines its central location on the routes to the Persian Gulf with its almost unique port features and natural defences. The strategy adopted by João III for the Orient made it essential that Diu be conquered as the destruction of Turkish maritime

DIU

power and the resulting control over Islamic trade depended on this. Once established in Diu, the Muslim power at either an exclusively local level or through alliances was no longer a threat. Other European nations which adopted a strategy that reaped the benefit of the Cape route saw no reason to get embroiled in improbable conquests in the north.

In 1531, the Portuguese tested the military capability of the naval base, but were contemptuously forced to retreat by the troops of the Sultan of Gujarat with the support of the Turkish fleet. Having failed in military terms, they succeeded using diplomatic means. Taking advantage of the Sultan's temporarily weak situation in 1535, the Portuguese were authorised to establish themselves there. Bahadur Shah had entered into open conflict with the Moghul emperor and needed to ease the Portuguese question. Once the Moghul situation was solved, he immediately and unsuccessfully besieged Diu. The treaty of 1539 would again be challenged seven years later after a second siege. But it was only four centuries later that sovereignty over the island would be recovered from the Portuguese.

When the Portuguese arrived, the city was already structured behind an awe-inspiring wall with cylindrical turrets

aberto directamente na rocha. Esta muralha seria reforçada e refeita face aos combates entretanto travados, o que tem levado a considerá-la matricialmente portuguesa.

As características do seu traçado, do desenho em planta e perfil (nomeadamente ao nível da base), confirmam a peremptória opinião de Carlos de Azevedo (1970, p. 28 e nota 3), aliás, fundamentada em descrições coevas. A principal campanha de obras é dos anos 70 do século XVI, e muito estranharia que nesta data não se adoptassem baluartes e um perfil baixo e massificado em vez do torreão circular e de uma cortina alta, pois já na renovação do forte gizada por Francisco Pires em 1546 haviam sido construídos baluartes de «orelhões» da ciência da fortificação moderna, aliás, os primeiros na Índia. Assim defendida a poente, protegida por falésias a sul e nascente reforçadas aqui e ali por pequenas baterias, era

and sharp basement bulges that linked the canal to the sea via an open ditch in the rock. This wall would be reinforced and rebuilt following the battles fought, a factor that has led it to be considered as a Portuguese-built wall. Its characteristics, both as a plan and in profile (especially at the base) confirm Carlos de Azevedo's peremptory opinion (1970, p. 28 and note 3) which is supported by contemporary documents. The main programme for rebuilding work took place in the 1570's. It would

be most unusual if the bastions and a low solid profile were not adopted at that time, replacing the circular turret and a high curtain wall. The renovation work on the fort drawn up by Francisco Pires in 1546 already had the bastions de orelhões from modern fortifications - in fact, the first in India. This defended the west, while the south and east were protected by cliffs reinforced here and there by small batteries. Then, all that was needed was to guarantee control over access to the canal. Due to silt, the salt-flats and

apenas necessário garantir o controlo do acesso ao canal que, devido ao açoreamento, salinas e sapal de noroeste, se fazia obrigatoriamente pelo lado nordeste. Para além

de reformularem por completo o forte existente a meio da barra, o Castelo do

Mar, os Portugueses ergueram uma das suas mais consideradas obras de engenharia militar de todos os tempos em torno do fortim muçulmano existente na falésia do extremo nascente do já isolado território. Num primeiro momento, a separação entre o forte e a cidade deu origem a uma possante muralha

tardo-manuelina ritmada por baluartes cilíndricos e acentuada por um fosso⁴⁹.

Na campanha da década de 70 foi realizada uma segunda muralha, já com os tais baluartes de «orelhões», tam-

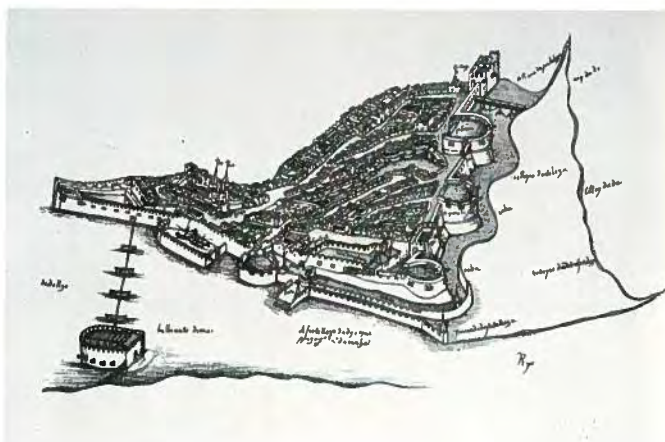
bém reforçada por um segundo fosso. Ficou assim (re)definida a matriz urbana da cidade de Diu: o pólo urbano preexistente e que, até hoje, se manteve com

the swamp to the north-west, access could only be gained from the north-east. In addition to completely reformulating the existing fort halfway along the spit (Castelo do Mar), the Portuguese also built one of the most highly regarded pieces of military engineering of all time around a minor Muslim fort on the cliffs in the

extreme east of the already isolated territory. The initial separation between the fort and the city led to the construction of an imposing late-Manueline wall with evenly spaced

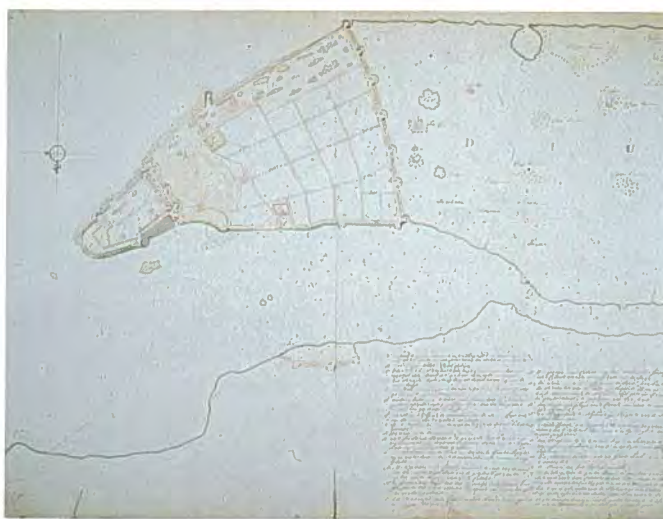
cylindrical bastions and with the defensive support of a ditch⁴⁹. The campaign in the 1570's saw the construction of a second wall with the bastions de orelhões, also reinforced with a respective second ditch. This (re)defined the urban structure of the city of Diu: the pre-existing urban centre which even today maintains some of those functions; the fort at the opposite end, a symbol of Portuguese sovereignty and which acted as an urban magnet for the occupying culture; the intermediate space where new buildings

Diu. Representação do forte por Gaspar Correia, primeira metade do século XVI



Diu. View of the fort, by Gaspar Correia, 1st half of 16th century

Carta holandesa representando a relação entre o forte, a cidade e as muralhas de Diu com o mar e a entrada do canal, século XVII, ARA



Dutch map showing the relationship between the fort, city and walls of Diu and the sea and entrance of the canal, 17th century, ARA.

algumas funções de centro; o forte no extremo oposto, símbolo da soberania portuguesa e como tal funcionando como magneto urbano da cultura ocupante; o espaço intermédio onde se implantaram novos equipamentos, como o Paço do Governador, o convento franciscano, o colégio jesuíta, o recolhimento de Santa Ana, a Igreja Matriz de São Tomás, o «hospital dos pobres», o cemitério, etc. Aliás, na prática foram apenas estes os edifícios que sobreviveram à execução de uma ordem de 1634 do vice-rei conde de Linhares, pela qual, por imperativos de segurança, se deveriam arrasar todas as construções numa banda em torno do forte, o que levou à demolição de mais de uma centena de casas. Mas na realidade, a dimensão interna do forte e a hostilidade da envolvente fizeram com que ali rapidamente se desenvolvesse com razoável independência um núcleo urbano que, se isolado, só por si se poderia considerar uma cidade, aliás, do ponto de vista da sua génese, morfologia e processo de

like the governor's palace, the Franciscan monastery, the Jesuit college, the retreat of Santa Ana, the parish church of São Tomás, the "poors hospital", and the cemetery, etc., were all established. In practice, these were the only buildings to survive a 1634 order from the viceroy Count of Linhares which, for security reasons, meant the demolition of all buildings in a belt around the fortress. Over one hundred houses were knocked down as a result. In fact, the internal size of the fort and the hostile atmosphere outside it meant that an urban nucleus with reasonable independence quickly developed there. While isolated, this could consider itself to be a city which, from the point of view of its formation, morphology and process of development, was very Portuguese and the product of that day and age. This is the idea provided by the drawing of Diu in Gaspar Correia's work (p. 625). This made Diu a highly individual place, as it concentrated the various models of Portuguese occupation and urban creation in what is now Indi-

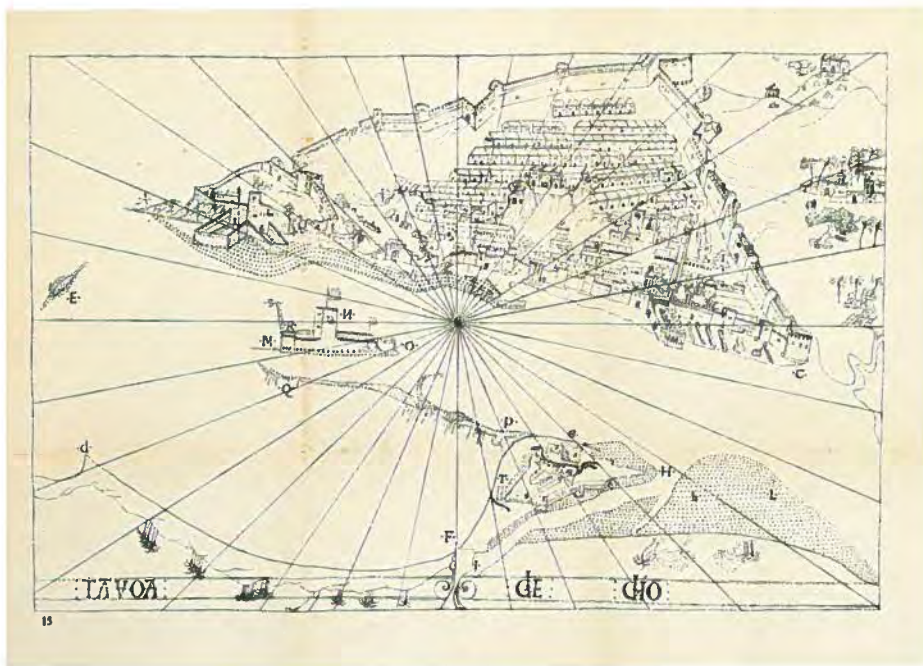
desenvolvimento, bem portuguesa e bom fruto da época. Tal é a imagem transmitida pelo desenho de Diu na obra de Gaspar Correia (p. 625). Este facto torna o caso de Diu extremamente peculiar, pois ali encontramos num só objecto os vários modelos de ocupação e formação urbanística portuguesa no actual território indiano: a fortaleza assenhoreando uma cidade preexistente, uma cidade portuguesa muralhada, o sistema bipolarizado (fortaleza/cidade preexistente) gerando cidade intermédia, etc. Apesar de tudo devemos dar primazia à visão de conjunto segundo a qual ainda hoje tudo conflui na Ribeira, sendo clara a estruturação «à portuguesa» das praças do cais e do mercado. Assim se pretendeu com sucesso recentralizar a urbe, deslocando o centro da cidade preexistente, processo largamente testado e adoptado nas cidades

portuguesas do território europeu, em especial no período manuelino⁵⁰. Ao longo do canal, do torreão de remate da muralha muçulmana até ao fosso do forte, desenvol-

an territory. Namely, these were a fortress dominating a pre-existing city, a walled Portuguese city, the bipolarised system (fortress/pre-existing city)

creating an intermediary city, etc.. Despite all this, the dominant view must be of everything converging on the waterfront, where there is clearly a Portuguese structuring of the squares of the quay and the market. The aim was to successfully recentralise the city by moving the pre-existing city centre. This process had been widely tested and adopted in Portuguese cities, especially during the Manueline period⁵⁰. All along the canal, from the final turret on the Muslim wall to the fort's ditch, there are still traditional port structures: the fishermen's wharf, shipyard, market and central quay. The Paço do Governador, a Manueline building, is also in line and structures another square. As part of the few actions carried out under the Pombaline plan to (re)found the Portuguese State of India in the 1770's and 80's, some improvements were made to the arsenal and the main quay was

Diu. Representação do conjunto urbano e da envolvente por D. João de Castro no «Roteiro de Goa a Diu»



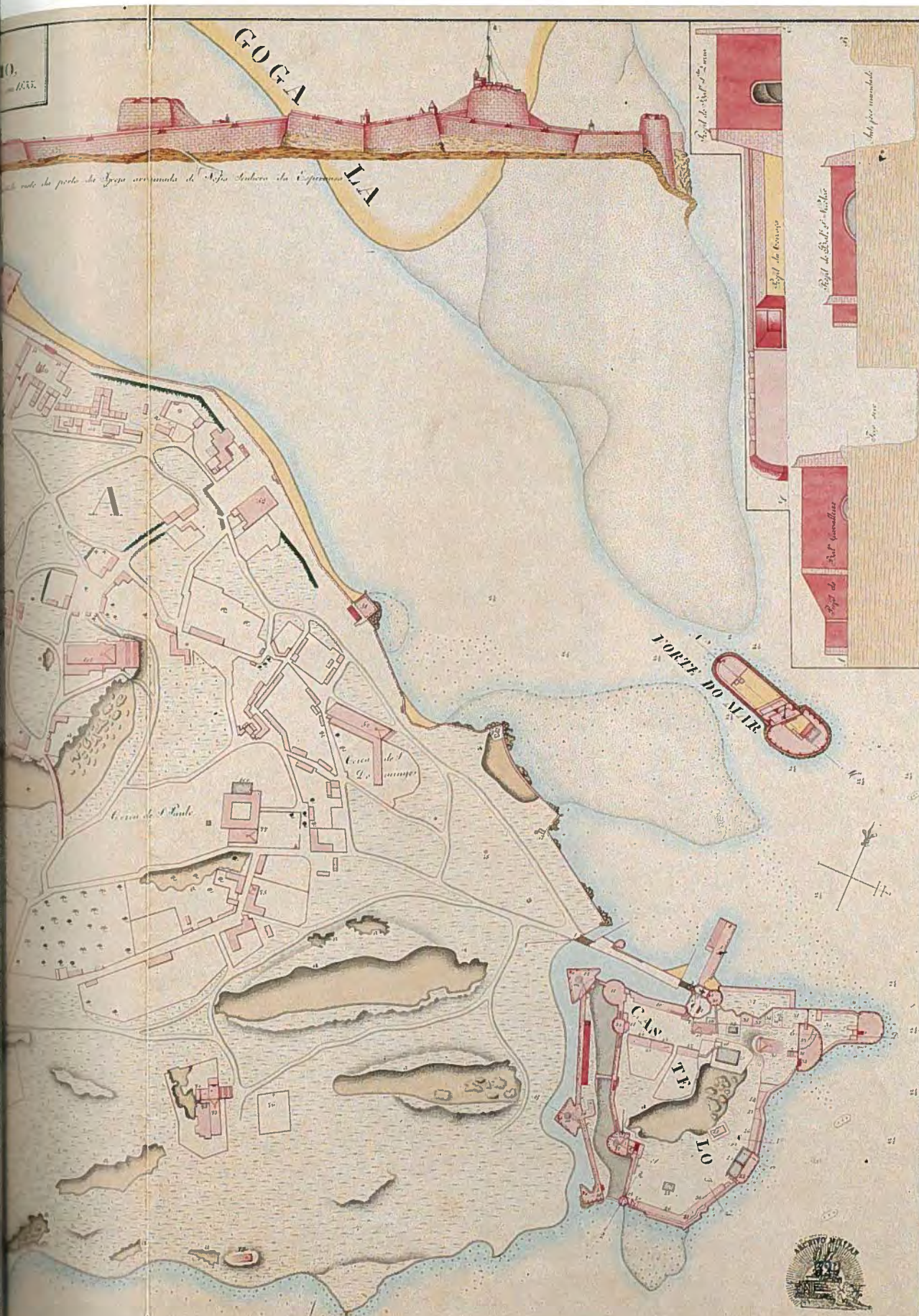
Diu. View of the urban area and surrounds, by D. João de Castro in «Roteiro de Goa a Diu»

vem-se ainda hoje estruturas portuárias tradicionais: praia de varadouro dos pescadores, estaleiros, mercado, cais central. O edifício manuelino do Paço do Governador, também aí alinhado, estruturava uma outra praça. Numa das poucas realizações motivadas pelo plano pombalino para a (re)fundação do Estado da Índia Portuguesa, nos anos 70 e 80 do século XVIII, foram realizados alguns melhoramentos no Arsenal e reconstruído, com algum investimento formal, o cais principal, então dotado de um curioso guindaste datado de 1782. Já no final do século XIX toda esta frente urbana veio a ser dotada com mais uma das características *promenades* da época. Mas na realidade foi na extensão urbana entre os dois pólos que existiu

rebuilt, which included some formal investment and the installation of an interesting crane dating from 1782. At the very end of the nineteenth century, this whole urban front was upgraded by adding one of the characteristic *promenades* of that age. Yet in fact, the Portuguese city lay in the urban space between the two poles. This was partly due to the expected potential for urban generation which can be seen in the architectural design of each of these buildings. However, everything suggests that it did not acquire the expected solidity, fundamentally due to the lack of inhabitants to give it body. Even the few colonists who did not settle inside the fort's urban nucleus, chose to live in the pre-existing city, whose urban mesh and lifestyles are



“Plan of the Castle, Fortress and City of Diu, surveyed and drawn by Infantry Captain Jozé Aniceto da Silva, in 1833. Lat. 20º43'47"”, GEAEM



1	Porto de São João	25	Porto de São João
2	Porto de São João	26	Porto de São João
3	Porto de São João	27	Porto de São João
4	Porto de São João	28	Porto de São João
5	Porto de São João	29	Porto de São João
6	Porto de São João	30	Porto de São João
7	Porto de São João	31	Porto de São João
8	Porto de São João	32	Porto de São João
9	Porto de São João	33	Porto de São João
10	Porto de São João	34	Porto de São João
11	Porto de São João	35	Porto de São João
12	Porto de São João	36	Porto de São João
13	Porto de São João	37	Porto de São João
14	Porto de São João	38	Porto de São João
15	Porto de São João	39	Porto de São João
16	Porto de São João	40	Porto de São João
17	Porto de São João	41	Porto de São João
18	Porto de São João	42	Porto de São João
19	Porto de São João	43	Porto de São João
20	Porto de São João	44	Porto de São João
21	Porto de São João	45	Porto de São João
22	Porto de São João	46	Porto de São João
23	Porto de São João	47	Porto de São João
24	Porto de São João	48	Porto de São João
25	Porto de São João	49	Porto de São João
26	Porto de São João	50	Porto de São João
27	Porto de São João	51	Porto de São João
28	Porto de São João	52	Porto de São João
29	Porto de São João	53	Porto de São João
30	Porto de São João	54	Porto de São João
31	Porto de São João	55	Porto de São João
32	Porto de São João	56	Porto de São João
33	Porto de São João	57	Porto de São João
34	Porto de São João	58	Porto de São João
35	Porto de São João	59	Porto de São João
36	Porto de São João	60	Porto de São João
37	Porto de São João	61	Porto de São João
38	Porto de São João	62	Porto de São João
39	Porto de São João	63	Porto de São João
40	Porto de São João	64	Porto de São João
41	Porto de São João	65	Porto de São João
42	Porto de São João	66	Porto de São João
43	Porto de São João	67	Porto de São João
44	Porto de São João	68	Porto de São João
45	Porto de São João	69	Porto de São João
46	Porto de São João	70	Porto de São João
47	Porto de São João	71	Porto de São João
48	Porto de São João	72	Porto de São João
49	Porto de São João	73	Porto de São João
50	Porto de São João	74	Porto de São João
51	Porto de São João	75	Porto de São João
52	Porto de São João	76	Porto de São João
53	Porto de São João	77	Porto de São João
54	Porto de São João	78	Porto de São João
55	Porto de São João	79	Porto de São João
56	Porto de São João	80	Porto de São João
57	Porto de São João	81	Porto de São João
58	Porto de São João	82	Porto de São João
59	Porto de São João	83	Porto de São João
60	Porto de São João	84	Porto de São João
61	Porto de São João	85	Porto de São João
62	Porto de São João	86	Porto de São João
63	Porto de São João	87	Porto de São João
64	Porto de São João	88	Porto de São João
65	Porto de São João	89	Porto de São João
66	Porto de São João	90	Porto de São João
67	Porto de São João	91	Porto de São João
68	Porto de São João	92	Porto de São João
69	Porto de São João	93	Porto de São João
70	Porto de São João	94	Porto de São João
71	Porto de São João	95	Porto de São João
72	Porto de São João	96	Porto de São João
73	Porto de São João	97	Porto de São João
74	Porto de São João	98	Porto de São João
75	Porto de São João	99	Porto de São João
76	Porto de São João	100	Porto de São João



a *cidade portuguesa*, em parte mercê das assumidas potencialidades de geração de espaço urbano legíveis no partido arquitectónico de cada um dos novos equipamentos. No entanto tudo leva a crer que não terá adquirido

Diu. Praça junto à Porta da Cidade



Diu. Square next to the City Gate.

grande substância, devido, sobretudo, à falta de habitantes que a densificassem. Até os escassos ocupantes coloniais, quando não se instalavam dentro do núcleo urbano do forte, preferiram habitar a cidade preexistente, com malha e vida urbanas até hoje sedimentadas segundo um (nostálgico) sistema corporativo. Talvez em resposta a esta realidade, o espaço principal da cidade muçulmana, o canónico largo/encruzilhada ime-

Diu. Vista geral de nascente onde se destacam os conjuntos franciscano e jesuíta e a Igreja de São Tomé

still today reflections of a (nostalgic) corporate system. Perhaps in response to this situation, the main space in the Muslim city, the canonical *largo/crossroads* immediately next to the main city gate – unique in this case – whose date I have been unable to determine but which cannot be a contemporary of the rebuilding on the waterfront and as such cannot be from the early seventeenth century, was transformed into a square with a normalised system. To be more exact, it had programmed architecture of arches under a platband of Romanesque balustrades, which even today sur-



Diu. general view of the east, with the Franciscan and Jesuit buildings and the church of São Tomé.

diato à porta principal da cidade – única neste caso –, em data que não consegui determinar, mas que, não podendo ser contemporânea das reformas na Ribeira, muito não poderá recuar pelo século XVII, foi refor-

Diu. Praça do mercado



Diu. The market square.

mado em praça com um sistema normalizado – «arquitECTURA de programa», mais precisamente – de arcaria sob platibanda de balaústres «à romana», que ainda hoje surpreende pelo rigor e proporção. Trata-se de um ecrã que define um espaço rectangular por trás do qual a cidade se manteve com a fantástica expressão decorativista e figurativa (!) da arquitectura muçulmana do Gujarat.

prises due to its regularity and proportion. It is a screen that defines a rectangular space behind which the city maintained its fantastic decorative and figurative (!) expression of Muslim architecture from the Gujarat.

Diu's urban situation reflects the history of the Portuguese presence in the area, even in the limited success in implanting their urbanism into a solid pre-existing structure.

The shortage of people

and even interest are shown by this extract from the "Livro das Cidades..." (p. 48): "At present in this fortress there is less trade

from Mequa and as such it brings in less to the royal cof-

A realidade urbanística de Diu é bem o espelho da história da presença portuguesa na zona, até no magro sucesso da afirmação do urbanismo transportado para uma realidade solidificada preexistente. Falta de gente e até de interesse, bem caracterizada no seguinte extracto do «Livro das Cidades...» (p. 48): «Ao presente ha nesta fortaleza menos trato de Mequa, e por esse respeito rende menos para a fazenda Real, e tiraõ menos della os capitães do que soham tirar: E com tudo importarã ao capitão [...]». No dealbar da administração fili-

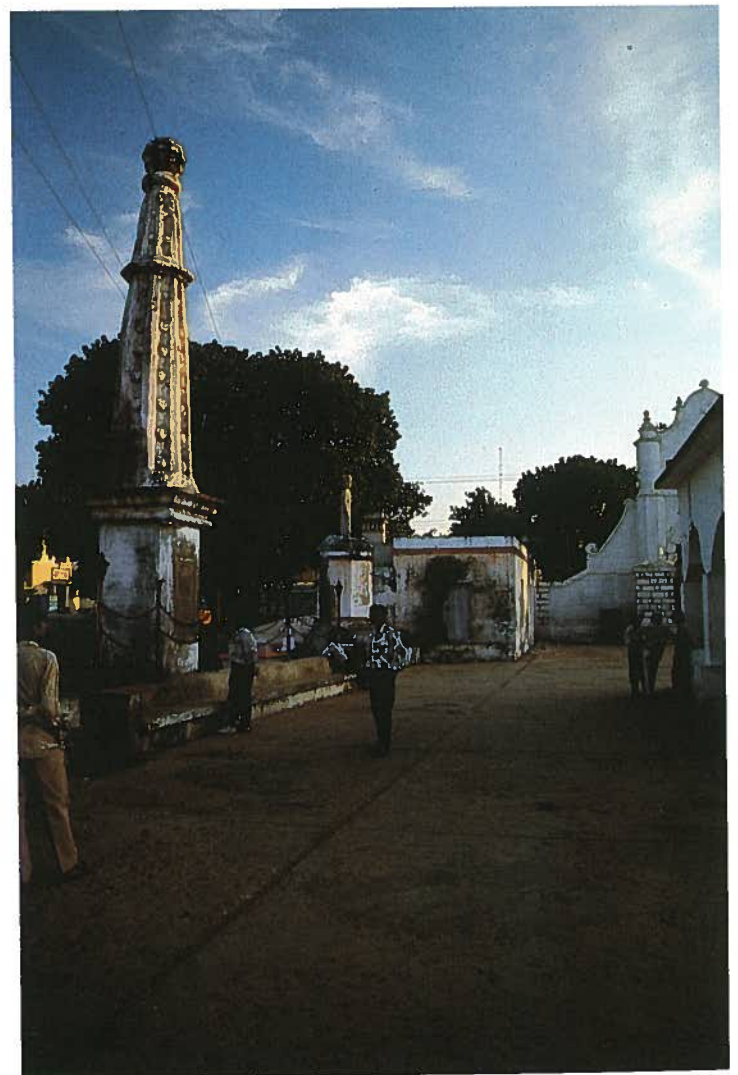
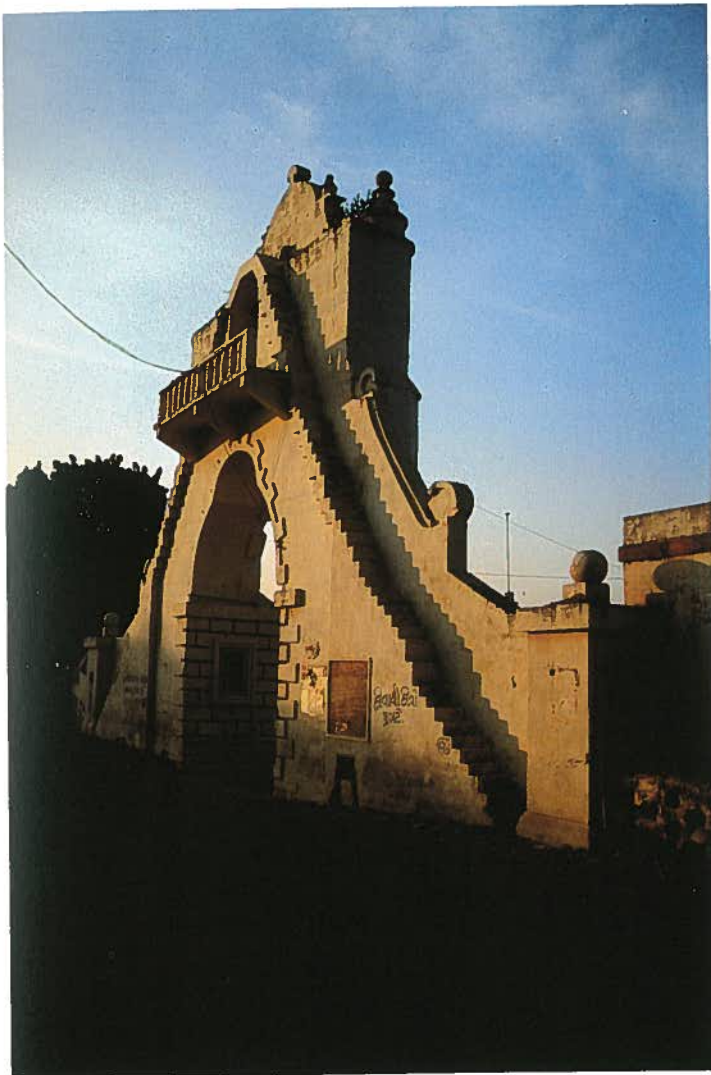
pina o tráfego comercial para o golfo Pérsico ensaiava rotas que evitavam o que aos Portugueses parecera incontornável: Diu.

Notas

⁴⁹ É esta a situação retratada no desenho que Gaspar Correia (p. 625) incluiu na sua obra, o mesmo sucedendo com o de D. João de Castro (1538-1539).

⁵⁰ Esta estratégia urbanística, que designei por «nova centralidade» (Rossa, 1995), é outro dos vectores convergentes no urbanismo «regulado» que tenho vindo a referir (ver notas 9 e 25).

Diu. Conjunto setecentista do cais novo



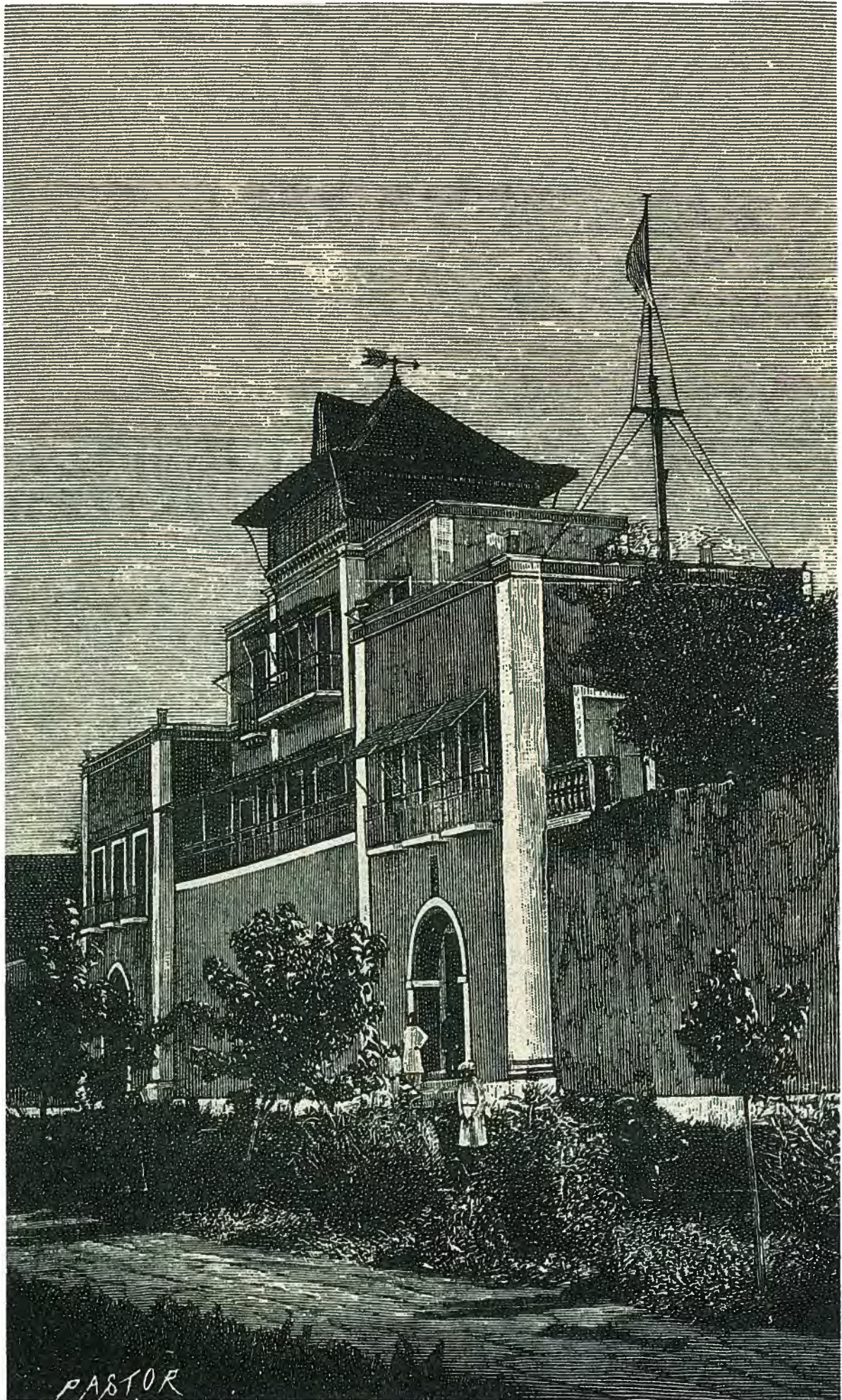
Diu. 18th century new quay

fers and the captains take less from it than they expected: And in all, it brings the captain..." At the dawn of the period of the Philips, trade with the Persian Gulf was attempting to find routes which would avoid what the Portuguese believed to be unavoidable: Diu.

Notes

⁴⁹ This is as shown in the drawing from Gaspar Correia's book (p. 625). The same is true of D. João de Castro's book (1538-9).

⁵⁰ This urban strategy, which I have called "new centrality" (Rossa, 1995) is another of the factors of convergence in "regulated" urbanism that I have mentioned (see notes 9 and 25).



Damão. O forte/Paço dos Governadores nos finais do século passado

Daman. The Fort/Governors' Palace at the end of the last century

Por mar, Damão encontra-se mais ou menos a meio caminho entre Baçaim e Diu. O topónimo designa quer um território quer uma cidade⁵¹. Contudo, a cidade são duas, Damão Grande e Damão Pequeno, esta preexistente, maior e mais populosa que aquela!... Separadas um rio cujas margens se desenvolvem a cotas diversas. Damão Grande está a sul, triste, sobrelevada e muralhada; Damão Pequeno espraia-se buliçosamente para norte por trás do pequeno Forte de São Jerónimo, erguido entre 1614 e 1627 pelo engenheiro militar Júlio Simão⁵². A poente ambas bordejam o mar. Só há poucos anos uma ponte as uniu.

O governador D. Nuno da Cunha, empenhado na fixação urbana dos Portugueses nas costas do reino de Cambaia nos anos 30 de Quinhentos, apercebendo-se da importância de Damão, mandou-a assaltar, do que resultou uma quase total destruição. No entanto não era ainda oportuna a fixação. Só em 1559, já com as cidades de Diu e Baçaim em franco desenvolvimento, o vice-rei D. Constantino de Bragança, visando proteger os domínios territoriais de Baçaim e apertar a rede de controlo das rotas marítimas do golfo de Cambaia, conquistou a cidade com os territórios a ela afectos. Foi o último acto de ampliação territorial da era da Expansão, tal como a cidade então erguida seria a última

Damão

By sea, Daman is approximately half way between Bassein and Diu and the name itself embraces both a territory and a city⁵¹. However, the city can be subdivided into two, Damão Grande (Large Daman) and Damão Pequeno (Small Daman), where the latter pre-existed, was bigger and had more population than the former! They are separated by a river whose banks are at different levels. Damão Grande stands high, walled in and sad on the south, while Damão Pequeno spreads out expansively to the north behind the small fort of São Jerónimo, built between 1624 and 1627 by a military engineer called Júlio Simão⁵². The western border of both is the sea and they were only recently joined by a bridge.

Governor D. Nuno da Cunha, who was dedicated to establishing the Portuguese along the coast of the kingdoms of Cambay in the 1530's, immediately realised the importance of Daman and ordered an attack that practically destroyed the city. However, the time was not ripe for occupation. It was only in 1559, when Diu and Bassein were developing fully, that viceroy D. Constantino de Bragança conquered the city and its associated territories. He did this as a means of protecting Bassein's territories and to strengthen control over the maritime routes in the Gulf of Cambay. This was the final act of territorial growth in the age

a, em sentido estrito, ser fundada no Hindustão pelos Portugueses.

O sítio onde os Portugueses decidiram instalar-se fica na margem sul do rio, defronte da cidade muçulmana preexistente, sendo o «lugar raso sem muro nem cerca alguma, sómente tem huã fortaleza pequena antiga que foy dos Mouros com quatro baluartes em que pousa o capitão, e de poucos annos a esta parte se começou acercar toda a cidade em roda com muitos baluartes à custa de huã imposição que se pôs nas mercadorias de hum por cento, e nos mâtímetros que saem para fora, e correse com esta fortificação com muita breuidade per ordem da camara da cidade» («Livro das Cidades...», pp. 41-42). Neste excerto encontramos dois dados importantes: 1) a fortaleza, obviamente muçulmana, era muito semelhante aos castelos manuelinos quadrangulares com torreões cilíndricos nos vértices (o de sudoeste é ainda visível) que se haviam erguido um pouco por todo o Império – recordemos as primeiras fortalezas de Chaul e de Baçaim, entre outras; 2) em 1582, data de redacção do texto, já os trabalhos da muralha abaluartada iam bastante adiantados, tendo muito provavelmente sido iniciados nos anos 70 como em todas as outras cidades. Com os seus possantes baluartes renascentistas, a linha defensiva fechou

DAMAN of expansion, just as the city would be the last to be built, in the strictest sense by the Portuguese, in Hindustan.

The location where the Portuguese decided to establish themselves was on the southern bank of the river, facing the pre-existing Muslim city. It was a “flat place without any wall or stockade, it only has a small old fort that was of the Moors, with four bastions where the captain lives and a few years ago they started to wall the whole town around with many bastions through a tax that they put on goods at one per cent and in the supplies that go outside and they are advancing this fortification with great haste on the orders of the city council” (“Livro das Cidades...”, pp. 41-42). This passage contains two important facts: first, the obviously Muslim fortress was very similar to square Manueline castles with cylindrical turrets at the corners (the one in the south-east is still visible) which had been built all over the empire – see the examples of Chaul and Bassein, among others; secondly, in 1582 when the text was written, work on the wall with bastions was advanced, probably having started in the 1570s, as in all the other cities. With its impressive renaissance bastions, the defensive line closed off the beach (still the river beach at that point) at the ends so that access to the Porta do Mar (Sea Gate) was only possible by

a praia (ainda) fluvial nos seus extremos de maneira a que o acesso à Porta do Mar apenas fosse possível de barco. A linha de água que corria a nascente foi prolongada em amplo fosso por toda a face sul, por forma a que toda a muralha estivesse rodeada de água. Apesar da construção sem preexistências avessas a uma geometrização urbanística, de uma topografia favorável e do cuidadoso perfil dos muros e baluartes, a linha muralhada acabou por ser geometricamente incaracterística, ou seja, irregular.

Apesar de algumas semelhanças formais e processuais com outras cidades – Chaul e Baçaim, por exemplo –, a cronologia e a morfologia urbana de Damão tornam claro que, pela primeira vez entre os casos estudados, a implantação e a estruturação da cidade são, na prática, simultâneas à construção da muralha, sendo inequívoca a existência, também inaugural, de uma pré-geometrização. De facto, a malha urbana de Damão, para além de regular

boat. The water course running eastwards was prolonged by a wide ditch all along

the south side so that the entire wall was surrounded by water. In spite of the absence of any pre-existing structures opposing a geometrical urbanistic approach, of a favourable lie of the land and of the careful profile of walls and bastions, the walled line was geometrically uncharacteristic, that is to say, irregular. Despite some formal and procedural similarities with Chaul and Bassein for example, the chronology and urban morphology of Daman make it clear that, for the first time in these cases, the establishment and structuring of the city were, in practice, simultaneous to the construction of the wall. The existence of an inaugural pre-geometrical structure is equally beyond doubt. In fact, Daman's urban mesh, in addition to being regular and octogonal, was rationalised. Starting from streets running at a tangent to the Muslim fort, this led to a rectangular street network defining square blocks where each corresponded to a quarter of the area of the fort. This also defined the pre-existing form as the basis for the urban mesh. One street running north-south, at a tangent to the east side of the fort leads directly

e ortogonal, apresenta-se racionalizada. Tendo como ponto de partida ruas tangentes ao forte muçulmano, foi lançado um reticulado viário que define quarteirões quadrados correspondendo cada um a um quarto da área do forte, assim se instituindo a única preexistência como módulo-base da malha urbana. Uma rua de sentido norte-sul, a tangente nascente do forte, conduz directamente da Porta do Mar à Porta da Terra, os únicos acessos ao perímetro muralhado. Imediatamente transposta a Porta do Mar, um cais permitia o acesso por barco ao Forte de São Jerónimo e a Damão Pequeno. Respeitando a malha implantaram-se lentamente complexos conventuais: os Jesuítas sobre uma mesquita abissínia (Xavier,

1987), os Franciscanos junto à Porta do Mar, os Agostinhos no extremo nas-

cente e, diametralmente opostos (sobre o mar), os Dominicanos. Bastante mais tarde, também os Hospitalários de São João de Deus se viriam a instalar na cidade. A arquitectura era, na generalidade,

from the Porta do Mar to the Porta da Terra, the only means of access to the walled



Damão. Rua Nascente/Poente tangente ao forte pelo seu lado sul

Daman. Road running east-west tangential to the south side of the fort

perimeter. In immediate juxtaposition to the Porta do Mar, a quay allowed access

by boat to the fort of São Jerónimo and to Damão Pequeno. Slowly, monastery complexes established themselves, while always respecting the urban layout. The Jesuits built over an Abyssinian mosque (Xavier, 1987), the Franciscans settled close to the Porta do Mar, the Augustinians were in the extreme east and diametrically opposite, overlooking the sea, were the Dominicans. Substantially later, the Hospitalários de São João de Deus would establish themselves in the city. In general, the architecture was of average quality and very limited in monumental terms. Almost immediately next to the south entrance, in the space corresponding to the first block on the western side of the main street, there is a square overlooked by the Jesuit church and college (north) and the parish church of Nossa Senhora do Rosário (south) in addition to some buildings linked to local government. The block in the extreme south-west also corresponded to a *largo* which was called "of the pillory". However, it must be recalled that the city at no time had

de mediana qualidade e de muito parca monumentalidade. Quase imediata à entrada sul, no espaço correspondente ao do primeiro quarteirão do lado poente da rua principal, abre-se uma praça para a qual dão a igreja e o colégio jesuítas (norte) e a paroquial de Nossa Senhora do Rosário (sul), para além de alguns edifícios ligados à administração. O quarteirão do extremo sudoeste correspondia também a um largo, o do Pelourinho. No entanto, tenha-se presente que em tempo algum a cidade teve uma densidade de ocupação que transformasse o grosso do traçado viário em ruas. Ainda hoje, só uma faixa entre as duas portas com a largura de dois quarteirões tem alguma consistência urbanística. De facto, muitos dos quarteirões acabaram por se transformar em miniquin-

sufficient population density for most of the rudimentary road network to be converted into streets. Even today, only one strip two blocks wide which links the two gates has any urbanistic consistency. In fact, many of the blocks would become mini-farms. It is significant that recently, the government of the Indian Republic brought these all together and set up a centre for agricultural research! While what we consider to be the city of Daman included the administrative and religious establishments common to the other cities, the fact is that the true urban centre was increasingly found on the other side of the river. Here, the structure was clearly organic, with very interesting civil architecture and an active urban life. In fact, Damão Grande is still only a city of power – now based in Delhi as the Portuguese occupiers were replaced by the Indian Republic⁵³.

tas e é significativo que recentemente o Governo da República Indiana, aglutinando alguns, tenha ali estabelecido um centro de investigação agrária!... Se aquilo que para nós é a cidade de Damão incluía os equipamentos religiosos e administrativos comuns a outras cidades, a realidade é

que o verdadeiro centro urbano passou cada vez mais a ser o núcleo do outro lado do rio, com uma estrutura orgânica vincada, com uma arquitectura civil muito interessante e com uma possante vida urbana. Na realidade, Damão Grande é ainda hoje apenas a cidade do Poder – agora com sede em Déli, pois o do ocupante Portugal foi substituído pela República Indiana⁵³.

Face a tudo isto o que mais nos interessa em Damão é a sua pré-concepção, até porque foi com base na rea-

The main point of interest in Daman is its pre-existing design. It was based on the urbanistic situation of this city that the nascent historiography of Portuguese urbanism and urbanistics, starting from a hypothesis put forward in a short essay by Mário Tavares Chicó (1956), uncritically saw the practical application of the Renaissance model of the "ideal city" in some Indo-Portuguese cases from the six-

teenth century. According to the same author, it was João Baptista Cairato, a distinguished Italian expert and Chief Engineer of India from 1583 to 1596, who designed and built Daman and its fortifications⁵⁴. This was at best a convenient explanation. According to the data available, briefly stated above, when Cairato started his work in India, the construction of the wall was already underway. This may be seen, if so desired, as an explanation of why the design is

«Planta topographica da Cidade e Praça de Damão» feita por José Maria de Mendonça e Souza Vidigal, 1892, SGL



“Topographical plan of the City and Fortress of Daman” by José Maria de Mendonça e Souza Vidigal, 1892, SGL

lidade urbanística desta cidade que a imberbe historiografia do urbanismo e da urbanística portuguesa, a partir de uma hipótese registada sob a forma de um pequeno ensaio por Mário Tavares Chicó (1956), acriticamente passou a ver em alguns casos indo-portugueses do século XVI a aplicação prática do modelo renascentista das «cidades ideais». Segundo essa mesma historiografia, foi João Baptista Cairato, um distinto técnico italiano que cumpriu as funções de engenheiro-mor da Índia entre 1583 e 1596, quem delineou e construiu Damão e a sua fortificação⁵⁴. Era este facto, no mínimo, conveniente.



Ora, de acordo com os dados de que dispomos e que, sumariamente, já expus, quando Cairato iniciou o seu trabalho na Índia já a construção da muralha estava em curso, o que, se assim quisermos entendê-lo, se quaduna com a evidente falta de rigor do seu traçado. Aliás, é também do domínio comum a sua intervenção nas linhas defensivas de Baçaim e Chaul, o que pela cronologia já aqui registada coloca idênticas

questões. A meu ver, e devo salientar a minha falta de especialização no domínio da engenharia militar, a participação de Cairato nestas obras deu-se em alterações a pormenores ou no desenho de elementos ainda por construir. Note-se, a título de exemplo, como as portas de Damão, ao invés das de Chaul e

Baçaim, não seguem a tradição portuguesa – aliás, herdada da islamização ibérica – das portas duplas em «sifão», mas sim os modelos da tratadística moderna. No que diz respeito à cidade não se pode deixar de ter em consideração que, apesar das condições propícias oferecidas pela topografia do local⁵⁵,

o Paço do Governador (a reformada fortaleza preexistente) aglutina quatro virtuais quarteirões e ocupa em área e implantação a posição canónica para a praça, sendo substituída por um espaço menor em posição subalterna e apenas com equipamentos religiosos. Nada leva a crer que o Largo do Pelourinho tenha em algum momento adquirido uma ainda que incipiente consistência urbana. Tal como em Chaul e Baçaim,

Damão. Rua Norte/Sul localizada do lado nascente da cidade

clearly irregular. It is also common knowledge that he worked on the defences of Bassein and Chaul, which due to the chronology noted here raises identical questions. In my opinion, and accepting that I am not a specialist in the field of military engineering, Cairato's participation in these last pieces of work was confined to alterations of details or in the design of some elements which were still to be built. For example, the gates in Daman, unlike those in Chaul and Bassein, do not follow the Portuguese tradition inherited from



the Iberian Islamic period, of double doors in "siphon", but rather adopt what is stated in treatises from modern days. In terms of the city, it must be remembered that despite the favourable conditions of the local land⁵⁵, the governor's palace (the rebuilt pre-existing fortress) comprises four virtual blocks and

Daman. Road running north-south on the east side of the city

occupies the ideal position for the square, yet is supplanted by a smaller space in an inferior position which only has religious establishments. There is nothing to suggest the Pelourinho largo at any moment acquired anything more than an incipient urban consistency. As in Chaul and Bassein, Cairato's role as an urbanist in Daman was only as a guide, or at best, refiner of the rectangular organisation in an already existing system.

In fact, given the above, the virtual relations between Daman and the model of the ideal city are restricted to the chequered system. Yet to

some extent, even this goes against the essential components of the archetype: order, hierarchy, formal and functional clarity, a united concept of the wall and the urban space, etc.. In isolation, apart from being a mathematical

também em Damão o papel de Cairato como urbanista terá sido de mera orientação ou, quando muito, de apuro ortogonalizante de uma ocupação já empreendida.

De facto, perante tudo o que até aqui ficou referido, das virtuais relações de Damão com o modelo evocado resta apenas a quadrícula, mas até esta em boa parte nega os componentes essenciais do arquétipo: ordem, hierarquia, clareza formal e funcional, concepção unitária da muralha e do espaço urbano, etc. É que, isoladamente, para além de um modelo matemático, a quadrícula é apenas uma forma primária de organização do espaço. Entre outros aspectos repare-se que nem mesmo as regras do *damero* espanhol parecem estar presentes, apesar de Cairato ser um mercenário ao serviço de Filipe II.

São agora mais as interrogações acerca de Damão. De entre elas registo aquelas cuja resposta simultânea poderá ser determinante: até que ponto a cidade se desenvolveu nas duas décadas que medeiam entre a instalação e chegada de Cairato?, estariam apenas lançados os arruamentos tangentes ao forte preexistente e terá sido o

Damão. Damão Pequeno, vista de sul contendo o Forte de São Jerónimo

italiano a *cordear* a quadrícula?, qual



Daman. View from the south of Damão Pequeno with the fort of São Jerónimo model, the chequered form is merely a primary means of organising the space. Among other features, not even the rules of the Spanish *damero* seem to be present, despite Cairato being a mercenary serving Philip II. In spite of everything said now, there are more questions about Daman. Amongst these, I have noted only those whose immediate answer will be essential. First, to what extent did the city develop in the two decades between the establishment of the Portuguese and Cairato's arrival? Secondly, was the tangential street system just attached to the pre-existing fort and did the Italian align the chequered system? Finally, what was the relationship between the triangle formed by Cairato/domination under the Philips/Spanish style urbanisation and the chequered morphology in Daman?

a relação entre o triângulo Cairato-dominação filipina-urbanística espanhola e a morfologia, a quadrícula, de Damão?

Notas

⁵¹ O território de Damão compreendia, à data da anexação pela União Indiana, dois pequenos enclaves no interior a pequena distância da cidade, Dadra e Nagar Haveli, palcos dos primeiros (1954) episódios do fim do Estado da Índia Portuguesa. Haviam sido cedidos pelos Maratas em 1779 e ainda hoje têm alguma individualidade administrativa. No entanto não correspondiam à área afecta a Damão integrada no século XVI.

⁵² Ver nota 35. Júlio Simão era um mestiço indiano formado na Europa e discípulo, já depois do seu regresso, de João Baptista Cairato a quem sucedeu como engenheiro-mor do Estado da Índia.

⁵³ O território é administrado directamente pelo Governo da União, continuando assim a ser um enclave no Gujarat (tal como Diu, Nagar Haveli e Dadra).

⁵⁴ São várias as referências a Cairato, nomeadamente em textos dedicados à engenharia militar (p. e., de Rafael Moreira, «Os primeiros engenheiros-mores do império filipino», in *Actas do IV Simpósio Luso-Espanhol de História da Arte*, Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1992, pp. 521-534). Aquele técnico italiano foi também o autor de outra obra aparentemente inspirada na produção teórica de Pietro Cataneo, o Forte de Jesus em Mombaça.

⁵⁵ Por exemplo, a cidade poder-se-ia ter deslocado ou ampliado para sul deixando a fortaleza na face norte de uma praça central.



Notes

⁵¹ When the Indian Union annexed it, the territory of Daman comprised two small enclaves in the interior (Dadra and Nagar Haveli) close to the city. These were the scenes of the first episodes (1954) in the end of the Portuguese State of India. They had been ceded by the Marathas in 1779 and even today have some individual administrative features. However, they do not alone correspond to the Daman territory in the sixteenth century.

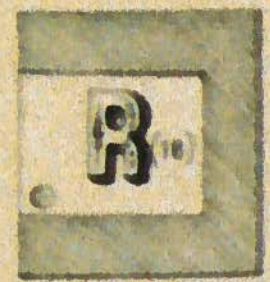
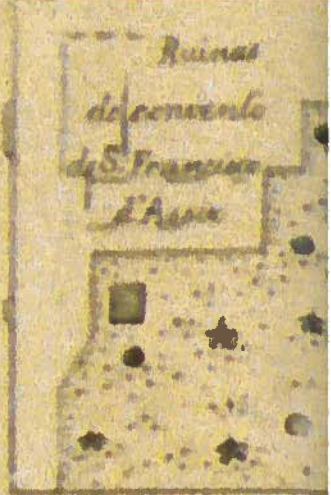
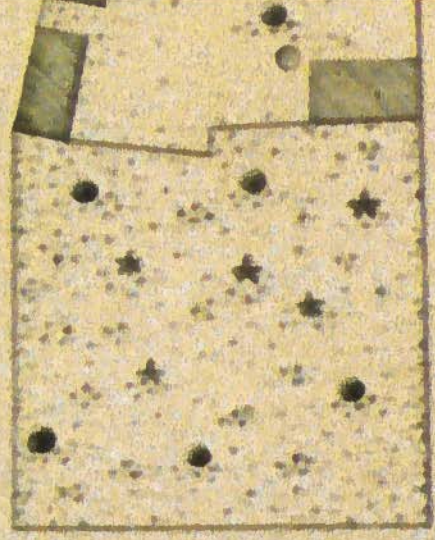
⁵² See note 35. Júlio Simão was a mixed race Indian trained in Europe and a follower, after his return, of João Baptista Cairato. He later succeeded Cairato as Chief-Engineer of the Portuguese State of India.

⁵³ The territory is directly run by the Union's government, although it is still an enclave in Gujarat, as are Diu, Nagar Haveli and Dadra.

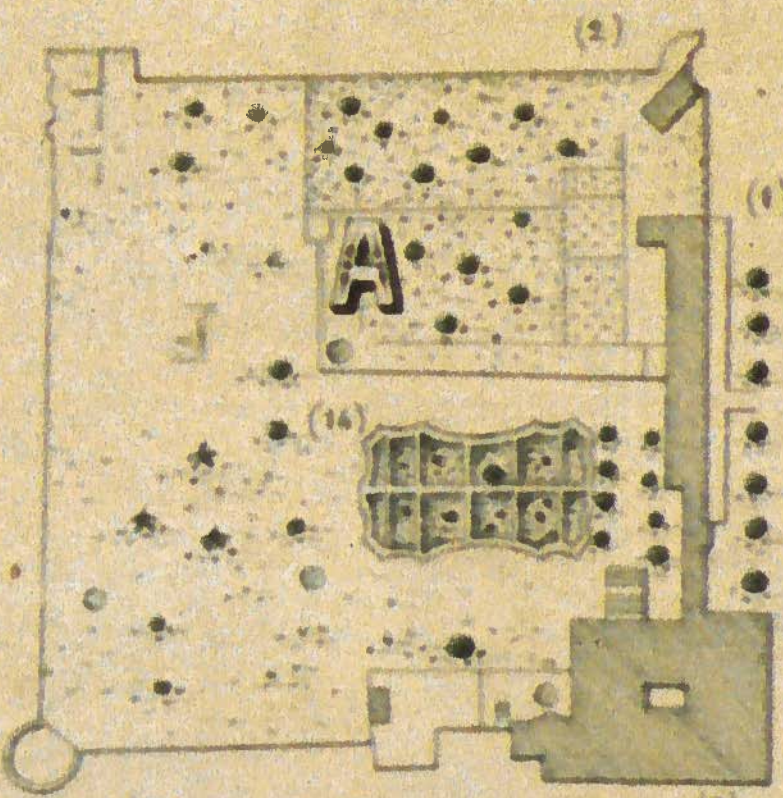
⁵⁴ There are several references to Cairato, namely in texts on military engineering (e.g. Rafael Moreira, "Os primeiros engenheiros-mores do império filipino", in *Actas do IV Simpósio Luso-Espanhol de História da Arte*, Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1992, pp. 521-534). Cairato also built the Forte de Jesus in Mombassa based on the theories of Pietro Cataneo.

⁵⁵ For example, the city could have relocated or built up to the south, leaving the fortress on the northern side of the main square.

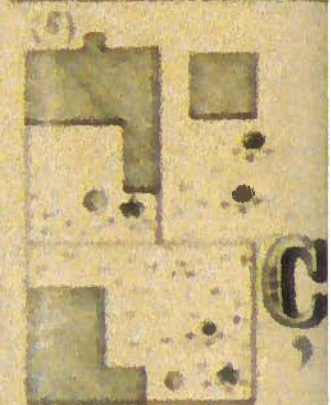
*Restos
de convento
de S. Francisco
d'Assis*



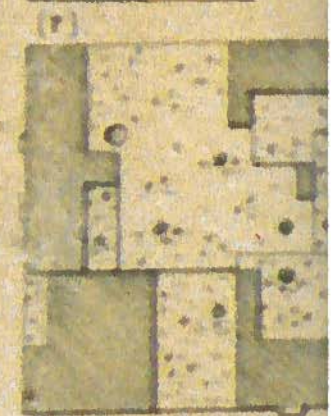
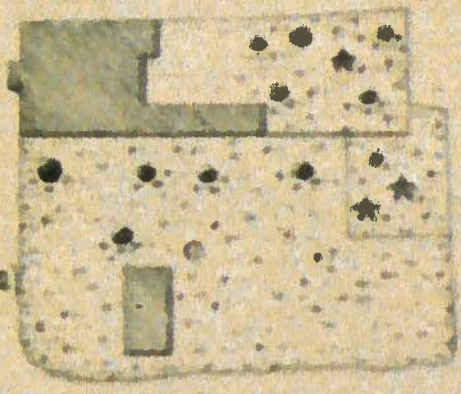
(10)



(1)



C



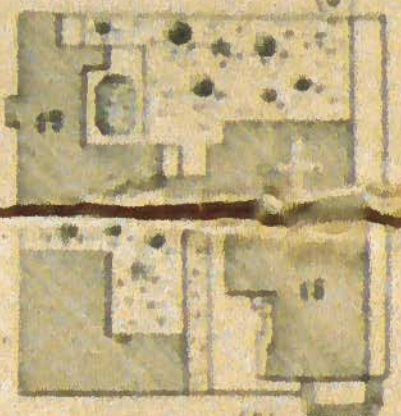
(7)



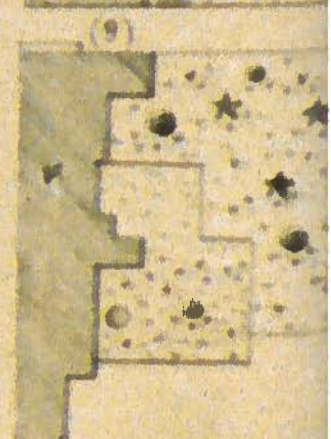
(3)



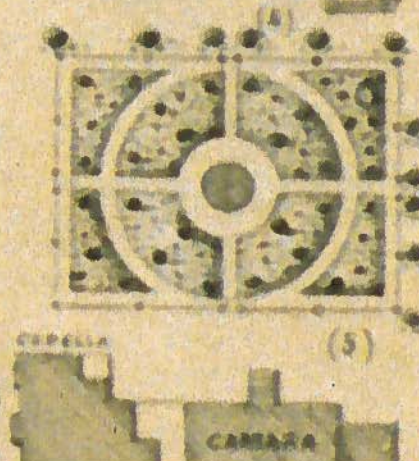
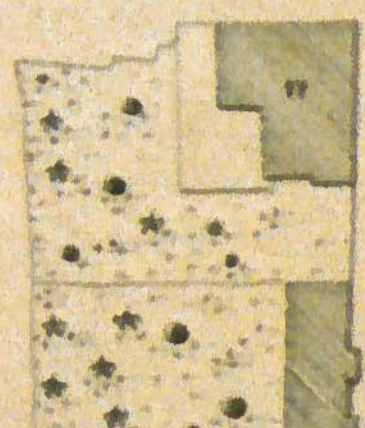
(8)



(4)



(9)



(5)

CABANA

CABANA

As questões em torno da virtual aplicação em Damão do modelo renascentista de «cidade ideal» e do papel de João Baptista Cairato que frequentemente surgem na historiografia só são importantes porque, por reacção, recentemente têm vindo a suscitar reflexões acerca da urbanística portuguesa do período da Expansão. É um exercício que, dadas as características desta publicação, não pode ser aqui feito com profundidade e segurança, até porque ainda não há produção de conhecimento disciplinar suficiente para isso, mas algo pode ser anotado. Como atrás deixei subentendido, uma leitura cuidada do texto de Mário Tavares Chicó (*ibid.*) torna bem claro o seu carácter ensaístico e intuitivo – não podemos esquecer que é, provavelmente, o primeiro texto da história do urbanismo português enquanto disciplina. Bastaria tal facto para que não se tivesse transformado num dogma incessantemente repetido se a distância, as dificuldades no terreno e as conjunturas políticas durante muitos anos não tivessem desmotivado ou mesmo impossibilitado a observação *in loco* dos objectos. Por outro lado, a cartografia estava mal divulgada e estudada e a historiografia era pouco precisa em tudo o que dissesse respeito a factos e datas,

para
nã o
falar

A Propósito de Tudo Isto...

b é m
abor-
d a m

The questions of the virtual application of the Renaissance model of the “ideal city” in Daman and the role of João Baptista Cairato often appear in traditional historiography. They are only important, however, because they have recently caused consideration of Portuguese urbanistics during the period of the Expansion. Given the nature of this work, that sort of exercise cannot be covered in depth or with great accuracy, basically as there are still not sufficient published studies. However, some points may be highlighted. As suggested above, close reading of the text by Mário Tavares Chicó (*ibid.*) makes it clear that it was an intuitive essay. Nonetheless, it cannot be forgotten that it was probably the first text in the history of Portuguese urbanism as an academic subject. This alone would be enough for it not to have become a piece of dogma which is constantly repeated if the difficulties in the field and the political conjuncture over many years had not demotivated or even impeded *in loco* observation of objects. Furthermore, the maps were poorly known and poorly studied and the historiography was somewhat vague on concrete facts and dates, let alone in terms of concepts and terminology. For example, one of the most important omissions in Chicó’s thesis

IN RELATION TO THIS...

do mau conhecimento dos conceitos e terminologias. Por exemplo, uma das omissões mais importantes na proposta de Chicó é a da definição do conceito de «cidade ideal» em presença. As «cidades ideais» são uma das matérias sobre as quais ao longo do tempo mais reflexão e bibliografia tem sido produzida em diversos domínios disciplinares e não pode, sob forma alguma, ser restringida ao Renascimento ou até apenas alargada a idades clássicas. Aquilo a que na nossa disciplina nos referimos do conceito é apenas o seu módulo formal, fundamental para o seu objectivo último – uma civilização com uma superior qualidade de vida –, mas que não pode ser dissociado da própria síntese, a sua inspiração/construção filosófica. Note-se como as utopias são na sua essência formulações de «cidades ideais» e têm normalmente implícito um modelo urbanístico a que é associada uma imagem que nem sempre é explicitada pelo recurso ao desenho. Uma das razões fundamentais para na história da urbanística se tender a relacionar «cidade ideal» com Renascimento deve-se ao facto de ter sido nesse período que, pela primeira vez de forma contínua e consistente, nas áreas disciplinares do espaço surgiram textos específicos que tam-

is the definition of the concept of the “ideal city” that he mentions. The ideal city is one of those subjects which, over time, has seen the most thought and bibliography across several disciplines. It cannot be restricted merely to the Renaissance or even expanded only to embrace Classical ages. What is here called the ideal city is exclusively the formal model which is fundamental for its ultimate aim – a civilisation with a higher quality of life – but it cannot be disassociated from the synthesis itself, its inspiration/philosophical construction. Utopias are essentially creations of “ideal cities” and normally imply an urbanistic model associated to an image that is not always explicitly represented. One of the basic reasons why the history of urbanistics tends to link the “ideal city” to the Renaissance is that it was then that specific texts which dealt with space, debating the subject and proposing solutions. In jargon, these are called “treatises”, and first appeared at that time in a continuous and consistent form. Despite the variations and differences of interpretation, in the Renaissance there were basically two types/series that intermix but which I will characterise, albeit in simplified and reduced form. The first was the monumental, classical city that was a restoration of a romantic, mythical vision of ancient Rome.

o assunto e formulam soluções, aqueles que na gíria designamos por «tratadística». Apesar das variantes e divergências de interpretação, é ponto assente que no Renascimento há essencialmente dois tipos/séries que também se contaminam, e que, de uma forma assumidamente simples e redutora, passo a caracterizar: o da cidade monumentalizada, clássica, recuperação mítica e romanticizada da Roma antiga; o da cidade geometricamente racionalizada, onde da arquitectura dos objectos individualizados se espera pouco, petrificação e optimização do acampamento militar que, em última análise, é. Formalmente e, em parte, funcionalmente, era este último modelo que Chicó tinha em mente, apesar de, para a cronologia verificada, apenas o primeiro seria aplicável ainda que com algumas reservas. Como ilustração, note-se como uma das primeiras realizações desta série, a Palma Nuova projectada por Scamozzi, surgiu apenas duas décadas depois, ainda que em La Valetta (Malta) já em 1566 se tenha dele sintetizado o essencial.

Num rápido relance, torna-se imperioso recordar que o *Trattato di Architettura* de Filarette, escrito entre 1461 e 1464, só foi publicado no século XIX e ainda que tenha circulado em cópias manuscritas não propõe nenhum modelo que inspirasse um partido urbanístico como o de Damão ou o de outra qualquer cidade indo-portu-

guesa. Igual pode ser dito acerca do *Trattato di Architettura, Ingegneria e Arte Militare*, de Francesco di Giorgio Martini, composto na oitava década de Quatrocentos, apesar de poder ser apontado como a matriz das “cidades ideais” *castrenses* do Renascimento, a mais directa conexão com os aspectos espaciais implícitos no clássico manual de Q. R. Vegesio (século IV d. C.) tão usado, nomeadamente na Idade Média, até à invenção das armas de fogo. Também as propostas de Dürer em *Etliche Underrichte zu Befestigung der Stett, Schloss und Flecken* (1527) não se encontram na linha de qualquer dos arquétipos seguidos, pese embora o facto de a obra muito cedo (1552) ter sido traduzida para português por Isidoro de Almeida⁵⁶, embora não tenha sido impressa. Já a edição dos *Quattro Primi Libri* de Cataneo, ocorrida em meados de Quinhentos em Itália, terá tido um quase imediato impacte em Portugal⁵⁷. É que, de acordo com o que persistentemente pretendi anotar na primeira parte deste texto, já então se entrara numa nova fase da Idade Moderna portuguesa sendo, entre outros, assumida e promovida a importação de conhecimentos científico-tecnológicos, nomeadamente no universo da engenharia militar⁵⁸. É possível, mas muito pouco provável, que outras obras de autores hoje menos reconhecidos possam ter sido divulgadas entre nós antes – refiro-me, por exemplo, a Daniele Barbaro, a Hoche-

The second was the geometrically rationalised city, where little was expected from the architecture of individual objects, where there is petrification and the optimum form of the military camp. This was the formal and, to some extent, functional model that Chicó had in mind, although in chronological terms, only the first was still applicable and even then with some reservations. An illustration of this, one of the first pieces of work in this series, the Palma Nuova, designed by Scamozzi, appeared only two decades later. However, in La Valetta (Malta) in 1566, the basic essence of this had already been drawn up.

A brief glance makes it imperative to remember that the *Trattato di Architettura* by Filarette, which was written between 1461 and 1464 was only published in the nineteenth century. Even though manuscript copies may have circulated, it does not propose any models that would inspire an urbanistic plan such as that of Damán or of any other Indo-Portuguese city. The same can be said of *Trattato di Architettura, Ingegneria e Arte Militare*, by Francesco di Giorgio Martini, which was written in the 1480's, even though it was considered as the model for the “ideal military city” of the Renaissance, the most direct link to the spatial aspects implicit in the classic manual of Q. R. Vegesio (4th century AD) which was widely used in the Middle Ages until the inven-

tion of fire-arms. Equally, the proposals made by Dürer in *Etliche Underrichte zu Befestigung der Stett, Schloss und Flecken* (1527) do not follow the line of any of the normal archetypes, even though the work was soon (1552) translated into Portuguese by Isidoro de Almeida,⁵⁶ and although they were not yet printed. The publication of Cataneo's *Quattro Primi Libri* in the middle of the sixteenth century in Italy had an almost instantaneous impact in Portugal⁵⁷. As I have consistently tried to point out in the second part of this text, Portugal was entering a new phase of its modern age, when among other areas, the importance of scientific and technological knowledge was accepted and encouraged, specifically in the field of military engineering⁵⁸. It is possible, though highly unlikely, that other works by other now lesser-known authors were known to the Portuguese before. These, for example, could include the works of Daniele Barbaro, Hochelaga, Maggi and Castriotto and Marchi etc.. However, at least in terms of the general line of the walls and their relationship with the city itself, there can be no doubt that their influence cannot even be seen in Damán. Renaissance urbanism as possibly known and acknowledged in Portugal's urbanistics at that time was Florentine, the result of Arnolfo de Cambio's late mediaeval practice adapted in the light of the first explorations of space from Antiquity

laga, a Maggi e Castriotto, a Marchi, etc. Contudo, é inquestionável que, pelo menos ao nível do partido geral do traçado das muralhas e da sua relação com a própria cidade, nem em Damão é perceptível a sua influência prática. O urbanismo renascentista que a nossa urbanística então eventualmente conhecia e reconhecia era ainda «florentino», ou seja, o da herança da prática tardo-medieval de Arnolfo de Cambio, revisto à luz das primeiras explorações dos espaços da Antiguidade e das reedições de Vitruvius e de que podemos encontrar a mais límpida das formulações no *De Re Aedificatoria* de Alberti. Aí o processo é meramente estético-conceptual, não sendo fornecidos desenhos-exemplo nem modelos formalizados de cidade, apontando mais para um sistema racionalmente monumentalizante do que para um geometrismo do traçado. O texto de Alberti, publicado em 1485 – três décadas após ter sido concluído –, terá circulado entre nós, ao que sei, pelo menos no início do reinado de D. João III. Tal como as ideias dispersas nele sintetizadas, que com os «ares do tempo» haviam chegado a Portugal, inevitavelmente terá então sido confrontado com a práxis urbanística portuguesa que, tal como a da Toscana e de muitas outras regiões da Europa, radicava no processo de povoamento e/ou reordenamento do território empreendido em concomitância com o surto demo-

gráfico, urbano e económico que caracterizou a Baixa Idade Média.

As cidades indo-portuguesas da Expansão são o exercício prático dessa complexa síntese, produção do nosso urbanismo moderno mais castiço. Goa, por exemplo, corresponde em larga medida ao caso de uma estrutura urbana preexistente paulatinamente reformada segundo um programa de monumentalização classicizante que, no entanto, incluiu a introdução de equipamentos e a reinterpretação dos sistemas urbanísticos preexistentes segundo o que, em larga escala, também se fez em Portugal. Foi a persistente estanquicidade historiográfica entre medieval e moderno e o integral desconhecimento da existência dessa cultura urbanística residente em natural e constante processo de confronto e enriquecimento com o que se passava além-fronteiras, que levou a história do urbanismo português inicial a ajustar a realidade a modelos que a informaram, mas não formaram. Tirando partido de oportunidades propícias e baseando-me em trabalhos essenciais de outros investigadores que, à sua maneira, também o têm feito, com uma inconveniente persistência tenho tentado estabelecer a ponte historiográfica entre as urbanísticas portuguesas medieval e moderna (Rossa, 1995 e 1996). Entre as póvoas medievais e o urbanismo «regulado» – com a nova centrali-

and of the republication of Vitruvius, in which we can find the clearest formulas in *De Re Aedificatoria* by Alberti. Here, the process is merely aesthetic and conceptual, with no drawings or examples nor formalised models of the city. This points more towards a rationally monumental system rather than a geometrical design. Alberti's text, which was published in 1485 (three decades after being written) would have circulated in Portugal at least at the start of the reign of João III. The various ideas synthesised in his work, which reached Portugal with the changing times, would inevitably have been brought face-to-face with the practice of Portuguese urbanistics. Just like in Tuscany and many other regions of Europe, this practice was based on the process of repopulating and/or reorganisation of the territory, undertaken as a result of the sharp population, urban and economic growth that was a feature of the Lower Middle Ages.

Indo-Portuguese cities from the expansion are a practical exercise of this complex synthesis, which was the product of our purest modern urbanism. For example, Goa corresponds, to a great extent, to a pre-existing urban structure which is gradually rebuilt following a programme of monumental construction which included the introduction of establishments and reinterpretations of the pre-existing urbanistic systems. This was also generally the case in Por-

tugal. There was a persistent historical inability to communicate between the mediaeval and the modern and a complete lack of knowledge of the resident urbanistic culture in a natural and constant process of confrontation with, and enrichment from, what was happening outside. This led the initial history of Portuguese urbanism to adjust to models that informed but did not form. Using advantageous opportunities and relying on the fundamental work of other researchers (who have, in their own way, done the same thing) I have persistently tried to establish a historical link between mediaeval Portuguese urbanistics and modern Portuguese urbanistics (Rossa, 1995 and 1996). Between the mediaeval póvoas (settlements) and "regulated" urbanism, with its new centrality, from a lengthy Manueline period to which I have briefly made mention, there is a methodological continuity, a way of doing things that can easily be seen as one its most decisive *invariables*. This practice, which featured an intuitive pragmatism that slowly evolved into a set of formalised rules, started and characterised the production of urban space overseas whenever the expansion so demanded. If I have managed to establish that, with the dubious exception of Daman, then the Portuguese did not formally found any of the places analysed here as cities. Until the change to a colonial policy, whose

dade – de um alargado período manuelino, a que já aqui fiz breves referências, existe uma continuidade metodológica, uma maneira de fazer que facilmente poderemos considerar como uma das suas invariáveis mais determinantes. É essa práxis, marcada por um intuitivo pragmatismo que lentamente evoluiu para um conjunto de regras formalizadas, que inicia e caracteriza a produção de espaço urbano além-mar quando o processo da Expansão o solicitou. Se tal consegui deixar claro, com uma dúvida exceção para Damão, os Portugueses não fundaram como cidade qualquer dos estabelecimentos analisados neste capítulo. Até à mudança para uma política colonial, cuja pedra de toque foi a fundação de São Salvador da Bahia em 1548, o mesmo aconteceu no Brasil. No entanto, as colonizações internas dos Açores e da Madeira demonstram que tal não teria sucedido se as estratégias territoriais o não tivessem tornado necessário. Em concomitância com as invariáveis que implicitamente tenho vindo a referir – programa institucional e infra-estrutural, regulamentação, elementos urbanísticos estruturadores, entre outros –, a ausência do recurso ao desenho enquanto matéria é um dos vectores mais fortes dessa urbanística. Recorrendo de forma livre ao que em outro lugar afirmei (Rossa, 1996), parece, contudo, evidente o seu uso como conceito – uma imagem –, obtido,

tudo o indica, através do exercício e primado das matemáticas. A produção teórica, o método, da «escola portuguesa» de urbanismo e engenharia militar, que cristalizaria e se institucionalizaria após a Restauração, é constituída essencialmente por compêndios de matemáticas que, acompanhando as correntes da vanguarda de então, associam a álgebra à geometria pondo-as conjuntamente e cartesianamente ao serviço da concepção do espaço⁵⁹. A ausência do modelo em desenho, específica desta «escola», resulta da suficiência que o conhecimento das propriedades das formas constituía para os seus membros. Foi Serrão Pimentel quem o declarou no seu *Método Lusitano*, publicado em 1680, e, entre outras, é essa uma das matérias fundamentais refinadas por Azevedo Fortes na sua *Lógica Racional, Geométrica e Analítica* em 1744⁶⁰. Nas nossas colecções de desenhos de arquitectura do século XVIII, como se explica a quase ausência de itens além de plantas e, em especial, a inexistência de esboços, cortes ou secções? E já agora, como compreender a renitência em usar e/ou guardar o desenho no período anterior à «escola», se não pela sua óbvia insuficiência conceptual? É que, apesar de surgirem referências a desenhos, aparentemente estes não foram guardados e nem mesmo as catástrofes são disso justificação, pois, para além de se terem preservado os documentos

touchstone was the foundation of São Salvador da Bahia in 1548, the same was true in Brazil. However, the internal colonies of the Azores and Madeira demonstrate that this would not have happened if the territorial strategies had not made this necessary.

Concomitantly with the invariables that I have implicitly mentioned – the institutional and infrastructure programme, regulation and structuring urbanistic elements, among others – the absence of using drawings as a material is one of the strongest features of this urbanistic approach. Making free use of what I have stated elsewhere (Rossa, 1996), it does seem evident that they were used as a concept – an image – obtained (so it seems) from the exercise and predominance of mathematics. Theoretical work, the method, the Portuguese school of urbanism and military engineering which would form and become institutionalised after the Restoration (1640) is fundamentally composed of mathematical compendiums which, in line with the most advanced ideas of the time, associated algebra to geometry, then applied them to the conception of space in a Cartesian way⁵⁹. The absence of the drawn model, specific to this “school”, resulted from the sufficiency that knowledge of the properties of forms represented for its members. It was Serrão Pimentel who stated this in his work *Método Lusitano*,

published in 1680 and, among others, this is the one of the fundamental subjects refined by Azevedo Fortes in his *Lógica Racional, Geométrica e Analítica* from 1744⁶⁰. How can the almost total absence of anything other than plans be explained in our collections of eighteenth century architectural drawings, especially the non-existence of preliminary plans and cross-sections? Equally, how can we understand the reluctance to use and/or keep drawings from the period previous to the “school” if not due to their obvious conceptual inadequacy? Although there are references to drawings, it seems that these were not kept. Not even catastrophes can be blamed, as in addition to the survival of documents that mention that the drawings are attached, the same absence appears in documents which are kept in countries with large collections. When referred to in documents, the drawing seems to have been necessary to transmit the idea or as a record of instructions to a building-site where the architect was not present, making it necessary to receive approval from somebody who was far away. The spatial conception through mathematical abstraction, which appears to have been critical during the first phase of the “Portuguese school” among all the other elements imported and/or reformulated in the light of purely Portuguese urbanistic culture, seems to have been deeply roo-

que os referem como anexos, aquelas também ocorreram em países que hoje guardam consideráveis colecções. Quando documentalmente referenciado, o desenho parece dever-se a necessidades de transporte da ideia ou de registo de instruções para um estaleiro com arquitecto ausente, isto é, quando se torna necessário obter aprovação junto de alguém distante.

A concepção espacial com base na abstracção matemática, que tudo indica ter sido determinante na fase inicial da «escola portuguesa», entre muitas outras componentes importadas e/ou refundidas à luz da cultura urbanística castiça, parece ter raízes profundas em Portugal. Da produção teórica de António Rodrigues, destinada à publicação de um tratado de engenharia militar nos finais dos anos 70 de Quinhentos, fazem parte as «Proposições matemáticas»⁶¹ – um verdadeiro e original manual de geometria em que já se estabelecem ténues relações com a álgebra –, que, para além de se inspirar e recorrer à cópia de autores conhecidos, refere um antigo *Livro de Geometria*. Uma simples pista daquilo que é do conhecimento comum: o desenvolvimento que as matemáticas – aritmética, geometria, álgebra, astrologia, trigonometria, cartografia, etc., sendo a própria arquitectura então entendida como uma área das matemáticas – tiveram em Portugal no ciclo dos Descobri-

mentos. Medir o mundo é um dos maiores feitos científicos da Idade Moderna e exigiu uma capacidade de abstracção única que não pode ter surgido do nada nem de um dia para o outro. Foi Jaime Cortesão (AA. VV., 1928-1954, vols. II e IV, e 1958, vol. I)⁶² quem pela primeira vez colocou a questão de forma clara, ou seja, se tal não fazia parte de uma prática com maiores antecedentes, quiçá enraizada na presença já anterior à fundação da nacionalidade de preponderantes comunidades oriundas do Médio Oriente⁶³. A questão dos medievos *Almanaques de Coimbra*⁶⁴, das estreitas ligações científicas entre D. Dinis e seu avô Afonso X (*o Sábio*), do *Almanach Perpetuum* de Abraão Zacuto, dos compêndios de matemáticas impressos no reinado manuelino, das relações (na prática e no ensino) da medicina com a astrologia, da preponderante presença de médicos judeus na «corte científica» do infante D. Henrique, da contratação a «peso em ouro» de um cosmógrafo, cartógrafo e construtor de instrumentos como Jacome de Mallorca – aliás Jafuda Cresques, judeu convertido –, entre outras, serão apenas a parte conhecida do muito que há a descobrir e do qual, provavelmente, muito pouco viremos a saber. Na aproximação que se tem vindo a fazer aos processos portugueses de concepção e produção de espaço urbano no período da Expansão, verifica-se que à quase ausên-

ted in Portugal. Part of the theoretical work of António Rodrigues, which was to be published in a treatise on military engineering at the end of the 1570s, was his “Proposições matemáticas”⁶¹. This was an authentically original geometry manual which established some tenuous relations with algebra and, in addition to being inspired by and copying the work of well-known authors, also mentions an old *Livro de Geometria*. This is a simple clue to what is common knowledge: the development of mathematical sciences – arithmetic, geometry, algebra, astrology, trigonometry, cartography etc. and including architecture as an area in mathematics – happened in Portugal during the period of the discoveries. Measuring the world is one of the major scientific feats of the Modern Age and demanded a unique capacity for abstraction that cannot have come out of nowhere nor appeared overnight. It was Jaime Cortesão (Various Authors, 1928-54, vols. II and IV; 1958, vol. I)⁶² who first posed the question in a clear manner: whether it was not part of a practice with older precedents and was possibly rooted in the presence of dominant communities from the Middle East prior to the foundation of nationality⁶³. The question of the mediaeval *Almanaques de Coimbra*⁶⁴, the close scientific links between King Dinis and his grandfather Afonso X (*the Wise*), the *Almanach Perpetuum* by Abraão

Zacuto, the compendiums of mathematics printed during the reign of King Manuel, the relations (both practical and in teaching) between medicine and astrology, the preponderant presence of Jewish doctors at the “scientific court” of Prince Henry the Navigator, the hiring “for their own weight in gold” of a cosmographer, cartographer and instrument-maker like Jacome de Mallorca (also known as Jafuda Cresques, a Jewish convert) among others, are just the known part of the vast amount there is still to be discovered and which will probably never be known. This approach to what happened to the Portuguese processes of conception and production of urban space during the period of expansion shows that the almost complete absence of obvious geometrical thinking – design – corresponds to a rationale, a profound command of the rules governing composition and proportion, a tightly controlled management of urban organisation through descriptive processes – regulation. In the near future, it will be necessary for research to devote itself to strengthening the relations between urbanistics and Portuguese scientific culture, for this certainly did not merely bring results in the noble art of navigation. This brief consideration of Portuguese sixteenth century urbanistics brings the virtual journey across Portuguese cities from the expansion in the Indian subcontinent to a close.

cia de geometrização óbvia – desenho – corresponde uma racionalidade, um domínio aprofundado das regras de composição e proporção, uma gestão apertada do ordenamento urbano através de processos descritivos – uma regulamentação. No futuro próximo será necessário que a investigação disciplinar se dedique ao aprofundamento das relações entre a urbanística e a cultura científica portuguesa que, por certo, não terão apenas dado frutos na nobre técnica de navegar.

Com esta precipitada reflexão acerca da urbanística quinhentista portuguesa terminamos o nosso célere percurso virtual pelas cidades portuguesas da Expansão no subcontinente indiano. Apesar de inferiores às interrogações, foram várias as conclusões que em viagem fomos anotando acerca de modelos, métodos, equívocos historiográficos, etc. De momento não as conseguirei sintetizar e seria, pelo menos, enfadonho querer listá-las. Para estimular a reflexão e a crítica é ainda necessário verificar e aprofundar a recolha de informação. No entanto, é já para mim um dado adquirido que o grande interesse do urbanismo quinhentista português na Índia reside no facto de permitir clarificar a leitura daquilo que são as matrizes fundamentais da *cidade portuguesa*, dos processos para a sua formação e das ligações que tem com as políticas territoriais que a acumulação de expe-

riências até então apurou. O salto entre a existência de um urbanismo castiço e o estabelecimento de uma urbanística *aggiornata* que o passou a formular dar-se-ia um pouco mais tarde, com a Restauração. É nessa data, e não para trás, que considero ter sido fundado aquilo a que, com o início do magistério e da produção científica de Horta Correia (Universidade Nova de Lisboa), passou a ser comum designar como «escola portuguesa de urbanismo», a tal radicada no escol de engenheiros militares institucionalmente estabelecido.

Veio esta reflexão a propósito das especificidades portuguesas das cidades, de que procurei aqui deixar uma interpretação urbanística, tendo em Damão o mais directo pretexto. Não sendo uma “cidade ideal” do Renascimento, é, contudo, a prova da evolução de algo que ainda conhecemos mal (eventualmente) no sentido da racionalização pelo desenho. Para a globalidade das cidades portuguesas é no processo de fundação de São Salvador da Bahia que encontramos os primeiros indícios inequívocos dessa evolução. Deixando para a bibliografia dedicada as questões da análise morfológica⁶⁵, recordemos as referências às «traças e amostras que levais», no muito comentado excerto do «Regimento de Thomé de Souza», o corpo de instruções escritas que D. João III entregou ao primeiro governador-geral

While the conclusions do not fully satisfy the questions asked, some were reached en route in the form of notes on the models, methods, historical errors, etc. At this stage, I have been unable to provide a synthesis and it would be tedious to try and list them. It is still necessary to check and increase the collection of information so as to encourage examination and criticism in this field. However, I believe that the great point of interest in Portuguese sixteenth century urbanistics in India lies in the fact that it allows the fundamental guidelines of the *Portuguese city* to be clarified, as it does for the processes of its formation and the connections with territorial policies that the accumulation of experience had discovered. The leap from a pure vernacular urbanism to the establishment of the *aggiornata* urbanistics which it created would come a little later, with the Restoration. It is then, and not before, that I consider what is generally called the “Portuguese school of urbanism” was created. This name follows the teaching and work of Horta Correia (Universidade Nova de Lisboa) and the school was based on the cream of the institutionally established military engineers.

This consideration came in relation to the specific Portuguese features of the cities examined in terms of their urbanistic interpretation, with Damão as the main source. While

it was not an “ideal Renaissance city”, it is proof of the evolution of something that we still know little of: rationalisation by design. The first unequivocal signs of this evolution for all Portuguese cities is in the founding of São Salvador da Bahia. Leaving questions of morphological analysis to the specialised works⁶⁵, we will examine the “...drawings and samples that you take...” from the much commented extract from the “Regimento de Thomé de Souza”, the body of written instructions that João III gave to the governor-general of Brazil. This made it clear that the drawings were for him to follow and “...working with the officials that I send you for this purpose and with any other people that you see fit...” decide what he thought best. A few lines before, this same right was granted to choose the place. It is perfectly well known that one Luís Dias went with the governor. Dias was an architect who was trusted by Miguel de Arruda and had hypothetically been briefed on his mission by Arruda. All this, in addition to the documentary reports of the failed attempts to get drawings of what was being done to the king, has fuelled speculation on the existence of a plan, a pre-established design for the city. However, everything suggests that it was drawn up on site, possibly as work progressed. The phrase used by Luís Dias in a letter to the king dated 15 August 1551 is, in fact,

*Goa, vista de Nossa Senhora da Serra
destacando-se a Sé e São Francisco*



Goa seen from Nossa Senhora da Serra,
with the cathedral and São Francisco

do Brasil. Ali se tornou claro que tais desenhos eram para que ele com eles se conformasse e «praticando com os oficiais que para isso mando e com quaisquer outras pessoas que o bem entendam» decidisse o que de melhor achasse. Umhas linhas atrás igual capacidade de decisão era dada para a escolha do local. É por demais sabido que com ele seguira Luís Dias, um arquitecto da confiança de Miguel de Arruda e por este hipoteticamente instruído para a missão. Todos estes factos e a notícia documental das tentativas falhadas para fazer chegar ao rei desenhos representando o que então se fazia, têm alimentado a hipótese da existência de um plano, um pré-desenho para a cidade. No entanto, tudo aponta para que tenha sido elaborado no local, quem sabe se a par-e-passo com as obras. O termo com que Luís Dias o designa na sua carta ao rei, datada de 15 de Agosto de 1551, é, aliás, «amostra», e nela acaba por dar especial relevo às muralhas. Contudo, no contexto geral das cidades da Expansão, Salvador foi o primeiro tramo da ligação prática entre as cidades «reguladas» e as cidades da futura «escola». O segundo parece ter sido Damão, em especial pela sua insólita e geométrica quadrícula, até então única no universo urbanístico português. Seguir-

a "sample" and pays special attention to the walls. However, within the general context of cities from the expansion, Salvador was the first stage in the practical connection between "regulated" cities and cities from the future "school". The second seems to have been Daman, especially due to its unique and geometrical chequered system, which was previously unheard of in Portuguese urbanistics. It would then be followed by a series of similar cases also on Brazilian territory and during the reign of the Philips. In contrast to what happened in Brazil, everything points towards the fact that the Habsburg kings, despite trying to find better administrative solutions, did not try to introduce wide-ranging alterations in the urban development of cities in the Portuguese State of India. In addition to the

-se-lhe-ia uma série de casos também em território brasileiro e em pleno período filipino.

Ao contrário do que aconteceu no Brasil, tudo leva a crer que os reis da Casa de Áustria, apesar de não se terem alheado da procura das melhores soluções administrativas, não tentaram introduzir alterações de fundo no curso urbanístico das cidades do Estado da Índia Portuguesa. Para além da estratégia territorial seguida, parece-me evidente que as medidas tomadas para melhorar a defesa das cidades, incluindo a própria contratação de técnicos estrangeiros, surgiram dentro daquilo que já estava em curso e seria normal caso não tivesse havido rotura dinástica. Na realidade, o projecto imperial filipino implicava uma dimensão territorial que a Índia claramente nunca permitiria.

Os conceitos de urbanismo moderno em uso na Índia na fase da Expansão portuguesa eram isso mesmo: uma cultura urbanística moderna, porque num processo de síntese catalisada pelo humanismo que floresceu em Portugal no contexto dos Descobrimentos; nacional, porque tinha como cerne a cultura científica e a experiência do povoamento interno, nem temporalmente distante nem de má memória.

territorial strategy followed, it seems clear that the measures taken to improve the defence of cities were within the scope of what was already in progress and would have been normal had there not been a change of dynasty. In fact, the imperial plans of the Philips implied a territorial dimension that India would obviously never permit.

The concepts of modern urbanism in use in India during the Portuguese expansion were just that: a modern urbanistic culture in that it came as part of the process of synthesis sparked by the humanism that flourished in Portugal within the context of the discoveries; national in that the very heart was scientific culture and the experience of internal populating which was neither distant in time nor brought any bad memories.

Notas

⁵⁶ Engenheiro militar que terá estudado em Itália. Nogueira Gonçalves em «A igreja do convento de S. Domingos na rua da Sofia», in *Mundo da Arte*, Epartur, Coimbra, 1982, n.º 3, pp. 2-11, deixa provado ter sido ele o arquitecto contratado por D. Jorge de Lencastre para dar a traça daquela igreja. No entanto pouco mais se sabe, subsistindo dúvidas se os dados coligidos na documentação correspondem a uma mesma pessoa ou a duas. Sousa Viterbo (1899-1922) no seu *Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes ou a Serviço de Portugal*, 3 vols., IN-CM, Lisboa, 1988, vol. I, pp. 7-10 e 491, baseado em Inocêncio, coloca essa questão e alterna entre Isidoro e Isidro. Um dado importante é o da publicação de um desaparecido *Quarto livro de Isidoro Dalmeida. Das Instruções militares. Visto pelo côselho geral do santo officio da Inquisição. Anno de 1573*, impresso em Évora por André de Burgos. Os restantes três volumes aguardariam publicação imediata. Haverá alguma relação entre esta obra – um manual de instruções para tropas de infantaria – e a tradução do original de Dürer?

Aproveito para chamar a atenção para a hipótese de se encontrarem naquela obra do artista flamengo alguns dos fundamentos teórico-práticos do urbanismo das missões/reduções jesuíticas da América Latina que, como se sabe, muito pouco devem aos urbanismos promovidos e desenvolvidos pelas coroas ibéricas.

⁵⁷ Ver, de Rafael Moreira, *Um Tratado Português de Arquitectura do Século XVI*, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1982, e ainda «Arquitectura», in *Os Descobrimentos Portuguezes e a Europa do Renascimento*, XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, Lisboa, 1983, vol./ano Arte Antiga I, pp. 346-347.

⁵⁸ Ver nota 13 e o que a motivou.

⁵⁹ *Grosso modo* foi com essa associação que René Descartes, no apêndice «La Geometrie» ao seu *Discours de la Méthode* publicado em 1637, fundou a geometria analítica. Surgia assim a possibilidade científica de análise rigorosa das propriedades das formas!

⁶⁰ Luís Serrão Pimentel, 1680, *Método Lusitânico de Desenhar as Fortificações das Praças Regulares e Irregulares*, fac-símile pela Direcção da Arma de Engenharia, Lis-

boa, 1993, e Manoel de Azevedo Fortes, *Lógica Racional, Geométrica e Analítica, obra utilíssima e absolutamente necessária para entrar em qualquer ciência e ainda para todos os homens, que em qualquer particular, quiserem fazer uso do seu entendimento, e explicar as suas ideias por termos claros, próprios e inteligíveis*, José António Plates, Lisboa, 1744.

⁶¹ Ver a nota 53 e AA.VV., 1994a, p. 135.

⁶² Entre autores anteriores devo referir, de Gomes Teixeira, *História das Matemáticas em Portugal*, Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, 1934, e de Francisco de Borja Garção-Stockler, *Ensaio Histórico sobre a Origem e Progressos das Mathematicas em Portugal*, Paris, 1819. Importantes contributos surgiram posteriormente com Armando Cortesão (p. e., em *História da Cartografia Portuguesa*, 2 vols., Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga da Junta de Investigações do Ultramar, Coimbra, 1969) e, fundamentalmente, com Luís de Albuquerque.

⁶³ Como é do domínio comum, a preservação e desenvolvimento da cultura científica da Antiguidade concentrada, após a cisão do Império Romano, essencialmente em Bizâncio, ficou a dever-se ao interesse dos povos do Médio Oriente. Ali convergiram ainda conhecimentos provenientes de outras culturas orientais. De forma privilegiada no contexto europeu, a expansão islâmica e a diáspora hebraica – cujos picos ocorreram precisamente no período de maior fulgor técnico-científico – trouxeram até nós em plena Idade Média doses ainda por quantificar e qualificar desse verdadeiro renascimento científico.

⁶⁴ Ver, de Luís de Albuquerque, *Os Almanques Portuguezes de Madrid*, separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1961, n.º XXI.

⁶⁵ Para referir uma obra mais acessível entre nós, veja-se de Paulo Santos, «Formação de cidades no Brasil colonial», in *Actas do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1968, pp. 64-65 e 76 e segs. Aí também se encontram transcritos e devidamente referenciados os elementos documentais que uso de imediato. Recentemente e em breves linhas tive oportunidade de fazer a minha leitura deste caso (Rossa, 1996).

Notes

⁵⁶ Almeida was a military engineer who had studied in Italy. In "A igreja do convento de S. Domingos na rua da Sofia", in *Mundo da Arte*, Epartur, Coimbra, 1982, n.º 3, pp. 2-11, Nogueira Gonçalves proves that Almeida was the architect that D. Jorge de Lencastre commissioned to design that church. However, little more is known and there are even doubts whether the information collected in documents refers to the same person or to two separate people. Sousa Viterbo (1899-1922), in *Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes ou a Serviço de Portugal*, 3 vols., IN-CM, Lisbon, 1988, vol. I, pp. 7-10 and 491, based on Inocêncio, poses this question and alternates between Isidoro and Isidro. An important fact is the publication of a lost *Quarto Livro de Isidoro Dalmeida. Das Instruções Militares. Visto pelo côselho geral do santo officio da Inquisição. Anno de 1573*, printed in Evora by André de Burgos. the remaining three volumes were to be published immediately. Could there be some connection between this book – an instruction manual for infantry troops – and the translation of Dürer's original?

I would like to take this opportunity to suggest that some of the theoretical and practical bases for the urbanism of missions/Jesuit settlements in Latin America could be found in that work by the Flemish artist, as they owe very little to urbanisms promoted and developed by the Iberian crowns.

⁵⁷ See Rafael Moreira, *Um Tratado Português de Arquitectura do Século XVI*. Master's dissertation presented to the Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisbon, 1982, and "Arquitectura", in *Os Descobrimentos Portuguezes e a Europa do Renascimento*, XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, Lisbon, 1983, Arte Antiga I, pp. 346-7.

⁵⁸ See note 13 and the respective text.

⁵⁹ In simple terms, this association that René Descartes made in the appendix "La geometrie" in his *Discours de la Méthode* published in 1637, founded Analytical Geometry. This led to the scientific possibility of the thorough analysis of the properties of forms!

⁶⁰ Luís Serrão Pimentel, 1680, *Método Lusitânico de Desenhar as Fortificações das Praças*

Regulares e Irregulares, facsimile published by the Direcção da Arma de Engenharia, Lisbon, 1993, and Manoel de Azevedo Fortes, *Lógica Racional, Geométrica e Analítica, obra utilíssima e absolutamente necessária para entrar em qualquer ciência e ainda para todos os homens, que em qualquer particular, quiserem fazer uso do seu entendimento, e explicar as suas ideias por termos claros, próprios e inteligíveis*, José António Plates, Lisbon, 1744.

⁶¹ See note 54 and Various Authors, 1994a, p. 135.

⁶² Among previous authors, I must mention Gomes Teixeira, *História das Matemáticas em Portugal*, Academia das Ciências de Lisboa, Lisbon, 1934, and Francisco de Borja Garção-Stockler, *Ensaio Histórico sobre a Origem e Progressos das Mathematicas em Portugal*, Paris, 1819. Later important contributions were made by Armando Cortesão (for example, in *História da Cartografia Portuguesa*, 2 vols., Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga da Junta de Investigações do Ultramar, Coimbra, 1969) and essentially by Luís de Albuquerque.

⁶³ As is known, the preservation and development of scientific culture in Antiquity, especially after the division of the Roman Empire, was essentially concentrated in Byzantium and was due to the interest of the people of the Middle East. This was where knowledge from other Oriental cultures converged. Islamic Expansion and the Jewish diaspora, which peaked at exactly the time of greatest technical and scientific development – were particularly beneficial for Europe as they brought still unquantified or assessed doses of that genuine scientific renaissance in the Middle Ages.

⁶⁴ See Luís de Albuquerque *Os Almanques Portuguezes de Madrid*, separata from *Revista da Universidade de Coimbra*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1961, n.º XXI.

⁶⁵ The most accessible of these in Paulo Santos, "Formação de cidades no Brasil colonial", in *Actas do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1968, pp. 64-5 and 76 and after. This also transcribes and provides references to the documentary sources which I will now use. I recently took the opportunity to briefly offer my reading of this case (Rossa, 1996).



As cidades do processo territorial que tenho vindo a comentar foram-se desenvolvendo de acordo com aquilo que a estrutura fundacional de cada uma tornara previsível, ao ponto de serem claramente deixadas dentro do perímetro muralhado áreas de expansão urbana. De forma espontânea surgiram mais alguns núcleos, em especial no território goês, mas qualquer um deles só adquiriu alguma consistência urbanística em pleno século XVII. De um modo geral, o seu aparecimento foi catalisado pelas ordens religiosas que, no seu papel evangelizador, fundaram colégios, igrejas, casas e conventos um pouco por todo o lado, quer em espaço rural quer junto a núcleos urbanos preexistentes. A este estímulo juntou-se o abandono da capital por razões sanitárias e porque de facto perdera os atractivos iniciais. Aliás, perante a intolerância religiosa as famílias hindus das castas mais altas refugiavam-se nos meios rurais onde, para além do mais, tinham condições para viverem de acordo com o seu estatuto sem serem molestadas. Face a tudo isto é fácil compreender como a urbanização do território goês em grande parte

se deu como consequência retardada da ruralização da sociedade goesa⁶⁶. Não posso ainda deixar de referir que numa comparação sem rigor estatístico me parece bem clara uma diferença fundamental entre aquilo a que chamaria os «padrões territoriais» franciscano e jesuíta: enquanto as construções dos primeiros guardam alguma distância em relação aos centros urbanos, as dos segundos procuram a todo o custo ser um dos elementos urbanísticos mais activos. A uma escala maior esta diferença torna-se evidente para quem intente estabelecer comparações entre a urbanização de Bardez e a de Salsete. De facto, à província a norte de Goa correspondem, em simultâneo, relevo mais acidentado, menor irrigação, menor florestação, modéstia na arquitectura corrente e... franciscanos; enquanto que a sul o território é plano, «encharcado», extremamente florestado, enriquecido por uma arquitectura civil que por vezes chega a ser exuberante e ponteadado por fundações jesuítas, algumas com uma escala surpreendente. Mapusa e

Margão, as capitais de cada uma dessas províncias, são um bom reflexo daquilo que acabo de

As Soluções do Período Colonial

The cities in the territorial process noted above

THE SOLUTIONS FOUND IN THE COLONIAL PERIOD

developed as expected, according to the founding structure of each one in that areas of urban Expansion stayed firmly within the walled perimeter. Some new nuclei appeared spontaneously, especially in Goan territory, but these only acquired any urban consistency well into the seventeenth century. In general terms, their appearance was caused by the religious orders, which founded colleges, churches, residences and monasteries in a wide range of locations, both rural and near pre-existing urban nuclei, as part of their missionary work. This combined with movement away from the capital due to sanitation problems and as it had also lost its initial appeal. In fact, as a result of religious intolerance, upper caste Hindu families took refuge in rural areas where, apart from anything else, they could live in their accustomed lifestyle without being harassed. In this light, it is easily understandable that urbanisation of Goan territory was mainly the result of the delayed ruralisation of Goan society⁶⁶. In a comparison which I accept is not statistically rigorous, there seems to be a fundamental

difference between what might be called Franciscan

and Jesuit "territorial patterns". Buildings by the former keep some distance from urban centres, while those of the latter always try to be one of the most active urban elements. On a broader scale, this difference becomes clearer for anyone attempting to establish comparisons between the urbanisation of Bardez and that of Salsete. The province to the north of Goa simultaneously has a less even terrain, less irrigation, less forest, normally restrained architecture and... Franciscans. In contrast, the south has flat, wet land, a dense forest and is enriched by civil architecture that is occasionally exuberant and is dotted with Jesuit foundations, some of which reach an astonishing scale. Mapusa and Margão, the respective capitals of these provinces, are a fine example of this. Both were interestingly restructured and re-equipped in the second half of the nineteenth century, but basically, in urbanistic terms, neither of them has any feature that surprises or allows for greater knowledge in this field, despite the excellence of the spatial systems such as the magnificent square in front of

dizer. Ambas sofreram interessantes campanhas de estruturação e reequipamento na segunda metade do século XIX, mas, no fundo, em termos urbanísticos não há em qualquer uma delas algo que surpreenda ou permita melhorar o conhecimento disciplinar, ainda que não se possam desvalorizar sistemas espaciais como o da esplendorosa praça organizada frente ao complexo jesuíta de Margão. Registe-se apenas que nesta época o desenvolvimento desta cidade permitia-lhe rivalizar com a própria capital, Nova Goa (Pangim), em vida social e cultural, se não mesmo em capitalidade, pois, como veremos, à data Pangim não era muito mais que o bairro das Fontainhas e o seu reconhecimento como capital podia ainda vacilar.

Na perspectiva deste texto, o único tema de interesse do urbanismo do Estado da Índia Portuguesa nos séculos XVII, XVIII e XIX, é precisamente o da capital, ou, mais concretamente, a necessidade da «mudança» de Goa para outro local. Algumas das principais razões para o aparecimento deste problema foram já aqui registadas e, no essencial, resumem-se ao profundo estado de decadência da cidade e de todo o Oriente português. Em 1685, por exemplo, a cidade era habitada por apenas cerca de 22 000 almas, menos de um décimo da população em final de Quinhentos, estando a estrutura

da sociedade completamente deformada pela presença maioritária de membros do clero⁶⁷. Como escreveu Danvers (1894, pp. 221-222): «A large amount of the State revenues in India appears at this time to have been absorbed by several religious orders in the country, and the Conde de Vidigueira, writing with reference to these in 1623, remarked that whilst they were being supported by the government they had ample funds of their own, whereas the public coffers were empty. The number of friars in India was also excessive in most places. In Goa, the Viceroy remarked, they numbered nearly double as many other Portuguese inhabitants, and the proportion of them was nearly the same in the other cities of India.» Apesar do eventual exagero do autor – estava-se nos finais do século XIX –, este excerto dá-nos uma boa imagem da situação. Aliás, ainda durante o período filipino foram estabelecidos limites para o número de frades de alguns conventos e criaram-se dificuldades à fundação de outros. Paralelamente, o rio açoreava-se a um ritmo surpreendente, pondo em causa o acesso à cidade dos barcos cujo calado, aliás, não parava de aumentar. As condições sanitárias pioravam dia a dia e a cidade vivia num estado quase permanente de epidemia. Também a corrupção e o desleixo grassavam em todos os níveis da administração e a conjuntura político-económica não

the Jesuit complex in Margão. The only point of note is that the development of the city in this age allowed it to rival the capital city itself, Nova Goa (Pangim), in terms of social and cultural life if not in its status as capital. As will be shown, at the time, Pangim was little more than the bairro das Fontainhas (one neighbourhood) and its recognition as the capital was a disputed issue.

Within the areas defined for this text, the only theme of interest in terms of urbanism in the Portuguese State of India in the seventeenth, eighteenth and nineteenth centuries is exactly the question of the capital. More specifically, this is the need to “move out” of Goa to another place. Some of the main reasons for the appearance of this problem have been noted and can be summarised by the profound state of decline in the city itself and the whole of the Portuguese Orient. In 1685, for example, the city had only some 22,000 inhabitants, less than one tenth of the population at the end of the sixteenth century. The structure of society had been completely distorted by the majority presence of members of the clergy⁶⁷. As Danvers wrote (1894, pp. 221-2): “A large amount of the State revenues in India appears at this time to have been absorbed by several religious orders in the country, and the Count of Vidigueira, writing with reference to these in 1623, remarked

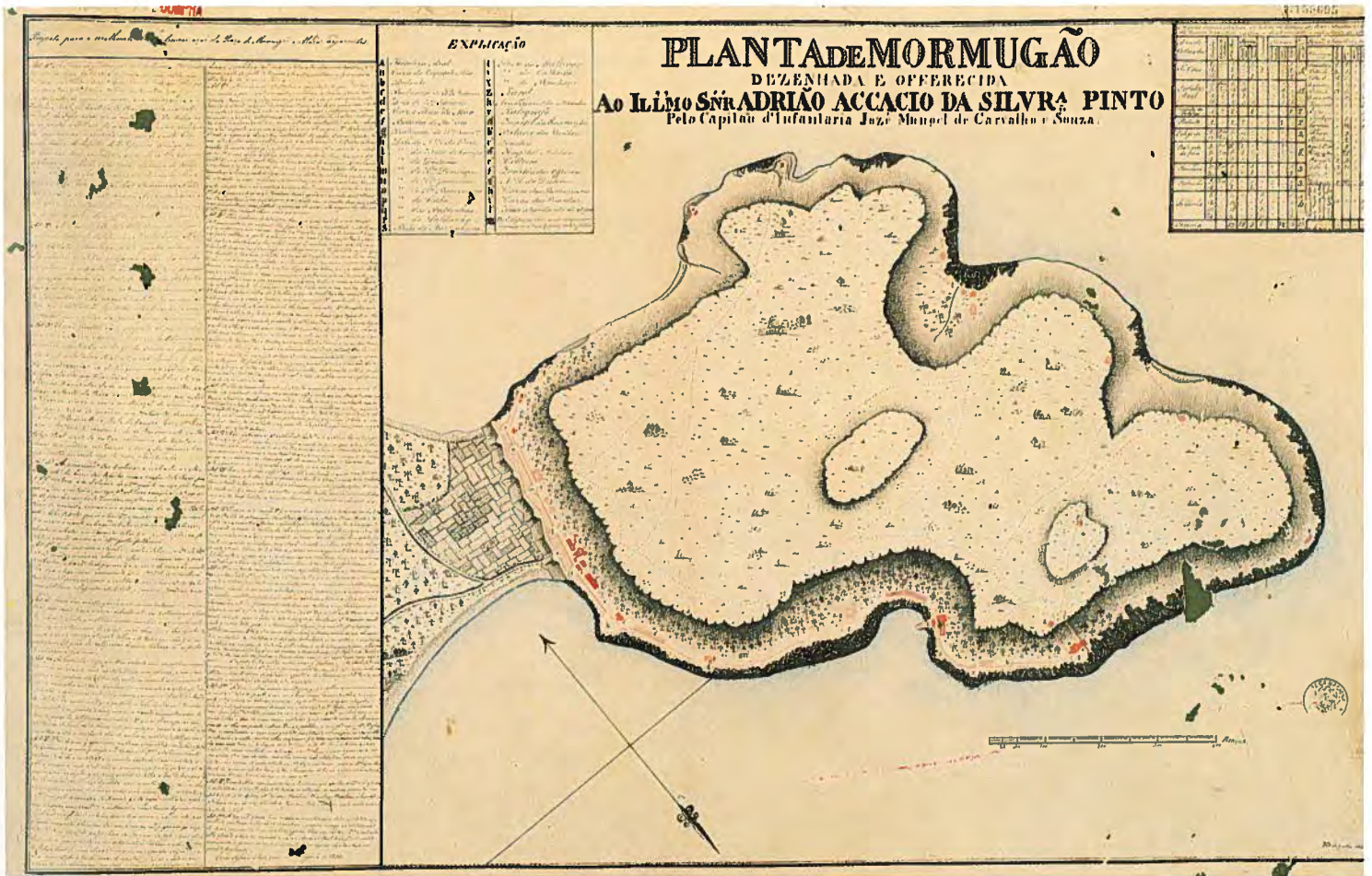
that whilst they were being supported by the government they had ample funds of their own, whereas the public coffers were empty. The number of friars in India was also excessive in most places. In Goa, the Viceroy remarked, they numbered nearly double as many other Portuguese inhabitants, and the proportion of them was nearly the same in the other cities of India.” Notwithstanding the author’s possible exaggeration, as he was writing at the end of the nineteenth century, this provides a good reflection of the situation. During the period of the Philips, limits were imposed for the number of friars allowed in some monasteries and barriers were raised to hamper the foundation of others. In parallel, the river silted up at an alarming rate, thereby hindering access to the city by boats whose draught was getting ever greater. Sanitation conditions worsened daily and the city was almost permanently besieged by epidemics. When corruption and laxity existed at all levels of the administration, when the political and economic situation was not the best (due to the end of the horse trade) and when religious proselytism resulting from the establishment of the Inquisition in 1560 were added to this situation, little more needs to be said. The English, French and Dutch all took advantage of military and diplomatic conflict with Spain, which in practical terms controlled all Portuguese

era a melhor: do fim do comércio de cavalos já falámos; dos efeitos do proselitismo religioso a partir da instalação da Inquisição em 1560, também pouco mais é necessário dizer. Ingleses, Franceses e Holandeses, tirando partido dos confrontos militares e diplomáticos com Espanha – a cuja coroa, em termos práticos, todas as possessões ultramarinas portuguesas pertenciam –, na última década de Quinhentos começaram a circular no Índico e a pôr em causa o monopólio português do comércio com a Europa. Estas nações rivais, com especial destaque para os Holandeses, dispondo de um considerável volume de

informação⁶⁸, tiravam partido das fragilidades administrativas e das políticas diplomáticas, sociais e religiosas portuguesas no Oriente, do estado de anacronismo e ruína de parte das fortificações, da actividade de corso também praticado em grande escala pelos Árabes e permitida por uma armada enfraquecida, pondo em prática um sistema expedito de exploração e administração: as companhias das Índias. Já depois da Restauração, e no atropelo de diversas cedências e acordos diplomáticos cujo fim último era o fortalecimento da independência, Portugal foi compelido a ceder o grupo de ilhas que hoje formam Bom-

«Planta de Mormugão Dezenhada e offerecida ao Ill'no SNR Adriaõ Accacio da Silvr.ª Pinto pelo Capitão d'Infantaria Jozé Manuel de Carvalho e Sousa», 1840, BNL

fim último era o fortalecimento da independência, Portugal foi compelido a ceder o grupo de ilhas que hoje formam Bom-



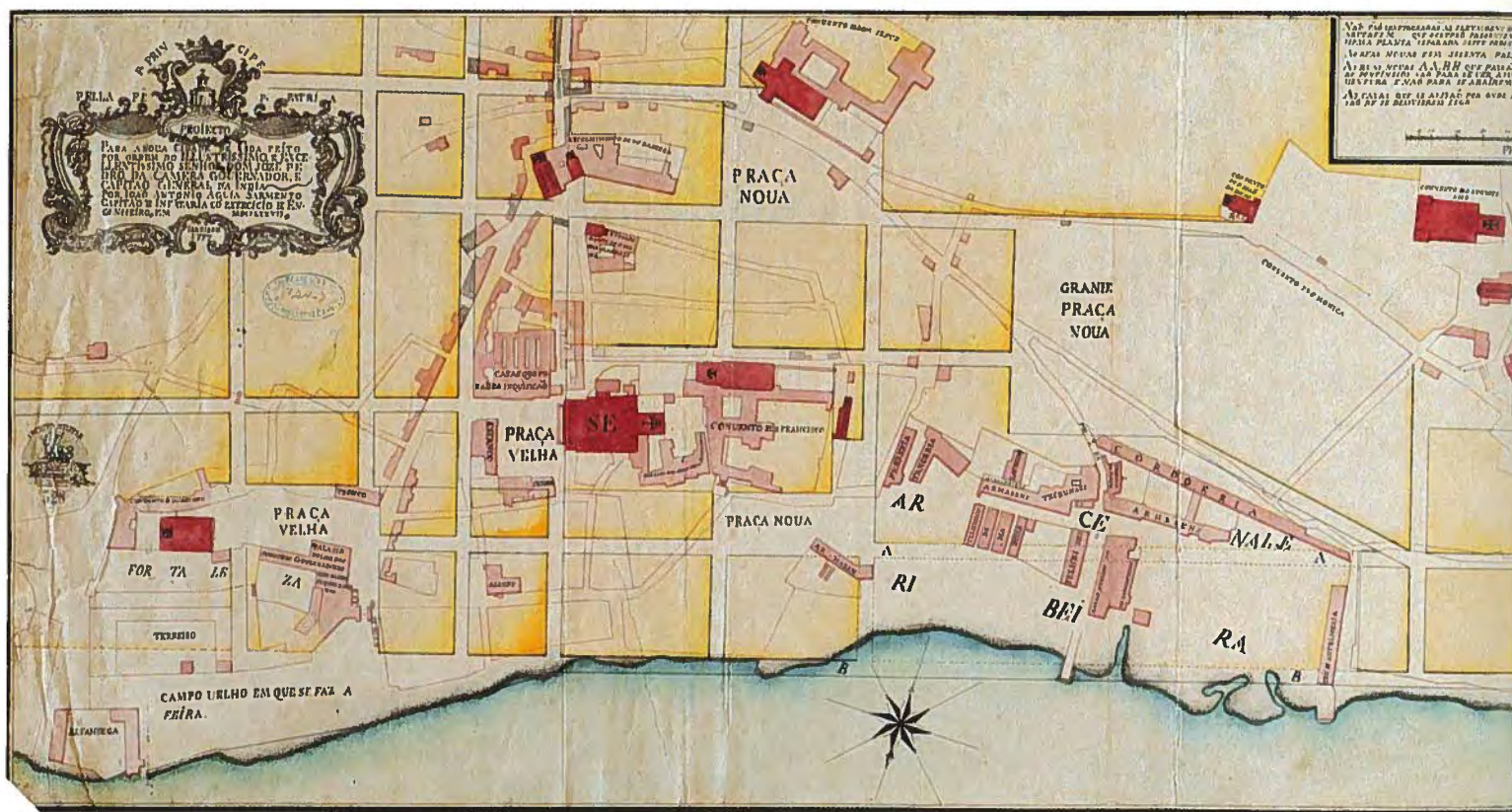
overseas possessions, started to sail in the Indian Ocean during the 1590's and to challenge the Portuguese trade monopoly with Europe. These rival nations, especially the Netherlands, which had a vast amount of information⁶⁸, took full advantage of the administrative weaknesses of the Portuguese diplomatic, social and religious policies in the Orient, of the anachronistic state and ruins of some fortifications and of pirate activity widely carried out by Arabs and tolerated by a weakened fleet. They established an efficient system to develop and administer their business, the Indies companies. After the restoration and as part of the chaotic situation of several concession and diplomatic agreements

“Plan of Mormugão drawn and offered to the Most Illustrious Adriaõ Accacio da Silva Pinto by Infantry Captain José Manuel de Carvalho e Sousa”, 1840, BNL

aimed at strengthening independence, Portugal was forced to concede Bombay to the English (1661), but not before the Dutch had conquered the last possessions in Ceylon in 1658. As seen above, the Dutch also put an end to the Portuguese presence on the Malabar coast when they took Cochin in 1663. I have insisted that this loss of the south was, according to the strict view of the existence of an ideology/expansion project, the result of a long-term shift of policy which took place under D. João III. Basically, this consisted of abandoning the idea of the Fifth Empire, or rather its inspirational territories: Ceylon – the mythical Taprobana – and the south of Hindustan, the land of the great brother kingdom

baim aos Ingleses (1661), não sem antes (1658) os Holandeses conquistarem as últimas possessões em Ceilão. Como vimos anteriormente, também no Malabar os Holandeses encerraram a presença portuguesa com a conquista, em 1663, de Cochim. Tenho vindo a insistir em como esta perda do Sul foi, segundo a estreita perspectiva da existência de uma ideologia/projecto da Expansão, o resultado em tempo longo da mudança de estratégia operada no reinado de D. João III, no fundo o abandono material da ideia do Quinto Império, ou melhor, dos seus territórios de inspiração: Ceilão – a mítica Taprobana – e o Sul do Hindustão – a terra do grande reino irmão cristianizado por São Tomé. Mas sob o ponto de vista económico, após a queda de Ormuz, a conquista muçulmana

do Decão e a decorrente decadência de Goa, a administração filipina e a sequente afirmação da independência de Portugal traduziram-se na perda dos mais importantes centros do comércio das especiarias e dos pontos-chave para o controlo da navegação comercial e cobrança de taxas do Índico, nomeadamente das rotas de Cambaia, do golfo Pérsico e do mar Vermelho. «Com efeito, enquanto os Espanhóis nas Filipinas, os Holandeses na Indonésia e mesmo os Portugueses no Brasil evoluíam rapidamente para um domínio dos espaços que acarretava um controlo pelo menos indirecto da produção, os Portugueses permaneceram na Ásia sobretudo nas redes, tratando de controlar a circulação das mercadorias, sem se assenhorearem da sua produção» (Thomaz, 1994, p. 271).



Christianised by Saint Thomas. From an economic perspective following the fall of Hormuz, the Muslim conquest of the Deccan and the resulting decline of Goa, the Philips' administration and Portugal's subsequent independence were reflected in the loss of the most important trading centres for spices and the key points for controlling commercial navigation and collection of taxes in the Indian Ocean region, specifically the routes in Cambay, the Persian Gulf and the Red Sea. "In fact, while the Spanish in the Philippines, the Dutch in Indonesia and even the Portuguese in Brazil rapidly evolved towards the domination of spaces which would bring control (at least indirectly) over means of production, the Portuguese in Asia stayed mainly in the networks, attempting to control the circulation of

goods without taking control over their production" (Thomaz, 1994, p. 271).

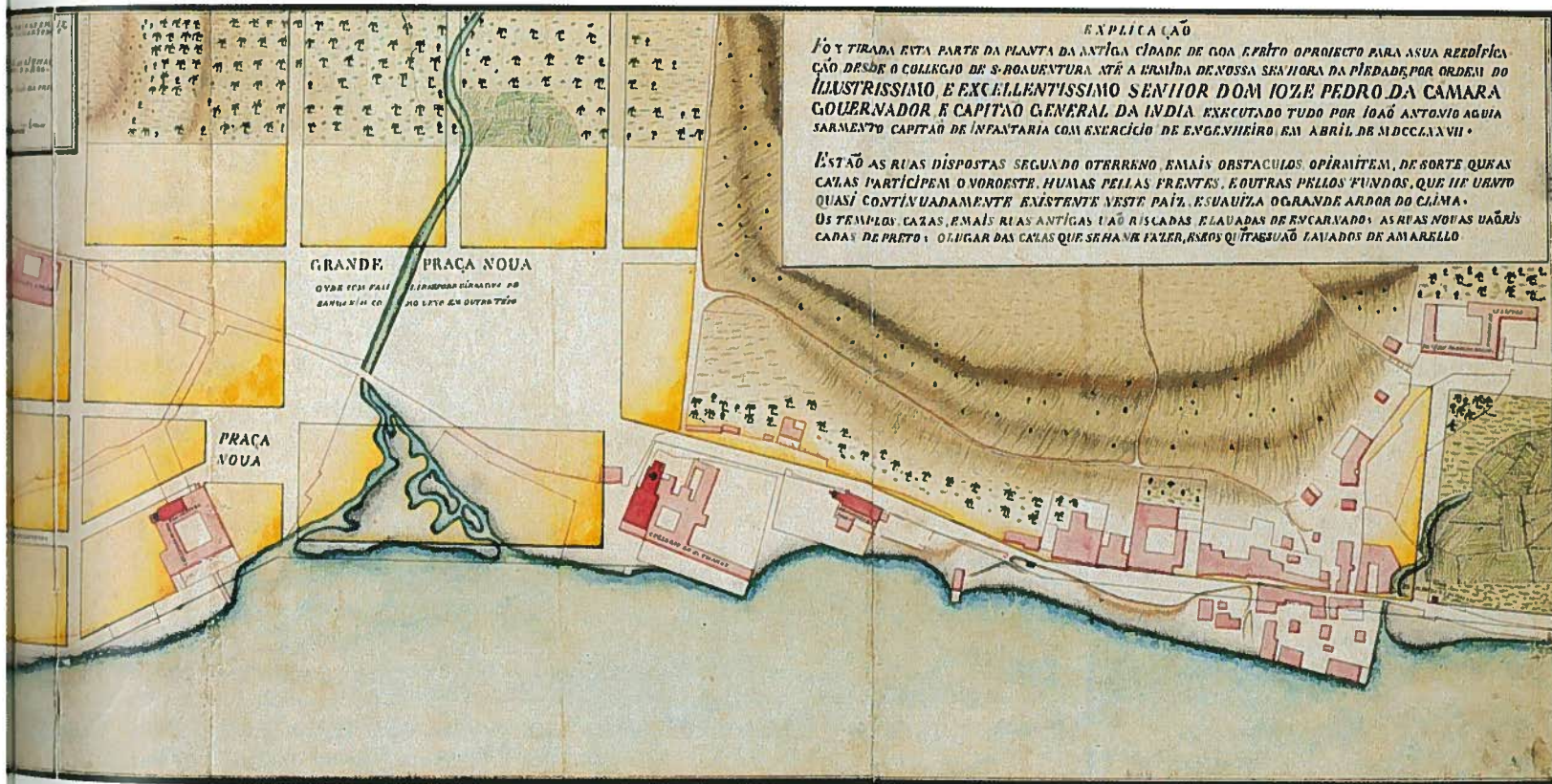
Despite all this, worse was to come from the interior. The desire for hegemony of Muslim emperors and sultans was replaced by the same desire from the feared Marathas. They were a mixture of a Hindu caste and ethnic group which was warlike and was grouped under an aggressive leader – Sivaji – who in little over twenty years became sovereign of a large part of Hindustan in the form of a confederation. A first clash off the coast of Daman in 1670 showed the Portuguese what was in store: a long series of daring and violent attacks aimed at their expulsion from India, although a description of this is not appropriate here. Until the middle of the eighteenth century, Portugal was almost always

Mas, apesar de tudo, o pior estava para vir do interior. Às tentações hegemónicas de imperadores e sultões muçulmanos sucediam agora os temíveis Maratas, um misto de casta/etnia hindu de vocação guerreira agregada pelo empenho de um aventureiro, Sivaji, que em pouco mais de duas décadas se afirmou como soberana em grande parte do Hindustão sob a forma de uma confederação. Um primeiro embate ao largo de Damão, em 1670, tornou claro aos Portugueses o que os esperava: uma longa série de desastres e violentos ataques visando a sua expulsão da Índia, de cuja descrição nem um breve resumo cabe aqui. Que no entanto fique dito o essencial: até meados do século XVIII, Portugal esteve quase

«P. Principe Pella Fê P. Pátria Projecto para a nova Cidade de Goa feito por ordem do Ilustrissimo, e Excelentissimo Senhor Dom Joze Pedro da Camara Governador e Capitão General da India – Por José António Aguiar Sarmiento, 1777», GEAEM

sempre à defesa com uma preocupação central: manter Goa a todo o custo. Face às permanentes ameaças – por vezes apareciam às portas da cidade de Goa, e quando assim acontecia as províncias de Bardez e Salsete estavam perdidas, bem como a península de Mormugão (1739) – foram-se cedendo outros territórios e posições. Assim se perderam definitivamente Baçaim (1739), Chaul (1740) e parte considerável do território dependente de Damão. De um saldo de meados do século XVIII pouco mais constaria que as cidades e territórios de Goa, Damão e Diu.

Para além de todas as dificuldades listadas, face às suas características geográficas Goa era de facto impossível de defender, em especial com a cró-



on the defensive, based on one central concern, maintaining Goa at all costs. Given the permanent threats, which sometimes reached the very gates of the city and meant the loss of the provinces of Bardez and Salsete and the Mormugão peninsula (1739), other territories and possessions were conceded. This led to the permanent loss of Bassein in 1739, Chaul in 1740 and a large part of Daman's dependent territory. An inventory from the middle of the eighteenth century would show only the cities and territories of Goa, Daman and Diu. In addition to all the difficulties listed, Goa was impossible to defend due to its geographical characteristics and even more so due to the chronic shortage of quality and

“For the Prince, For the Faith, For the Fatherland, Project for the new city of Goa made by order of the Most illustrious and excellent Senhor Dom Joze Pedro da Camara, Governor and Captain General of India by José António Aguiar Sarmiento, 1777”, GEAEM

quantity of human resources. If the poor health conditions caused a gradual exodus of non-religious people, who settled downstream in Ribandar, Panelim and Pangim, the military problem resulting

from the first signs of the Maratha threat in the 1670's led Governors António de Mello e Castro, Luiz de Miranda Henriques and Manuel de Corte-Real de Sampaio (1668-1671) to propose that the king order a new city to be built in Mormugão, at the end of the left bank of the river Zuari. The air was healthy, there was already a fort (built on orders of Philip IV of Spain in 1624), using the harbour was not affected by the monsoons, the draught of boats was effectively not a problem, there was permanent watch over the entrance

nica escassez, em qualidade e quantidade, de recursos humanos. Se as más condições de salubridade provocaram um êxodo gradual da população não religiosa, que se ia fixando rio abaixo em Ribandar, Panelim e Pangim, o problema militar, face aos primeiros indícios da ameaça marata na década de 70 de Seiscentos, levou o colectivo de governadores – António de Mello e Castro, Luiz de Miranda Henriques e Manuel de Corte-Real de Sampaio (1668-1671) – a propor ao rei a construção de uma nova cidade em Mormugão, o término da margem esquerda do rio Zuari. Os ares eram bons, existia o forte erguido por ordem de Filipe III em 1624, a utilização da barra não dependia do regime das monções, o calado admissível era, em termos práticos, ilimitado, a vigilância da sua entrada era permanente e, fundamentalmente, o facto de ser uma península tornava possível a sua defesa com uma guarnição relativamente pequena. Em resumo, a capital deveria ser implantada com os requisitos geográficos seguidos no século anterior para todas as cidades portuguesas na Índia com a excepção de Goa. A história do processo assim desencadeado é bem conhecida e está laboriosamente contada por muitos (Rivara, 1866-1867; Martins, 1910; Correia, 1931; Pereira, 1932; Rodrigues, 1989), sendo a respectiva documentação bastante acessível, mas vale a pena esboçá-la através de alguns breves apontamentos.

and, above and beyond all else, the fact that it was a peninsula made it easy to defend with a relatively small detachment. Summarising, the governors felt that the capital should be established using the geographical requirements used in the previous century for all the Portuguese cities in India except Goa. The history of the process started by these governors is well known and has been closely studied by many authors [Rivara (1866-7), Martins (1910), Correia (1931), Pereira (1932), Rodrigues (1989)] from relatively accessible sources. However, it is worth outlining this in a few brief notes.

The Count of Lavradio, the viceroy from 1671-1677, followed royal instructions and consulted the “principal citizens” of Goa. On the basis of their opinions, he informed the king that it was impossible to build a city capable of substituting the monumental city of Goa. Detailed information was given on the cost of transferring the magnificent monastery complexes, a point which only appears to be absurd, since it was in fact decisive. In 1684, the Count of Alvor (Viceroy D. Francisco de Távora) returned to the idea and again consulted the principal citizens, using the permanent Maratha attacks on Goa as his principal reason. Faced with the viceroy’s enthusiasm and pressure, the clergy alone from among the principal citizens

O novo vice-rei (1671-1677), o conde do Lavradio, seguindo as instruções de D. Pedro II, consultou os «notáveis» de Goa e com base nos seus pareceres informou-o da impossibilidade de construção de uma cidade capaz de substituir a monumental Goa. Citavam-se amiúde os custos da transferência dos faustosos complexos conventuais, objecção só aparentemente descabida pois de facto veio a revelar-se decisiva. Em 1684 o conde de Alvor, o vice-rei D. Francisco de Távora, usando como principal alegação os permanentes ataques maratas a Goa, retomou a ideia e renovou a consulta. Face ao entusiasmo e à pressão do vice-rei, os «notáveis» de Goa, com a excepção de parte do clero, apoiaram sem reservas a proposta, enviando-se o processo com o conjunto de pareceres ao rei. Decorridos dois anos seguiu para Lisboa um desenho para apreciação, aprovação e dotação orçamental, mas, antes de qualquer resposta, D. Francisco de Távora foi chamado a Lisboa para ocupar o cargo de presidente do Conselho Ultramarino – algo leva a intuir que o conde de Alvor tinha algumas ideias claras acerca de uma política ultramarina estruturada e coerente. No exercício das suas novas funções conseguiu a anuência de D. Pedro II para a causa da transferência que em 1687 ordenou. Desta vez as «forças vivas» de Goa, com o apoio discreto do novo vice-rei, mani-

showed any reservations about the proposal. The process was sent on with a collection of opinions to the king. A blueprint for the project was sent to Lisbon two years later to be assessed, approved and budgeted. However, before any reply was received, D. Francisco de Távora was summoned to Lisbon to take the post of President of the Overseas Council, suggesting that he had clear ideas on a structured and coherent overseas policy. While exercising his new functions, he managed to gain Pedro II’s approval for the transfer and ordered that it be done in 1687. This time, the active powers in Goa, with the discreet support of the new viceroy, opposed the plan through an expressive appeal to the crown which effectively asked for the material and human means to achieve this without using local resources, which were allegedly non-existent. In addition to the clergy’s habitual opposition, the senate of the City Council also protested as, among some even pettier obstacles, they saw the financial burden that moving would mean for their coffers. Until 1712, when the Count of Alvor left his post, the royal order was successively reconfirmed and the viceroys were frequently admonished for their lack of determination to push this through. This led one of them, Caetano de Mello e Castro, to live in Mormugão, and, due to his interest, resulted in the only period when

festaram-se contra através de uma expressiva exposição à coroa em que essencialmente se fazia um pedido de meios materiais e humanos que tudo resolvessem dispensando recursos locais alegadamente inexistentes. Para além da habitual oposição do clero, desta vez era também o Senado da Câmara a discordar, pois entre outros obstáculos ainda mais mesquinhos percepcionava o esforço financeiro que tal implicaria para os seus cofres. Até 1712, ano em que o conde de Alvor abandonou o cargo, a ordem real foi sucessivamente reconfirmada, sendo os vice-reis frequentemente admoestados pela sua falta de empenhamento. Tal facto levou um deles, Caetano de Mello e Castro, a habitar em Mormugão. Aliás, deve-se ao seu interesse pela causa o único período em que a obra teve alguma expressão e ritmo. O relatório do administrador da obra, o jesuíta Ignácio de Andrade⁶⁹, relativo a esses anos refere não apenas infra-estru-

turas – fortificações, fontes, poços, cais – mas também armazéns, tercenas, alfândega, hospital, palácio para o Governo, com claustro e capela, e uma

the work was undertaken with any consistency. The report by the work's administrator, a Jesuit named Ignácio de Andrade⁶⁹, on those

years does not just mention infrastructures – fortifications, public fountains, wells, quays – but also warehouses, dockyards, customs, a hospital, a palace for the government with a cloisters and a chapel and a square, specifying sizes for everything. He also mentions streets – Rua Nova and Rua das Flores – and “...Houses, which they say are of the engineer...” In general terms, this was the state of things when the topographical surveys were carried out at the start of the nineteenth century⁷⁰. They identify these buildings, which were established with no apparent rationality beyond that of choosing places near the totally walled coastline of the peninsula, as this was more accessible and flatter. The centre is elevated but has a relatively flat area in the middle, although the slopes are quite steep. However, in relation to the needs, the practical results were few, the Count of Alvor's hard work was in vain and the work was successively suspended and resu-

praça, de tudo dando dimensões. Fala ainda de ruas – a Rua Nova e a Rua das Flores – e ainda das «Cazas, que chamão do enghen.r.^o». *Grosso modo*, é o estado em que ainda estavam as coisas quando foram realizados os levantamentos topográficos do início do século XIX⁷⁰. Ali estão identificadas estas construções, implantadas sem qualquer relação perceptível de racionalidade que vá além da escolha de sítios próximos da orla totalmente muralhada da península por ser mais acessível e rasa, pois o miolo é uma elevação com uma zona relativamente plana ao centro, mas com as vertentes de acesso bastante inclinadas. No entanto, para a escala das necessidades os resultados práticos foram escassos e, perdido o empenho do conde de Alvor, os trabalhos foram sucessivamente suspensos e retomados até que em 1734 o vice-rei informou o rei do fiasco das tentativas e do sorvedouro

Pangim. Vista aérea de dinheiro em que o projecto se transformara,



Pangim. Aerial view

propondo como alternativa o sítio de Pangim, solução que o futuro revelaria apenas ficar em suspenso.

Para além das questões relativas ao

med until 1734, when the viceroy informed the king about the fiasco of these attempts and the major drain that it imposed on

finances. He proposed the alternative site of Pangim, a solution that the future would show to have remained in a state of limbo.

Apart from questions of territorial organisation, the balance of power between local powers and the evident power games, which can all be seen in the exchange of correspondence in the “Livros das Monções”, the subject of most importance here remains unknown. This was the project for the new city. In fact, in a letter of 14 January 1686 to Pedro II, the viceroy said: “... it would be better to move the city to the mount of Mormugão, whose plan I also enclose so that Your Majesty can see from it how impregnable that site is, its capacity and finally how fortifications can be placed and how far advanced the works are” (“Livro das Monções”, n.º 50, fl. 203). Father Ignácio de Andrade's report, mentioned above, also wrote at one time on the same subject: “... last year notes were made on the plan that went

ordenamento do território, à equação de força entre os diversos poderes e ao perceptível jogo de interesses, todas elas fundamentalmente dissertáveis a partir da troca de correspondência registada nos «Livros das Monções», aquilo que para nós seria mais importante continua por conhecer: o projecto desenhado da nova cidade. Na realidade, a carta de 14 de Janeiro de 1686 do vice-rei para D. Pedro II tem escrito: «[...] convem a mudança da cidade para o Monte de Mormugão, cuja planta também envio, para que V. Majestade veja por ella o inexpugnável daquelle sitio, a capacidade daquelle lugar, e finalmente o como se ha nelle disposto fortificação, e o quanto já alli se tem adiantado as obras» («Livro das Monções», n.º 50, fl. 203). Também no relatório atrás referido o padre Ignácio de Andrade, a determinada altura e a propósito do que está a listar, escreveu: «[...] o anno passado se apontou tudo isso na planta que foi p.^a esse Reino.» Nenhuma das afirmações é categórica no sentido da existência de um plano, mas o uso do desenho como forma de análise, a presença de engenheiros militares e a época tornam muito pouco provável o contrário. Na década de 80 do século XVII, apesar de ainda estar fresca a primeira edição do *Método Lusitânico* (1680), já os resultados da iniciativa pedagógica e metodológica do seu autor, Luís Serrão Pimentel, se faziam sentir no

to the Kingdom [Portugal]". Neither of these statements is definitive in the sense that a plan existed, but the use of a drawing as a form of analysis, the presence of military engineers and the particular timing make it quite probable. In the 1680's, although the first edition of *Método Lusitânico* by Luís Serrão Pimentel (1680) was still new, the results of the author's pedagogical and methodological ideas were already being felt in the territory. That is, they were fully enacted in military terms through the Aula de Fortificação by 1647. Among them would have been those who drew up the plan for Mormugão. The only plausible alternative is one of the many Jesuits who had a solid grounding in mathematics and gave classes at the Society's colleges all over the Portuguese world. Both groups, like the Jesuit "administrator", were "functionaries of urbanism" or agents of the "Portuguese school of urbanism" crystallised by the Restoration (Rossa, 1995, pp. 266-275 and 1996). The Jesuits themselves were teachers of the students from the Academy. The only hope left is that one day the drawings of one of the first projects of the "school" will appear and we will be able to understand what was planned for the urban traçado of the new capital of the Portuguese State of India. In fact, having checked that nothing was included with the accompanying letters, I have continued my search and have

território, ou seja, já se encontravam em pleno exercício das suas funções militares formados na Aula de Fortificação desde 1647. Estarão entre eles os autores do eventual plano para Mormugão, sendo a única alternativa plausível alguns dos muitos jesuítas de sólida formação matemática que leccionavam em colégios da Companhia um pouco por todo o mundo português. Uns e outros, tal como o jesuíta «administrador», «funcionários do urbanismo» ou agentes da «escola portuguesa de urbanismo» cristalizada pela Restauração (Rossa, 1995, pp. 266-275, e 1996). Os próprios Jesuítas eram mestres dos alunos da Academia. Para já resta-nos a esperança de um dia encontrarmos os desenhos de um dos primeiros projectos da «escola» e de melhor entendermos o que estava pensado em termos de desenho urbano para a nova capital do Estado da Índia Portuguesa. De facto, depois de me ter certificado de não estarem junto das cartas que os acompanhavam, com algum empenho os tenho procurado não tendo até ao momento esgotado aquelas que penso serem todas as possibilidades além da sua perda definitiva. Seria lamentável, pois para além de alguns casos ainda iconograficamente mal documentados e de menor escala no Sul do Brasil – Paranagué (1653), São Francisco (1660), Sorocaba (1661), Igualpe (1665) e Colónia do Sacramento (1680) –, Mor-

not yet exhausted all the possibilities. It would be tragic if they were lost, as in addition to a few poorly documented (in iconographical terms) cases on a smaller scale in the south of Brazil – Paranagué (1653), São Francisco (1660), Sorocaba (1661), Igualpe (1665) and Colónia do Sacramento (1680) – Mormugão was the oldest city of any size and symbolic weight designed out of nothing by the Portuguese at that time.

As stated above, the choice of Mormugão would turn out to be the correct one, even if the definition of the precise location for the city, the hill, did show a rather anachronistic urbanistic view. This may in turn be one of the reasons for the failure of this attempt.

Under a completely different set of circumstances, basically summarised as British hegemony in the Orient, Portugal was forced into a co-operation treaty regarding India. Signed on 26 December 1878, one of its main clauses dealt with the construction of a railway line and a telegraph system between a port to be built in Mormugão and the English city of New Hubi in Gates. This undertaking was regulated by a contract signed on 18 April 1881 (see bibliography). The clauses made it perfectly clear that the investment, use, surveys and projects were the duty of the English company, while the Portuguese were obliged to surrender

mução foi, de facto, a mais antiga cidade com alguma dimensão e peso simbólico pensada *ex nihilo* pelos Portugueses nesta época.

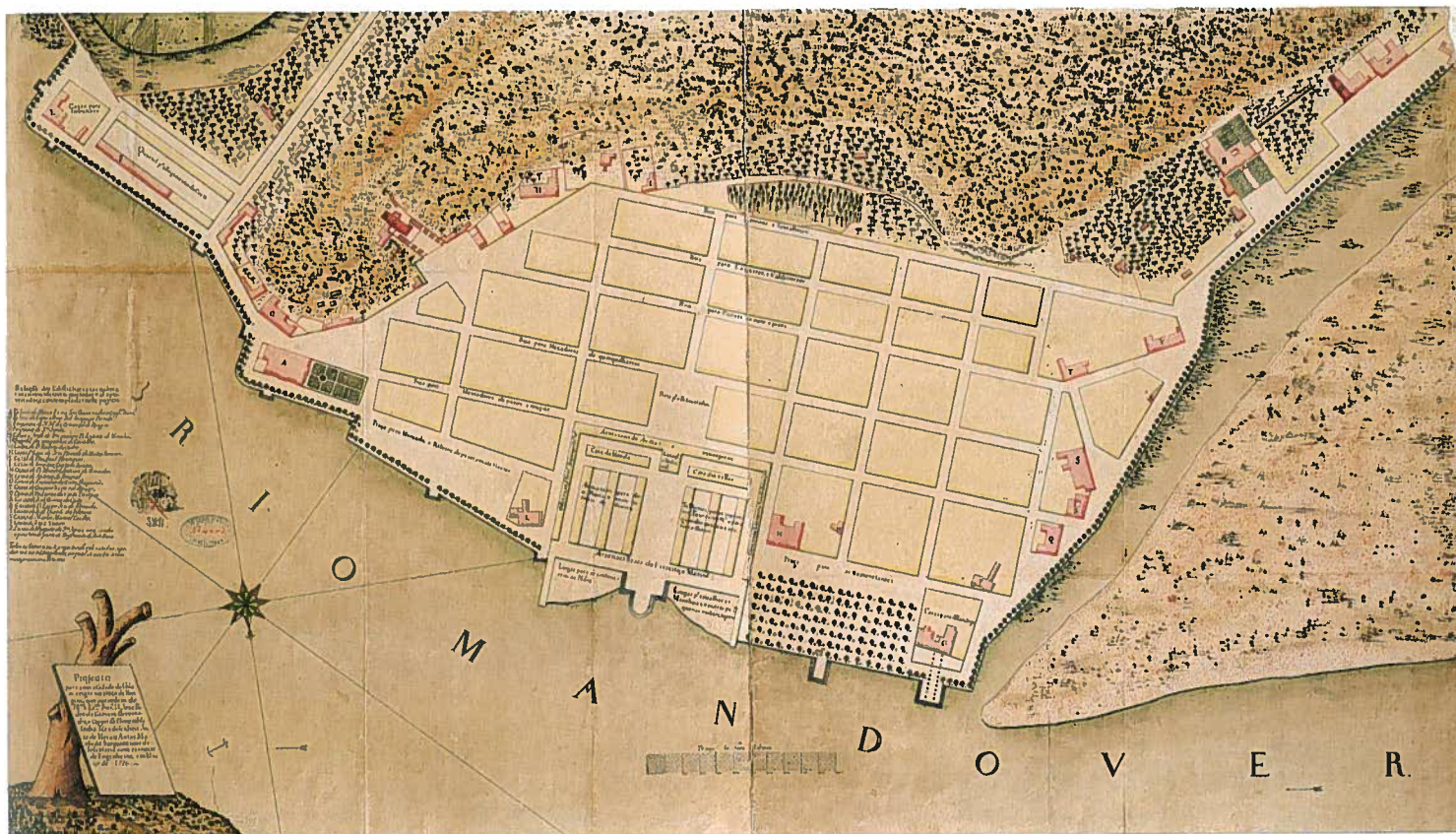
Como já tive oportunidade de anotar, a escolha de Mormugão veio a revelar-se acertada, ainda que a definição do local exacto para a implantação da cidade, o morro, revelasse algum anacronismo urbanístico, quiçá uma das razões para o insucesso da tentativa.

Numa conjuntura completamente diferente, fundamentalmente caracterizada pela hegemonia britânica no Oriente, Portugal viu-se forçado a celebrar com a Inglaterra um tratado de cooperação

«Projecto para a nova Cidade de Gôa se erigir no sítio de Pangim, que por ordem de Ill.^{mo} e Ex.^{mo} S^{ñr} D. Jozé Pedro da Camara Governador, e Cappitão-General da Índia fêz e desenhou José de Morais Antas Machado, Sargento-mor de Infantaria com exercício de engenheiro, em Março de 1776», GEAEM

relativo à Índia. Assinado em 26 de Dezembro de 1878, tinha entre as suas cláusulas principais a construção de uma linha de caminho de ferro e outra de telégrafo entre um porto a construir em Mormugão e a cidade inglesa de New Hubi nos Gates. O empreendimento foi regulamentado através de um contrato celebrado em 18 de Abril de 1881 (ver bibliografia). Entre as suas disposições ficou bem claro que, para além do investimento e exploração,

os levantamentos e os projectos eram encargo da companhia inglesa e que aos portugueses, para além de os deverem ratificar em tempo útil, se impunha disponibilizar graciosamente os terrenos



whatever land was deemed necessary in addition to ratifying the agreement promptly. Work on the port started in November 1881 and on the railway in February of the following year. Both brought major alterations in Mormugão's topography, especially in the embankments, which strengthened the connection between the peninsula and the mainland and considerably broadened the base of the hill. Inseparable from this was the construction of a city which was now established on the low lands over the inlet. It was a typical railway city from the colonisation of the American west, where the central element was the station with a hotel on the upper floor. The city was organised in a rectangular formation parallel to the sea-line⁷¹. Ironically, the

“Project for the new City of Goa to be built in Pangim, which by order of the Most Illust. and Exc. Senhor Dom Jozé Pedro da Camara, Governor and Captain General of India was done and drawn by José de Morais Antas Machado, Chief Infantry Sergeant, serving as an engineer, in March 1776”, GEAEM

city was called Vasco da Gama – now commonly called “Vasc” in Goan daily life – although the name “Mormugão” was kept for the province and the hill where there are still some remains of the planned city from the seventeenth century. A few kilometres away, the airport reaffirms the geographical potential of this place, which is now the hub of communications in the state of Goa and one of the most important for the whole the Indian Republic.

While there may have been no possible planned withdrawal from the capital to combat the dilution of Portuguese power in the Orient, what in fact happened was an authentic flood of people away from the city. Without being much of an exaggeration, it can be said that only those hard-line

que viessem a ser considerados necessários. As obras do porto começaram em Novembro de 1881 e as do caminho de ferro em Fevereiro do ano seguinte. Ambas implicaram profundas transformações na topografia de Mormugão, nomeadamente no que diz respeito a aterros que tornaram mais franca a ligação da península com terra e alargaram consideravelmente a base do morro. Indissociável do empreendimento era a construção de uma cidade que desta vez foi implantada a cota baixa sobre a enseada. Uma típica cidade ferroviária da colonização do Oeste americano, onde o elemento de composição central é a estação com um hotel no piso superior, organizando uma retícula paralela à linha do mar⁷¹. Ironicamente, a cidade foi baptizada de Vasco da Gama – no dia-a-dia goês, simplesmente «Vasc» –, apesar de o topónimo «Mormugão» se manter na designação da província e do morro onde algumas ruínas da projectada cidade seiscentista subsistem. A poucos quilómetros o aeroporto reafirma, apenas desde há algumas décadas, as potencialidades geográficas deste local que é hoje o nó de comunicações do Estado de Goa e um dos mais importantes de toda a República Indiana.

Se à diluição do poder português no Oriente não fora possível opor um estratégico e planeado abandono da capital, o que é certo é que, numa autêntica debandada,

a cidade continuava a esvaziar-se. Em caricatura que não desfigura muito a realidade, pode dizer-se que apenas os crónicos opositores da mudança, os membros do clero regular, teimavam em sustentar a urbanidade da «Roma do Oriente». Desde o século XVII, em especial depois da terrível epidemia de 1695, que os vice-reis e governadores habitavam em Panelim, um subúrbio também designado por São Pedro, na Casa da Pólvora – assim chamada por ser vizinha da respectiva fábrica –, usando o Paço de Goa apenas para actos oficiais, o que, no entanto, a partir de 1812 deixou definitivamente de acontecer. Também o arcebispo cedo se mudou para São Pedro, usando o Paço de Goa apenas durante a Semana Santa. Poucos anos antes transferira-se a Alfândega para Pangim. De há muito se alinhavam os factos no sentido da preferência por sítios a juzante de Goa ao longo da margem do Mandovi. Sinal inequívoco surgira já no vice-reinado do conde de Linhares com a construção (1633-1634) da via-açude que ligou Goa/Ribandar à zona de Pangim através de um extenso sapal, impressionante obra de engenharia se observada no seu tempo e contexto. Quando o vice-rei D. Manuel de Saldanha de Albuquerque, conde de Ega, em 1759, passou a habitar o reformado Palácio do Hidalcão em Pangim, o Hospital Real ocupou o edifício deixado vago em Panelim (Carita,

opponents of change, the regular clergy, insisted on maintaining the urban nature of "Rome of the Orient". From the seventeenth century onwards, and especially after the great epidemic of 1695, the viceroys and governors lived in the Casa da Pólvora (so-called as it was next to the gunpowder factory) in Panelim, a suburb which was also called São Pedro. They only used the Palace of Goa for official acts, which also came to a definitive end in 1812. The archbishop also soon moved to São Pedro, using the Paço de Goa only during Holy Week. A few years earlier, the Customs Office had moved to Pangim, while there had long been a preference for moving places downstream from Goa along the banks of the Mandovi. A very clear sign came when the viceroy Count of Linhares built (1633-34) a route/dam linking Goa/Ribandar to the Pangim area across a wide marsh. This was an impressive piece of engineering, especially when seen in the context of the age and the place. When viceroy D. Manuel de Saldanha de Albuquerque, Count of Ega, moved into what had been the Palace of the Hidalcão in Pangim, the Royal Hospital moved into the building left empty in Panelim (Carita, 1995). That same year saw the Jesuits expelled from all Portuguese territory, although the effect of this order was diluted over some years in the Orient. Thus, Goa lost the second power of the Portuguese State

of India, the only one it still really had. Shortly before the expulsion of all the religious orders in 1834, the ruins of the city of Goa only housed around one thousand people, mostly living in monasteries (Kloguen, 1831, p. 56).

This cross-section of Goa's urbanistic history over an expanded eighteenth century gives a succinct view of how important changes could take place in the territorial (dis)organisation, again without the benefit of any planning. However, and only as an apparent paradox, the middle years of that century saw a noticeable upturn in Portugal's fortunes in India. If this volte-face could be personified, it would be in the person of the viceroy from 1744-1750, D. Pedro Miguel de Almeida e Portugal, Count of Assumar, Marquis of Castelo Novo and, thanks to the success in carrying out his duty, Marquis of Alorna, the stronghold that he captured. His rule reflected the new awareness of the need for Goa to become a small state with its own autonomy, as the network that it had run and which justified its existence, had crumbled. Only Daman and Diu were left, hubs which were now worthless and obsolete, where time stood still in fear of destroying the memory of a magnificent past. This led to a new policy aimed at conquering territory so as to solidify the area in military terms and make Goa economically viable as a localised state. A letter from the viceroy to João V

1995). Nesse ano foi determinada a expulsão dos Jesuítas de todo o território português, sendo o seu efeito no Oriente diluído ao longo de alguns anos. Goa sofria assim a subtração do segundo poder do Estado da Índia Portuguesa, o único que ela então realmente albergava. Pouco antes da expulsão de todas as ordens religiosas, em 1834, nas ruínas da cidade de Goa vivia apenas um milhar de pessoas, a maior parte em conventos (Klo-guen, 1831, p. 56).

Este corte pela fortuna urbanística de Goa ao longo de um alargado século XVIII demonstra sucintamente como, uma vez mais sem planeamento, ocorriam importantes mudanças no (des)ordenamento daquele território. No entanto, e só por aparente paradoxo, na Índia os anos centrais desse século caracterizaram-se por uma viragem sensível na sorte

dos Portugueses. A ter que ser personificada esta *volte-face* tem o rosto do vice-rei (1744-1750) D. Pedro Miguel de Almeida e Portugal, conde de Assumar, marquês de Castelo Novo e, mercê dos êxitos no desempenho do cargo, marquês de Alorna, praça que conquistou. A sua governação espelha a tomada de consciência da necessidade de Goa se transformar num pequeno Estado com autonomia própria, pois o sistema, a rede que a cidade geria e que a justificava, desfizera-se. Restavam Damão e Diu, «nós» agora inúteis e obsoletos onde o tempo ficara suspenso pelo receio de se desfazer a memória de um passado grandioso. Assim surgiu uma política orientada para a conquista de território, capaz de solidificar militarmente

e tornar economicamente viável Goa, agora como Estado localizado. Numa carta dirigida a D. João V, o vice-rei diz claramente

«Pangim», desenho aguarelado
de José Aniceto da Silva,
primeira metade do século XIX, SGL



clearly states the intention to expand Goa's frontiers up to the Gates, since the territory could easily be defended with few people at their canyons. The viceroy added: "The problem is that these passes, some are in the hands of Bounsoló, a daring and brave enemy; the others are in the hands of Sunda, the laziest and most insensitive that can be imagined. But there is no lack of just reasons for us to take control of them all, in fact every day they give us more reason to punish them with justice if we have the force to do so" (Boléo, 1960, p. 344). He also proposed reconquering the northern province, but the king advised caution due to the expected extremely negative reaction of the English. The position adopted by the Marquis of Pombal when viceroy D. Francisco de Távora (1750-4) revived the proposal was the exact opposite. The change in attitude from central power led to the Goan frontier stretching all the way up to the Gates,

"Pangim", watercolour by Joze Aniceto da Silva,
1st half of 19th century, SGL

increasing the territory's area threefold in a few years. After an initial effort whose effects can be said to have finished by 1763-4, the limits of the Portuguese State of India - Goa, Daman and Diu - were established in 1788. This was what would be annexed by the Indian Union in 1961. Significantly, even today the territories of the eighteenth century extension are known locally as the "New Conquests".

It is easy to see how this change fitted within the *enlightened* attitude which had started to appear in Portugal since the middle of the reign of João V. A letter from the Governor of Bassein to the viceroy, mentioned above, noted another early indicator of this new policy. While in economics, the evolution of mercantilist concepts took place in order to bring production up to the same level as trading, in the socio-political field, the clarification of the roles of ruler and subject was increasingly important. The trend was

ter a intenção de dilatar as fronteiras de Goa até aos Gates, pois, como os desfiladeiros eram apertados, com pouca gente poderia defender o território, e acrescenta: «O mal he estarem estes passos, huns na mão do Bounsoló inimigo atrevido e temerário; os outros na mão do Sunda o Príncipe mais indolente e incensível que se pode imaginar; mas para nos apoderarmos de huns e outros não faltão motivos justos de o fazermos; antes todos os dias nos estão dando de novo occasioens de os castigarmos com justiça se tivessesmos para isso forças» (Boléo, 1960, p. 344). Propôs também a reconquista da Província do Norte, mas na resposta D. João V recomendou cautela por causa da temível e muito provável reacção inglesa. Oposta foi a atitude do Marquês de Pombal quando o vice-rei D. Francisco de Távora (1750-1754) renovou a proposta. A evolução para esta nova atitude do poder central levou de facto a que a fronteira goesa se «encostasse» aos Gates, triplicando-se em poucos anos a área do território. Após um primeiro impulso, cujos efeitos se podem considerar terminados por volta de 1763-1764, em 1788 estavam definidos os limites do Estado da Índia Portuguesa – Goa, Damão e Diu – anexado pela União Indiana em 1961. Significativamente, ainda hoje os territórios da extensão setecentista são localmente designados por «Novas Conquistas».

towards bringing all the king's subjects to the same level (as far as was possible) and then conceptually optimising a direct relationship between the two extremes of society. In brief, nations need the state and both need stable territory. Shifting the focus slightly, without subjects, there is no sovereign and without him there was no light (etc.). The process of urbanisation of Goan territory described above – the direct consequence of ruralisation resulting from the capital's decadence – occurred at exactly the same time as the impetus giving new dynamism and growth to the urban network throughout the Portuguese overseas territories, which “like the mercantilist policy of the Count of Ericeira during the reign of Pedro II for the possessions whose status was until then ambiguous, gained in the Pombaline period the expression and territorial definition that characterised the Colonial Empire until its end a few decades ago: the capitania of Bissau was re-established in 1753, the Governor of Angola, Francisco de Sousa Coutinho, encouraged significant improvements in the slovenly environs and urban space in Luanda, in addition to introducing some major administrative innovations (...) and also set in motion the creation of the factory area of Nova Oeiras and the fortress of Novo Redondo (1769); in 1756 the governorship of S. Tomé was united with that of the island of Príncipe; in 1752, the Cap-

Não é difícil perceber como esta mudança se inseria dentro do quadro iluminista que desde meados do reinado de D. João V se começou a esboçar em Portugal. A propósito de uma carta do governador de Baçaim para o vice-rei, já atrás ficou o apontamento de outro indício precoce desta nova política. Se no domínio económico a evolução dos próprios conceitos mercantilistas se fazia no sentido de erguer a produção à paridade com a transacção, também no domínio sócio-político era cada vez mais importante a clarificação de papéis entre soberano e súbditos, nivelando o mais possível estes últimos e optimizando conceptualmente uma relação directa entre ambos os pólos da sociedade. Em poucas palavras: as nações necessitam de Estado e ambos de território estável, ou, mudando de enfoque, sem súbditos não há soberano e sem ele não há luz (etc.). O processo de urbanização do território goês de que já dei conta – consequência directa da ruralização provocada pela decadência da capital – ocorreu em simultâneo com a dinamização e o incremento da rede urbana em todo o ultramar português que, «tal como a política mercantilista do conde da Ericeira, em curso desde o reinado de D. Pedro II, nas possessões cujo estatuto era até aí ambíguo, ganhou no período pombalino a expressão e definição territorial que caracterizaria o império colonial até ao seu fim há poucas décadas: em 1753 foi restabelecida a capitania de Bissau; em

taincy-General of Mozambique was created, based on the scattered territories of the State of India and leading to the re-establishment of the factory-house and fortress of Lourenço Marques [now Maputo]; in 1768, the capital of Timor was moved to Dili. Equally, Cape Verde underwent changes in its territorial organisation, which were symbolised by the transfer of the capital from Ribeira Grande to Praia in 1770 (...). In 1766, the capitania system was abolished in the Azores and the governor-general's office was established in a former Jesuit College in Angra. In parallel fashion, the forts of Azamor and Mazagão in Morocco were abandoned in 1769. To date, no studies have been made which will allow for the assessment of the depth of impact of urbanistic actions in response to this reforming “earthquake”. For example, imagine the effect that the gradual abolition of slavery and the granting of equal citizen's rights to all the natives had on the concept of population distribution across the territories. Once again, in this Goa is a hypothetical paradigm” (Rossa, 1995, p. 310). In 1774, among the various reform measures from the Pombaline administration of the Portuguese State of India, one granted all natives rights equal to those of people living in Portugal. An identical measure had already been taken for the Indians from Amazonia during a reform in the 1750's. In fact, this excerpt makes no reference to the urba-

Angola, o governador Francisco de Sousa Coutinho, a par com importantes inovações administrativas, promoveu melhorias sensíveis no desleixado ambiente e espaço urbano de Luanda [...] e pôs em marcha a fundação da colónia fabril de Nova Oeiras e do presídio de Novo Redondo (1769); em 1756 foram unificados os governos das ilhas de S. Tomé e do Príncipe; em 1752 foi criada a Capitania-Geral de Moçambique tendo por base territórios desmembrados do Estado da Índia, sendo em 1755 restabelecida a feitoria e fortaleza de Lourenço Marques; em 1768 a capital de Timor foi transferida para Díli. Também Cabo Verde sofreu alterações na sua estrutura territorial, simbolizadas pela transferência da capital da Ribeira Grande para a Praia em 1770 [...]. Em 1766 foi extinto o regime de capitanias nos Açores, sendo sediado o Governo-Geral no antigo Colégio Jesuíta de Angra.

nising increase that took place in Brazil in the eighteenth century, one which was easily the most expressive anywhere in the empire as it genuinely created that country, by defining its borders⁷². In India, total religious freedom, including permission to build temples (1755),

was granted even before the most basic citizens' rights.

As has been shown, the new territorial policy would only become coherent after a profound administrative reform. This would take place in two phases, the first of which was somewhat hesitant. Apart from those measures already mentioned, in 1753 the Portuguese Asia Company was set up and in 1769, the Goa Tax Office was created. These institutions were typically Pombaline, but they did not produce the expected effects. The previous experience of Pombaline reform – Lisbon, Oporto, Amazonia, Mato Grosso – sugges-

A par de tudo isto em 1769 abandonaram-se as praças de Azamor e Mazagão no Magrebe. Não foram ainda realizados estudos que permitam avaliar qual a profundidade das acções urbanísticas das 'réplicas' deste autêntico 'sismo' reformista – imagine-se, por exemplo, a importância que a gradual abolição da escravatura e a concessão de direitos

de cidadania a todos os autóctones teve no conceito de povoamento – mas mais uma vez, Goa é um hipotético paradigma» (Rossa, 1995, p. 310). Em 1774, entre os vários diplomas da reforma pombalina da administração do Estado da Índia Portuguesa, um deles concedeu a

todos os naturais direitos iguais aos dos cidadãos da Metrópole. Idêntica medida fora tomada relativamente aos índios da Amazónia quando da sua reforma na década de 50. Aliás, neste excerto não é referido o incremento urbanizador que o Brasil teve no século XVIII, sem dúvida o mais expressivo

ted that a common rule be adopted: if there is no urban reform, there is no reform of the system (political, social, economic, etc.). Enlightenment! This is clearly the sense of the measures that led to the attempted urban reorganisation of Coimbra and the "refoundation"

of Vila Real de Santo António de Arenilha, respectively consequences of the culmination of the reform of education with the same "refoundation" of the University in 1772 and the integration of the Kingdom of the Algarve and reform of the fisheries in 1773-74. A process for the "refoundation" of Goa was also drawn up

in 1774, covering both documents and typologies⁷³. The combination of the three constitutes the swansong of what is called Pombalism.

Like all aspects of Pombaline reforms, the "Restoration of the State of India" was based on a diagnosis that took the

«Planta do lugar, e monte de Pangim.
Tirada por José António Aguiar Sarmiento,
capitão de Infantaria, com exercício de Engenheiro.
Dezenhada, por João Baptista, primeiro-tenente
de Bombeiros do Regimento de Artilharia da Azia
Portuguesa. Por ordem do Il.^{mo} E ex.^{mo} D. Joze
Pedro da Camera e Conc.^a de S. Mag. e F.^{ma}
Gov.^{or} e Cap.^m Gen.^{al} da India & C.»,
último quartel do século XVIII, GEAEM



“Plan of the place and hill of Pangim. Surveyed by José António Aguiar Sarmiento, Infantry Captain, serving as an engineer. Drawn by João Baptista, First Lieutenant of Bombardiers of the Portuguese Asia Artillery Regiment. By order of the Most Illust. and Exc. Senhor Dom Joze Pedro da Camera, of His Majesty's Council of Most Worthy Governor and Captain General of India & C.”, last quarter of 18th century, GEAEM

em todo o Império, pois com ele se *criou* de facto, delimitando, aquele país⁷². Na Índia, antes dos mais elementares direitos de cidadania, foi dada total liberdade religiosa, incluindo a possibilidade da construção de templos (1755). Como se tem vindo a verificar, a nova política territorial só ganharia consistência com uma profunda reforma administrativa. Esta acabou por ser formulada em duas fases, a primeira das quais um pouco titubeante. Para além de algumas medidas já referidas, em 1753 foi fundada a Companhia da Ásia Portuguesa e em 1769 criou-se a Junta da Fazenda de Goa, instituições tipicamente pombalinas, mas os efeitos não foram os esperados. As anteriores experiências do reformismo pombalino – Lisboa, Porto, Amazónia, Mato Grosso – aconselhavam o cumprimento de uma regra comum: sem reforma urbanística não havia reforma do sistema (político, social, económico, etc.). Coisas do iluminismo!... É claramente esse o sentido das medidas que levaram ao intentado reordenamento urbanístico de Coimbra e à «refundação» de Vila Real de Santo António de Arenilha, respectivamente consequências do culminar da reforma do ensino com a própria «refundação» da Universidade em 1772 e da integração do reino do Algarve e reforma das pescas em 1773-1774. Documentalmente e tipologicamente, também para Goa (em 1774) foi preparado um

form of an attack on somebody or some group targeted as the root of all the evils, and in a standardised text which was both wide-ranging and fairly detailed. D. José Pedro da Câmara (the Governor and Captain-General – a title which substituted the previous one of viceroy) and D. Francisco da Assumpção e Brito (the archbishop primate of the Orient) travelled from Lisbon to Goa in the monsoon of 1774 carrying these documents. These would later be partially published and commented on by Cláudio Barbuda (1841), which is where I have taken the quotes as the basis for this analysis.

The question was posed in simple form: a) the ruin of the Portuguese State of India and its capital was predominantly due to the subversive and lesé-State role played by the Jesuits, a staggering example of libel which even went so far as to state that St. Francis Xavier had never been a Jesuit, but that the perfidious nature of the Jesuits had led them to usurp his vows, name and relics; b) following their expulsion and confiscation of their goods and properties, it was essential to put much more detailed measures into effect. In the introduction to the regulation, there is a eulogistic account of the historical background and the integration of these reforms into the overall Pombaline policy. As regards the measures, these were not intended to “give succour to

processo de «refundação»⁷³. O conjunto das três constituiu o canto de um cisne chamado pombalismo.

Como em todo o reformismo pombalino, a «Restauração do Estado da Índia» foi fundamentada num diagnóstico que assumia a forma de um libelo contra um determinado causador de todos os males e num corpo normativo bastante abrangente e pormenorizado. O governador e capitão-general – título que a partir de então substituiu o de vice-rei – D. José Pedro da Câmara e o arcebispo primaz do Oriente, D. Francisco da Assumpção e Brito, viajaram de Lisboa para Goa na monção de 1774 levando com eles tais documentos, que vieram a ser parcialmente publicados e comentados por Cláudio Barbuda (1841), para onde remeto as citações da análise que a partir daqui deles faço.

A questão é posta de forma simples: a) a ruína do Estado da Índia Portuguesa e da sua capital devia-se, na sua maior parte, ao papel subversivo e de lesa-Estado dos Jesuítas, um libelo espantoso onde se chega ao ponto de afirmar que São Francisco Xavier nunca fora jesuíta, mas que a perfídia desses padres os levava a usurpar os seus votos, nome e relíquias; b) na sequência da sua expulsão, e tirando partido dos seus bens móveis e imóveis, urgia pôr em execução medidas ali bem detalhadas. Mas na introdução à regulamentação dá-se conta, de forma encomiástica, da

the same State in the ordinary manner, but rather to restore it and found it again; tearing out by the roots the vices that have so far poisoned it and planting in the territory that they (the Jesuits) had infected Christian, Political and Military virtues that will make reputation and glory in the name Portuguese be reborn in Asia”.

The first of the “six measures” was that the Captain-General should ensure the “Repair and security of the capital in Goa”, whose natural advantages had been noted and well-used by the hero D. Afonso de Albuquerque, but debased by the “invasion of the so-called Jesuits”. In order to reverse the situation, there were seven “remedies” within the scope of the first “measure”. For practical reasons, I have summarised and freely restructured part of the original text: 1) recover the Palace of the Sabaio, which had been destroyed by the Jesuits to establish the Inquisition, so as to serve as a base for the Captain-General⁷⁴; 2) the installation of the archbishopric and the respective archbishop in the Bom Jesus complex, thereby making the relics of St. Francis Xavier secular and not of the Society which had appropriated them. Equally, the Jesuit residence of São Roque would house the barracks of the brigadier in charge of the infantry.; 3) all those who held public office would be obliged to live in the city; 4) three annual fairs would start

conjuntura histórica e da integração desta reforma no projecto político pombalino global. No que diz respeito às «medidas», estas não visavam «socorrer o mesmo Estado no modo ordinário, mas sim restaurá-lo, e funda-lo de novo; arrancando as raízes dos vícios que até agora o contaminaram; e plantando nos terrenos, que ellas haviam inficionado, virtudes Christãs, Políticas, e Militares, que façam renascer na Azia a reputação, e gloria do nome Portuguez». A primeira das «seis medidas» de que era incumbido o capitão-general era precisamente a «Reparação, e segurança da capital de Goa» cujas vantagens naturais haviam sido notadas e proveitosamente utilizadas pelo herói D. Afonso de Albuquerque, mas desvalorizadas pela «invasão dos chamados Jesuítas». Para inverter a situação, no âmbito da primeira «medida» receitaram-se sete «remédios» (por razões de ordem prática passo a sintetizar e a recompor livremente parte do texto pombalino):

I) recuperar o Paço do Imperador Sabaio, destruído pelos Jesuítas para instalarem a Inquisição, com vista a nele voltar a residir

being held in Terreiro do Paço (the largo outside the viceroys' residence); 5) a series of measures would be introduced to stimulate trade; 6) the legal system would be simplified, replacing the court with an Ouvidoria with three judges; 7) reform the army. The following "measures" were: II) "Repair and Security of the Port of the same City of Goa, and its Fortresses" through work on the garrisons and buildings and using (§ 32.º) expropriation for the public good; III), IV) and V), the repair and security of the provinces and fortresses of Bardez, Salsete, Canacona, Embarbacém, Zambaulim and Pondá; VI) measures for reforming the army, including one for the renovation of the arsenals in Goa, Daman and Diu which, as noted above for the last case, had major practical importance. In addition to these measures which the Captain-General was to put into effect, there were others for the Archbishop which made the intended separation of civil and religious power perfectly clear.

«Planta Topographica de Nova Goa capital da India Portugueza» feita por Francisco Manuel Ferreira Martins e Romdolfo Rosmiro Corrêa Mendes, 1870, SGL



"Topographical Plan of New Goa, capital of Portuguese India" by Francisco Manuel Ferreira Martins and Randolfo Rosmiro Corrêa Mendes, 1870, SGL

e laborar o capitão-general⁷⁴; 2) instalar o arcebispado e o respectivo dignitário no conjunto do Bom Jesus, pois assim as relíquias de São Francisco Xavier voltam a ser seculares e não da Companhia que as usurpara – também na casa jesuíta de São Roque deveria ser abrigado o quartel do brigadeiro comandante da infantaria; 3) para todos aqueles que desempenham cargos públicos passa a ser obrigatório residir naquela cidade; 4) instituir a realização de três feiras anuais no Terreiro do Paço; 5) implementar uma série de medidas para estimular o comércio; 6) desburocratizar o sistema judicial substituindo a Relação por uma ouvidoria com três juizes de fora; 7) reforma do Exército. As «medidas» seguintes eram: II) «Reparação e Segurança do Porto da mesma Cidade de Goa, e suas Fortalezas» através de intervenções nas guarnições e edifícios e recorrendo (§ 32.º) à expropriação por razões de

bem público; III), IV) e V) reparação e segurança das províncias e fortalezas de Bardez, Salsete, Canacona, Embarbacém, Zambaulim e Pondá; VI) medidas acerca da

Another aspect in the middle of the attached general legislation had great meaning for the history of urbanism. This was a measure dated 15 January 1774 and stated the following:

"6.º item – I order that for the rebuilding of the houses of the destroyed City mentioned above, all the favours, exemptions from duties and pardons that I granted after the Earthquake of 1 November 1755 to the Builders and Restoration workers in My Court in the City of Lisbon through my order of 22 May 1756 and 12 May 1757, of 12 May 1758 and of 30 December of the following year for the reconstruction of the town of Villa de S. António de Arenilha in the Kingdom of the Algarve, so that they should not pay any duties on the wood, lime, brick, tile and other materials that they make or bring in for that aforementioned work, for the period of ten years counting from the day of publication of this onwards be also applied and observed." Another document of 6 March 1774 – one of the last to be written before leaving Lisbon

reforma do Exército, incluindo uma para a renovação dos arsenais de Goa, Damão e Diu que, como vimos oportunamente, no caso da última tiveram alguma consequência prática. Para além das «medidas» a ser implementadas pelo capitão-general, seguiam-se outras para o arcebispo onde é essencialmente clara a intenção de separar os poderes civil e religioso.

De outro âmbito, mas com grande significado para a história do urbanismo, no meio da legislação de carácter geral anexa, surge, datado de 15 de Janeiro de 1774, o seguinte: «6.º item – Ordeno, que a beneficio das reedificações das Casas da sobredita Cidade destruída, tenham lugar, e observancia todos os favores, isenções de Direitos, e Indultos, que depois do Terremoto do 1.º de Novembro de 1755, Concedi a beneficio dos Edificantes, e Re-edificantes da Minha Côrte, e Cidade de Lisboa, pelos Meus Alvarás de 22 de Maio de 1756, de 12 de Maio de 1757, de doze de Maio de 1758, e de 30 de Dezembro do anno proximo preterito, a favor da re-edificação da Villa de S. António de Arenilha do Reino do Algarve, para não pagarem Direitos alguns das madeiras, cal, tejollo, telha, e outros materiaes que fabricarem, ou fizerem entrar para as sobreditas Obras, por tempo de dez annos, contados do dia da publicação deste em diante.» Outro documento, datado de 6 de Março de

1774 – dos últimos a serem redigidos antes da partida de Lisboa –, especifica que o plano a elaborar deveria tomar o partido essencial da cidade existente racionalizando-a no traçado, mas visando uma maior modéstia, sem grandes palácios e edifícios monumentais. Como corolário do pragmatismo já evidenciado impunha-se o aproveitamento das ruas, casas e fundações em bom estado e, paralelamente, dever-se-ia proceder à secagem dos pântanos e ao abastecimento de água potável.

De acordo com as instruções, a «reparação» de Goa consistia fundamentalmente em reordenar a ocupação dos espaços existentes, em grande parte obliterando a presença dos Jesuítas e obrigando à fixação de habitantes. Mas o Marquês de Pombal parecia estar mal informado, pois a decadência era muito superior ao que a reforma permite supor, a evolução natural ganhara uma orientação oposta e a distância de Goa a Lisboa era suficiente para neutralizar os efeitos naquele território do poder que exercia de forma absoluta. Contrariamente ao que em simultâneo sucedia com Vila Real de Santo António, era essa distância que impossibilitava o «transporte da cidade» em barco dos estaleiros da «reconstrução» de Lisboa até ao local. Por isso e porque, um pouco à imagem da capital do Império, se pretendia respeitar preexistências, não era útil que com as «medidas» seguis-

– specifies that the plan to be drawn up should take the essential part of the existing city and rationalise it into the drawing, aiming to achieve greater modesty, without large palaces or monumental buildings. As a corollary of the already shown pragmatism, the order was for the use of streets, houses and establishments in good condition and, in parallel, to dry the swamps and to supply fresh water.

According to the instructions, the “repair” of Goa consisted basically of reorganising the occupation of existing spaces, largely eliminating the presence of the Jesuits, and forcing the people to live there permanently. But it seems that the Marquis of Pombal was poorly informed, as the level of decay was much higher than the reform suggested, natural evolution acquired the opposite direction to that intended and the distance between Goa and Lisbon was sufficient to neutralise the effect of the absolute power that he held. In absolute contrast to what was happening simultaneously in Vila Real de Santo António, it was that same distance that made “transporting the city” by boat from the “reconstruction” yards in Lisbon to Goa impossible. This is why, to some extent like the capital of the empire, if the aim was to respect pre-existing structures, there was no point sending drawings with the “measures”. But, as José Manuel Fernandes (1988) noted in his analysis of these

plans, the relations between some of the proposals and Pombaline Lisbon are evident. Even the methodology for reaching the solution to be adopted shows similar features⁷⁵. The drawings, which have fortunately survived and are published here, show three projects for the renovation of Goa and two surveys and a plan of the fort in Pangim. They were drawn up in Pangim in 1774, 1775 and 1777 before being sent to Lisbon for approval. In 1776, one was sent for the reinstallation of Pangim, as this was what the Goans (in the broadest sense) wanted. In fact, they had already moved the main administrative functions there. The first follows the letter of the law as laid down by the order of March 1774, tentatively imposing a geometrical pattern on the pre-existing mesh but also proposing the creation of some squares. The second, rather than respecting the mesh, aimed to integrate the existing monumental architecture into a rigorous grid comprising large rectangular blocks of variable size which ran parallel to the river, interspaced with some large squares featuring the monuments that were contained in them: Bom Jesus (now the See-Cathedral), Caetanós, Dominicanos and Cais, amongst others. The third is, beyond question, the grandest, the most interesting and the most complex. It not only reflects the maturing of ideas, but also the fact that

sem desenhos. Mas, como já José Manuel Fernandes (1988) o fez notar na sua análise desses planos, são evidentes as relações entre algumas das propostas e a Lisboa de Pombal. Até na metodologia de apuramento da solução a adoptar, algo de semelhante se passou⁷⁵.

Os desenhos, que felizmente se conservam e aqui se publicam (três projectos para a renovação de Goa e dois levantamentos e um plano para o sítio de Pangim) foram elaborados em Pangim em 1774, 1775 e 1777 e enviados a Lisboa para aprovação. Em 1776 foi enviado um correspondente à reinstalação em Pangim, pois era este o desejo dos goeses (sentido lato) que, na realidade, já naquela direcção haviam mudado as principais funções administrativas. O primeiro é em muito o cumprimento à letra do despacho de Março de 1774, submetendo a malha preexistente a uma geometrização tímida, mas propondo a abertura de algumas praças. O segundo, em vez de respeitar a malha procura integrar o parque arquitectónico monumental numa malha rigorosa, de grandes quarteirões rectangulares de proporção variável paralelos ao rio, animada por algumas grandes praças caracterizadas pelos monumentos que integram: Bom Jesus (agora Sé Catedral), Caetanos, Dominicanos, cais, entre outros. O terceiro é, sem dúvida, o de maior extensão, interesse e complexidade, reflectindo não apenas a

maturação de ideias, mas uma autoria diversa. Incluindo uma memória onde se reflectem preocupações com a higiene e a salubridade, consiste numa rigorosa retícula cujas ruas maiores têm secção igual às da Baixa de Lisboa – tal como duas das praças têm as dimensões da Praça do Comércio e do Rossio – e que articula três sectores: «parte velha» (com as praças existentes regularizadas), a nascente, parte central, com uma Grande Praça ligada à Ribeira e ao Arsenal, e parte poente, à volta do rio Benguenim, com outra Grande Praça Nova, «onde com facilidade se pode virar água do rio, como veio em outro tempo» (*ibid.*, 1988). Em todos é evidente o descontrolo da escala e da proporção das massas edificadas. O plano para Pangim, da mesma mão que o de 1777 para Goa, expressa melhor o apuro programa/forma que a urbanística da «escola portuguesa» atingira perto do seu ocaso. Era uma alternativa ao que decorria das ordens de Pombal que, face ao que se tem vindo a apurar acerca das metodologias de trabalho da «escola», classificaria de rotineira e que expressa uma quase total falta de compromissos com qualquer tipo de preexistências. É também o mais pragmático e proporcionado à escala do que se pretendia. Nele tudo gira em torno de uma praça central implantada por trás do complexo marítimo do Arsenal, cais, Alfândega, etc.,

it was the work of another author. It includes a note reflecting concerns about hygiene and health and consists of a rigorous rectangular pattern whose main streets have exactly the same cross-section as those in the centre of Lisbon – just as two of the squares are of the same size as Praça do Comércio and Rossio – and which articulate three sectors: “the old part” (with the existing squares which were then regularised) to the east; the central part, with a “Grande Praça” linking the waterfront to the arsenal and to the west, around the Benguenim river, with another “Grande Praça Nova”, where water can come easily from the river, as it did in other times” (*ibid.*, 1988). The lack of control over scale and the proportion of the building areas is evident in all these. The plan for Pangim, by the same author who drew the Goa plan in 1777, provides a better expression of programme/form than the urbanistics of the “Portuguese school” could reach as it drew to its close. It was an alternative to what derived from Pombal’s orders, and in contrast to what has been shown about the working methodology of the school, could be classified as routine, expressing an almost complete absence of compromise with any pre-existing forms. It is also more pragmatic and better proportioned to the scale desired. Everything revolves around a central square located behind

the maritime complex comprising the arsenal, quay, customs, etc. “a rigorous rectangle (...) of very modest dimensions of a small coastal city where the essential services are indicated (...) all around the “largo of the Pillory, whose size (...) was a little larger than that of the square in Vila Real do Algarve” (*ibid.*, 1988). The variations and the time span of the Goa plans made them increasingly utopic and less of a palliative, bearing in mind the situation of Goa at that time. The same cannot be said of the plan for Pangim.

As everything would lead us to believe, especially after the almost simultaneous dismissal of the Marquis of Pombal in 1776, nothing came of this plan and the process of rehabilitating the city of Goa fell – conveniently – once more into oblivion. Not even in Pangim, which was meanwhile continuing to develop, did the desire to follow some of the guidelines appear. Yet these guidelines were in fact utopian only in the will to introduce the plan. Its natural space was defined by the two tributaries of the Mandovi (east and west), by the river itself (north) and the elevation called Altinho (south). When the plan was drawn up, there were already some buildings organically established along those two river banks, each with its own church – Imaculada Conceição and Santa Inês respectively. The eastern nucleus was superior

«uma retícula rigorosa [...] com dimensões bem humildes, de cidadezinha costeira, onde se indica a instalação dos serviços essenciais [...] tudo girando à volta de um largo do Pelourinho com dimensões [...] pouco maiores que as da Praça de Vila Real do Algarve» (*ibid.*, 1988). As variantes e a distensão temporal dos planos para Goa assumiam assim, mais que o papel de paliativos, uma crescente dimensão utópica se tivermos em conta a realidade goesa de então, o que já não acontecia com o plano de Pangim.

Como tudo faria prever, especialmente após a quase simultânea destituição do Marquês de Pombal em finais de 1776, nada disto se fez e o processo de reabilitação da cidade de Goa caiu – convenientemente –, uma vez mais, no esquecimento. Nem em Pangim, que entretanto continuaria a desenvolver-se, se esboçou o desejo de seguir algumas das orientações de um plano que de facto apenas tinha de utópico a vontade de o implementar. O seu espaço natural era definido por dois afluentes do Mandovi (este e oeste), pelo próprio rio (norte) e pela elevação do Altinho (sul). À data do plano já existiam alguns edifícios organicamente implantados ao longo daquelas ribeiras, cada qual com a sua igreja – Imaculada Conceição e Santa Inês, respectivamente

to the other as it had greater facilities. These included better fresh water supplies, being closer to Goa, Panelim and Ribandar, and having better access to the interior, in addition the presence of the Palace of the Captain-General (previously the Hídalcao's palace) near the tributary's

mouth. That was where Pangim developed from modernity to its contemporary form, following only the rules of good sense. Nowadays, it is the Fontainhas area. There were later additions of an urban mesh to this organic structure. The mesh has an uncompromisingly geometric but not very rational form which now almost links the two

te. O núcleo de nascente, melhor dotado de água potável e mais próximo de Goa, Panelim e Ribandar, com melhores acessos ao interior e mercado junto à foz da ribeira pela presença do Palácio dos Capitães-Generais (outrora do Hídalcao), relativamente ao outro revelava já a supremacia compatível com as suas maiores potencialidades. Por aí cresceu, sem outra regra que a do bom senso, a Pangim da transição da modernidade para a contemporaneidade, o que hoje dela é o bairro das Fontainhas. À sua estrutura orgânica foi depois acrescida uma malha urbana descomprometidamente geométrica mas pouco racional, que hoje quase une uma ribeira à outra e na qual os edifícios públicos acentuam o provincialismo do processamento de um virtual modelo urbanístico.

Quanto à questão que nesta última parte nos serviu de guia, desde há algumas décadas que Pangim detinha, na prática, a capitalidade, mas só por Alvará de 21 de Março de 1843 a rainha D. Maria II a elevou a cidade, (re)baptizando-a como Nova Goa e assim lhe conferindo oficialmente todos os atributos administrativos que desde o século XVI pertenciam a Goa. Só então a velha capital do Oriente português se recolheu nostalgicamente sob o seu denso palmeiral.



Goa. View from the West

21 March 1843 that Queen Maria II elevated it to the status of a city, (re)baptising it with the name Nova Goa (New Goa) and thereby officially granting it all the administrative attributes that had belonged to Goa since the sixteenth century. Only then did the old capital of the Portuguese Orient slip gently back into its dense palm forest.

AA.VV., 1928-1954, *História de Portugal*, dir. de Damião Peres, 9 vols., Portucalense Editora, Barcelos, 1928-1954.

AA.VV., 1987, «Historic Bassein and its future», in *Indica*, Heras Institute of Indian History and Culture, Bombay, September 1987, n.º 46.

AA.VV., 1994a, *A Arquitectura Militar na Expansão Portuguesa*, catálogo, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Porto, 1994.

AA.VV., 1994b, «Indo-portuguesmente – Goa Dourada», in *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1994, n.º 19-20.

AMARAL, Ilídio do, 1991, *Medidas portuguesas para a organização dos novos territórios nas margens continentais do Atlântico Sul no século XVI (apontamentos de geografia histórica)*, separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1991, vol. XXXVI, pp. 277-316.

AZEVEDO, Carlos de, 1970, *A Arte de Goa, Damão e Diu*, Pedro de Azevedo, Lisboa, 1992.

A Arquitectura Militar na Expansão Portuguesa, various authors, catalogue, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Oporto, 1994.

AMARAL, Ilídio do, 1991, *Medidas portuguesas para a organização dos novos territórios nas margens continentais do Atlântico Sul no século XVI (apontamentos de geografia histórica)*, separata from *Revista da Universidade de Coimbra*, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1991, vol. XXXVI, pp. 277-316.

AZEVEDO, Carlos de, 1970, *A Arte de Goa, Damão e Diu*, Pedro de Azevedo, Lisbon, 1992.

BALDAEUS, Philippus, 1672, *Naauwkeurige Beschryinge van Malabar en Chromandel, der Zilver Aangrenzend Ryken, en het machtige Eyland Ceylon*, Johannes Jansonius van Waasberge, Amsterdam, 1672.

BARBUDA, Cláudio Lagrange Monteiro de, 1841, *Instruções com que El-Rei D. José I Mandou Passar ao Estado da Índia o Governador e Capitão General e o Arcebispo Primaz do Oriente no Anno de 1774*, Typographia Nacional, Pangim, 1841.

BALDAEUS, Philippus, 1672, *Naauwkeurige Beschryinge van Malabar en Chromandel, der Zilver Aangrenzend Ryken, en het machtige Eyland Ceylon*, Johannes Jansonius van Waasberge, Amsterdam, 1672.

BARBUDA, Cláudio Lagrange Monteiro de, 1841, *Instruções com que El-Rei D. José I Mandou Passar ao Estado da Índia o Governador e Capitão General e o Arcebispo Primaz do Oriente no Anno de 1774*, Typographia Nacional, Pangim, 1841.

BARROS, João de, e COUTO, Diogo do, 1778-1788, *Da Asia*, 24 vols., Regia Officina Typografica, Lisboa, 1778-1788.

BOCARRO, António, e RESENDE, Pedro Barreto, 1635, *Livro das Plantas de todas as Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental*, 3 vols., IN-CM, Lisboa, 1992.

BOLÉO, José de Oliveira, 1960, «A incorporação das 'Novas Conquistas' no Estado da Índia», in *Studia*, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, Lisboa, 1961, n.º 8, pp. 335-390.

BRITO, Raquel Soeiro de, 1966, *Goa e as Praças do Norte*, Junta de Investigação do Ultramar, Lisboa, 1966.

BARROS, João de, and COUTO, Diogo do, 1778-1788, *Da Asia*, 24 vols., Regia Officina Typografica, Lisbon, 1778-1788.

BOCARRO, António, and RESENDE, Pedro Barreto, 1635, *Livro das Plantas de todas as Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental*, 3 vols., IN-CM, Lisbon, 1992.

BOLÉO, José de Oliveira, 1960, «A incorporação das 'Novas Conquistas' no Estado da Índia», in *Studia*, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, Lisbon, 1961, n.º 8, pp. 335-390.

BOXER, C. R., 1965, *The Dutch Seaborne Empire 1600-1800*, Penguin Books, London, 1990.

BOXER, C. R., 1969, *O Império Marítimo Português*, Edições 70, Lisbon, 1992.

BRITO, Raquel Soeiro de, 1966, *Goa e as Praças do Norte*, Junta de Investigação do Ultramar, Lisbon, 1966.

CARITA, Helder, 1995, *Palácios de Goa – Modelos e Tipologia de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa*, Quetzal Editores, Lisbon, 1995.

Bibliografia

BIBLIOGRAPHY

BOXER, C. R., 1965, *The Dutch Seaborne Empire 1600-1800*, Penguin Books, London, 1990.

BOXER, C. R., 1969, *O Império Marítimo Português*, Edições 70, Lisboa, 1992.

CARITA, Helder, 1995, *Palácios de Goa – Modelos e Tipologia de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa*, Quetzal Editores, Lisboa, 1995.

CARNEIRO, António Mariz, 1639, *Descrição da Fortaleza de Sofala e das mais da Índia*, Fundação Oriente, Lisboa, 1990.

CASTANHEDA, Fernão Lopes de, 1551-1561, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, 2 vols., Lello & Irmão, Porto, 1979.

CASTRO, D. João de, 1538-1539, «Roteiro de Goa a Diu», in *Obras Completas de D. João de Castro*, Academia Internacional de Língua Portuguesa, Coimbra, 1968-1982.

CHICÓ, Mário Tavares, 1956, «A cidade ideal do Renascimento e as cidades portuguesas da Índia», in *Garcia da*

CARNEIRO, António Mariz, 1639, *Descrição da Fortaleza de Sofala e das mais da Índia*, Fundação Oriente, Lisbon, 1990.

CASTANHEDA, Fernão Lopes de, 1551-1561, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, 2 vols., Lello & Irmão, Oporto, 1979.

CASTRO, D. João de, 1538-1539, «Roteiro de Goa a Diu», in *Obras Completas de D. João de Castro*, Academia Internacional de Língua Portuguesa, Coimbra, 1968-1982.

CHICÓ, Mário Tavares, 1956, «A cidade ideal do Renascimento e as cidades portuguesas da Índia», in *Garcia da Orta*, Revista das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar, Lisbon, 1956, special issue, pp. 319-328.

Contrato para a Construção do Porto de Mormugão, Caminho de Ferro da Índia Portuguesa e outras Obras, Imprensa Nacional, Lisbon, 1881.

CORREIA, Alberto Carlos Germano da Silva, 1931, *La Vieille Goa*, Jaime Rangel, Bastora-India, 1931.

CORREIA, Gaspar (?), *Lendas da Índia*, 4 vols., Lello & Irmão, Oporto, 1975.

Orta, Revista das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1956, n.º especial, pp. 319-328.

Contrato para a Construção do Porto de Mormugão, Caminho de Ferro da Índia Portuguesa e outras Obras, Imprensa Nacional, Lisboa, 1881.

CORREIA, Alberto Carlos Germano da Silva, 1931, *La Vieille Goa*, Jaime Rangel, Bastora-Índia, 1931.

CORREIA, Gaspar (?), *Lendas da Índia*, 4 vols., Lello & Irmão, Porto, 1975.

CORREIA, José Eduardo C. Horta, 1985, «Urbanismo em Portugal», in *Dicionário Ilustrado da História de Portugal*, Alfa, Lisboa, 1985, vol. II, pp. 306-308.

CORREIA, José Eduardo C. Horta, 1989a, «Pragmatismo e utopismo na criação urbanística de raiz portuguesa no século XVIII», in *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1995, vol. 8, pp. 103-112.

CORREIA, José Eduardo C. Horta, 1989b, «Urbanismo», in *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Editorial Presença, Lisboa, 1989, pp. 507-513.

CORREIA, José Eduardo C. Horta, 1985, «Urbanismo em Portugal», in *Dicionário Ilustrado da História de Portugal*, Alfa, Lisbon, 1985, vol. II, pp. 306-308.

CORREIA, José Eduardo C. Horta, 1989a, «Pragmatismo e utopismo na criação urbanística de raiz portuguesa no século XVIII», in *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, Universidade Nova de Lisboa, Lisbon, 1995, vol. 8, pp. 103-112.

CORREIA, José Eduardo C. Horta, 1989b, «Urbanismo», in *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Editorial Presença, Lisbon, 1989, pp. 507-513.

COSTA, A. Delduque da, (?), «A tentativa de reconstrução de Gôa em 1777», in *O Oriente Portuguez*, Imprensa Nacional, n. d., pp. 102-120.

COUTO, Dejanirah, 1996, «A Fortaleza de Baçaim», in *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Lisbon, 1996, n.º 28, pp. 105-118.

COUTO, Diogo do (?), *O Soldado Prático*, Livraria Sá da Costa, Lisbon, 1937.

COSTA, A. Delduque da, (?), «A tentativa de reconstrução de Gôa em 1777», in *O Oriente Português*, Imprensa Nacional, s. l., s. d., pp. 102-120.

COUTO, Dejanirah, 1996, «A Fortaleza de Baçaim», in *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1996, n.º 28, pp. 105-118.

COUTO, Diogo do (?), *O Soldado Prático*, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1937.

CUNHA, J. Gerson da, 1876, *Notes on the History of Chaul and Bassein*, Asian Educational Services, New Delhi, 1993.

CUNHA, J. Gerson da, 1900, *The Origin of Bombay*, Asian Educational Services, New Delhi, 1993.

DANVERS, Frederick Charles, 1894, *The Portuguese in India*, 2 vols., Asian Educational Services, New Delhi, 1992.

DIAS, Pedro, 1988, «As primeiras construções portuguesas na costa oriental de África e no Golfo Pérsico (1503-1515)», in *Actas do IV Simpósio Luso-Espanhol de História da Arte*, Instituto de História da Arte da Faculdade

CUNHA, J. Gerson da, 1876, *Notes on the History of Chaul and Bassein*, Asian Educational Services, New Delhi, 1993.

CUNHA, J. Gerson da, 1900, *The Origin of Bombay*, Asian Educational Services, New Delhi, 1993.

DANVERS, Frederick Charles, 1894, *The Portuguese in India*, 2 vols., Asian Educational Services, New Delhi, 1992.

DIAS, Pedro, 1988, «As primeiras construções portuguesas na costa oriental de África e no Golfo Pérsico (1503-1515)», in *Actas do IV Simpósio Luso-Espanhol de História da Arte*, Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1992, pp. 25-41.

The Dutch in Malabar, Usha Publications, New Delhi, 1984.

ERÉDIA, Manuel Godinho de, 1620, *Plantaforma das Fortalezas da Índia*, from the Biblioteca do Forte de São Julião da Barra, 1620.

FERNANDES, José Manuel, 1988, «L'Inde et le sud du Bresil – Plans de l'urbanisme portugais au XVIII^{ème} siècle», in *Colóquio La Ville Régulière*, typescript paper, Paris, 1988.

de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1992, pp. 25-41.

The Dutch in Malabar, Usha Publications, New Delhi, 1984.

ERÉDIA, Manuel Godinho de, 1620, *Plantaforma das Fortalezas da Índia*, item da Biblioteca do Forte de São Julião da Barra, s. l., 1620.

FERNANDES, José Manuel, 1988, «L'Inde et le sud du Bresil – Plans de l'urbanisme portugais au XVIII^{ème} siècle», in *Colóquio La Ville Régulière*, comunicação dactilografada, Paris, 1988.

FONSECA, José Nicolau da, 1878, *Historical and Archaeological Sketch of the City of Goa*, Asian Educational Services, New Delhi, 1994.

GODINHO, Vitorino Magalhães, 1958, *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, 4 vols., Editorial Presença, Lisboa, 1982.

KLOGUEN, Denis L. Cottineau de, 1831, *An Historical Sketch of Goa*, Asian Educational Services, New Delhi, 1988.

FONSECA, José Nicolau da, 1878, *Historical and Archaeological Sketch of the City of Goa*, Asian Educational Services, New Delhi, 1994.

GODINHO, Vitorino Magalhães, 1958, *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, 4 vols., Editorial Presença, Lisbon, 1982.

História de Portugal, various authors, dir. Damião Peres, 9 vols., Portucalense Editora, Barcelos, 1928-1954.

«Historic Bassein and its future», in *Indica*, various authors, Heras Institute of Indian History and Culture, Bombay, September 1987, n.º 46.

«Indo-portuguesmente – Goa Dourada», in *Oceanos*, various authors Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisbon, 1994, n.º 19-20.

KLOGUEN, Denis L. Cottineau de, 1831, *An Historical Sketch of Goa*, Asian Educational Services, New Delhi, 1988.

LINSCHOTEN, John Huyghen van, 1596, *The Voyage of... to the East Indies*, 2 vols., Asian Educational Services, New Delhi, 1988.

LINSCHOTEN, John Huyghen van, 1596, *The Voyage of... to the East Indies*, 2 vols., Asian Educational Services, New Delhi, 1988.

«Livro das Cidades, e Fortalezas, que a Coroa de Portugal tem nas partes da India, e das capitánias, e mais cargos que nelas ha, e da importancia delles», in *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1953, vol. XXI, pp. I-144.

MARTINS, J. F. Ferreira, 1910, «Mudança da cidade de Goa para Mormugão», in *O Oriente Portuguez*, Imprensa Nacional, Nova Goa, 1910, n.º I a 4, vol. 7, pp. 34-42 e 89-100.

MATOS, Artur Teodoro de, 1980, *O Estado da Índia nos Anos de 1581-1588: Estrutura Administrativa e Económica – Alguns Elementos para o seu Estudo*, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1982.

MENDES, A. Lopes de, 1886, *A Índia Portuguesa*, 2 vols., Fundação Oriente, Lisboa, 1992.

MITTERWALLNER, Gritli von, 1964, *Chaul – Eine Unerforschte Stadt an der Wastküste Indiens*, Walter de Gruyter & Co., Berlin, 1964.

“Livro das Cidades, e Fortalezas, que a Coroa de Portugal tem nas partes da India, e das capitánias, e mais cargos que nelas ha, e da importancia delles”, in *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1953, vol. XXI, pp. 1-144.

MARTINS, J. F. Ferreira, 1910, “Mudança da cidade de Goa para Mormugão”, in *O Oriente Portuguez*, Imprensa Nacional, Nova Goa, 1910, n.º 1 a 4, vol. 7, pp. 34-42 e 89-100.

MATOS, Artur Teodoro de, 1980, *O Estado da Índia nos Anos de 1581-1588: Estrutura Administrativa e Económica – Alguns Elementos para o seu Estudo*, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1982.

MENDES, A. Lopes de, 1886, *A Índia Portuguesa*, 2 vols., Fundação Oriente, Lisbon, 1992.

MITTERWALLNER, Gritli von, 1964, *Chaul – Eine Unerforschte Stadt an der Wastküste Indiens*, Walter de Gruyter & Co., Berlin, 1964.

MOREIRA, Rafael, 1995, “Goa em 1535 – Uma cidade manuelina”, in *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*,

MOREIRA, Rafael, 1995, «Goa em 1535 – Uma cidade manuelina», in *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1995, n.º 8, vol. II, pp. 177-221.

MOTA, A. Teixeira da, 1978, «Cartas antigas da Índia existentes em Portugal (séculos XVIII, XIX e XX)», in *Centro de Estudos de Cartografia Antiga*, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, Lisboa, 1979, n.º CXVI.

PENROSE, Boies, 1960, *Goa – Rainha do Oriente*, Comissão Ultramarina, Lisboa, 1960.

PEREIRA, A. B. de Bragança, 1932, *As Capitais da Índia Portuguesa*, separata de *O Oriente Portuguez*, Imprensa Gonçalves, Nova Goa, 1932, pp. 102-120.

PORTAS, Nuno, 1985, «Interrogações sobre as especificidades das fundações urbanas portuguesas», in *Estudos de Arte e História – Homenagem a Artur Nobre de Gusmão*, Vega, Lisboa, 1995, pp. 430-435.

RIVARA, J. da Cunha, 1866/1867, «Tentativa de mudança da cidade de Goa para Mormugão», in *O Chronista*

Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1995, n.º 8, vol. II, pp. 177-221.

MOTA, A. Teixeira da, 1978, “Cartas antigas da Índia existentes em Portugal (séculos XVIII, XIX e XX)”, in *Centro de Estudos de Cartografia Antiga*, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, Lisbon, 1979, n.º CXVI.

PENROSE, Boies, 1960, *Goa – Rainha do Oriente*, Comissão Ultramarina, Lisbon, 1960.

PEREIRA, A. B. de Bragança, 1932, *As Capitais da Índia Portuguesa*, separata de *O Oriente Portuguez*, Imprensa Gonçalves, Nova Goa, 1932, pp. 102-120.

PORTAS, Nuno, 1985, “Interrogações sobre as especificidades das fundações urbanas portuguesas”, in *Estudos de Arte e História – Homenagem a Artur Nobre de Gusmão*, Vega, Lisbon, 1995, pp. 430-435.

RIVARA, J. da Cunha, 1866/1867, “Tentativa de mudança da cidade de Goa para Mormugão”, in *O Chronista de Tissuary*, Imprensa Nacional, Nova Goa, 1866-1867, n.ºs 5 a 13, vols. I e II.

nista de Tisuary, Imprensa Nacional, Nova Goa, 1866-1867, n.º 5 a 13, vol. I e II.

RODRIGUES, Lurdes Bravo da Costa, 1989, *Mormugão, the Capital that never Was*, separata de *Boletim do Instituto Menezes de Bragança*, Bastorá, 1989, n.º 158, pp. 3-14.

ROSSA, Walter, 1995, «A cidade portuguesa», in *História da Arte Portuguesa*, 3 vols., Círculo de Leitores, Lisboa, 1995, vol. III, pp. 233-323.

ROSSA, Walter, 1996, «O urbanismo regulado e as primeiras cidades coloniais portuguesas», in *IV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, PROURB da Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 27-29 de Novembro de 1996.

SALDANHA, Padre M. J. Gabriel de, 1898, *História de Goa (Política e Arqueológica)*, 2 vols., Asian Educational Services, New Delhi, 1990.

RODRIGUES, Lurdes Bravo da Costa, 1989, *Mormugão, the Capital that Never Was*, separata from *Boletim do Instituto Menezes de Bragança*, Bastora, 1989, n.º 158, pp. 3-14.

ROSSA, Walter, 1995, “A cidade portuguesa”, in *História da Arte Portuguesa*, 3 vols., Círculo de Leitores, Lisbon, 1995, vol. III, pp. 233-323.

ROSSA, Walter, 1996, “O urbanismo regulado e as primeiras cidades coloniais portuguesas”, in *IV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, PROURB da Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 27-29, November 1996.

SALDANHA, Padre M. J. Gabriel de, 1898, *História de Goa (Política e Arqueológica)*, 2 vols., Asian Educational Services, New Delhi, 1990.

SILVEIRA, Luís, 1956, *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, 4 vols., Junta de Investigações do Ultramar, Lisbon, 1956.

SILVEIRA, Luís, 1956, *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, 4 vols., Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1956.

SOUSA, Manuel Faria e, 1666-1675, *Ásia Portuguesa*, 6 vols., Livraria Civilização, Porto, 1946.

SOUZA, Teotónio R. de, 1978, *Goa Medieval – A Cidade e o Interior no Século XVII*, Editorial Estampa, Lisboa, 1994.

THOMAZ, Luís Filipe F. R., 1994, *De Ceuta a Timor*, Difel, Lisboa, 1994.

VALLE, Pietro della, 1657, *The Travels of... in India*, 2 vols., Asian Educational Services, New Delhi, 1991.

XAVIER, Carlos, 1987, «A cidade e o porto de Damão nos séculos XVIII e XIX», in *Studia*, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, Lisboa, 1987, n.º 46, pp. 287-301.

SOUSA, Manuel Faria e, 1666-1675, *Ásia Portuguesa*, 6 vols., Livraria Civilização, Oporto, 1946.

SOUZA, Teotónio R. de, 1978, *Goa Medieval – A Cidade e o Interior no Século XVII*, Editorial Estampa, Lisbon, 1994.

THOMAZ, Luís Filipe F. R., 1994, *De Ceuta a Timor*, Difel, Lisbon, 1994.

VALLE, Pietro della, 1657, *The Travels of... in India*, 2 vols., Asian Educational Services, New Delhi, 1991.

XAVIER, Carlos, 1987, “A cidade e o porto de Damão nos séculos XVIII e XIX”, in *Studia*, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, Lisbon, 1987, n.º 46, pp. 287-301.



COMISSÃO NACIONAL
PARA AS COMEMORAÇÕES
DOS DESCOBRIMENTOS
PORTUGUESES